

L H A I S A A N D R I A



Atmakia

A VILASHI E OS DRAGÕES



ME
MODO
Editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Lhaisa Andria

ALMAKIA

A vilashi e os Dragões

MODO Editora Tradicional

2012

A todos aqueles que juntaram seus sonhos comigo e saíram correndo gritando rumo ao futuro, sem se importar se era o certo a se fazer ou se iríamos tropeçar, apenas acreditando em nossas próprias forças:

Para a Liga do B&C: Yuri, Thiago, Thaíza e Eloise, por todos os momentos divertidos.

Para a Danúbia que confiou e ajudou a abrir muitos portais desde que a LAP começou.

Para a Carol que emprestou o nome e todo o seu senso de justice para a Garo-lin.

Para a minha família, principalmente a Thaira que também sempre gostou de ler.

Para a Paula pelocaminho de uma década acreditando no sonho e para a Alessandr que sempre sera a A da LAP.

Lhaisa Andria

*Se jogar seus sonhos para o céu e secar suas lágrimas, mais do que
palavras, o seu coração será a resposta.*

Kotoba yori taisetsu na mono - Arashi

Índice

Em Almakia

PARTE I

Capítulo 1 - Além dos Portões Negros

Capítulo 2 - Os Dragões de Almakia

Capítulo 3 - As Incumbências

Capítulo 4 - Mombélulas e a Fortaleza

Capítulo 5 - A fuga desesperada de Garo-lin

Capítulo 6 - Dragão Real

Capítulo 7 - As consequências do espirro da vilashi

Capítulo 8 - A herdeira que rejeitou o título e a Princesa

Capítulo 9 - Ressonância almaki

Capítulo 10 - A forma de a vilashi manejar

PARTE II

Capítulo 11 - Em Rotas

Capítulo 12 - Os vilashis de Godan

Capítulo 13 - Tomates Gu-ren

Capítulo 14 - Explosões de Almaki de Fogo

Capítulo 15 - A esfera extra

Capítulo 16 - A proposta dos piratas do Vale das Pedras

Capítulo 17 - Fique sempre onde se possa ver

Capítulo 18 - Aquele que irá ditar o rumo de Almakia

Capítulo 19 - Segredo de Fogo

Capítulo 20 - Medo de Dragões

Capítulo 21 - Um pedaço de Almakia

PARTE III

Capítulo 22 - Voltando a ser vilashi

Capítulo 23 - Uma ponta da conspiração

Capítulo 24 - Aquela que estava perto do Dragão

Capítulo 25 - Garo-lin contra a Senhora da Capital de Fogo

Capítulo 26 - O rumo que devemos seguir

Capítulo 27 - O preço a se pagar

Capítulo 28 - Para Além-mar

Em Almakia

Mesmo dentro dos limites do Domínio de Almakia, lugar de origem dos primeiros almakins, nem todos nascem com o dom de usar um dos Sete Poderes Elementares, a principal característica desses descendentes da antiguidade.

Esses poderes, representações do que podemos encontrar na natureza em todos os Domínios existentes, estão presentes no sangue e conservado nos clãs dos almakins. Assim como o ar está naturalmente para nossos pulmões, o almaki está naturalmente para seu manejador. Possuir a capacidade de manejar uma dessas representações equivale a ser dono perpétuo de algo importante, e estar acima de qualquer um... Conseqüentemente, essa capacidade também desperta a consciência de ser alguém grandioso.

Sabedores de que a união de seus poderes resultaria na soberania do povo almakin sob o restante dos habitantes de outros Domínios, os manejadores-antepassados iniciaram um tempo de escuridão e preconceito. Juntamente com a expansão de seus limites territoriais e a submissão do que consideravam seres inferiores, defendiam a ideia de que pessoas comuns – que não possuíam um almaki, segundo eles – não mereciam permanecer na então denominada Almakia, a não ser por caridade e por servidão. Muitas tentativas de levantes por parte dos oprimidos ocorreram e todas fracassaram, pois nunca puderam combater de forma justa. Aos poucos, qualquer um que não fosse um almakin puro, capaz de manejar uma representação de um elemento natural, fora banido do

Domínio ou exterminado. Assim, Almakia se tornou um império, admirado, temido, absoluto e puro.

Contudo, o que ninguém poderia imaginar era que esse absolutismo começaria a ruir por dentro, a partir do seu próprio orgulho.

Uma vez reinantes, os almakins teriam que decidir quem os representasse, e a disputa interna acabou enfraquecendo aqueles que queriam ter o mundo ao seu comando. Mais rápido do que poderia ser previsto, os almakins puros foram se extinguindo através da cobiça e conspiração, e os que restaram encontraram uma única solução: dar início a uma nova era. Assim, também foi iniciada a Nova Lei, onde estrategicamente eles reconheceram o Governo Real, formado por antigos líderes dos antigos territórios de Almakia, mesmo que esse fosse composto por pessoas sem almakis.

Cerca de mil anos depois, em um Domínio mais desenvolvido e mais comercial, os variados descendentes dos almakins antigos ainda existem, mantêm costumes e tradições, procurando não cometerem os mesmos erros que seus ancestrais e guardando seus Segredos.

Por isso, através do tempo, ao invés de imporem seu comando à força, eles sutilmente usaram suas habilidades para obter um poder mais abrangente e irrevogável: o econômico. Grandes construções, geração de energia, descobertas científicas em várias áreas e o desenvolvimento da sociedade baseado na aplicação do almaki em coisas concretas, renderam ao povo Almakin o posto de pessoas essencialmente necessárias, formando uma elite poderosa. Não houve guerras, não houve trevas e muito menos extermínios nesse processo, apenas uma desigualdade justificada.

Os almakins voltaram a ser soberanos pelo simples fato de não existir meios de viver sem eles e os benefícios do que faziam. Assim, possuir um almaki voltou a ser sinônimo de prestígio.

O preconceito do passado, todavia, ainda predominava, principalmente entre aqueles que podiam dizer com orgulho que seu almaki vinha imaculado através dos tempos, e o guardavam como um tesouro de muito valor. Essas poucas famílias detentoras de tal pureza zelavam por suas posições, se considerando superiores a todos os outros seres em Almakia. Tratavam de preservar e controlar todo o conhecimento relacionado aos Segredos Almakis, sendo conhecidas como as Grandes Famílias. E, no intuito de garantir que seus herdeiros continuassem nesse mesmo caminho, uma Instituição de ensino almaki fora fundada na Colina Maojin, um dos lugares mais afastados de todos aqueles que não possuíam poderes, por um famoso manejador da Família de Fogo Dul'Maojin, almakins predominantes da região. Não demorou para que esse lugar de estudos ficasse conhecido com o mesmo nome, e para que logo atraísse pessoas de todos os cantos da Almakia, fundando ali a Capital de Fogo, que passou a ser um dos centros comerciais mais desenvolvidos de todo o Domínio. Além de representar o polo de aprendizado dos manejadores, esse lugar também se tornara simbolicamente o centro da Sociedade Almaki, onde todos os grandes eventos, decisões e encontros dessa elite se realizavam. E, a fim de mostrarem até onde ia sua riqueza, não pouparam esforços em fazer dessa Capital a mais formosa e ativa em comparação a todas as outras grandes metrópoles espalhadas por todos os Domínios. E o Instituto Dul'Maojin era o marco de toda a ostentação dos almakins.

No restante de Almakia o exemplo da Capital de Fogo foi seguido, e ao redor das Grandes Famílias almakins, cidades foram edificadas. Não podiam competir com a Capital de Fogo e sua representação de poder, mas também, não se refreavam em deslumbrar os visitantes com toda a pompa possível. Assim, surgiram as Capitais Almakis, cada uma com sua importância e a sua especialidade, segundo a Família que era sua patrona.

Entre as geladas montanhas do norte ficava a Capital de Vento, dominada pelos Sfairul, um clã de comerciantes que negociavam com outros Domínios e zelavam pelas fronteiras dessa extensa parte de Almakia. Ao oeste, no Vale das Pedras, uma das regiões mais áridas, o centro da Capital de Metal era representado pela família Gran'Otto, detentora de minas produtivas e reconhecida pelas grandes construções que promoveram em todo o Domínio. Nos Campos Centrais, região de florestas antigas, o coração de Almakia, as reservas da família Aldrinu cultivavam os costumes princípios do povo almaki, e guardavam orgulhosamente todas as relíquias antigas do Domínio. Na Capital de Fogo, estava ainda a família Zawhart, de almakis de Raio, cujo seu Segredo está em manejar almakis para cura, o que lhes garantiu uma importância essencial dentro da sociedade, a parte de terem uma capital aos seus pés. E ainda havia a Capital Real, onde os Gillion se destacavam – apesar de não serem almakins – já que descendiam das antigas realezas de pequenos Domínios conquistados, e seus representantes constituem o Governo desde os tempos dos manejadores-antepassados. Localizada nos Altos Vales Rochosos, na Região sudeste, onde Almakia termina no mar, a Capital Real ainda é considerada um importante centro de liderança

e diplomacia mesmo que seu funcionamento não seguisse sua teoria.

Assim, em volta dessas Grandes Famílias, a sociedade do Domínio, composta principalmente por almakins de vários níveis e pessoas comuns, voltara a ter o brilho de outrora, de uma forma mais organizada e cheia de exuberância. No decorrer dos anos, enquanto a prosperidade de Almakia era reconstruída, pessoas de fora chegavam ao Domínio em busca de uma vida melhor, atraídas pelas possibilidades que surgiam. Com o apoio do Governo Real e a promessa de proteção e segurança dos almakins, esses povos imigrantes – denominados de forma preconceituosa e generalizada como vilashis, mesmo sendo diversos entre eles, – se instalaram em uma região chamada de Vale Interior. Esse vale, praticamente despovoado até o assentamento dos vilashis, ficava entre uma cadeia de montanhas e uma região desolada por um clima complicado. Esse pedaço de Almakia não atraía o interesse dos almakins, por não ser um lugar confortável para se viver. Porém, era repleta de terras que se tornaram férteis com cuidados adequados, dando para esses estrangeiros a oportunidade de iniciar cultivos e de realizar outras tarefas manuais desprezadas pelas Grandes Capitais, as quais eram fundamentais para o funcionamento básico das mesmas.

Contudo, mesmo com todo o seu passado de grandeza e a elaborada estrutura que construíram, ainda desprezando quem não lhes eram iguais ou inferiores, os almakins não podiam garantir o controle sobre os Sete Poderes. O conhecimento começava a partir do momento em que a história dos manejadores passou a ser escrita, e não no princípio do almaki. Não havia uma explicação de

como surgira, o motivo de surgir e como se manifestava nas pessoas.

Assim, um almaki também poderia agir espontaneamente, sem respeitar os limites do povo que o representava e indo além de explicações. Os Poderes Elementares estão presentes em todas as coisas do mundo, e atuam de formas diferentes em diferentes formas. Um almaki pode ser considerado o grau mais elevado dessa atuação. Nascer em uma família de excelentes almakins não significava ter a excelência em manejo dos seus iguais, ou mesmo a garantia de algum poder. Do mesmo modo, acontecia de uma pobre família dos remotos povoados de pessoas comuns se depararem com uma criança especial, que mesmo não tendo relação alguma com a Antiga Almakia, possuía a capacidade de manejar um elemento. Era algo inquestionavelmente raro, mas já acontecera algumas poucas vezes no decorrer da História do Domínio.

Na tentativa de conseguir sobrepor esse problema, essas crianças especiais tinham o privilégio de serem admitidas do Instituto Dul'Maojin e de serem consideradas almakins, mesmo não o sendo. Assim, desde cedo, elas se davam conta do lugar que ocupavam no mundo e de onde deveriam permanecer: às margens das Grandes Famílias. Para os almakins era um tanto arriscado, e de certo ponto perigoso, deixar que esses pequenos crescessem sem orientação, pensando que poderiam se considerar alguém da elite ou, o mais preocupante, se opor à maneira como tudo deveria ser, e incentivar outras pessoas a pensarem da mesma forma.

Sendo assim, havia uma lei que garantia que almakins aos doze anos estivessem dentro do Instituto sem que sua origem fosse levada em conta, como uma maneira de manter vigilância,

disfarçando-a de educação e política de convivência. Para quem não pertencia ao mundo dos almakins, não tinha acesso ao Instituto, não recebiam informações sobre as grandes Capitais e viviam de uma forma simples no campo, afastadas de questões políticas e ideológicas, um pensamento era predominante: mais profundo do que o respeito pelo Governo Real de Almakia, aqueles que descendiam de um Poder Antigo despertavam fascinação. Ter uma criança parcialmente almakin era como receber uma benção, uma chance preciosa e divina.

E foi assim, em uma noite fria, quando os ventos da Tormenta Nanfan vindos do sul se aproximavam do Vale Interior e faziam as paredes das precárias habitações do povoado Godan tremer, que uma nova página na História de Almakia começara a ser escrita. Na pequena casa da família vilashi Colinpis se deu o primeiro acontecimento do que não só abalaria toda a sociedade almakin como alteraria o rumo de todo o Domínio.

Domínio de Almakia - Início

Enquanto a mãe Colinpis embalava o bebê Chari-lin enrolado em cobertores no colo, e tinha as barras das vestes puxadas pela pequena e chorona Mira-lin, o pai e a filha mais velha tentavam acender uma fogueira em uma pequena parte de terra batida dentro da casa, para aquecer o lugar.

— Mamãe, os piratas estão lá fora! — chorava Mira-lin se escondendo nas dobras de tecido, e batendo os dentes.

— É o vento, não são piratas. — a mãe tentava a acalmar. — Garo-lin! Não fique muito perto ou vai se queimar!

Mas Garo-lin não ouvia os alertas da mãe e nem o choro da irmã. Agachada na borda do piso de madeira lustrada, toda a sua concentração estava voltada para as mãos do pai, que tentava acender uma chama batendo as pedras chatas que segurava no amontoado de gravetos na parte baixa da casa. Algumas faíscas já haviam saído e aqueles pontinhos alaranjados que saltavam misteriosamente a cada batida eram o suficiente para que a curiosa menina de cinco anos esquecesse completamente o frio e dos uivos dos ventos.

— Garo-lin, eu já disse para-

— *Atchiiiiiiiiim!*

Mais uma vez a mãe tentou chamar a atenção da filha, mas foi impedida por seu espirro, e ficou tão espantada que não conseguiu terminar a bronca. Até mesmo Mira-lin cessara o choro e olhava surpresa para a irmã, fungando. Porque, junto com o espirro houve uma explosão, que lançou o pai Colinpis longe, e de imediato

a madeira empilhada para a fogueira ardeu em chamas vivas, com labaredas que chegaram até o teto.

Mesmo depois do desespero do incidente e de verificado que não haveria um incêndio, foi preciso minutos inteiros para que a família percebesse de que estavam diante de uma manejadora de fogo.

Ao ver os pais se entreolhando surpresos, tudo o que Garo-lin fez foi sorrir, satisfeita com o trabalho bem feito de aquecer a casa. Não imaginava que sete anos depois enfrentaria a separação de seus irmão e iniciaria a aventura de sair do limite do que era conhecido como seu mundo, indo até a Capital de Fogo, sendo apresentada aos Portões Negros do Instituto Dul'Maojin. E lá, parada na frente do que seria o seu lar dali por diante, uma Garo-lin de doze anos não conseguiu evitar que seu queixo caísse. Por mais que tivesse viajado e ouvido tantos comentários sobre o Instituto, nada podia preparar alguém que crescera como uma vilashi para a grandeza do que via.

— Inacreditável... — ela murmurou, olhando para o chão a sua frente, como se estivesse diante de uma barreira imaginária, e que, ao atravessá-la, nunca mais poderia voltar a ser a pequena Garo-lin que acendera a fogueira com um espirro.

Então, respirando fundo e reunindo toda a coragem que possuía em um gesto determinado, a garota deu o primeiro passo, sentindo o orgulho de ser única e querendo ser digna de tal posição.

PARTE I

Entre Almakins

Vamos aonde?

Para o lugar que ainda não vimos.

O tempo não para, estenda a sua mão.

To be Free - Arashi

Capítulo 1

Além dos Portões Negros

No início, o Instituto de Formação Almaki Dul'Maojin foi construído na base plana e na encosta pouco inclinada da Colina Maojin, mas com o passar dos anos, ganhara tanto fama quanto anexos. Mais de duzentos anos após a sua fundação, ele mantinha seus prédios históricos que se agarravam na colina sem se importarem em dividir espaço com luxuosas e modernas construções, formando um mosaico arquitetônico que abrigava os maiores mestres almakins com seus promissores aprendizes.

Mesmo coma imensa área construída, seus terrenos se expandiam em torno daquela região com pavilhões, jardins, bosques e um lago. Diziam que somente do topo da colina era possível ter uma noção de onde ficavam seus limites. Até mesmo a costa íngreme fora escavada, como um elaborado formigueiro de corredores e túneis, dos mirantes construídos se podia ter uma ampla visão de toda a Capital de Fogo.

Os grandes Portões Negros eram a parte mais conhecida e comentada, já que era o máximo que alguém que não fosse almakin poderia conhecer do Instituto. Por lá, somente manejadores passavam, alimentando o mistério que envolvia os Segredos. Entretanto, não havia tantos problemas para sair, a não ser pelas punições caso o aluno transgressor fosse descoberto, já que o regulamento do Instituto dizia claramente que a saída só permitida

mediante uma autorização superior. Apesar disso, fuga era algo impensável, pois se tratava de um lugar onde todos os jovens do mundo desejariam estar e ninguém via um motivo para tal tolice. Além do mais, quem com a mínima consciência iria querer fugir do centro de todas as atenções de Almakia?

Apesar de o Instituto manter uma seleção rigorosa e delimitar sua população somente àqueles que possuíam a capacidade de manejar – ou seja, somente almakins – essas medidas eram justificáveis e bem entendidas pelos seus residentes, uma vez que possuir um almaki era algo precioso, que deveria ser bem guardado e polido.

Basicamente, puro preconceito e orgulho desmedidos que atravessara séculos.

Depois de cinco anos vivendo dentro do Instituto, tudo o que Garo-lin conseguia lembrar-se da sua primeira visão dos Portões Negros era uma vaga impressão de deslumbramento inocente. Toda a fama e a distinção da única e maior escola almaki caíra por terra quando ela conheceu o seu verdadeiro interior.

Longe da atmosfera histórica de conhecimentos acumulados que ela esperava encontrar impregnados naquelas construções, a vida que circulava pelo labirinto de prédios da Colina Maojin estava repleta e ostentação. Os alunos eram como uma coleção preciosa, que sabiam perfeitamente quais os privilégios de suas posições e não se importavam de demonstrar isso da forma que lhes convinha. O que valia realmente entre aqueles muros e paredes era o seu nome, sua procedência, seu lugar na sociedade. Para Garo-lin, uma simples vilashi que tivera a imensa sorte de nascer com um poder almaki, tudo aquilo era...

— **Inacreditááável!** – ela berrou para o horizonte, assim que saltou pelo último degrau e parou deslizando diante da murada parcialmente destruída que lhe permitia aquela visão.

Alguns pássaros que já estavam aninhados nas árvores em volta levantaram voo assustados, e logo o único ruído era a respiração ofegante de Garo-lin. Tentando se acalmar e recuperando fôlego, ela evitou pensar no que tinha acabado de acontecer.

Mais uma vez sua paciência esteve a ponto de sumir e mais uma vez precisou correr para o único local onde sabia que poderia descarregar tudo o que queria dizer e não podia: as ruínas da baixa ala sudoeste do Instituto.

Tratava-se de uma das construções mais antigas, que havia sido parcialmente destruída e, desde então, estivera abandonada. Com apenas uma parte das paredes escuras e musguntas ainda em pé, grandes degraus de pedra talhada, dois andares vazios e quase totalmente invadidos pela vegetação do bosque que ficava do lado de fora, era um abrigo perfeito para quem queria ficar sozinho e não tinha medo de enfrentar alguns insetos e aranhas.

O que Garo-lin mais gostava daquele lugar era o isolamento e a paisagem, desprezados pelos demais alunos. Dali não se tinha a exclusiva vista da movimentada Capital de Fogo, mas era possível distinguir por entre as árvores a estrada do vapor que seguia na direção de Rotas, caminho para se chegar ao Vale Interior. Olhar para aquele horizonte era o mais perto que ela podia estar da sua casa.

Agora, como uma aluna do quinto ano, pensava que se pudesse voltar no tempo, quando ainda tinha a escolha entre ser ignorada e viver humildemente ou tentar algo melhor aprimorando

seu almaki no Instituto, ela com certeza fecharia os olhos diante das expressões cheias de esperanças das pessoas da sua vila e diria um redondo *Obrigada, mas recuso!* Porque uma coisa era certa: entre viver longe de almakins esnobes sendo ignorada por eles e viver com almakins esnobes sendo ignorada por eles, a primeira opção era definitivamente a melhor.

Os seus primeiros dias já foram o suficiente para ela entender que não era bem-vinda. Longe de ser considerada uma heroína, como na sua vila Godan, ali ela era somente uma vilashi que se atrevera a macular o respeitado Instituto.

Ser a única não era sinônimo de valor. Sua aparência a denunciava totalmente, já que era fisicamente diferente da maioria dos almakins por descender de um povo imigrante. Comparada aos demais alunos, era pequena e mirrada, de cabelos pretos mesclados de marrons claros – como se estivessem sempre sujos de terra, o que dava margem para a piada almakin de que vilashis brotavam do chão. Seus olhos amarelos era o que mais se destacava em todo o contexto, já que era uma característica singular do povo vilashi ao qual descendia, e não havia mais ninguém assim no Instituto.

Fora sua aparência, também lutava para se controlar e conter as peculiaridades que considerava normal, mas que não eram aceitas ali. Na maioria das vezes, suas atitudes eram interpretadas ofensivamente pelos almakins. Os vilashis de Godan tinham uma maneira mais simples de agir, gestos mais fortes e um jeito de falar mais prolongado, cheio de falhas e com acentuações diferentes. Garo-lin teve que aprender, principalmente, a não responder. Apesar de naturalmente teimosa, sendo a óbvia minoria, deveria guardar suas opiniões apenas para si.

Para ajudar, seu almaki nem era algo grande e fenomenal a ponto de fazer com que os almakins puros a respeitassem nesse aspecto.

Apesar de ser uma manejadora de fogo, o mais importante dos poderes elementares, e de estar na Capital de Fogo, seu potencial era tão baixo que o máximo que lhe era permitido fazer se enquadrava na categoria de serviçais. Ainda assim, mesmo nas mais simples tarefas, como acender a lareira central do dormitório das meninas, precisava da autorização de alguém superior. E acender lareiras ou porta-chamas – recipientes de fogo que eram usados para iluminar – não era nada imponente como grandes nomes de manejadores de fogo podiam fazer com um só gesto. Ouvira que eles poderiam explodir uma montanha se fosse sua vontade – apesar de ela agora pensar que essas façanhas não passavam de lendas absurdas que circulavam nas vilas isoladas do Vale Interior, já que nunca vira seus mestres fazerem algo mais do que elaborados desenhos com chamas para impressionar autoridades.

Mesmo vivendo sob as restrições, isso não era o pior. Tão pouco o fato de ser desprezada pelos alunos, ignorada pelos mestres e não ter um almaki capaz de surpreender. Existia algo que a fazia andar as espreitas pelos corredores e fugir toda a vez que havia alguma algazarra de alunos: os Dragões. O título mais aclamado e temido entre todos os almakins, não só dentro do Instituto como em toda a Almakia e além. E, para sua imensa infelicidade, havia cinco deles circulando pelo Instituto.

Os Cinco Dragões do Instituto Dul'Maojin, eram um grupo formado pelos herdeiros dos nomes de maior poder dentro de toda a Almakia. Todos eles com almakis distintos, mas com níveis

superiores aos de qualquer um. Eram Guardiões de um Segredo de Família, o que lhes rendiam total autoridade sobre os outros alunos e até mesmo sobre os seus mestres, tanto que tinham permissão para sair pelos Portões Negros quando bem entendessem. Nunca em toda a História do Domínio houve o registro de uma representatividade almaki tão forte, e grandes coisas eram esperadas deles para o futuro.

Descendência, poder, fama: essa era a pirâmide básica que sustentava os Dragões. Em alguns anos, o que eles fizessem iria ditar o rumo de toda a Almakia. Todo o Domínio se manteria sob seus nomes e todo o Governo Real seguiria cegamente suas decisões... Pensar em um futuro assim fazia Garo-lin ficar enjoada e preferir a ignorância, onde se limitaria a seguir a nobre profissão de seus familiares: cultivar tomates.

Conscientes de suas posições elevadas, os Dragões não hesitavam em aproveitar-se delas já dentro dos Portões Negros, da forma que lhes fosse conveniente. Logo no primeiro ano de Instituto, agiam como se ali fosse um pequeno reinado mandando e desmandando conforme suas vontades. Mantiveram essa ordem durante seus seis anos de estadia e essa ditadura não era repreendida pelos mais velhos, supostamente mais sábios, e muito menos vista com maus olhos pelos colegas. Ser uma vítima da arrogância deles era algo sofrível, mas mesmo assim era uma história para ser contada por gerações. Por isso, ninguém se rebelava contra seus atos e mesmo a ideia de se rebelar soava como algo absurdo.

Sendo apenas uma desconsiderada naquele meio, Garo-lin não podia fazer nada além de fechar os olhos. Mesmo que seu senso

de justiça, sua característica mais forte, rugisse dentro ela exigindo que providências fossem tomadas. Quando somente se retrair e se segurar não era o suficiente, ela fugia. E foi fugindo que um belo dia se deparou com aquelas ruínas e as adotou como seu refúgio. Porém, nesse dia em específico, ela não fora tão rápida. Ficara presa na fila do refeitório e assistiu a mais uma cena de injustiça protagonizada pelos Dragões.

Um aluno desafortunado fizera um movimento desnecessário ao conversar com seus colegas e acabara derrubando uma jarra com suco. Alguns alunos em volta tiveram suas roupas molhadas e lançaram olhares irritados para o causador do acidente. Mas o problema maior foi quando o líquido, que escorreu sem rumo certo pelo chão, atingiu a barra das vestes da Dragão de Metal, a única garota com o título, Sumerin Gran'Otto.

Não fora necessariamente culpa do aluno descuidado, já que ela própria entrara majestosamente no refeitório e não reparou onde pisava. Mas a expressão de choque dela, seguida por uma sombra de choro, foi o suficiente para mobilizar o restante dos Dragões. Sem reagir e sem se defender, o aluno somente esperou pela sua sentença quando dois deles se aproximaram, pegando jarras de sucos da outra mesa. Sem pena alguma, o empurraram para o chão e despejaram o conteúdo doce na cabeça do garoto, seguido pelos próprios recipientes.

— Me desculpe. — ele pediu, pingando o suco que escorria de forma melada do seu cabelo e fazendo uma careta de dor pelas batidas da jarra. — Sinto muitíssimo, Dragão de Metal. Prometo que-

Mas não pôde terminar. O líder dos Dragões se aproximou e com um gesto ordenou que ele ficasse de pé. Obedecendo e

temendo pelo que poderia acontecer, o aluno se levantou na medida em que seus joelhos conseguiram o manter firme. O Dragão de Fogo fechou o punho na frente dele e ficou dessa forma, como se pensasse na melhor maneira de usá-lo. Por um momento Garo-lin prendeu a respiração, e o pensamentos e ele usaria ou não seu almaki em uma situação daquelas percorreu por sua mente. Então, decidindo, o líder deu um soco na boca do estômago do aluno com a outra mão, fazendo com que ele se dobrasse sem ar e caísse no chão, se encolhendo de dor.

— Irritante. – o Dragão grunhiu, dando como concluído aquele ato, saindo e sendo seguido pelos outros, um deles consolando a garota que erguia as barras da veste para não piorar a situação.

— Irritante?! Quem é irritante?! – Garo-lin cravou as unhas no musgo que cobria os tijolos de pedras amurada. – Quem são os irritantes estúpidos que batem em alguém por um simples acidente?! Mesmo sendo um orgulhoso aluno do Instituto Dul'Maojin ele ainda pediu desculpas! Não foi o suficiente?!

Ela se ergueu na ponta dos pés, respirou fundo e gritou com toda a intensidade que conseguiu:

— **Dragões não são os donos do mundo!**

— *Grunf*, verdade?

Garo-lin deu um pulo, por pouco não caindo pelas pedras escorregadias, e olhou em volta assustada, vasculhando o local.

Não podia haver ninguém ali. Ela teria percebido se alguém chegasse, não tinha como evitar aquele tapete de folhas barulhentas na entrada e o som inconfundível de passos pelos degraus. Então, quando estava quase convencida de que imaginara aquilo, uma

risada acima dela começou abafada e logo virou uma gargalhada rosada:

— E se fosse um Dragão? O que você faria garota inacreditável?

A voz soprada, estranha de se ouvir, só não foi mais assustadora do que a visão em si. Encarando-a, logo acima dela em um precário vão destruído da parede de pedras, estava o ser mais bizarro que ela já tinha visto. Lembrava muito um gato, cerca de três vezes maior que um normal, e com um aspecto mais selvagem. Tinha as mesmas feições felinas, as orelhas eram parecidas com as de um morcego, cada uma com um conjunto de argolas de metal nas pontas. Os olhos eram de um amarelo escuro, muito mais forte que os dela e o pelo era espesso, rajado de preto e branco. No pescoço, meio encoberta, havia uma coleira de couro, e sob suas patas cruzadas pendia um pingente de vidro. Também havia algo branco e peludo nas suas costas, que o cobria como um casco, mas que não se podia identificar na distância em que estava.

Sendo uma vilashi que crescera cercada de florestas e criações, Garo-lin estava habituada a conviver com animais, e sabia que não conhecia nem a metade das espécies que havia somente dentro do Vale Interior. Também já lera muito sobre eles no Guardalivros do Instituto. Mas, definitivamente, nenhum dos animais que conhecia ou esperava conhecer olharia nos seus olhos e falaria como se fossem iguais a ela.

— Surpresa? – ele perguntou, parecendo estar se divertindo com a reação – Realmente é uma... Como dizem? Vilashi. Tão ignorante quanto uma árvore seca.

Garo-lin percebeu como era fácil acabar com o equilíbrio daquela parede semi-queimada, apenas com um chute firme logo a baixo de onde ele estava. Mas a intensidade da ofensa não era párea para a sua curiosidade, e não foi o suficiente para que ela quisesse se arriscar a terminar de desmoronar o lugar.

— Eles são sim os donos do mundo e poderiam ter feito muito pior. – ele continuou o assunto de antes.

— Isso não é certo! Mesmo se eles queimassem aquele garoto, eles nã- – ela conseguiu fechar a boca antes que fosse tarde demais.

Sim, não era comum falar com um animal. Mais anormal ainda seria ela maldizer os Dragões em voz alta, mesmo que aquele fosse o seu único ouvinte.

Percebendo o desespero dela, o gato apenas bocejou e disse preguiçosamente esticando as patas:

— Sabe, escolhi esse espaço para as minhas sonecas e não é tolerável que alguém como você venha até aqui me atrapalhar. Portanto, se não quiser que algum Dragão saiba sobre suas opiniões, desapareça daqui.

Pronto, ela não só havia sido insultada por um gato esnobe como acabara de receber uma ameaça esnobe.

— E por acaso essa parede é sua? Tem seu nome em algum lugar? – ela retrucou, cruzando os braços, com toda a dignidade que seu pouco tamanho e coragem lhe permitiam.

Em resposta, limitou-se a levantar, esticar as patas, afiar as garras nas pedras e então saltar para um patamar acima, deitando novamente.

— Vou precisar contar até três para que saia, vilashi?

Então, com um grande suspiro ela achou melhor ceder. Não queria arrumar encrenca com quem quer que fosse e conseguir motivos para ser convidada a se retirar do Instituto. Por isso, deu meia volta e estava saindo, quando o ouviu se despedindo:

— E não volte mais.

— Sim, senhor. – ela fez uma meia reverência almakin, enfeitada com uma careta, e se afastou, frisando mentalmente que da próxima vez iria conferir para ter certeza de que não havia alguém, fosse o que fosse, tirando uma soneca naquelas paredes.

Garo-lin observou a aluna nova lançar um olhar incerto pelos os lugares vazios na sala e ficou atenta quando ela escolheu aleatoriamente uma mesa para sentar. Kidari Chanboni não só estava perdida em um mundo totalmente novo como não tinha a mínima ideia de quão perigoso esse mundo era, e isso fazia com que seus cinco anos de experiência no Instituto ecoassem deixando sua consciência alerta.

Sabendo que ninguém mais ali além dela mesma pensaria em tomar uma atitude, a garota se levantou do seu lugar de costume, no fundo da sala, e seguiu cautelosamente até onde a estrangeira estava:

— Olá. – Garo-lin cumprimentou com certo receio já que se tratava de uma desconhecida, e esperou por uma resposta.

Com um susto, a aluna nova levantou os olhos e a encarou por um tempo, e essa foi a primeira vez que Garo-lin viu de perto como era alguém de Além-mar.

Seus cabelos eram negro-esverdeados e cresciam de uma forma diferente, como se vários fios se enroscassem e formassem um só, ficando com uma aparência de tubos, que se somavam em várias camadas. Kidari prendia parcialmente essas camadas com presilhas coloridas, deixando amostra orelhas em formato distintos, mais largas e pontudas. Sua pele era mais escura do que os alunos que vinham da região do Grande Mar, e tinha uma tonalidade como à de areia, que caia muito bem com seus grandes olhos verdes, a única coisa que não era tão fora do conceito de comum, apesar de serem mais redondos e puxados nos cantos. Ela era mais alta que todas as alunas almakins, e por consequência tinha o dobro da altura de Garo-lin. Kidari Chanboni era exatamente o que o mestre de sala havia anunciado: uma kodorin manejadora de raio, vinda de fora de Almakia, a primeira no Instituto.

A notícia de uma estrangeira manejadora não surpreendeu os demais alunos como surpreendeu Garo-lin. Ela poderia ser a única vilashi no Instituto, mas alguém com almaki vinda de fora de Almakia era algo impensável até então. Entretanto, o fato foi encarado pelo demais como nada, e o mestre agiu da mesma forma, apenas deixando a garota na sala, dando o aviso rapidamente e saindo com se tivesse coisas mais importantes para fazer.

Por sua vez, a estrangeira percebera aquela recepção indiferente e não parecia saber como agir diante disso. E quanto compreendeu que a pessoa à sua frente de alguma forma tentava ajudar, ela abriu um sorriso enorme e disse:

— Olá! Kidari sou. – revelando não só um sotaque facilmente detectável, como o fato de que não era alguém que dominava perfeitamente a língua que estava usando. – Muito prazer

conhecer... – o sorriso dela desapareceu ao perceber que algo faltava – Não nome contar.

Garo-lin não pôde evitar sorrir com a maneira simples que ela falara. Sorriu pela primeira vez em muito tempo, e foi um tanto estranho.

Já havia se acostumado com o fato de ser séria e guardar seus pensamentos para si dentro do Instituto. Sorrir com algo que alguém dali fazia era novidade e um tanto perturbador.

— Desculpa. Meu nome é Garo-lin, Garo-lin Colinpis, do Vale Interior Baixo, manejadora de fogo. – ela disse devagar, não só esperando que a outra entendesse, mas também por ser difícil perde o receio de se apresentar daquela maneira.

— De fogo? – ela repetiu a informação, como se fosse algo extraordinário. – Eu muito quero ver!

A maneira sincera com que a garota de olhos verdes falou aquilo a tranquilizou, e até se atreveu a contar como se estivesse mesmo em uma conversa normal.

— Uma hora ou outra você irá ver, mas não serei eu... Não tenho autorização para usar almaki sem supervisão.

— Não poder? – ela pareceu desapontada, olhando para as próprias mãos – Kidari não poder?

— Não se preocupe. – Garo-lin se apressou em explicar ao perceber uma movimentação na entrada da sala. – Se você começou o quinto nível, é sinal que logo poderá usar seu almaki. Mas agora temos que sair da...

— O que pensa que está fazendo no meu lugar, kodorin?

Garo-lin se arrependeu por ter enrolado tanto e não ter ido direto ao assunto desde o início. Então, se segurando para agir de

forma calma, virou para uma das suas colegas de classe, se curvou em respeito a uma ordem superior a sua e explicou em um resmungo:

— Desculpe, eu estava dizendo exatamente isso para ela. — logo em seguida pegou Kidari pelo braço e a fez se levantar. — Venha comigo.

— Isso mesmo. — disse a dona do lugar, e acrescentou com um tom de deboche — A esconda na sua toca, vilashi!

As outras garotas que a acompanhavam deram risadinhas e largaram seus livros de qualquer maneira naquela e nas mesas em volta, continuando com comentários maldosos.

— Primeira lição do Instituto Dul'Maojin: não se importe com que os outros dizem. — Garo-lin comentou com Kidari, a conduzindo até o fundo da sala, onde havia mais lugares vagos. — Acredite, elas não suportariam viver um dia sem falar mal de alguém, e infelizmente você não vai poder fugir disso por pelo menos... Alguns dias. — ela tentou esconder a desanimadora verdade. Pelo contexto, ela parecia ter entendido o geral da situação, mas não o suficiente para desmanchar a expressão de perda.

— Que chamam Garo-lin? — perguntou confusa.

— Vilashi... Basicamente que eu não sou uma almakin. — a garota explicou, lançado um olhar em volta para ter certeza de que ninguém prestava atenção nelas. — Não tenho uma descendência em Almakia... Minha família é do povo simples, que vive na Região dos Vales e serve ao Governo Real.

— Igual Kidari?! — ela perguntou com um sorriso depois de processar as frases, parecendo muito feliz com essa possibilidade.

— De certa forma... Sim, quanto ao fato de nós duas termos um almaki. E não, pelas nossas formas de estarmos aqui.

— Como? – ela parecia compreender todas as palavras usadas, mas não encontrava um significado claro para a junção de todas elas.

— Pelo o que entendi, você está aqui por questões políticas, já que Almakia quer manter a boa relação com as Fronteiras. Apesar de ser um fato surpreendente um almakin estrangeiro... – ela percebeu que se empolgara em sua divagação sobre o assunto, e concluiu rapidamente. – Eu estou aqui para ser controlada.

Pelo olhar meio vago da garota, ela ainda não havia compreendido. Mas não pôde explicar de forma mais clara, já que o professor voltara com seu equipamento para a lição e pedira a atenção de todos.

— Não se preocupe. Terá muito tempo para entender como sobreviver dentro dos Portões Negros.

Em resposta, a estrangeira abriu outro imenso sorriso, e Garo-lin involuntariamente o imitou em uma proporção bem menor, percebendo que não era tão difícil assim e se lembrando de um tempo antes do Instituto.

Capítulo 2

Os Dragões de Almakia

Ter alguém andando ao seu lado, alguém que fazia perguntas e esperava respostas, alguém que a olhava como uma colega e não como uma pedra da parede, era uma novidade para Garo-lin. E ela gostara da ideia. Kidari era esperta, apesar de desorientada. Mesmo não sabendo que realidade existia em Kodo, era visível que Almakia para a estrangeira representava um lugar muito diferente de tudo o que estava acostumada.

A língua não era realmente um obstáculo, e ela não só se esforçava em aprender como aprendia rápido. Assim, em menos de quatro horas, os diálogos entre elas já fluía de uma maneira muito perto do aceitável.

Garo-lin não conseguiu entender todos os pontos da história dela, já que kodorin usava palavras que não despertavam correspondentes em sua cabeça, mas teve um panorama geral: Kidari demonstrara ter almaki ainda quando pequena, e só agora seu pai conversara com almakins para que a decisão de colocá-la no Instituto fora tomada. Com certeza não havia sido uma decisão fácil: por ela já ter passado da idade limite em que os alunos eram admitidos no Instituto.

Ao final das aulas, Garo-lin guiava a nova aluna pelos corredores e anexos do Instituto, explicando as direções e a tranquilizando de que logo conheceria o lugar tão bem a ponto de

não confundir os corredores e se perder. Depois de percorrerem todos os pontos principais, só faltava a orientar pelas alas de convivência dos alunos, o que incluía os prédios dos dormitórios.

Ao ter lido a informação de onde Kidari seria acomodada no papel assinado pela própria Diretora do Instituto, ficou bem expresso de que a única coisa contra Kidari naquela escola era o fato de não ser uma almakin pura de Almakia, já que poder e dinheiro deviam ser coisas que família dela tinha aos montes. Ela teria um dos dormitórios reservados para alunos importantes, perto dos aposentos da Dragão de Metal. Seria uma realidade bem diferente da de Garo-lin, que ocupava o último quarto, atrás da ala comum dos dormitórios feminino, o que a fazia parecer muito mais uma criada do local do que propriamente uma aluna. E, se comparasse o seu quarto com o que seria dado para Kidari, o dela com certeza estava muito mais próximo de um guarda-coisas. Mas esse fato não fazia muita diferença, já que via uma vantagem enorme em seu lugarzinho no Instituto: a deixava afastada das outras meninas e era o mais perto do portão, o que lhe permitia evitar toda a grande movimentação das alunas.

— Muito longe. — Kidari soltou com um ofego, visivelmente cansada de tanto andar.

— As coisas aqui foram feitas para serem imensas, mas logo você se acostuma. — Garo-lin tentou animá-la — Não temos tantas aulas no quinto nível e logo... Cuidado!

Aquela reação era praticamente automática para Garo-lin. Ela agarrou Kidari pelas vestes e a puxou consigo em um pequeno corredor que levava a uma saída lateral para as fontes de um jardim, e ali ficaram exprimidas contra a parede escondidas por uma coluna.

— O quê...

— *Shiiii!* – ela fez para a colega, que ficou quieta e se calou obediente, olhando assustada para o portal do corredor onde a pouco elas estavam andando.

Logo algumas vozes exclamaram pela direção de onde haviam vindo e então o motivo apareceu: um grupo de cinco alunos passou pelo corredor e continuaram andando sem notá-las. Os outros alunos abriam caminho para eles e faziam questão de reverenciar, gesto formal que era obrigatório para com almakins mais velhos já formados pelo Instituto.

— Quem são? – Kidari perguntou, assim que Garo-lin a soltou e elas voltaram ao corredor principal para espiar por entre os alunos que se aglomeravam como um plateia.

— São os Dragões. – ela informou e esperou pela reação entusiasmada da colega, como era comum à maioria das pessoas. – *Os Dragões irão ditar o futuro de Almakia e Almakia será o que eles forem...* Não conhece essa frase?

Entretanto, pela expressão dela, parecia que não. Garo-lin demorou um tempo para perceber esse fato irreal e perguntar com um tom de descrença:

— Não conhece os Dragões?

— Acho... Ouvir falar Dragões... Mas...

Garo-lin compreendeu que estava diante de uma pessoa que não conhecia a fama dos herdeiros. Talvez a única do mundo todo. Fato imensamente mais raro do que uma vilashi ou uma estrangeira possuir um almaki.

A única coisa que conseguiu fazer foi soltar todo o ar junto comum:

— Inacreditável.

— Importantes? – a outra perguntou preocupada, como se tivesse cometido um erro grave.

— Bom, – Garo-lin tentou pensar por onde começaria. – eles são importantes. – e engoliu o *mas acho que Almakia é que dá muita importância para eles* que vinha na continuação do seu pensamento.

Mesmo não sendo algo agradável de fazer, não podia deixar que a kodorin andasse pelo Instituto sem ter noção de quem eram os Dragões. Seria algo extremamente perigoso e cruel. Então, com um suspiro, conduziu-a em passos lentos pelo corredor, explicando em voz baixa enquanto todas as atenções estavam voltadas para o grupo que se afastava:

— Está vendo aquele mais claro do que todos, com os cabelos de duas cores? – ela fez gestos para a garota compreender. – Cabelos escuros embaixo, brancos e espetados em cima? Na ponta, o maior deles. Viu?

Kidari assentiu, prestando atenção no grupo que ia pelo corredor.

— É o herdeiro Sfairul, Benar. Um almakin de vento, primeira ordem. Ele vem das montanhas frias do norte, e a sua família são os almakins dominantes de lá. ela olhou em volta para ter certeza de quem ninguém a ouvia e moderou o tom de voz. – Mas na verdade ele descende dos antigos Piratas da Neve, e todo mundo respeita os Sfairul por ter medo do que eles podem fazer. Existem histórias sinistras ligadas a esse nome!

Kidari observando o garoto conversando com os outros Dragões, sorrindo despreocupadamente, e comentou:

— Não parece ser sinistro.

Sem retrucar, Garo-lin continuou:

— Aquele do lado, de cabelos negros, é o herdeiro Zawhart, Vinshu, almakin de raio, primeira ordem. Sua família é daqui da região, e são almakins que guardam os Segredos de cura. Vinshu é um gênio, mas é tão arrogante quanto inteligente. Ele despreza qualquer um que não esteja minimamente dentro dos seus padrões de aceitável... Por isso só conversa com os outros Dragões e ninguém mais.

— Almaki igual meu! – Kidari disse contente, parecendo só ter ouvido essa parte de todo o discurso.

— Sim. – Garo-lin, suspirou, achando melhor concordar. Então apontou para a menina do grupo, de pele escura e com os cabelos acinzentados presos em pequenas tranças que ela mantinha em um penteado elaborado. – Está vendo a garota com eles? É a Sumerin Gran’Otto, Dragão de Metal, primeira ordem, a única menina dentro dos Dragões. Herdeira da maior família de construtores do Vale das Pedras. Os Gran’Otto sabem como manejar vários materiais ao mesmo tempo. Foram os Gran’Otto que construíram o conjunto de pontes que ligam os Vales Altos e praticamente todas as rotas de ligações de Almakia.

Essa informação Kidari processou por mais tempo, já que a geografia de Almakia não parecia ser um ponto forte dela.

— Está vendo aquele de cabelos claros e esbranquiçados que está junto com a Gran’Otto? É Nu’lian Gillion, Dragão de Água, primeira ordem, também chamado de Dragão Real. Ele pertence à família real, mas não está na linha direta de sucessão. Ele é o único almakin dentro dos Gillion. Contam que a mãe dele era uma

manejadora da Família de Água, que morreu quando ele ainda era pequeno.

— Hum... – Kidari balançou a cabeça, como se estivesse mentalmente repetindo os nomes e os ligando às pessoas que via, até que se deu conta de que ainda faltava um. – Aquele?

Ela apontou para o que estava no meio do grupo, um pouco à frente dos outros. Ele se destacava pelo modo de andar, como se não se importasse em atropelar quem ficasse no caminho, e pelo emaranhado de cabelos castanho-avermelhados, formados por tentativas de cachos que se espetavam para todos os lados criando uma ilusão de tentáculos.

— Aquele é o pior de todos e você deve ficar fora do caminho dele sempre! Entendeu, Kidari?

A garota concordou assustada diante da firmeza da colega, e Garo-lin continuou:

— Krission Dul'Maojin. Ele é o Líder dos Dragões do Instituto Dul'Maojin e é uma autoridade aqui dentro, como o nome já diz. Nem professores, nem mestres, nem Governo Real podem mandar nele. Os Dul'Maojin são os almakins mais poderosos de Almakia e o Dragão de Fogo é que estará no comando daqui alguns anos. Ninguém quer ficar contra ele... Como somos o pior tipo aqui, é melhor ficarmos fora do caminho. Se você ficar, ele vai queimar você. – ela fez um gesto de esmagar com as mãos, para que a garota entendesse a expressão.

Então, a nova aluna olhou para o grupo no final do corredor, concluindo:

— Não parecer ruins.

— acredite, Kidari. Fique longe deles e poderá enfrentar Instituto sem problemas.

— Kidari não precisa Dragões. – ela disse confiante. – Garo-lin ser bastante.

Garo-lin se preocupou em a garota achar presunção da sua parte julgar os Dragões daquela forma extrema, mas seria melhor para ela entender como as coisas funcionavam ali dentro através de palavras, e não na prática. Porém a resposta positiva a fez sorrir, e o pensamento de finalmente ter uma colega desde que entrara no Instituto, era como uma brisa fresca que abria caminho por entre as brumas pesadas que os Dragões deixavam à sua passagem.

— Vamos, vou mostrar o caminho dos dormitórios.

Aquela semana passara tranquilamente.

Como Kidari já havia demonstrado em seu primeiro dia, era esperta. Entretanto, ela tinha maneiras estranhas, aliás, *estrangeiras* seria uma palavra mais adequada.

A garota apresentava um jeito próprio de servir suas refeições. Apesar de não parecer ter problemas com alimentos diferentes dos que estava acostumada, ela fazia misturas díspares, e muitas vezes Garo-lin evitou por pouco que ela misturasse vinagre ao seu pedaço de bolo na frente das outras alunas. Ela também costumava colocar sal nas bebidas doces e insistia em fazer careta, dizendo que o açúcar estragava o gosto das frutas.

Muitas vezes Garo-lin a surpreendeu falando sozinha, e em algumas conversas entre as duas parecia se referir a uma terceira

peessoa, que sempre estava com ela mesmo não havendo ninguém. Garo-lin ligava isso a algum defeito na sua aquisição da linguagem e tentava corrigi-la, sem resultados. Porém, naquela manhã essa teoria do defeito caíra por terra.

Ela estranhou que a garota não tivesse aparecido para o café da manhã e nas aulas matinais, e assim que foi liberada para o intervalo correu pelos corredores, vasculhando as salas, procurando. Foi através de uma janela do Guarda-livros que avistou Kidari no pátio abaixo, parecendo buscar algo:

— Shion! Chega esconder, por favor!... **Shion!**

— De novo ela está gritando?!

Garo-lin ouviu o comentário irritado de alunos perto da janela, e se apressou em correr e descer as escadas daquele pavilhão aos pulos.

Precisava pará-la antes que alguém resolvesse tomar uma providência.

— O que aconteceu? – ela perguntou quando a alcançou, ofegando.

Assim que a viu, Kidari agarrou-se nela, soluçando.

— Kidari chamar, Shion não vir! Chamar toda manhã, Shion não vir! Kidari não saber procurar onde mais! Shion nunca longe e não poder ouvir!

Ela já tinha escutado aquela palavra antes nas conversas entre elas, mas agora se dava conta que se referia a alguém, que era um nome.

— Seria um começo se você dissesse quem é esse Shion. – pediu Garo-lin, conseguindo se soltar dela.

— Nunca viu Shion? – a kodorin perguntou, estranhando, e tentou explicar com gestos – Sempre comigo... Meu lado.

Agora Garo-lin ficara confusa: se alguém estivesse sempre com a Kidari, além dela mesma, era óbvio que notaria.

— Você acha que ele não existe, não é? – a garota perguntou com um tom sentido.

Garo-lin estava quase chegando a essa conclusão nos seus pensamentos, mas a maneira como a garota dissera aquilo ressoou uma mágoa já antiga.

— Shion existir sim! – ela afirmou antes que Garo-lin pudesse dizer qualquer coisa. — Diwari dizer Shion não estar, Shion esta sim. Shion gostar brincar, divertido esconder outros achar não existe.

— Então... Ele está se escondendo de propósito? – Garo-lin tentou entender.

— Shion fazer. – contou ela com um suspiro. – Não muito tempo. Não ver Shion desde... – ela fez um gesto amplo com as mãos, indicando que não lembrava a palavra que precisava falar para indicara medida de tempo.

— Ele pode ter ido passear. – Garo-lin tentou acalmá-la, ela própria falando calmamente apesar da estranheza com a situação, sem deixar de investigar sobre quem era que estavam falando.

— Não sem Kidari – e acrescentou com uma certeza absoluta. – Sempre com Kidari!

— Ele não está com você agora.

— Esconder, nunca fugir.

Garo-lin analisou a expressão confiante dela, totalmente exata do que dizia. Entretanto, só havia uma maneira de descobrir

possibilidades de onde o tal Shion tivesse ido, e só conseguiria isso a sondando com perguntas.

— E se ele... – mas não terminou.

Percebeu que os olhos de Kidari ficaram desfocados e escureceram a ponto de quase se tornarem negros. Sua boca entreabriu, mas não houve som algum, e ela não parecia nem mesmo respirar.

— Kidari? – Garo-lin perguntou assustada.

E então, tão de repente como começara, aquele transe passou e a garota olhou alarmada para um lado, atenta.

— Campo! – ela exclamou.

Sem explicar, agarrou o braço de Garo-lin, levando-a consigo na sua corrida desabalada.

Ao chegarem ao amplo campo do Instituto, geralmente usado para o pouso das mombélulas treinadas – o principal meio de transporte dos almakins – havia uma pequena multidão reunida, aparentemente assistindo algo interessante. Ao avistar aquele agrupamento, Kidari prendeu o fôlego e correu com tudo o que tinha.

Chegando ao redor deles, soltou a mão de Garo-lin e se enfiou por entre os alunos, habilmente abrindo caminho até o meio da confusão.

Os alunos faziam algazarra e aplaudiam, com as meninas gritando entusiasmadas entre risadas altas. Pelo contexto, Garo-lin calculou que deveria ser mais uma injustiça dos Dragões e, como

fazia parte do seu comportamento moldado na indiferença do Instituto Dul'Maojin, ficou de fora, analisando e esperando o melhor momento para escapar sem ser percebida. Porém, quando encontrou o momento e já estava dando passos para sair do campo, reconheceu o grito estridente de Kidari:

— **Shion! Soltar Shion!**

Mais tarde, quando Garo-lin pensava em como tudo havia começado, sabia que se naquela fração de segundos não tivesse hesitado em fugir e não tivesse seguido o seu instinto de ajudar, sua vida poderia ter sido diferente.

O fato é que ela não fugiu.

O grito desesperado fez com que suas mãos soltassem os livros que carregava e seus pés inconscientemente dessem meia volta. Então se espremeu para passar pela massa compacta de alunos e ao chegar ao centro da confusão, o que viu deixou-a chocada.

Como deduzira, os Dragões estavam lá. A herdeira Gran'Otto permanecia na plateia, como os demais alunos. Ao lado dela estava Dragão de Água, que também se limitava a assistir como alguém que fora obrigado a permanecer, apesar do desinteresse. Quem realmente estava aprontando eram os outros três. Os Dragões de Vento e de Raio seguravam algo que se debatia pelo que pareciam ser grandes asas. Em frente a eles estava o Dragão de Fogo, o líder, apontando a mão para o que os outros seguravam. Ele deu um sorriso maldoso a ouvir o grito e perguntou:

— Está ousando me mandar parar, kodorin?

Foi quando Garo-lin percebeu que ele falava com Kidari, que estava sendo detida por alunos. Ela estava chorando e ofegava com

o esforço de se livrar daqueles que a impediam de avançar.

— Não queimar Shion! – ela pediu com um soluço.

— Não se preocupe, Kidari! Ele não tem coragem para fazer!
– rosnou a vítima.

— Pensa mesmo que eu não faço, aberração?

Então aquele era o Shion. Se Garo-lin não estivesse tão chocada com o que sabia que iria acontecer, ela teria ficado surpresa em ver ali o gato arrogante que praticamente a expulsara do seu refúgio dias atrás. Estava chamuscado e ferido, como se tivesse lutado antes de ser capturado.

— Provocar não, Shion! – a garota pediu chorando com mais intensidade, mas tudo o que o gato fez foi manter seu olhar desafiador para o líder dos Dragões.

Então, tudo aconteceu ao mesmo tempo. No instante em que Dul'Maojin movimentou sua mão no gesto que ela sabia que resultaria em uma explosão do seu almaki de fogo, Kidari deu um grito agudo tentando se soltar mais uma vez, e Garo-lin avançou alguns passos usando o tom de voz mais alto que conseguiu desenterrar da sua garganta:

— **Nããããã!**

Todos – realmente todos os que estavam ali – incluindo a vítima e atacante, a encararam surpresos. Imediatamente ela se arrependeu do fundo do seu almaki.

Aquele fora exatamente o momento em que Garo-lin descartara todos seus sofridos anos de silêncio e tolerância. Tudo pelo simples fato de uma garota indefesa e do seu bichinho de estimação – que apesar de arrogante era evidentemente amado pela dona – estavam nas garras do ditador do Instituto, sem esperanças

de socorro. Por tão pouco, ela com facilidade fez o que evitara fazer desde seus primeiros dias além dos Portões Negros: enfrentara os Dragões em uma das suas demonstrações de abuso.

Agora, por mais que ela insistisse que fora por uma razão nobre e por mais que a sua consciência aplaudisse sua coragem, ninguém podia negar o fato de ela ser uma vilashi sem importância, e teve que se encolher diante da atmosfera pesada que surgira em sua volta.

Então, como sua situação não poderia ficar pior, tentou ao menos amenizá-la:

— Poderia não fazer isso com ele... Por favor? – pediu, sendo mais educada e humilde possível. – Ele é importante para Kidari.

Porém, o que recebeu em resposta foi o silêncio do líder dos Dragões, que mantinha uma expressão de quem não acreditava no que acabara de presenciar. Então, algo estalou em volta dele, como se estivesse prestes a manejar, uma manifestação de almaki que denunciava claramente o quanto ele estava furioso. Nesse tempo, aproveitando a distração geral, Shion encolheu as asas, fazendo com que elas escorregassem pelas mãos dos garotos, e então com um impulso assim que suas patas tocaram o chão, ele alçou voo, fugindo para fora do alcance deles.

Um frio percorreu a espinha de Garo-lin. A vítima havia fugido, sua dona estava caída na grama sem forças para mais nada que não fosse soluçar, e ela seria inevitavelmente o alvo substituto. Não poderia correr, não havia como fugir e ninguém iria lhe socorrer. O líder dos Dragões poderia acabar com ela em instantes e ninguém dentro do Instituto se importaria.

Entretanto, contrariando todas as certezas mais absolutas, tudo o que o Dragão de Fogo fez foi abaixar a sua mão e guardá-la no bolso das vestes. Então encarou a vilashi de uma forma carregada, como se só estivesse lhe dando piedosamente um tempo para um último suspiro.

Garo-lin prendeu a respiração e fechou os olhos, se preparando para o que quer que viesse.

Contudo, nada veio.

Ao pestanejar aflita e olhar para frente, viu que Krission Dul'Maojin lhe dera as costas e saia silenciosamente, sendo seguido pelo restante do seu grupo que pareciam tão atônitos quanto ela com a situação. Por um tempo a inquietação dos alunos com a saída dos Dragões soou em volta de Garo-lin como se fosse uma massa disforme e afastada, tamanha era a sua agitação mental. E quando todos os outros alunos se dispersaram, e só restaram no campo ela e uma Kidari soluçante, Garo-lin também desabou no chão querendo simplesmente cavar um buraco e não sair nunca mais de dentro dele.

Então, como uma luz no meio da escuridão que estavam seus pensamentos, uma pequena chama quente surgiu, acompanhada de uma voz:

— Obrigada salvar Shion, Garo. – murmurou Kidari.

Diante das palavras sinceras que a garota lhe dava, teve a certeza de pela primeira vez em anos tinha conseguido ser ela mesma de volta, e se sentiu um tanto satisfeita – mesmo que ainda apavorada. Se fizesse parte do seu destino ser expulsa pelos Dragões depois do que acontecera, não se esconderia.

Não importava o que teria que enfrentar e como o resto do Instituto iria reagir ao que acontecera. Ela seria Garo-lin Colinpis, uma entre milhares e orgulhosa de ser a simples vilashi que atravessou os Portões Negros do Instituto com seu próprio poder almaki. Apesar do risco que correria, pôde perceber o quanto se sentia viva com aquela ousadia.

Capítulo 3

As Incumbências

— **Preciso fugir daqui!**

— Como? – perguntou uma Kidari confusa diante do anúncio desesperado de Garo-lin. – Sair? Dragões perseguir Garo até mundo fim.

— Fim do mundo?

— Fim do mundo. – ela repetiu em tom de sentença.

A maneira animadora da amiga de lembrá-la que não tinha esperanças, fazia Garo-lin pensar seriamente na alternativa de se jogar do topo da colina do Instituto.

Toda aquela força de vontade de enfrentar o que quer que viesse havia desaparecido no dia seguinte, depois de uma noite em claro remoendo pensamentos sobre todas as consequências do que fizera. Agora era evidente o motivo porque o líder dos Dragões não havia a liquidado naquele campo.

Mesmo tendo uma autoridade inquestionável dentro do Instituto, o máximo que ele já havia feito com um aluno que lhe irritara fora machucar de forma leve, como no caso do aluno que molhara as vestes da herdeira da Família de Metal. Os Dragões nunca usavam seu almaki, mesmo que fossem plenamente capazes de fazê-lo. Não era inteligente criar feridas irremediáveis naqueles que no futuro poderiam ser seus aliados. Mas, Garo-lin estava muito

longe de ser alguma coisa na sociedade de Almakia e muito menos pensava em lutar por tal posição.

Sua cobiça dentro do Instituto era receber um sétimo nível de treinamento – o mínimo exigido pelo Governo Real – e voltar para a sua vila, onde faria do seu almaki algo proveitoso para seus conterrâneos. Seus próprios mestres já haviam demonstrado que o máximo que a levariam era ao ponto de saber manejar e representar um perigo mínimo para as pessoas a sua volta. Sendo assim, ela era um alvo perfeito para que os Dragões se divertissem por um tempo, sem receio de que suas atitudes descontroladas fossem motivos de obstáculos posteriores.

— Eu nunca quis tanto poder montar em uma mimbélula e sair do chão... ela confessou para Kidari, espiando por uma esquina do prédio principal de aulas, de onde podiam observar os alunos seguindo para seus mestres pelo pavilhão. Ao perceber que não havia Dragões nas redondezas, elas correram para a sala de aula entrando bem a tempo, antes que o mestre fechasse a porta.

— Não preocupar, Garo. Shion ter dívida. Shion defender. – sussurrou Kidari quando elas se sentaram em seus lugares.

Garo-lin se limitou a ficar calada, e uma parte obscura de sua mente que não estava apavorada ou preocupada tremulou, lhe fazendo perceber como Kidari estava usando melhor as palavras depois do susto.

Mas esse detalhe logo foi encoberto pela lembrança daquele que começara tudo aquilo. Desde o incidente o gato com asas se escondera em algum lugar do Instituto e provavelmente só reapareceria quando os Dragões partissem para as Incumbências...

— Como não pensei nisso antes?! – Garo-lin quase gritou, batendo as mãos na mesa e se levantando, não conseguindo se conter diante do brilho da ideia. – As Incumbências!

Vários olhares raivosos dos colegas de sala se voltaram para o canto delas e as conversas animadas de alunos que se acomodavam em seus lugares cessaram por um momento. Humildemente, Garo-lin voltou a se sentar e fingiu estar centralizada no seu livro. Apesar da inquietação pela vilashi ter quebrado aquele momento de descontração do começo de um dia de aulas, os alunos nada fizeram, todos cientes de que a situação dela ainda estava suspensa, esperando pela sentença dos Dragões.

— O que tem? – sussurrou Kidari depois de um tempo, não vendo o ponto que ela descobrira.

No Instituto Dul'Maojin, o ensino era dividido em etapas denominadas de Níveis, que equivaliam a um ciclo de estudo e treinamento. Do primeiro ao quarto nível, todos os alunos recebiam a mesma instrução, que abordava de forma generalizada todo o conhecimento comum e almaki acumulado pelos mestres. Alunos de quinto nível começavam a ser instruídos também dentro do seu poder específico e a partir disso eram classificados segundo a Tabela Elementar do Instituto, que os encaixava em um dos Sete Elementos de poder definindo seu Grupo, Categoria e Função.

Essa tabela era a dor de cabeça dos alunos mais novos, mas depois de decorada servia principalmente – e unicamente – para saber a sua posição dentro do Instituto e com quem se deveria ter respeito, classificação que era seguida mesmo além dos Portões Negros. Como o número de alunos em todo o imenso Instituto não passava de algumas centenas, dificilmente a Tabela era completada,

mesmo juntando todos os três últimos níveis. Além do fato de a média de alunos dentro dos grupos dos Sete Elementos não passar de quinze, já que depois de classificados a maioria só permanecia mais dois anos para concluir seus estudos. Continuar depois disso não era obrigatório e nem sempre uma opção para quem era bem colocado na Sociedade Almaki.

Dentro da classificação do Instituto, havia o grupo dos manejadores de representações de fogo, de pedra – renomeado para metal, e abrangia todos os materiais vindos da terra, – de natureza, de raio, de água, de vento, seis dos Sete Elementos. O sétimo, luz, era chamado de almaki interrompido, uma vez que não havia manejadores deste elemento dentro do Instituto, e poucos fora.

Dentro de cada um desses poderes almakis, havia três possibilidades de usá-los, e isso dependia totalmente da pessoa: de forma plena, moderada e fraca. Ainda dentro dessa divisão, havia uma subdivisão de função, simplesmente chamadas de Primeira Ordem, Segunda Ordem e Terceira Ordem, significando Autoridade, Controle e Serviço. Assim, o aluno que pudesse usar o seu almaki de forma plena na Primeira Ordem, também ficava com a Autoridade e podia ordenar quem estava abaixo dele; alguém com Controle eram aqueles que não podiam superar o aluno destaque e ficava logo atrás dele, podendo comandar, mas também obedecendo; já o aluno na terceira posição ficava, literalmente, com todo o serviço e não podia reclamar já que estava abaixo de todos.

No caso de Garo-lin, seu almaki era de fogo, o primeiro elemento dentro da Tabela, mas isso não chegava a lhe garantir alguma vantagem. Ela fazia parte do grupo de almaki fraco e, sem

surpresa, estava na Terceira Ordem, o de serviço. Resumidamente, ela fora enquadrada na posição mais baixa dentro do seu grupo e nunca teria permissão para usar seu poder livremente. O líder dos Dragões, por exemplo, também pertencia ao primeiro elemento, mas era do grupo de poder pleno, e podia manejar livremente. Tendo a Primeira Ordem, ele possuía a Autoridade, o que lhe garantia comando sobre todos os outros e a junção de tudo isso lhe conferia o título de Dragão. Da mesma forma, os outros herdeiros também ocupavam as mesmas posições dentro dos seus elementos.

Para Garo-lin, essa divisão toda complicada e cheia de convenções era a prova absoluta de que o Instituto servia principalmente para alienar seus alunos e torná-los mais manipuláveis à sociedade e ao status dos almakins. Não passava da maior prova de como a divisão social dentro da própria Almakia era extravagante e em sentido, e como o jogo de influência era o que reinava fora dos Portões Negros. Mesmo que um aluno tivesse um almaki poderoso, como o fogo, se ele fosse rebaixado ao cargo de serviço dentro do Instituto, não poderia agir livremente e sempre estaria sob a vigilância de alguém acima dele, fadado a viver assim pelo resto da vida. Muita conveniência para as Grandes Famílias que não precisavam de esforço para manter suas posições e serem respeitadas.

Depois de explicar o que pensara para a amiga, Garo-lin deixou a kodorin digerir aquela imensa quantidade de informação. Apesar de agora ela enxergar o motivo de empolgação com as Incumbências, Kidari se concentrou no seu livro de teoria, tentando decifrar a tabela. Afinal, mesmo estando ali há pouco tempo, os mestres a alertaram que ela também participaria daquele evento, e

com certeza sua avaliação seria mais rigorosa do que a dos outros alunos, por ainda estar fora da classificação do Instituto.

Desanimada, Garo-lin olhou pela janela, pensando em porque o mundo dentro dela não podia estar tão calmo como o dia lá fora. Daria qualquer coisa para poder correr para o seu refúgio e gritar com todas as suas forças. Mas agora, tudo o que ela podia fazer era rabiscar no canto do seu livro: *Dragão de Fogo idiota*.

Com um longo suspiro, ela borrou o que havia escrito. Krission Dul'Maojin vinha de uma família muito poderosa e naturalmente o seu almaki era o mesmo. O poder de fogo estava ligado às vitórias em tempos escuros, sempre usado para ataques e destruição.

Mesmo com tudo isso pertencendo ao passado, em uma época antes da Nova Lei, Garo-lin não conseguia desligar o nome dessa família ao medo, e assim era com a maioria das pessoas. O grande poder que os Dul'Maojin possuíam advinha justamente de que ninguém ousava ir contra eles, já que tinham consciência de que o almaki milenar daquela Família poderia definir o rumo de qualquer situação. Para os vilashis, havia uma forma muito simples de descrever aqueles que manipulavam o poder de fogo plenamente como eles: eram como o sol – dependiam dele, mas se ousassem enfrentá-lo acabariam queimados.

O que será que sua família diria se soubesse que ela ousou enfrentar alguém que era como o sol?

— As Incumbências são a única saída para se fugir dos Dragões, Kidari. – ela externou o que estava pensando.

— Acha Dragões esquecer? – a kodorin perguntou, sem desgrudar os olhos do livro.

— Claro... Provavelmente vou ser mandada para algum lugar deserto no Vale das Pedras ou para congelar nas montanhas, e talvez eles considerem isso castigo demais... E ainda assim, até terminar, com certeza eles vão achar outra pessoa para implicar.

A resposta fez Kidari rir, principalmente pela forma esperançosa como Garo-lin parecia elaborar mentalmente aquele desenrolar perfeito.

— Kidari não problema ir para um lugar horrível.

— Não seria de todo ruim, considerando que vou estar longe deles... Preciso aguentar só mais essa semana...

Alunos do quinto nível, como era o caso da Garo-lin e de Kidari, para poderem concluir seus ensinamentos, deveriam colocar em prática a teoria do que aprenderam sob a supervisão de um almakein mais graduado. Da mesma forma, esses almakeins mais graduados – alunos do sexto nível rigorosamente selecionados pela diretoria do Instituto – tinham a obrigação de exibirem seus valores como líderes, demonstrando que estavam aptos a lidar não apenas com os seus almakeis, mas com as ações de seus dependentes. Essas eram as Incumbências.

Garo-lin não tinha muitas informações, além disso. Já que ela não mantinha conversas com outros alunos, e falava com os mestres somente o necessário. O que se sabia, de forma geral, era que se tratava de trabalhos em regiões aonde o almakei do aluno seria necessário e houvesse espaço para demonstrações eficientes. O processo era simples: grupos de protegidos e mentores eram

formados e eles recebiam uma liberação para sair do Instituto, usando uma mombélula para a viagem. Essa viagem teria um prazo de tempo, um período ou dois, dependendo da dificuldade da tarefa, e então deveriam retornar, com resultados.

Garo-lin já estava na expectativa de sair das propriedades do Instituto desde que começara o quinto nível. Agora, diante da pior situação que já enfrentara, as Incumbências seriam sua única maneira de respirar em paz, sem medo de que algo terrível acontecesse a cada próximo passo.

Porém, mesmo tremendo durante as aulas e se sobressaltando a cada palavra dita por perto em um tom mais alto, nada acontecera até então. O que só contribuía para deixá-la mais nervosa. Nos corredores e mesmo nas salas de aulas, os outros alunos a olhavam de forma estranha, como se sempre estivessem planejando algo aos sussurros, mas esperavam que os Dragões dessem o primeiro passo. Kidari parecia indiferente e agia como se realmente não notasse essa reação. Por mais que Garo-lin estivesse apavorada e tentasse não deixar isso transparecer, ela era uma aluna novata e estrangeira, e ainda estava na fase do encantamento.

Contudo, mesmo aparentando ser alheia, havia momentos em que Kidari percebia que aquela atmosfera carregada também era voltada a ela. Se algo acontecesse, seria com as duas.

— Desistir... Rãõ? — Kidari perguntara naquela manhã, enquanto as duas corriam para o prédio principal do Instituto depois de ouvirem que os grupos das Incumbências já haviam sido anunciados.

— *Desistiram.* — Garo-lin corrigiu a amiga. — Não, não devem ter desistido... E essa demora é muito pior.

— Incumbências, será que mandam Garo e Kidari sozinhas?

— Bom, da maneira como somos escórias, sermos mandadas sozinhas seria agradável. – Garo-lin respondeu com um sorriso, que rapidamente foi carregado pelo seu desânimo – Mas, não. Um mentor vai conosco. Só espero que estejamos no mesmo grupo...

As duas pararam e aguardaram na entrada do prédio, achando melhor esperar do que enfrentar a multidão de alunos que se aglomerava lá dentro no salão.

— Dragões. – Kidari informou e apontou disfarçadamente em uma direção, para onde Garo-lin espiou.

E lá estavam eles, em um lugar especial, reservado somente para pessoas muito importantes.

Mesmo estando em um patamar acima, por trás de grandes janelas de vidro, elas podiam ver bem os cinco reunidos assistindo a movimentação no andar inferior. O líder dos Dragões era o que parecia estar mais interessado, e se mantinha de pé com os braços cruzados, atento, como se estivesse vigiando os alunos abaixo. Garo-lin sentiu um frio percorrer a espinha, e desejou poder conferir rapidamente seu nome da lista e fugir dali.

No meio do salão de mármore havia um grande painel para que se fixassem notícias oficiais e informações importantes no Instituto, e no momento um dos mestres estava pregando o tão esperado anúncio do dia. Praticamente todos os alunos aguardavam curiosos diante do painel, mesmo aqueles que não eram do quinto ou sexto nível e não teriam suas rotinas alteradas. Na confusão e no falatório alegre que se estendia perto do o salão, não era possível distinguir o que todos buscavam, mas era bem claro para Garo-lin o motivo de todo alvoroço: nada menos que os Dragões.

Aquele era o ano em que os Dragões deveriam ficar responsáveis por um aluno, e seria uma grande honra ser um dos escolhidos para ser o protegido de um Dragão. Entretanto, como no ano anterior eles não haviam realmente feito uma Incumbência, se aproveitando das suas vantagens dentro do Instituto, era bem provável que naquele ano também se recusassem a supervisionar. Com o título de Dragões garantido desde o momento em que entraram no Instituto e com a obrigação de guardar um Segredo de Família, não havia necessidade de passar por uma prova para subirem de nível, como os outros reles alunos.

Garo-lin estava explicando isso para Kidari quando algo aconteceu e chamou sua atenção, e ela sentiu que não era nada bom.

Aos poucos o falatório alegre foi diminuindo. Como uma onda, um murmúrio seguido de silêncio veio se arrastando desde os primeiros alunos em frente ao painel até os últimos... E todos olhavam desconfiados para elas.

Então, como um estalo dentro do seu inconsciente, Garo-lin previu o que devia ter acontecido.

— O que foi? – perguntou Kidari perdida.

Sem responder, pegou a amiga pelo braço e a puxou por entre os alunos, que facilmente abriram caminho para as duas. Assim que chegaram à frente do painel, localizou seu nome e olhou para o nome acima dele, sentiu que todo o chão sumia por debaixo de seus pés.

— Garo-lin e... Dragão de Fogo? – Kidari perguntou como quem perguntava se havia lido certo.

Mas a única palavra que conseguiu atravessar a barreira de choque que prendia os movimentos de Garo-lin, foi:

— Ina... Creditável... – e ela lançou um olhar para o patamar acima, vendo que o seu declarado mentor a observava, satisfeito.

— Onde está a lógica nisso, Kris?! – perguntou Vinshu Zawhart para o Líder dos Dragões, apontando para o nome da sua protegida daquele ano: Kidari Chanboni.

Os Cinco Dragões do Instituto Dul'Maojin estavam reunidos na sala reservada para aqueles que possuíam tal título. Ali não só podiam fugir do assédio dos outros alunos, como era o único lugar dentro da propriedade que lhes permitia discutir seus próprios problemas sem serem interrompidos por ninguém. Apesar da sala sempre ter existido desde a fundação do Instituto, ao ser dada aos herdeiros das maiores famílias almakis, quando ainda estavam no primeiro nível, ela recebera várias modificações para poder ficar a altura dos ilustres usuários.

Nela eles podiam encontrar coisas típicas da sua região. Os móveis e decorações eram feitas do melhor material disponível em Almakia – somente uma cadeira de tecido trabalhado que ficava no canto das ala renderia sustento suficiente para uma família vilashi sobreviver por dez períodos gelados, com fartura. Também havia uma grande lareira que sempre era mantida acesa na presença de um manejador de fogo, não importando se ela era necessária ou não. Acima dela estava o brasão da família Dul'Maojin – e também do Instituto –, onde o símbolo do almaki de fogo ficava em relevo

com uma majestosa representação da Colina Maojin. Além de ser uma sala luxuosa – como eles mereciam –, ela possuía grandes janelas de vidro que davam uma visão ampla de todos os prédios do Instituto, e que na maioria das vezes ficavam vedadas por cortinas de tecido escuro e pesado. Mas, naquele momento, uma das cortinas havia sido aberta e eles podiam assistir a reunião de alunos diante do painel no patamar abaixo.

— Provavelmente, a lógica do Kris está em um lugar profundo e sombrio que nem ele mesmo sabe como encontrar. – comentou o Dragão de Vento, distraído com um globo de vidro repleto de fumaças coloridas, que ele alinhava em grupos contornando a superfície com os dedos.

— Tudo bem ele querer aprontar com alguém que o contrariou. Sem problemas. o Dragão de Raio tentou se acalmar. – Mas, por favor, não me comprometa! Por que eu devo arriscar a minha reputação sendo mentor de uma estrangeira só porque ela é amiguinha da sua vítima?

— Ela tem o seu almaki. – o lembrou Nu’lian Gillion de forma simples, sem deixar de prestar atenção no tabuleiro, onde disputava um jogo de estratégia com a Dragão de Metal.

— Não precisa se exaltar, Vin. – comentou a garota, sem tirar os olhos do tabuleiro. – É só para manter as aparências de bons alunos.

— Se for assim, então por que vocês não têm protegidos?!

— Não é óbvio? – ela perguntou com um enorme sorriso. – Vai ser divertido ir com vocês e ver o que acontece!

Aquilo pareceu ser a gota d’água para Zawhart, que se voltou para o líder, exigindo sem palavras que ele desse um motivo

imensamente justificável para a sua situação.

Por sua vez, Krission Dul'Maojin desgrudou os olhos da movimentação dos alunos e disse, de forma solene:

— Fique contente, Vin. Essa kodorin é *execução*.

Os Dragões pararam o que estavam fazendo e encararam o líder por um tempo.

— O que foi? – ele perguntou diante das expressões confusas.

— Eu passo! – Sfairul voltou sua atenção para o globo.

— Difícil. –suspirou a herdeira Gran'Otto, deixando de lado o jogo e pensando.

— Por que ele fala em códigos?! – Zawhart lamentou consigo, se largando em uma poltrona.

— O que foi?! – o líder repetiu, dessa vez soando irritado.

— Exceção. – decifrou o Dragão Real, ao mesmo tempo em que fez um movimento elaborado com as peças no tabuleiro. – Venci.

— Eeee! – a derrotada analisava o tabuleiro, descrente.

— Foi o que eu disse! – exclamou Dul'Maojin. – Exceção! Essa kodorin é uma exceção!

— Muito bem, sábio Dragão de Fogo. Ilumine-nos com o restante da sua sabedoria. Zawhart fez um gesto com a mão, indicando que ele continuasse.

Mesmo parecendo contrariado com a forma provocadora de se dirigir a ele, o líder continuou, de forma convencida:

— Ela veio de um Domínio Além-mar, e é importante. – informou. – Minha mãe disse que é bom manter os olhos nela.

— E isso quer dizer manter *meus* olhos nela?!... Por que não pede a Benar? – ele apontou para o amigo.

— Passo! – informou o Dragão de Vento. – Não cuido de crianças.

Ele direcionou o dedo para a Gran'Otto:

— Sumerin é uma garota, é mais fácil conquistar a confiança de outra garota.

— Não gosto de gatos. Ela tem um gato... Um gato bem estranho, diga-se de passagem.

— Pura desculpa. – ele resmungou, e tentou apontar para o parceiro de jogo dela, que recolocava as peças no tabuleiro parecendo não se importar com o que acontecia a sua volta. Então, com um suspiro derrotado, desistiu:

— Certo! – Zawhart amassou o papel e o jogou na lareira, alertando o líder logo em seguida. – Mas não pense que vou obedecer a sua mãe no seu lugar!

— É só enquanto eu resolvo esse problema. – o líder voltou sua atenção para os alunos no patamar abaixo, e observou atentamente a vilashi, que lhe lançou um olhar desnorteado, e em seguida foi arrastada para fora pela estrangeira.

— Não faz sentido algum! – Garo-lin gritou mais uma vez, para ninguém em especial, enquanto andava de um lado para o outro no seu refúgio.

— *Grunf.* – bufou o gato de asas, demonstrando toda a sua miséria em ter sua hora de cochilo interrompida pelas duas.

— Shion, problemas. — Kidari explicou pacientemente, enquanto segurava a cabeça dele no colo e esfregava atrás da suas orelhas, em uma típica cena tranquila de bichinho de estimação com a sua dona em uma tarde ensolarada.

Porém, exatamente como ela dissera, o problema era no plural: se referia às duas. Depois de ter ficado chocada ao descobrir quem seria o seu mentor, um gritinho agudo de Kidari a fez acordar e perceber que aquilo ainda não havia acabado.

Logo depois da kodorin encontrar o seu nome na lista, ela percebeu que também caíra na mesma armadilha, e puxou a amiga para fora do prédio, antes que os alunos em volta ficassem tão incomodados com a presença das duas que começassem a agredi-las.

Agora, Garo-lin não sabia o que era pior: a eminência de ser arrastada para uma missão onde estaria à mercê do Dragão ditador, ou sobreviver ao fato de ter anulado as chances de qualquer outro aluno de ser o protegido. E Kidari estava na mesma situação, já que o Dragão de Raio era a primeira opção de praticamente todas as garotas de todos os níveis. As duas eram oficialmente inimigas declaradas dentro do Instituto.

— Shion proteger nós! — exclamou Kidari contente, como se fosse um plano excelente.

Garo-lin olhou para o gato, que ronronava e lambia as patas dianteiras totalmente desinteressado em qualquer coisa que não fosse o quanto iria durar aquela interrupção da sua soneca.

— Espero que sim... — ela concordou, para deixar Kidari feliz.
— Tomara...

Capítulo 4

Mombélulas e a Fortaleza

— É com grande orgulho que hoje damos a Almakia mais uma oportunidade de ver nossos aprendizes partindo para ajudá-la! — discursou o subdiretor do Instituto de cima do estrado de mármore, para a aglomeração de alunos que assistiam no campo de pouso de mombélulas. — Mais uma vez nossos Dragões enfrentarão perigos e demonstrarão suas forças diante das dificuldades desse mundo! Força essa que guiará o futuro de Almakia e de todos vocês aqui!

Garo-lin, na primeira fila junto daqueles que iriam partir, não conseguiu evitar um bocejo e precisou esfregar os olhos cheios de lágrimas de sono.

Ficara até tarde da noite passada ajudando Kidari a decorar seu juramento, para que ela o falasse da forma devida e não da forma que ela pensava que deveria ser — estado piorado pelo fato de sua mochila no momento parecer pesar toneladas. Para contribuir com sua exaustão, não conseguira dormir de madrugada, já que esta fora repleta de pesadelos sobre ela tendo um acidente fatal causado pelos Dragões. Porém, mesmo sua vontade sendo a de sair correndo por toda a propriedade e fugir pulando pelos muros dos limites do Instituto, lá estava, pronta para partir para a sua Incumbência, formalmente vestida com o uniforme especial — que o Instituto fornecia para que os alunos se mostrassem reluzentes para a sociedade de Almakia —, com seus poucos pertences reunidos

naquela mochila de viagem. Fosse qual fosse o seu destino com essa Incumbência, uma coisa ela concluiria: seria mais fácil fugir estando fora do que dentro do Instituto.

Sempre havia aquela cerimônia no momento de partida dos alunos, em que os mestres e diretores faziam uma homília demorada, que em geral dizia a mesma coisa: era um grande passo para qualquer almakin e que, ao retornarem com a tarefa cumprida, já poderiam se considerar aptos a estarem entre os maiores nomes do Domínio. Durante seu tempo de vivência ali, Garo-lin já ouvira aquilo quatro vezes... Mas aquele ano havia uma coisa diferente: a Diretora não estava presente.

A Diretora Dul'Maojin, a pessoa mais importante em Almakia, raramente estava presente no cotidiano do Instituto. Garo-lin só a vira de perto uma única vez, quando ela passava pelos corredores durante uma importante reunião que acontecera com todos os mestres no ano anterior, e desde então desejara nunca mais ter o mesmo encontro, mesmo que de relance. O olhar que recebera da antiga Dragão de Fogo a fez se encolher e apressar seus passos, se arrependendo de estar recitando suas anotações de uma avaliação ao invés de prestar atenção no caminho que tomava. Exatamente como seu filho, o atual Dragão de Fogo, ela tinha os mesmos olhos castanhos avermelhados e o mesmo sorriso aparentemente amigáveis que escondiam uma crueldade permanente.

Entretanto, a Diretora nunca faltava em um acontecimento como aquele, tão im-portante para o Instituto. Apesar de não pronunciar uma única palavra, deixando esse serviço para os subdiretores, sua presença representava todo a imponência do Instituto Dul'Maojin e da Grande Família da Capital de Fogo. Seu

lugar vago na cadeira do centro do estrado de mármore deixava uma sensação incomoda.

Mas a ausência não era algo que provocasse questionamentos, já que ela também era a Senhora da Capital de Fogo, ou seja, aquela que representava o poder máximo do Povo Almakin. Junto com o líder do Governo Real, ela era a maior nome de Almakia e sua principal função era cuidar dos interesses da Sociedade Almaki. Estar ausente significava estar lidando com algo muito mais importante para o Domínio, do que prestigiar seus herdeiros. Garo-lin não tinha uma noção muito clara do tamanho da autoridade daquela pessoa, porque com certeza estava além da compreensão de uma vilashi. Contudo, se a Senhora da Capital de Fogo era alguém tratada com imenso respeito até pelos mais ilustres almakins, quem era ela para pensar diferente? Mesmo sem a presença da Diretora, parecia que tudo fora planejado para que os Dragões fossem as estrelas principais ali, e não os alunos temerosos que saíam de dentro dos muros do Instituto depois de tanto tempo.

Garo-lin sabia que todo aquele espetáculo era apenas encenação para agradar as famílias dos herdeiros, mas Kidari não parecia nem perto de notar isso, e estava certa de que era um grande acontecimento. Ao contrário da colega, que se sentia aborrecida com a pompa daquele uniforme – apesar de nunca ter usado uma roupa melhor na vida –, a estrangeira parecia totalmente à vontade. Ela agia como se estivesse em um evento político que teria influência sob todos os Domínios, e assentia a cada ponto final nas frases do subdiretor. Por duas vezes Garo-lin a flagrou repetindo as palavras, como se estivesse memorizando todas elas, e achou

melhor a deixar acreditando que aquilo tudo seria, de alguma forma útil. Quando os Dragões mentores foram anunciados e subiram no estrado, ovacionados pelos demais alunos, Garo-lin sentiu que todas as forças de seus joelhos se esvaíam para a terra. Aquele era o momento que não havia mais volta: teria que seguir os passos do ritual diante de todos, e dar sua palavra almakin de que cumpriria e honraria os seus deveres na Incumbência, seguindo as ordens do seu mentor.

Depois de alguns alunos, chegara a sua vez:

— Manejadora de Fogo de terceira ordem, Garo-lin Colinpis, anunciou a mestre responsável por essa parte da cerimônia, lendo um documento do Instituto onde estavam registradas e oficializadas as relações de Incumbências daquele ano. — Sob a supervisão do Dragão de Fogo, Krission Dul'Maojin.

— Ei! — Garo-lin protestou alto e logo em seguida se arrependeu, quando vários olhares repreendedores se voltaram para ela.

— O quê? — Kidari perguntou disfarçadamente com um olhar.

— Não falei para onde vou. — tentou explicar em um murmuro.

— Garo-lin Colinpis! — chamou novamente a mestra, dessa vez com um tom de impaciência.

Sabendo que uma falha na cerimônia perfeitamente planejada causada por uma vilashi não teria perdão, Garo-lin saiu da formação de alunos do quinto nível e rumou para as escadas do estrado, evitando ao máximo o momento em que teria que olhar para o seu mentor. Então parou diante da mestra, que lhe disse:

— Garo-lin Colinpis, manejadora de fogo de terceira ordem. Participará dessa Incumbência sendo instruída e supervisionada pelo Dragão de Fogo, respeitando os princípios e conhecimentos do povo almakin que foram transmitidos a você, pelo Instituto Dul'Maojin, e voltará com sua tarefa cumprida e apta a receber o sexto nível de almaki e a fazer parte dos que serão Almakia?

Garo-lin encarou a sua mestra por um tempo, sentindo que aquele juramento nunca fora pronunciado de uma maneira tão maquinal para qualquer outro aluno, e nunca teve tanta certeza de que era desprezada também pelos mestres. Mesmo sua vontade sendo a de gritar o que realmente pensava sobre tudo aquilo ali, diante de todos, ela respirou fundo e disse o juramento decorado:

— Serei uma manejadora de fogo que respeitará os princípios e os conhecimentos almaki, voltarei com a minha tarefa cumprida.

— Então cumprimente seu mentor.

E agora, não podendo mais evitar, ela corajosamente foi até a frente do ditador do Instituto e novamente recitou, trincando os dentes:

— Conto com sua orientação em busca do meu caminho almaki.— então se curvou, simbolizando que só usaria seu poder ao comando dele.

Krission Dul'Maojin a encarou com uma inconfundível expressão de contentamento, já que com aquelas palavras ela seria oficialmente sua protegida, e seu destino como uma almakin dependeria totalmente dele. Garo-lin gelou. Não querendo dar ao Dragão o gosto de ver como aquilo a aterrorizava, a agora protegida reuniu todas as forças que tinha e se colocou dignamente um passo

a frente do seu mentor, esperando com tudo de si que seus joelhos não cedessem e não desmaiasse. Mais alguns alunos foram chamados ao estrado, e foi anunciado para onde iam. O que só deixou Garo-lin mais confusa já que os outros antes dela souberam aonde iriam. Mas, logo em seguida o chamado da mestra cortou o seu fio de pensamento:

— Manejadora de Raio, terceira ordem, Kidari Chanboni. Sob a supervisão do Dragão de Raio, Vinshu Zawhart. Kidari subiu no estrado andando nervosa, tropeçando, também parecendo confusa por não anunciarem o lugar onde cumpriria a sua Incumbência. Isso fora o bastante para desequilibrar todo o ensaio dela e a fazer se atrapalhar com as palavras. Porém, ela não recebeu nada mais do que um olhar de advertência da mestra, o que foi estranho, já que se esse atrapalhamento tivesse vindo da vilashi do Instituto seria como assinar sua declaração de morte almakin. Ao fazer o juramento diante do Dragão de Raio, Kidari se encolheu e ninguém mais além dela mesma ouviu o que ela dissera, apesar de fazer o cumprimento perfeitamente.

— Então acontecer? – perguntou Kidari baixinho, ainda se confundindo com as palavras, quando ficou ao lado da colega, a frente de seu mentor.

Mas antes que Garo-lin pudesse dizer qualquer coisa do que iria acontecer, o zunido inconfundível de asas muito rápidas invadiram o ar e rajadas de ventos fortes começaram a empurrar os alunos para os lados.

— Mombélulas! – exclamou Kidari encantada, apontando para as criaturas que pousavam no campo ao lado deles,

esquecendo-se completamente da formalidade e do medo dos Dragões.

— Essa sempre é a parte divertida. — comentou Garo-lin, observando o estrago que a aparição repentina delas causava na aparência impecável dos alunos do Instituto.

As mombélulas gigantes eram as criaturas mais fantásticas que Garo-lin conhecera depois de ter saído do Vale Interior. Possuíam ao todo oito asas largas, divididas em cada lado do seu corpo. Elas eram finas, negras e de aparência frágil, como as de insetos, e se moviam de forma circular, simultaneamente, tão rápido que criava uma ilusão em forma de cone. O corpo era parecido com o de uma cobra e a sua cauda terminava em uma ponta fina, o que lhe dava o movimento semelhante ao de um chicote, permitindo fazer giros elaborados e velozes no ar. A cabeça, desproporcional ao resto do corpo, era oval e quase toda ocupada por dois olhos grandes, redondos e coloridos; e também tinha uma tromba que lhe permitia pegar alimentos. Em relação ao corpo gigante, as pernas da criatura eram finas e frágeis, apesar de grandes ao ponto de esticadas ultrapassarem a altura do estrado. Quando pousavam, essas pernas se retraíam como as de aranhas, parecendo mais um equipamento para pouso do que pernas propriamente ditas. O impressionante também eram suas cores vivas, que variavam de lilás, laranja, verde-limão, amarelo, rosa e azul. Diziam que a noite elas tinham a capacidade de brilhar e iluminar o local por onde voavam, mas Garo-lin nunca tinha visto uma durante noite para confirmar essa informação. Existiam também as mimbélulas, bem menores, que podiam ser montadas apenas por uma pessoa. Estas, apesar de muito semelhantes, eram um espécime que possuía dois

pares de asas e duas antenas, e pareciam apenas filhotes mirrados perto das gigantes mombélulas. Mas, eram tão velozes quanto, e tinham muito mais facilidade nos movimentos devido ao tamanho e ao pouco peso que carregavam. No geral, mombélulas e mimbélulas eram um meio de transporte luxuoso, já que eram difíceis de capturar e complicadas de se domesticar. Tanto que poucas pessoas as possuíam, e mesmo o Instituto só contava com uma dezena das gigantes e pouco mais de uma centena das pequenas. Para as Incumbências, somente três das gigantes eram disponibilizadas para os alunos.

Para uso como meio de transporte, as mombélulas gigantes carregavam logo atrás de suas cabeças – por ser a parte do corpo que menos sofria com os movimentos –, uma cabine de material leve, com capacidade de acomodar até oito pessoas e um condutor. A antena era responsável pelo senso de direção da criatura, e era presa por arreios, os quais serviam para orientá-la ao voar. Toda essa aparelhagem também mostrava como a aparência frágil da mombélula era enganosa, já que ela tinha força suficiente para voar um dia inteiro, carregando muito mais do que seu próprio peso.

Naquele dia, além das três mombélulas azuis do Instituto, uma alaranjada, maior e muito mais impressionante, pousou ao lado do estrado, o que deixou todos surpresos. Os alunos do primeiro nível, que pela primeira vez viam os famosos meios de transporte do Instituto, exclamavam fascinados, junto com os mais velhos que comentavam admirados sobre a mombélula nova. Somando as reclamações revoltadas – sobre o vento vinda das meninas que tiveram seus penteados desmanchados – ao falatório geral, o

discurso do diretor desejando boa sorte para os alunos do quinto nível praticamente não foi ouvido.

— Caminha, vilashi! – ordenou rudemente o Dragão de Fogo, assim que receberam o sinal para partir, passando por Garo-lin e a empurrando para andar.

Eles desceram do estrado, sendo seguidos pelo Dragão de Raio e Kidari, sob os aplausos dos outros alunos e seguiram em direção a mombélula cor de laranja. Percebendo então que a criatura a mais não pertencia o Instituto e sim ao herdeiro Dul'Maojin, e que este dispensara o condutor assumindo ele mesmo o comando, tudo que Garo-lin conseguiu murmurar antes de subir pela escada retrátil da cabine foi:

— Inacreditável...

Depois de voarem por pelo menos meia hora, Garo-lin estava convencida de que aquela era a pior forma de deslocamento possível.

Enquanto Kidari se debruçava perigosamente sobre a borda da cabine lhe apontava, admirada, pontos distantes no chão, ela se limitava a prender-se o máximo possível em seu lugar e se segurar firmemente na barra de proteção do seu assento. Sentia algo estranho que lhe subia do estômago à cabeça e uma sensação de estar derretendo a assolava por inteira. Embora não soubesse se isso era causado apenas por estar longe do chão, se era por estar perto demais de Dragões ou se era pelos dois motivos ao mesmo

tempo, uma coisa era certa: queria imensamente que aquela viagem acabasse logo, não importando onde iriam descer.

— Garo ruim? – perguntou Kidari, parecendo perceber a situação da colega.

— Hum... – ela arriscou responder, mas a simples tentativa de pronunciar alguma coisa fez com as bordas de sua visão escurecessem.

Preocupada, a kodorin se voltou para os Dragões. Zawhart se limitou a olhar para o outro lado, como se não tivesse prestando atenção. Já o Dragão de Fogo mantinha as rédeas da mombélula firmemente presa nas mãos, enquanto encarava as duas, e Garo-lin de imediato teve um mau pressentimento.

— *Hunf* – fez ele, junto com um sorrisinho de quem pensara em algo divertido, e então voltou a olhar para frente, dando um comando e movimentando as rédeas.

Prontamente a mombélula aumentou a velocidade e começou a subir. Logo e seguida deu um giro completo no ar e começou um mergulho vertical.

Kidari gritou e se agarrou a sua proteção assustada. O Dragão de Raio também se segurou, mas não parecia perturbado com os movimentos, como alguém que já estivesse acostumado com aquilo. Garo-lin, por sua vez, chegou à conclusão de que iria morrer no segundo seguinte.

— Tudo bem? – Kidari perguntou enquanto Garo-lin se arrastava para fora da cabine da mombélula e tentava descobrir se

conseguiria descer pelos degraus da escadaria retrátil de uma maneira que não fosse despencando – Kidari ajudar.

A vilashi chegou a fazer o movimento para aceitar a mão estendida da colega, mas a risada de deboche de Dul'Maojin, contando o que fizera para os outros Dragões que o recepcionaram, perfurou seu orgulho.

— Não, obrigada. – ela agradeceu descendo corajosamente sozinha.

Apesar de cambalear e escorregar no último degrau, conseguiu se firmar novamente no solo, e nunca se sentiu tão grata por ter a sensação dele sob os pés. O mundo e seu estômago não só voltaram aos seus devidos lugares, como ela pôde enfim ter uma noção clara de onde estavam.

Aquela era a Região Central, antes das Florestas Ancestrais, nas margens do Lago T'pei um dos lugares mais antigos do território almakin, no meio do Domínio. Lá só havia uma grande cidade, Rotas, que era cercada por pequenos vilarejos. Ela era de uma importância crucial em toda a Almakia, por ser considerada como um ponto de encontro de todos os rumos, de onde se podia partir ou chegar de qualquer uma das outras Regiões.

Fora dos limites da cidade, as Florestas Ancestrais dominavam todo o lugar antes das montanhas que cercava o Vale interior, e eram locais protegidos pelos manejadores de natureza, por ser onde a maioria dos Segredos de seu almakin eram cultivados. Para conseguir manter todo esse território intacto sem sucumbir ao avanço das cidades construtoras da sua vizinha do Vale das Pedras, a região se especializara em manter fortalezas para as Grandes Famílias almakins, refúgios longe das movimentadas

metrópoles. E fora em uma dessas fortalezas que eles haviam pousado.

Era um lugar que ainda ficava distante de Rotas, onde o lago marcava o limite entre a área povoada e a densa floresta. Na margem onde pousaram, se podia ver ao longe as famosas Árvores Ancestrais – que daquela distância não pareciam grandes, mas de fato eram gigantes – maiores do que qualquer construção já feita por almagins. Criavam uma barreira natural para o vento, que raramente importunava a superfície do lago, e que davam-lhe a fama de inabaláveis. Na margem, havia uma grande construção típica da região, com edifícios de vários andares sobrepostos, cobertos por telhados que mais serviam de enfeite do que como proteção. Garo-lin reconhecia aquelas formas, já que no Instituto havia uma variedade de prédios que seguiam a arquitetura das Regiões, para agradar seus alunos diversificados e os deixar mais confortáveis com o período longe de casa. Porém, não era o momento de se impressionar, e o fato de estarem em uma das fortalezas só fazia o mistério por detrás de sua Incumbência aumentar.

Logo que a mombélula deixara de girar suas asas, o último Dragão faltante na comissão de boas-vindas, Nu’lian Gillion, descia despreocupadamente as escadarias do prédio principal. Sumerin Gran’Otto fora na frente, com se fosse a anfitriã, prontamente recebendo seus ilustres convidados. Contudo, sua atitude ao encontrar com eles não era nem de perto educada e bondosa como seria de esperar nessas situações:

— Vocês demoraram! – ela reclamou, praticamente empurrando o Dragão de Fogo para a direção das escadas. – Eu

estou com fome!

Foi naquele momento que Garo-lin se deu conta de uma coisa: não haveria uma tarefa. Ela e Kidari tinham sido arrastadas como pretexto para que os Dragões saíssem do Instituto em uma temporada nas fortalezas, sem qualquer tipo de problema e sob a fachada aceitável de uma Incumbência.

— Não pode ser... – ela murmurou descrente.

— Bonito! – exclamou Kidari, interpretando errado o que ouvira dela, pulando o último degrau para descer da mombélula e olhando admirado em volta.

— Kidari. – Garo-lin chamou, usando o tom mais baixo de voz que lhe permitisse ficar fora do alcance de audição dos Dragões, mas que ao mesmo tempo fosse pronunciável o suficiente para que a estrangeira entendesse – Não estamos em um passeio.

Kidari a encarou por um tempo e Garo-lin indicou com um gesto de cabeça seus mentores, o que fez a Kodorin se situar da sua condição e deixar de agir de forma relaxada:

— Aaaah.

E então, como se para confirmar o que ela falava, o Dragão de Fogo começou a usufruir da sua posição:

— Vilashi! Traga toda a bagagem para dentro! – ele ordenou, apontando o dedo imperativamente para ela. – Kodorin, siga o Vinshu!

Garo-lin o encarou por um tempo.

Era impressão sua ou ele a estava a tratando como se fosse uma das criadas da sua família ao invés de uma protegida?

— Algum problema, vilashi? – ele inquiriu diante da falta de reação dela.

Em resposta ela apenas movimentou a cabeça em um gesto de negação.

— Ótimo. Então mexa-se!

Em nenhum momento, ou em qualquer um de seus mais bizarros pesadelos sobre o que aconteceria depois de ter provocado a ira dos Dragões, Garo-lin imaginou que eles encontrariam uma forma perfeita de a torturarem sem que com isso de alguma forma ficassem malvistos. O que era mais perfeito para colocar uma insignificante vilashi no seu lugar do que a colocando em seu lugar? Ainda, com o acréscimo de poder dar-lhe ordens absurdas e constantes.

Do momento em que chegou à Fortaleza até o meio do dia, ela foi obrigada a carregar toda a bagagem dos Dragões – de todos eles –, limpar arrumar os quartos onde ficariam. Logo em seguida, foi informada pelo criado-chefe que tanto ele, bem como os outros que trabalhavam naquele lugar, a partir daquele momento seriam dispensados de suas funções na casa principal, e tudo estaria sob a responsabilidade dela. Ele até elaborara uma lista de instruções sobre as coisas a se fazer durante todos os dias e a entregou, satisfeito com sua dedicação aos seus senhores. Ela desenrolou a extensa lista e foi lendo os itens que estavam escritos, enquanto o criado explicava exatamente como deveriam ser limpas as delicadas peças de porcelana, esculturas e outros objetos de valor que estavam espalhados pela casa.

Apesar de aquele lugar ser chamado simplesmente como casa principal, ele estava muito além dos padrões do que Garo-lin considerava uma casa. Mesmo nunca tendo visto os palácios da Capital Real, ela pensava que essa classificação seria a mais

adequada. Só para começar, onde eles pousaram era os fundos da Fortaleza, e havia um grande espaço de gramado, com algumas árvores espalhadas. Esse gramado possuía jardins bem cuidados em suas laterais, com fontes de água e bancos embaixo de árvores frondosas. Embora essa parte da propriedade estivesse aberta ao lago, o restante era cercado por muros altos de pedra, da mesma forma que no Instituto, como um forte. Os outros prédios anexos não tinham andares, e simplesmente serpenteavam à volta do prédio principal, formando o que de cima poderia parecer um labirinto; já a fachada das construções eram simples seguindo um padrão, mas por dentro elas guardavam equivalentes muito mais amplos do que era a Sala dos Dragões no Instituto Dul'Maojin.

Pensando nisso tudo, e analisando o que via agora, uma Garo-lin desconfiada interrompeu o criado, tentando controlar seu gênio para não ser grossa com ele, já que o sujeito estava apenas cumprido ordens:

— Viu, só uma pergunta: pode me dizer exatamente a que Família pertence essa casa?

— Aos Dul'Maojin, é claro. – ele respondeu sem se preocuparem esconder o tom de orgulho. – Esta é a melhor fortaleza que existe na Região Central, desde os Campos Ventosos até as Florestas Ancestrais. Essa propriedade há gerações pertence...

E ele continuou contando uma história bonita sobre a contribuição da poderosa Família no desenvolvimento do lugar e como os pequenos vilarejos ao redor deviam muito aos benefícios que os Dul'Maojin implementaram ao longo dos anos. Mas, tudo o que Garo-lin ouvia soava apenas como uma palavra: ostentação. Assim como no Instituto, ostentação era o que não faltava ali e

agora o motivo de todo o luxo que ela encontrara no lugar desde que chegou, ficara evidente. E assim, outro muro se impunha diante dela limitando cada vez mais suas probabilidades.

Sem esperar que o criado acabasse o que estava contanto, ou concluísse a sua missão de lhe passar as instruções, ela enrolou a lista com suas tarefas e saiu sem agradecer. Fingindo que não escutara uma reclamação mal-educada e preconceituosa vinda dele sobre a sua conduta. Naquele momento, tudo o que ela queria era não bater de frente com nenhum dos Dragões, porque não tinha certeza do que seria capaz de dizer ou fazer diante da simples visão de qualquer um deles.

Por algum motivo estranho e misterioso, a condição de criada só se aplicava à Garo-lin. Kidari não só estava livre de todas as tarefas que eram impostas à vilashi, como recebera o direito de fazer o que quisesse dentro da fortaleza. As únicas regras que tinha que seguir era a de ficar dentro da propriedade e de não ajudar a colega. Apesar da kodorin estar claramente contra, Garo-lin insistiu para que ela concordasse. Kidari não era exatamente o tipo de pessoa preparada para resistir aos maltratos dos Dragões. E, ela conseguir suportar ao mesmo tempo em que teria que consolar outra pessoa, estava além de suas possibilidades. Durante toda a tarde, Kidari se manteve conformadamente afastada. Ora brincando com o gato voador – que sempre aparecia e desaparecia conforme sua vontade –, ora nos mirantes da fortaleza, observando a paisagem que para ela era diferente de tudo o que já tinha visto.

Enquanto isso, Garo-lin corria de um lado para o outro com suas tarefas.

Depois de ter limpadado todos os móveis, varrido todos os cômodos dos dois andares superiores e lavado todos os banheiros e todas as vidraças, Garo-lin seguiu arrastando os pés até um pequeno armazém lateral na saída da cozinha, onde ficava a área de serviços. Largou balde, panos, esfregão e vassoura nos lugares que os encontrou e logo depois desabou no chão.

Usando a parede de pedra fria como apoio, aproveitou o sol morno de final de tarde para descansar. Nunca trabalhara tanto na vida. Na verdade já trabalhara sim, mas nunca se sentira tão exausta como naquele dia.

Antes de ir para o Instituto, sendo a irmã mais velha, ela sempre tinha vários extras além de suas obrigações habituais. Principalmente em época de colheita, quando ela e os irmãos ajudavam seus pais, e um dia parecia ser dois. Porém, nunca fora tão esgotante, e achava que isso se devia principalmente por sua total desmotivação, já que tudo aquilo era claramente uma forma de tortura imposta.

— O que pensa que está fazendo?!

Garo-lin quase teve o almaki arrancado do corpo com o susto e se pôs de pé em um salto. O Dragão de Fogo estava na janela logo a frente dela, onde ficava a sala da lareira, adotada como o equivalente da Ala dos Dragões naquele lugar, estendido para fora e a encarando como se a tivesse flagrado fazendo a coisa mais errada do mundo.

— Alguém lhe deu permissão para parar?! – ele praticamente rosnou – Benar reclamou que os banheiros estão molhados e Vinshu

disse que em meia hora não haverá mais luz suficiente para ele ler! Trate de se mexer e depois providencie um jantar!... Se é que uma vilashi como você sabe cozinhar alguma coisa. – e saiu rindo, achando muita graça no que dissera.

Garo-lin fechou os punhos com força e se concentrou, recitando todas as linhas da Tabela Almaki para se acalmar. Quando o Dragão fechou a janela, desaparecendo de vista, ela respirou já mais calma e pensou consigo que uma coisa boa havia naquilo tudo: teria que acenderas luzes e para isso poderia manejar.

Mais animada, seguiu para dentro da casa, esticando as mãos e preparando-se para pela primeira vez cumprir uma ordem de boa vontade naquele lugar.

Capítulo 5

A fuga desesperada de Garo-lin

Aquele pedaço de tempo, em que Garo-lin se divertira passando pelos corredores e pelos aposentos manejando fogo nos portachamas espalhados pela casa principal, fora o suficiente para que ela se sentisse mais animada para enfrentar o jantar dos Dragões. Depois de finalmente poder usar suas habilidades como realmente esperava fazer em uma Incumbência, a tarefa de cozinhar não fora tão torturante.

Procurou pelos armários da grande cozinha e ficou surpresa com o que havia por lá. Duvidava que alguma vez o depósito da sua vila já estivera tão cheio como aquela cozinha. Somente com metade daquilo, sua família passaria tranquilamente por várias Tormentas Nanfan sem precisar racionar.

Mas, mesmo tendo diante de si diversas opções, só havia duas coisas que Garo-lin sabia usar para fazer refeições: tomates e batatas. Esses eram, dentro de Almakia, os principais alimentos cultivados pela sua vila. Com eles, se podia fazer massas e alimentos variados, misturando com carnes, frutas e especiarias... Coisas que ela havia aprendido com a mãe antes de sair de Godan, e que agora pareciam fazer parte de outra vida.

No Instituto eram servidos pratos elaborados para os alunos, com combinações que Garo-lin nunca imaginou que pudessem existir. Porém, de onde ela viera tudo era bem mais simples, e

preparar algo com que os paladares dos Dragões estavam acostumados era um mistério tão grande quanto os Segredos das Grandes Famílias.

Diante das opções, ela chegou à conclusão de que o máximo que poderia fazer, sem envenenar qualquer um deles – coisa que não lhe parecia de todo ruim se não fosse pelo fato de não queria dar aos seus pais o desgosto de ter uma filha pirata – era uma sopa. Então reuniu tudo o que precisava, pegou a maior panela que encontrou e se pôs a trabalhar.

Enquanto preparava o jantar e o sol finalmente se recolhia lá fora, por duas vezes Kidari passou pela cozinha, disfarçando, como se apenas estivesse interessada em conhecer o local. Em nenhum momento falara alguma coisa, cumprindo o que lhe fora ordenado. E quando finalmente o trabalho estava feito, Garo-lin o contemplou orgulhosa. O cheiro bom fez seu estômago protestar e com um suspiro ela pensou que daria tudo para ter um dos bolinhos de batata que sua mãe fazia para acompanhar. Voltando à sua realidade e deixando de devanear com saudade dos sabores de sua vila, ela respirou fundo e levou uma travessa cheia para a sala de jantar.

Como não havia outra refeição a não ser a preparada por Garo-lin, e por não serem capazes de preparar algo por conta, os Dragões tiveram que se contentar com aquilo. Mesmo com os narizes torcidos e desconfiados, depois de verem Kidari comendo e sobrevivendo a três colheradas, eles tentaram tomar coragem para experimentar o caldo vermelho com pedaços de batata. Porém, o

único que se entusiasmou incrivelmente com o prato simples, além da estrangeira, foi o Dragão de Fogo.

Vendo uma faísca de altivez despontar na expressão da vilashi ao ter seu trabalho de alguma forma reconhecido, Zawhart não se importou de quebrar o encanto com um comentário desnecessário:

— O Kris come qualquer coisa. – ele contou usando o comum tom de deboche – Até pedras serviriam se seus dentes aguentassem. Não fique se achando.

— Vilashis comem isso? – perguntou Gran’Otto, empurrando um pedaço de batata de um lado para o outro no caldo, o fazendo se desmanchar no processo.

Como se não estivesse ouvindo a opinião dos amigos, o Dragão de Fogo estendeu seu prato para ser servido mais uma vez, seguido por Kidari.

— Essas coisas verdes aqui em cima parecem sujeira. – comentou Sfairul sobre os temperos, como alguém que ainda tentava se convencer que aquilo na sua frente realmente era comestível.

Garo-lin pensou em mandá-los comer a grama dos jardins, mas o bom senso lhe impediu de colocar os pensamentos em palavras.

— Traga mais batatas, vilashi! – ordenou o Dragão de Fogo com a boca cheia, assim que devorou a última colherada que conseguiu extrair do seu prato.

Espantada, Garo-lin olhou para a travessa praticamente vazia.

Sorte que ela guardara um prato para si na cozinha – já que não tinha a mínima vontade de se sentar com eles como fizera a kodorin, apesar de ninguém lhe dizer se tinha permissão para isso ou não. Passara quase duas horas cozinhando e em questão de alguns minutos todo o seu trabalho tinha desaparecido. Foi então que percebeu porquê seu mentor fora o único a não reclamar: era mais uma forma de atormentá-la.

— Não tem mais batatas e muito menos tomates. – ela respondeu, sem conseguir esconder que aquele não era o real motivo para não cumprir a ordem.

— Então trate de plantar mais! – ele ordenou, rindo, como se fosse uma coisa óbvia a se fazer no caso.

Mesmo querendo dar uma grande e merecida resposta, Garo-lin mais uma vez tratou de engolir um xingamento e apenas deu as costas para a mesa. Pelo menos havia recebido uma ordem que lhe permitia sair da sala e se refugiar na cozinha, onde poderia bater portas e panelas a vontade, fingindo que estava fazendo alguma coisa enquanto descontava sua raiva nos objetos.

Vendo a forma como ela saiu, Dul'Maojin encarou por um tempo o corredor, como se estivesse pensando, e então perguntou:

— Ei, Vinshu. Como se planta batatas?

Diante da pergunta, os outros Dragões explodiram em gargalhadas.

— O que foi?! – ele perguntou, tentando descobrir o que tinha feito para merecer risadas ao invés de uma resposta.

— Olha Kris, – começou o Dragão de Vento. – de uma coisa você pode ter certeza: ela não vai conseguir plantar batatas em uma noite.

— É impossível? – ele perguntou, e mais uma vez eles riram.
– Só digam-me se sim ou não, droga!

Apesar de sair com a intenção de voltar para a cozinha, Garo-lin mudou de direção no meio do caminho. Percorreu toda a extensão de corredores e aposentos até chegar aos fundos da casa principal, desceu as escadarias aos pulos e então correu por todo o gramado, até chegar à beira do lago, onde só parou quando afundou os pés na água gelada. Ali, reuniu tudo o que havia acumulado naquela tarde e gritou para a escuridão:

— Vá você mesmo plantar suas batatas se pensa que é tão fácil, dragão idiota!

Diferente do seu esconderijo no Instituto, naquela fortaleza ela estava verdadeiramente perto da sua vila. Tudo o que precisava fazer era atravessar o lago, viajar pela floresta, escalar as montanhas, entrar na Região do Vale Interior e chegar a Godan... Em pensamento era tão fácil. Ultrapassando aquelas barreiras, estaria em um lugar conhecido, onde poderia simplesmente desaparecer e nunca mais ser encontrada por qualquer almakin, fosse ele Dragão ou não. Se ela não tivesse tido uma experiência ruim com a mombélula, poderia ter uma chance real de-

— Não é uma boa ideia perturbar um lago de águas calmas durante a noite.

Garo-lin gelou e por pouco não caiu tropeçando na água no seu desespero de se voltar para trás e ver quem havia falado. E, ao

reconhecer a silhueta que ela via pela luz do prédio, a sua vontade era mesmo a de se deixar afundar e nunca mais voltar.

Nu'lian Gillion, o Dragão Real, estava tranquilamente parado na margem, como se desde o começo estivesse ali, observando. Então se deu conta que ele não estava mesmo na mesa com os outros durante o jantar, o que significava que na sua corrida desabalada ela não o viu, e o Dragão provavelmente escutara o que ela gritara.

— Desculpa, e-eu estava-

Ele se aproximou, e Garo-lin esqueceu-se completamente da desculpa que formulava em sua cabeça. Enquanto avançava, a água abria espaço, e até a lama secava, permitindo que ele chegasse até perto dela sem se molhar. Não havia como escapar de um almakein manejador de água estando cercada por ela, então ela preparou-se para qualquer tipo de repreensão pelo insulto que acabara de gritar.

Porém, o Dragão apenas parou ao seu lado, olhando para a escuridão à frente, e perguntou:

— Já percebeu como o mar é imenso?

Garo-lin pestanejou com a situação. Um dos Dragões estava lhe fazendo uma pergunta? E ela não vinha em um tom de deboche, ordem ou repreensão? Sem saber direito o que fazer, ela apenas disse a verdade:

— Nu-nunca vi o mar.

O Dragão a encarou como se estivesse avaliando-a, então deu um meio sorriso e voltou a olhar para o lago, explicando:

— O mar é como esse lago, porém muito maior. Tão grande que não se pode enxergar uma margem... Ele apenas se perde no horizonte.

Ela tentou imaginar tal coisa. Tudo o que conhecia sobre geografia, sobre os mapas de Almakia e dos outros Domínios, vinha exclusivamente dos livros do Instituto, onde ela dedicava toda a parte do seu tempo que não precisava ser gasta em uma convivência obrigatória com outros alunos. Conhecia as fronteiras, sabia diferenciar o relevo e o clima das Regiões, e sabia que ao leste e sudeste do Instituto havia uma grande costa que ficava para o mar. Aquela era a Região dos Vales Superiores, um lugar de grandes penhascos rochosos, lá se encontravam as antigas fortificações do começo da história dos almakins e onde o Governo Real de Almakia vivia. E também de onde viera o Dragão de Água, sendo o único almakin nascido dentro da família real em muito tempo.

— Quando o mar está furioso, ele também grita e joga suas águas salgadas contra os penhascos, golpeando como se tivesse punhos. Mas, esse lago é tranquilo e gritar para ele só vai aumentar a sua sensação de que é ignorada... Se quiser ser ouvida, fale para alguém escutar.

E então ele saiu, fazendo com que a água voltasse ao seu lugar original, criando pequenas ondas que quebraram nas botas molhadas de Garo-lin.

Por mais que ela achasse que seria o fim do mundo, teria que concordar com um Dragão: sair correndo e gritar não iria adiantar nada.

Mas, o que ela poderia fazer?

— Ahaaa! – Garo-lin se deixou cair na sua cama, exausta demais até para se ajeitar em uma posição mais confortável para dormir.

Ao menos, nem Kidari nem ela poderiam reclamar do quarto que receberam, já que era decente. Talvez não tão apropriado para os padrões da kodorin, mas muito mais confortável e espaçoso do que o que Garo-lin tinha no Instituto. Entretanto, ela sabia que isso só aconteceu devido ao fato de existirem inúmeros quartos naquela fortaleza, e pouco importaria para os Dragões como estariam alojadas... Desde que fosse em um lugar dentro da casa principal, o mais próximo possível para atender a qualquer ordem deles e ao mesmo tempo longe o suficiente para não serem vistas.

— Desculpa. – pediu Kidari, achando que tinha uma boa parte de culpa na exaustão da colega.

— Não precisa se desculpar, Kidari. – Garo-lin deu um longo suspiro e ajeitou melhor a cabeça no travesseiro. – Se tem alguém que merece ser culpado aqui são eles.

A garota então ficou quieta, concentrada em alisar as pétalas de uma flor que ela tinha na mão.

— O que é isso? – Garo-lin perguntou, erguendo-se um pouco para poder ver melhor.

— Bonita, não é? – ela lhe mostrou feliz a flor amarela – Dragão de Metal fez escada para Kidari ter da árvore. Amarela, como olhos de Shion!

Cansada demais para raciocinar ou mesmo advertir a colega a não aceitar nada dos Dragões, tudo o que Garo-lin conseguiu fazer foi olhar para a flor por um tempo e então voltar para o seu travesseiro e adormecer profundamente.

— Desculpa, Garo. – a kodorin pediu novamente, antes de abrir o porta-chamas que iluminava o lugar e fazer com que a luz cessasse.

— Se eu ver mais uma batata ou tomate na minha frente eu volto para o Instituto, Kris! – advertiu a Dragão de Metal, assim que o grupo de Dragões entrou na sala da lareira da casa principal depois do jantar.

Gillion, o último a entrar, fechou a porta, enquanto os outros se espalharam pelo aposento, cada um fazendo o máximo para demonstrar ao líder como aquela situação estava mexendo com os nervos deles. Depois de três dias seguindo uma dieta a base daqueles dois ingredientes, a boa vontade em cooperar com o objetivo do amigo de torturar a vilashi já estava se esgotando.

— Está mais do que evidente que ela não sabe cozinhar outra coisa! – continuou a garota aborrecida. – Por que não chama pelo menos os criados da cozinha de volta?

Zawhart e Sfairul concordaram, encarando o líder com olhares ansiosos por uma resposta. Somente Gillion permaneceu tranquilamente parado, como se apenas assistisse ao que acontecia, não dando evidências de ser a favor ou contra.

— Não. – o Dragão de Fogo foi categórico.

— Por quê, Kris?! – a garota insistiu – Vamos morrer de fome!

— Não tem sentido começar uma coisa e não acabar! Esperem mais um pouco e logo ela será derrotada.

— Derrotada? – perguntou Sfairul incrédulo.

— Isso não é um jogo, Kris! – informou Zawhart. – Está nos afetando também.

— Uma hora ou outra ela terá que desistir e reconhecer o seu lugar. Até lá comam batatas e, se não conseguirem mais, tem frutas nas árvores!

— Kris, não percebe que não está dando certo? – perguntou Sfairul da sua forma ponderada, de quem tenta harmonizar a situação.

— Ela nem demonstra reação às suas ordens. Isso está se tornando sem sentido!

— Se ela não está *racinando*, quer dizer que precisamos fazer ela... Ra-raci... Vocês entenderam!

Vendo que não haveria como convencê-lo do contrário, eles se contentaram em estabelecer um esquema para irem aos prédios anexos onde estavam os criados, e conseguir alguma coisa decente para se comer por lá. Já Dul'Maojin sentou em sua poltrona e se concentrou em formular novas maneiras de fazer com que a vilashi tivesse a reação que ele esperava. Gillion preocupou-se em ir até a janela e verificar o céu lá fora, e informar para quem quisesse ouvir:

— Hoje a noite irá chover.

Decidida, Garo-lin enfrentou aqueles dias como nunca imaginou que conseguiria enfrentar. Começou a usar a simples tática que já havia aprendido no Instituto: se esquivar. Ouvia as ordens e as cumpria, sem reclamar e procurava ficar a maior parte do tempo

fora do caminho deles. Se algum Dragão implicava com alguma coisa, ela fingia que escutava e depois saía, como se nada tivesse acontecido. Sim, havia feito um juramento de obedecer às ordens do Dragão de Fogo. Mas, pelo que sabia seriam ordens relacionadas à sua Incumbência e aquilo definitivamente não era uma.

Porém, agir como se ignorasse e desse pouca importância para o que Dul'Maojin ordenava, servia para que o Dragão se dedicasse cada vez mais a sua ocupação de fazê-la ficar irritada. Vendo que apenas ordenar tarefas pesadas e cansativas não estava mais dando resultados, ele começara a monitorar seus passos, fazendo comentários e a provocando em qualquer oportunidade. Fazia questão de atrapalhá-la o máximo possível e sempre reclamava do que já estava feito, obrigando-a a fazer de novo.

Entre as afrontas, não demorou muito para que ele descobrisse o que podia abalar a determinação da vilashi, mesmo ela não demonstrando e tentando manter-se indiferente.

Cada vez que o Dragão não limitava suas ofensas a sua pessoa, e as extendia à sua origem e para os vilashis como um todo, Garo-lin sentia algo algo ferver dentro dela e lutar desesperadamente para sair. Era impossível alguém não notar como ela ficava vermelha, olhava fixamente para um ponto e aumentava o ritmo do que estava fazendo, como para compensar o fato de não poder reagir. Com isso o Dul'Maojin realmente estava conseguindo esgotar a paciência da sua protegida, deixando-a a ponto de explodir.

Então, na manhã depois da tempestade a situação chegou a um ponto crítico.

Na noite anterior chovera e ventara forte, e na manhã seguinte se podia ver um cenário desesperador do lado de fora das janelas. Sem o devido cuidado dos criados experientes que eram responsáveis pelos gramados e jardins em volta da casa principal, esses estavam cobertos de folhas e galhos trazidos da floresta durante a noite. Da mesma forma, os telhados haviam recebido uma camada de folhagens molhadas, que deveriam ser retiradas antes que o sol as cozinhasse e as fizessem soltar um cheiro desagradável. Ao ver pela janela o tamanho das folhas que se espalhavam pelo gramado, Garo-lin concluiu que o seu trabalho naquele dia seria proporcional a elas. Sabendo o que deveria fazer, sem ser ordenada começou cedo a limpeza, decidindo iniciar pelas calçadas de pedras e as escadarias, para trabalhar longe da casa principal quando os Dragões acordassem.

Porém, como se tivesse previsto isso, não demorou muito para o Dragão de Fogo surgisse de dentro da casa e se sentasse na escadaria, acima dela, vigiando seus passos, enquanto brincava de jogar uma maçã nas mãos.

— Se continuar nesse ritmo não vai terminar a tempo! — ele advertiu, dando uma grande mordida na fruta, parecendo imensamente satisfeito pelo tempo ter providenciado aquela tarefa difícil para ela.

Para tentar não prestar atenção no que ele dizia, Garo-lin começou a cantar mentalmente uma das suas canções preferidas de sua vila, lembrando-se de alguns passos que costumava fazer com seus irmãos e amigos quando era menor.

Em sua vila agora, já estaria chegando o tempo de se fazer a colheita. Assim que todo o trabalho estivesse feito e tudo bem

armazenado e protegido para enfrentar o frio, começariam os preparativos para o maior festival que havia em Godan. Era uma festa aonde se aproveitava o máximo a convivência com as outras pessoas da vila, já que o vento e a neve obrigariam a todos a permanecerem dentro de suas casas protegidos. Mesmo estando a quase seis anos longe de casa, Garo-lin ainda sabia dizer quando esse tempo estava próximo. E imaginar o que deveria estar sendo feito era uma distração que ajudava a enfrentar as piores coisas sendo uma almakin.

Ela olhou para as copas das árvores ao longe depois do lago, e pensou que seu almaki poderia ser algo mais útil, que a pudesse fazer voar. Assim, sairia dali e poderia voltar para o seu lugar, mesmo que fosse por um só dia.

— Está ouvindo, vilashi?!

O rosnado do Dragão, bem perto dela, cortou seu pensamento e a fez voltar para a realidade. Sem perceber havia parado de varrer e se perdido em seus pensamentos. Notando isso, Dul'Maojin descera as escadas e fora até ela para saber qual era o problema.

— Será que nem algo simples assim você consegue fazer? Preciso espalhar batatas pelo chão para que saiba onde precisa passar a vassoura? – ele jogou a maçã meio comida aos pés dela.

Garo-lin voltou a varrer fingindo não ouvir o que ele estava falando, mas não conseguia evitar e arrastava a vassoura com mais força.

— Está me ouvindo? – ele rosnou e chutou o balde com as folhas que ela já havia recolhido, fazendo com que o conteúdo fosse todo espalhado. – Quando o Dragão de Fogo pergunta você

responde, vilashi! Agora faça direito dessa vez! – ordenou, apontando para o chão novamente repleto de folhas molhadas. – Não sei como vocês vilashis fazem nas suas tocas, mas nós almakins não fazemos nosso trabalho pela metade! Se os inúteis dos seus pais não tiveram a oportunidade de aprender coisas assim por serem quem são, pelo menos você deve aproveitar a chance de estar no Instituto Dul'Maojin e se sentir honrada de nos ter como exemplo!

Garo-lin ouvira mais do que poderia aguentar. Não importava se era ignorada no Instituto ou tratada como uma escrava ali. Estava se mostrando forte e superando suas expectativas em aguentar aquele tormento. Mas falar sobre sua família e sua vila, como se fossem apenas vermes dentro da orgulhosa sociedade almakin, era uma coisa que não toleraria.

Então, rangendo os dentes, ela estourou em um grito:

— **Cale a boca!**

O Dragão de Fogo a encarou, não acreditando na audácia que acabara de presenciar.

Garo-lin sabia que estava jogando fora todo o seu bom senso, mas naquele momento não se importou. Respirou fundo, jogou a vassoura com força no chão e disse com toda a dignidade que sabia possuir:

— Quem são os inúteis aqui?! Desde quando almakins fazem algum trabalho?! Vocês não fazem nada além de achar que são os donos de tudo e de todos! Não me importa se você é o herdeiro Dul'Maojin e a droga do seu título de Dragão de Fogo! – ela avançou o enfrentando e, mesmo tendo a desvantagem em tamanho, o fez recuar. – **Não tolero que fale dos meus pais! Sou uma vilashi sim e tenho um orgulho imenso disso! Não vai ser um**

convencido-cheio-de-si como você que vai conseguir me fazer pensar o contrário!

O barulho e os gritos dela foram o suficiente para fazer com que Kidari e os outros Dragões corressem para as janelas e fossem conferir o que estava acontecendo. Eles chegaram a tempo para ver uma Garo-lin furiosa reunir toda a sua raiva acumulada daqueles últimos tempos e a concentrar no seu punho fechado. Então, com um pulo para compensar a diferença de altura, ela fez o que nunca ninguém ousara fazer antes:

— **Se quer ser respeitado aprenda primeiro a respeitar, Dragão idiota!** – e deu um soco no nariz do Dul'Maojin, fazendo com que ele perdesse o equilíbrio e caísse para trás.

Ofegando, e ainda em pose de ataque com que voltara ao chão, Garo-lin viu algo que nunca imaginara ver: o grande Krission Dul'Maojin a encarando de um plano inferior, perdido e assustado como se o seu mundo tivesse desabado junto com ele.

Porém, quando o nariz dele começou a sangrar, foi como se algo voltasse ao lugar na cabeça dela, e a vilashi se deu conta do que havia feito. Acabara de atacar o grande Dragão de Fogo e isso era praticamente como se tornar uma inimiga declarada de toda a Almakia. Ela olhou para as escadarias acima e viu que os outros Dragões e Kidari testemunharam tudo o que havia acontecido.

Entendendo que aquele era seu fim ela fugiu correndo, sem pensar duas vezes.

Nas outras vezes em que pensara naquilo, não passava de uma ideia absurda e imprudente. Mas, diante do que havia acontecido, sequestrar a mombélula e voar para longe era agora sua única opção. Sem saber direito o que fazer, Garo-lin soltou as correntes que prendiam o animal e desceu a escada retrátil, subindo o mais rápido que pôde, mesmo com as mãos tremendo de nervosismo e com os pensamentos correndo de um lado para o outro em sua mente sem conseguirem tomar uma forma definida. Tudo o que ela conseguia fazer no momento era seguir aquela ideia fixa de fugir para bem longe, e quando estivesse em segurança decidiria o que quer que fosse preciso decidir.

Assim que pegou as rédeas da mombélula, a criatura ficou atenta, e começou a girar suas asas, fazendo aquele zunido característico de seu voo. Tentando se lembrar de como Dul'Maojin a conduzira quando saíram do Instituto, Garo-lin puxou-as para trás, na esperança de que isso soasse como uma ordem para ir. E funcionara, a mombélula começara a subir do chão. Porém, no mesmo instante a cabine balançou e Garo-lin procurou em volta para ver o que tinha acontecido.

Sentiu como se um golpe gelado atingisse seu estômago quando viu o Dragão de Fogo agarrado à escada que ela se esquecera de recolher.

Como se não ligasse para o fato de já estarem distantes do chão, onde uma queda seria fatal, ele usou todas as suas forças para escalar a escada, não parecendo ter medo em cair. A expressão raivosa dele, somada ao sangue que escorria e pingava do seu rosto, deixou Garo-lin apavorada, e mais uma vez ela puxou as rédeas, impulsionando a mombélula para frente a toda velocidade.

— Pare agora! – ordenou Dul'Maojin, conseguido se agarrar na lateral da cabine, apesar de ter escorregado com o impulso da criatura.

Garo-lin não olhou para trás e segurou mais firmemente as rédeas na mão, incentivando a mombélula a ir mais rápido, já quase conseguindo vencer a extensão do lago e chegando à floresta.

— Você não sabe conduzir, Vilashi! – ele rosnou e no mesmo instante a criatura empinou, mudando de direção, indo para baixo.

— Cla-claro que sei! – teimou e desviou de uma das árvores gigantes, mas acabou perdendo altitude, e despencaram entre as copas mais baixas da floresta.

— Pare agora! – ele exigiu, quando a cabine começou a trepidar pelos impactos consecutivos com galhos, que também o atingiam. – A cabine não vai aguentar muito tempo!

— Não! – ela gritou mais uma vez e se abaixou para desviar de um galho, automaticamente levando as rédeas consigo e fazendo com que a mombélula empinasse novamente, zunindo para cima, se elevando tão distante quando Garo-lin jamais estivera do chão.

— **Vai nos matar!** – o berro do Dragão de Fogo saiu com uma nota inconfundível de pavor, como uma sentença, enquanto seus pés pendiam para fora da cabine, ficando preso nela somente com as mãos.

Mesmo tendo que admitir para si mesma que estava desesperada com a situação, Garo-lin tentou ao máximo manter consciência de que estava guiando. Corajosamente, fez um laço em volta de umas das mãos, para que o arreio se mantivesse firme, e com a outra agarrou um ponto mais a frente dele. Então se deixou cair para trás, conseguindo assim com que a mombélula fizesse uma

meia volta e se direcionasse para o chão. Com o movimento brusco, Dul'Maojin foi lançado para dentro da cabine e rolou até parar na extremidade da frente, colidindo com força no assento do condutor, enquanto Garo-lin parou no ar alguns instantes e então voou para fora da cabine. Gritando como nunca gritara na vida, ela se agarrou com todas as suas forças ao laço, a única coisa que ainda a mantinha ligada a mombélula, que se direcionava perigosamente e a toda velocidade para o lago. Ela olhou para cima e viu o Dragão se movimentar para além da cabine, tentando alcançar os arreios. Mas, eles estavam longe demais e a criatura era muito veloz para dar tempo de fazer qualquer coisa. Então, sem esperanças, ela fechou os olhos e esperou pelo impacto.

Mas ele não veio.

De repente, o movimento mudou para o lado e o seu corpo foi puxado violentamente junto. Com os braços ardendo de dor e as mãos adormecendo, ela abriu um olho e viu de relance o Dragão puxando a antena da mombélula, fazendo com que ela mudasse de direção e diminuísse a rotação das asas. Então, suas pernas se chocaram dolorosamente e o susto a fez perder o restante de forças que tinha em se agarrar. Caiu se arrastando no lago, espalhando água até perder toda a velocidade.

A última coisa que viu foi Dul'Maojin gritando alguma coisa e então seu corpo afundou.

E tudo ficou escuro.

Capítulo 6

Dragão Real

— **Incrível!**

Garo-lin ouviu a voz que parecia vir de longe, e foi difícil entender e ligar aquele sotaque com o de Kidari.

— Que parte exatamente foi incrível? – perguntou o Dragão de Raio da sua maneira arrogante, como se ela tivesse falado uma bobeira.

— A parte que ela estupidamente tentou fugir com a mombélula, a parte das acrobacias, a parte em que ela ficou pendurada, a que ela caiu no lago ou a que ela quase se afogou? – Sfairul esclareceu as opções.

Kidari demorou um pouco para responder, como se estivesse escolhendo, e então falou, com Gran’Otto lhe fazendo coro:

— Tudo!

Aquele diálogo rápido fez com que Garo-lin se lembrasse do que tinha acontecido.

Por algum milagre estava viva. E alguma coisa lhe dizia que não deveria abrir os olhos agora se quisesse continuar assim.

Ela sentia todo o corpo dolorido, principalmente as mãos, os braços e as pernas, e suas vestes estavam ensopadas. Uma sensação aguda lhe incomodava a cabeça, e parecia percorrer o seu corpo inteiro em pequenas pulsações, causando uma leve dormência. Conforme voltava a sentir claramente cada parte de si,

percebeu que a dor diminuía a cada pulsação, como se algo estivesse colocando tudo em ordem, e isso só podia indicar uma coisa.

Ela disfarçadamente abriu um pouco de um olho e conseguiu distinguir uma cena: Zawhart tinha uma mão estendida na frente do seu rosto, e Kidari estava ao seu lado, prestando atenção em tudo o que ele fazia.

— Sorte que o Kris pulou atrás dela. – comentou a Dragão de Metal. – Se ele e Nu’lian não tivessem agido rápido, somente o Vin não iria conseguir curá-la.

Ela tinha ouvido direito? O Dragão de Fogo pulara atrás dela no lago? Daquela que lhe dera um soco e logo em seguida tentou fugir roubando sua mombélula? Um vilashi insignificante que ousou enfrentá-lo?

— Foi puro *extinto!* – Dul’Maojin falou, como se estivesse se defendendo.

— Sim, espécies como você estão mesmo em extinção, Kris. – riu Sfairul, e foi acompanhado pelos outros.

— Vocês entenderam o que eu quis dizer! *Aaa!* Tenha mais cuidado, Sumer!

— Desculpa. – ela cantarolou, não parecendo alguém preocupada com o que quer que tivesse feito com a integridade do Dragão.

Não conseguindo evitar a curiosidade em ver o que estava acontecendo, Garo-lin abriu mais um pouco os olhos, e foi quando percebeu que alguém notara que ela já estava acordada e a encarava:

— Bom dia. – cumprimentou o Dragão Real, assustando-a.

— Pronto! Ela está viva e fingindo. — Zawhart parou de usar seu almaki de cura e deixou claro que ela não o merecia mais.

Ela ergueu-se com dificuldade e, pelo pouco que conseguiu entender em um instante, observou que todos estavam reunidos às margens do lago. Gillion e Kidari ao lado dela, Sfairul junto com a mombélula pousada, segurando seus arreios. Gran’Otto estava com Dul’Maojin que agora era examinado pelo Dragão de Raio. Entretanto não conseguiu ver mais do que isso, já que Kidari a abraçou tão forte que mal conseguiu reunir ar suficiente para pedir para que ela a soltasse:

— Garo! Kidari preocupada!

— Se continuar a apertando assim ela vai desmaiar de novo.
— Zawhart alertou, e conseguiu com que a kodorin a libertasse, trocando a expressão feliz por uma alarmada.

Assim que pôde voltar a respirar, Garo-lin olhou para aquele que não queria ver, mas que não podia evitar.

Krission Dul’Maojin estava sentado no gramado um pouco a frente, sem a parte de cima das vestes, usando as mangas da mesma para tentar estacar sangramento do nariz, enquanto a amiga ajoelhada ao seu lado fazia um curativo no seu ombro. Se não fosse por todo o contexto da situação, seria até cômico o ver naquele estado, pingando água, com seu pomposo cabelo que sempre se mantinham orgulhosamente saltado para todos os lados, reduzido a camadas escorridas e grudadas em sua testa, cobrindo parcialmente sua visão. O ferimento provavelmente acontecera no momento em que ele caíra e se batera dentro da cabine, e ele também tinha vários arranhões pelos braços e pelo rosto, causado pelos galhos da

floresta. Somando isso tudo ao que acontecera, Garo-lin tinha certeza de que aquele seria o último dia da sua vida.

Contudo, ao invés de pulverizá-la com seu almaki de primeira ordem como ela esperava, o Dragão de Fogo apenas fingiu que não estava prestando atenção nela, e voltou a reclamar de alguma coisa que a Dragão de Metal estava fazendo de errado com seu ombro.

— Não se preocupe. — ela ouviu a voz calma do Dragão Real ao seu lado, e viu que ele lhe estendia a mão. — Está tudo bem.

Aquele Dragão também estava molhado, confirmando o que ouvira de que ele ajudara no seu salvamento do lago, mas não ensopado como ela estava. Provavelmente ele manejara seu almaki além das suas possibilidades, não conseguindo conter toda a água. Se isso fosse uma prova dentro do Instituto, provavelmente não teria conseguido impressionar seus mestres, já que uma das condições mais básicas de ser um bom manejador é nunca ter resquícios do elemento manejado. Garo-lin sabia muito bem disso e, sendo uma almakin com poder de terceira ordem, nem sempre ela conseguia manejar fogo sem chamoscar os cabelos ou alguma parte da roupa.

O Dragão de Água ter feito algo que não correspondia ao seu título não foi o que prendeu a atenção dela. A mão estendida a sua frente, claramente lhe oferecendo ajuda era algo totalmente fora do normal. Não sabendo que reação ter perante daquilo, e principalmente não sabendo o que aconteceria dali por diante, ela olhou para Kidari, que sorriu como se confirmasse que não precisava se preocupar. Então, induzida por isso, aceitou a oferta e, com a ajuda de Gillion e de Kidari, ela se levantou do chão e foi levada de volta para a casa principal.

Mesmo sabendo que não deveria, não resistiu a olhar para trás no meio do caminho, e novamente viu Dul'Maojin fingir que não estivera a observando se afastar.

— Vocês chegaram correndo à margem do lago e viram a mombélula subir no céu ao longe? – Garo-lin perguntou, verificando se havia entendido mesmo tudo o que Kidari estava tentando lhe contar da forma mais clara possível, fazendo ligação com o que sabia que tinha acontecido.

— *De.* – confirmou Kidari.

— Depois, antes de se chocar com o lago ela mudou de direção e voltou para a fortaleza?

— *De.*

— Quando estava quase perto de vocês eu cai na água e afundei.

— *De.*

— E depois?

Ela pensou um pouco, organizando as palavras que deveria usar, e contou com muito esforço e gestos para ajudar:

— Garo afundou. Krission pulou afundou também. Nu'lian correu usou almaki. Água fez abrir assim. – ela imitou o movimento que as águas fizeram, o que para Garo-lin pareceu a mesma coisa que ele havia feito na primeira noite na fortaleza, mas em uma proporção maior – Daí Garo Krission apareceram. Garo não estava acordada. Krission carregou Garo até a grama. Benar fez mombélula voltar. Sumerin Vinshu ajudar.

Mesmo Garo-lin sabendo que para Kidari era mais fácil chamar as pessoas por seus nomes, principalmente quando precisava se concentrar em explicar, a ouvir pronunciar os nomes dos Dragões era estranho.

Primeiro porque eles tinham títulos únicos, e todos os que estavam abaixo deles deveriam se referir a eles sob essa forma, fato que se aplicava a toda a Almakia. Segundo porque os únicos que os chamavam pelos nomes eram eles mesmos e suas famílias. Terceiro que ouvi-la os chamando pelo nome passava a ideia de que ela fazia parte do grupo de Dragões, e isso não podia ser considerado como a melhor coisa do mundo. Mas aquele não era um momento ideal para explicar formalidades para a amiga. Garo-lin tinha coisas muito mais preocupantes para ocupar sua mente.

Depois de poder se lavar, colocar roupas secas e verificar que seus ferimentos eram coisas mínimas, já que o pior fora curado pelo Dragão de Raio, Garo-lin precisava saber dos detalhes do que acontecera enquanto esteve desacordada. Não era possível, depois de tudo o que tinha feito, as coisas ficarem como se nada tivesse ocorrido. Afinal, socara o Dragão de Fogo e tentara fugir. Quase se afogara no lago e fora resgatada por ele e seus amigos. Alguma coisa estava muito errada com aquela realidade e tinha que descobrir o quê.

— Como... Como sai do lago?

— Krission pegou Garo assim e trouxe.

Garo-lin queria ter a capacidade de se afundar na cama e nunca mais precisar sair. Pelos gestos de Kidari, ela havia sido carregada pelo Dragão de Fogo, coisa que podia ser confirmada já

que suas vestes estavam manchadas de sangue, que só podia ter vindo do nariz dele.

Envergonhada só de imaginar a cena, o buraco em que ela se sentia cair aumentava ainda mais com o pensamento de ter que admitir que Krission Dul'Maojin salvara a sua vida. E não havia uma saída daquela situação, já que tudo isso fora provocado por ela mesma. Teria que arcar com as consequências. Agora, mais do que ter um juramento almaki com o Dragão de Fogo, ela estava condenada por dever a vida para ele segundo os próprios valores do seu povo. Para os vilashis, promessas eram algo muito importante e, nesse caso, mais importante do que tudo.

— Kidari, por que não me deixaram simplesmente afundar naquele lago?

— *Ani!* – ela exclamou assustada, na sua língua – Não, Garo-lin! Olha... – ela tentou pensar em algo que pudesse animá-la de alguma forma – Krission mandou criados voltar! Não mais comer batatas! Garo não limpar mais! Kidari pode ficar com Garo agora! Shion também! O gato, que até aquele momento estava deitado na janela nem um pouco preocupado com o que acontecia ali dentro, virou as orelhas para elas ao ouvir seu nome ser pronunciado.

— Nu'lian disse que vai ficar bem. – ela acrescentou, quase chorando – Nu'lian bom Dragão. Garo não vai afundar no lago.

Garo-lin soltou um grande suspiro cansado e se virou para o lado, cobrindo a cabeça com as cobertas.

Não queria ver Kidari chorar. Uma parte dela se sentia feliz em perceber o quanto a garota se importava com ela e se mostrava preocupada. Desde que a ajudara a desorientada Kidari Chanboni no seu primeiro dia no Instituto até agora, finalmente ela sentia que

podia a considerar não apenas como uma colega, mas como uma amiga. Porém, não podia aceitar ela falando que os Dragões eram boas pessoas quando sabia que eles não eram... Mesmo que eles tivessem salvado sua vida.

Garo-lin ficara aquele dia inteiro deitada.

A princípio, dormiu de verdade, como seu corpo exigia. Mas, assim que se sentiu recuperada, fingia que estava dormindo, querendo ao máximo adiar a hora de ter que sair do refúgio daquela cama e enfrentar os Dragões. Não tocara em nada que Kidari lhe trouxera para comer – apesar de tudo cheirar deliciosamente bem depois de uma temporada de batatas – e teimosamente não atendia aos seus chamados.

De madrugada, quando teve certeza de que a amiga dormia, Garo-lin se levantou silenciosamente e caminhou nas pontas dos pés até a porta. Quando a abriu, Shion virou os seus olhos brilhantes para ela, mas não disse nada e logo voltou a recostar a cabeça nas patas. Se o que acontecia a sua volta não tivesse influência direta em Kidari, ele não parecia se importar.

Da mesma forma, em silêncio, ela caminhou pelos corredores.

Depois de ter andado por eles por tanto tempo limpando e arrumando, não precisava de luz para se orientar. Mas, para prevenir, resolveu fazer uma coisa que nunca fizera antes: usou seu almaki sem permissão. Em apenas um dedo, manejou uma chama

pequena, com luz suficiente para que ela distinguisse o que estava a sua frente. Não precisaria mais do que isso.

Sua intenção era ir até a cozinha e procurar alguma coisa para comer. Saindo assim à noite não teria perigo de ser flagrada por um criado ou mesmo por um Dragão. Bastava somente-

— Está melhor?

O coração de Garo-lin quase saiu pela boca, mas ela teve bom senso o suficiente para tapá-la, antes de fazer qualquer barulho. Assustada, virou e deparou-se com o Dragão Real parado atrás dela, como se fosse perfeitamente normal zanzar pela casa em plena madrugada e seguir sorrateiramente outras pessoas que faziam o mesmo.

— Você não dorme?! – ela perguntou de forma rude, tanto pelo susto quanto pelo alívio de não ser o Dragão de Fogo, e se arrependeu logo em seguida.

Em resposta, ele apenas sorriu e Garo-lin pestanejou diante dele, sem perceber que deixara a boca abrir, já que não conseguia definir uma reação para ter.

Aquele *está tudo bem* que ele lhe dissera naquela tarde ressonou na sua mente, junto com o Nu'lian bom Dragão de Kidari.

Realmente, dentre os cinco, Gillion não se encaixava direito na ideia de Dragão que Garo-lin tinha. Zawhart era arrogante e não se importava com ninguém que ele achava não merecer sua atenção. Sfairul não demonstrava muito suas opiniões, e sempre estava de acordo com que os amigos faziam. Gran'Otto vivia no seu mundo sendo protegida e mimada pelos outros, tendo todos os seus pedidos prontamente atendidos. Dul'Maojin era um idiota completo, o pior tipo de pessoa que ela conhecia... Já o Dragão Real, parecia

sempre estar com a cabeça em outro lugar, fazendo parte dos Dragões, mas ao mesmo tempo pertencendo a um mundo paralelo, sem qualquer relação com aquele.

Logo que conheceu os Dragões, Garo-lin o classificara como triste, pois raramente o via rindo com os outros, fosse em uma diversão saudável ou maltratando alguém... Não que realmente se importasse com o fato dele sorrir ou não.

Mas agora, com ele parado à sua frente, depois de tê-la ajudado e a tranquilizado naquela tarde, havia um panorama totalmente novo ligado à pessoa de Nu'lian Gillion. E pela primeira vez ela pôde ver além do título de Dragão e notar que aquele não era um sorriso triste, mas um sorriso de alguém que parecia ainda estar aprendendo a sorrir.

— Está com fome? – ele perguntou, arrancando-a de seus pensamentos.

Como se fosse um ser vivo urrando de alegria por alguém o ter notado, o estômago de Garo-lin respondeu com um ronco alto.

Envergonhada, ela agarrou a barriga e não teve como fingir que não tinha acontecido:

— Um pouco.

— Vamos. Vou retribuir pelas batatas dos últimos dias.

Assim que o Dragão depositara um prato com um cheiro bom à sua frente, Garo-lin teve que engolir toda a descrença que tivera quando ele lhe disse que iria cozinhar. Certo que não era um prato que refletia o nível do herdeiro almakin da Família Real que o

prepara, e que ele usara os restos de comidas que os empregados haviam preparado naquele dia, mas... Estava faminta e aquela mistura poderia entrar em sua classificação de as melhores que já provara na vida.

No começo tentou comer da forma moderada e educada de um almakin, como fora condicionada no Instituto. Porém logo a fome venceu a disciplina imposta e ela voltou aos seus velhos hábitos vilashi, e o Dragão não pareceu se importar com isso. Pelo contrário, sentado à sua frente ele até se divertia observando a forma que ela praticamente enchia a boca até não poder mais para então resolver mastigar alguma coisa.

— Não precisava ter saído durante à noite para comer escondida. – ele disse. – Sua amiga levou comida para você no quarto.

Ela o olhou, ainda mastigando e sem condições de responder. Mesmo assim pensou em algo para dizer, que não soasse como um *estou sendo teimosa porque não consigo lembrar do que aconteceu sem querer me jogar de cima de uma árvore gigante*. Ela engoliu o que tinha na boca e então começou a girar o garfo nos dedos, tentando começar a dizer algo.

— Sobre... – ela começou, escolhendo as palavras. – Sobre hoje... Obrigada por me ajudar... E obrigada pela comida... Mesmo eu...

— Mesmo você sendo uma vilashi. – ele completou.

— É.

— Realmente pensa que tudo isso é pelo fato de você ser uma vilashi?

Garo-lin o encarou, não entendendo a pergunta.

Naquela noite em que correria para o lago, ela percebera que o Dragão Real não falava as coisas de uma forma direta. E essa pergunta parecia ter um significado muito mais amplo do que o aparente. Porém, a única resposta que ela conseguiu dar foi outra pergunta:

— E seria por outra coisa?

Ele ponderou por algum tempo e então chegou a uma conclusão:

— Você foi uma vilashi corajosa.

— Eu não chamaria exatamente de coragem o que eu fiz. — ela soltou com um suspiro descrente.

Ele se recostou na cadeira e começou a contar, como se estivesse falando de algo simples, como o tempo lá fora:

— Sumerin acha que você fez bem, apesar de ter exagerado ao tentar fugir. Benar disse que finalmente alguém conseguiu responder Krission à altura. Vinshu acha que vão expulsá-la do Instituto assim que souberem o que aconteceu... Eu acho que você foi corajosa. Pelo que o Kris contou sobre a viagem do Instituto até aqui, você tem medo de altura, não é mesmo?

— Hum. — ela fez, concordando, apesar de não ter exatamente certeza disso, já que havia vários fatores naquele dia que poderiam ter contribuído para tornar aquela viagem ruim.

— Além da coragem de enfrentar o Dragão de Fogo, você enfrentou um medo seu, e o superou para conseguir fugir... Chamo isso de coragem.

E mais uma vez ele sorriu. Dessa vez Garo-lin não conseguiu o olhar diretamente, e voltou a sua atenção para o prato de comida, fingindo que o comentário não a atingira de forma alguma.

— Bom, infelizmente coragem não dura para sempre. — ela voltou a comer, tentando quebrar aquela sensação. — A minha foi trocada por medo no segundo em que a mombélula começou a voar.

— Medo também é uma coisa boa. — ele disse pensativo, e então se levantou, colocando a cadeira cuidadosamente no mesmo lugar que estava antes dele sentar. Caminhou calmamente para a porta, mas parou antes de sair, dizendo:

— Você não é a única a ter medo depois do que aconteceu hoje... Boa noite, Garo-lin.

E saiu, como se tivesse apenas passado ali para falar um pouco com ela e agora precisasse retomar seu caminho.

Mesmo depois de ter terminado de comer e estar satisfeita, Garo-lin ainda permaneceu um tempo encarando a pequena chama que havia feito antes de encontrar o Dragão no corredor, e que colocara dentro de um copo na sua frente. Grandes coisas lhe aconteceram naquele pequeno período de tempo, mas a única realmente boa, fora a pequena conversa com o Dragão Real. Agora se sentia mais calma e confiante em dormir bem o restante da noite e acordar no outro dia para enfrentar o que quer que fosse acontecer. Também não pôde evitar sorrir, diante do fato de pela primeira vez em anos alguém, além de Kidari, chamou-a pelo nome. Talvez ela tivesse que concordar com a amiga: Nu'lian Gillion poderia ser um bom Dragão...

Apesar de ter ido dormir mais animada, achando que o pior já tinha passado, o fato de ter ficado mais calma foi que a fez se dar

conta de uma coisa: estava doente.

Esgotada pelos dias de trabalho, não se alimentando direito, com os nervos provocados pela briga e o extra do mergulho nas águas geladas do lago, foram motivos suficientes para que ela sentisse os sintomas típicos de um resfriado assim que acordou. Seu nariz estava irritado e uma dor incomoda pressionava o meio do seu rosto, não permitindo que pensasse direito. Mesmo o Dragão de Raio tendo tratado de seus machucados, nem mesmo ele poderia prever um resfriado diante de toda a comoção do que acontecera. Porém, não queria novamente recorrer à ajuda do Dragão curador, podia muito bem se cuidar sozinha, como sua mãe lhe ensinara e como já cuidara tantas outras vezes de si mesma e de seus irmãos quando estavam doentes. Sabia o que tinha no armário da cozinha e só precisava ir até lá preparar a receita de xarope. Tomando aquela combinação de ingredientes, bebendo muita água, e descansando por um tempo, logo estaria boa o suficiente para sair das cobertas sem machucar ninguém. Já havia feito isso no Instituto e quando ainda morava em Godan, e não era mais tão difícil como quando era criança.

O problema seria fazer tudo sem que ninguém a visse, para que não precisasse dar explicações.

Não havia dificuldades em passar pelos criados, já que eles podiam simplesmente deduzir que o que ela estava cumprindo uma ordem. Mas, não teria uma desculpa que fosse suficiente convincente para um dos Dragões.

Então, esperou até o momento em que a casa estava mais silenciosa, e andou cuidadosamente para a cozinha. Não queria ser surpreendida como na noite anterior e, para seu alívio, nenhum

deles parecia estar dentro da casa principal. Também não havia nenhum criado na cozinha, já que todos estavam mobilizados em limpar os telhados e a tarefa poderia levar bastante tempo. Mesmo assim, ela se movimentou o mais rápido que seu corpo instável o permitia, para que pudesse voltar logo para o quarto e ficar quieta até aquilo passar.

— O que está fazendo?

Garo-lin deixou o copo de vidro cair no chão e ele quicou duas vezes antes de se espatifar espalhando todo o xarope meio preparado no chão.

Estava tudo indo perfeitamente bem demais para que durasse muito.

Desesperada por não ter para onde correr sem cortar os pés, Garo-lin se abaixou para juntar os cacos de vidros e com isso tentar disfarçar sua situação, enquanto o Dragão de Fogo encarava o estrago e a sujeira dizendo em tom acusador:

— Finge que não está com fome para não comer o que mandamos pela kodorin e fica assaltando a cozinha pelas nossas costas?!

Se segurando para não fazer a besteira de enfrentar o Dragão novamente, já que descobrira da pior forma que não valia a pena, ela aparentou estar concentrada demais em suas mãos, tentando ao máximo não demonstrar como seu nariz estava incomodando.

— É assim que agradece quem salvou sua vida, vilashi? Ignorando?

Invocar sua dívida daquela forma, naquela situação, era demais para ela ouvir calada. Pôs-se de pé e despejou tudo o que

juntara na mesa junto com os ingredientes que estava usando, e então retrucou:

— Como se eu tivesse pedido para ser salva por você! – e tentou sair da cozinha, passando corajosamente ao lado dele.

Porém, o Dragão não parecia ter desistido da sua tentativa de tornar sua vida mais miserável do que já estava, e fechou o caminho, não a deixando passar:

— Desde quando tem permissão para ser mal agradecida, vilashi?! Por que está saindo? Vai deixar as coisas aqui simplesmente como estão?

Vendo que não conseguiria atravessar, Garo-lin se esquivou para a outra porta que levava para o pátio. Infelizmente estava se sentindo pesada demais para conseguir ser suficientemente rápida e o Dragão novamente conseguiu barrar seu caminho.

— Não vai fugir dessa vez! Não se esqueça do seu juramento! Sou seu mentor e você deve me obedecer!

Não bastava o fato de ela ter perdido toda noção de perigo e socado o nariz dele; não bastava o fato dela quase ter se afogado na sua ridícula tentativa de fuga; e não fora o bastante ela ter sido salva justamente por ele. Agora o Dragão de Fogo precisava persegui-la para simplesmente martelar toda essas informações na sua cabeça.

— Jurei obedecer meu mentor em uma Incumbência! – ela fungou, para poder conseguir continuar. – Isso não é uma Incumbência!

— Então fuja! – ele riu. – A mombélula esta logo ali fora, esperando por mais algumas manobras descontroladas!

Aquilo se encaminhara para além dos limites de Garo-lin. Seu nariz entrara a um nível insuportável de ardência e seus olhos começaram a marejar. Ela se deu conta do que viria, e tentou de alguma forma impedir, tapando a metade inferior do rosto, segurando bem forte com as duas mãos. Porém, seus pulmões já estavam inflando e ela sabia que não havia mais volta para o processo.

— Ei! Está chorando? – Dul'Maojin pareceu confuso com a atitude dela.

Então, sem conseguir nem mesmo avisar, ela espirrou.

Capítulo 7

As consequências do espirro da vilashi

— É simplesmente a coisa mais assombrosa que já vi! – comentou Sfairul, chutando um pedaço do que até um momento atrás havia sido a parede da cozinha, e que agora se reduzira a escombros fumegantes.

— É impossível! – Zawhart exclamava a mesma frase desde que chegara ao lugar. – Não pode ser!

— Mas, ela é tão pequena! – a Dragão de Metal dizia para Dul'Maojin, pegando um braço de Garo-lin e fazendo o favor de mostrar como a vilashi era mirrada em comparação com uma almakin saudável e bem alimentada – Não pode ter feito esse estrago todo!... Tem certeza de que não foi você?

— Claro que não! – o Dragão de Fogo se defendeu, enquanto ainda estava inconformado com suas vestes chamuscadas, parecendo não se importar com o fato de que o estrago poderia ter sido muito pior se ele não tivesse instintivamente se desviado no último instante.

Sentada em uma cadeira, com Kidari ao seu lado, sendo cercada pelos Dragões que pela primeira vez demonstravam confusão diante dela, Garo-lin se sentiu perdida. Ela recebera um copo de chá quente e isso aliviara a sensação incomoda no nariz, o

que não era necessariamente uma garantia que não espirraria novamente.

— Desculpa. — foi tudo o que ela pôde dizer, com a voz tremida depois de ter ficado tanto tempo se mantendo firmemente calada, com medo de espirrar pelo simples fato de estar respirando.

— É tudo que tem a dizer, idiota? — perguntou Dul'Maojin da sua forma rude típica. — Desculpas seriam o suficiente se o absoluto eu tivesse sido queimado?

Garo-lin percebeu Kidari mexendo a boca, silabando em silêncio a palavra *absoluto eu* e totalmente confusa quanto ao seu significado e uso.

— Krission, esse não é o ponto! — finalmente Zawhart saiu do seu estado de choque racional e começou a desfiar as consequências e possibilidades do acontecido para os amigos. — Não percebe que essa vilashi de almaki inútil, que procede não se sabe de que família e que é apenas uma sombra de almakin, usou um potencial de primeira ordem?

Garo-lin se ofendeu com a primeira parte do discurso, mas a segunda fez com que todas as suas respostas se dissipassem em seus pensamentos. Como assim ela usara um potencial de primeira ordem?

Dul'Maojin riu, como se o amigo estivesse fazendo uma brincadeira. Mas o Dragão de Raio não era exatamente brincalhão, e no momento sua expressão dizia claramente que encontravam-se diante de uma situação muito séria, o que fez o líder se calar.

Então o Dragão de Fogo olhou para os escombros, que agora apenas soltavam uma leve fumaça, e disse no seu tom sutil habitual:

— Ei, vilashi inútil! Desde quando derruba paredes com espirros?

Garo-lin lhe lançou um olhar carregado, achando que aquele sim seria o momento apropriado para um espirro. No entanto, como o Dragão Líder percebeu antes, tratavam de algo sério ali, e essa atmosfera a fez falar:

— Foi a primeira vez que destruí uma parede.

— Então nunca tinha feito isso? – perguntou o Dragão de Raio.

Ela encarou aqueles olhares interrogativos avaliando se deveria revelar algo que escondera por tanto tempo justo para eles. Entretanto, ela havia destruído a parede da casa principal da fortaleza dos Dul'Maojin, e não estava exatamente em posição de recusar-se a dar explicações. Ainda mais quando eles piedosamente lhe deram essa rara chance antes de puni-la.

— Sim. – ela começou. – Minha mãe contou que descobriram que eu possuía um almaki quando ainda era pequena. Eu espirrei em uma noite de Tormenta Nanfan. Até eu ter ido para o Instituto, devo ter feito isso umas... – ela contou nos dedos – Acho que umas nove vezes.

— E no Instituto? – perguntou Gran'Otto, curiosa.

— Foram poucas vezes e nunca provoqueei estragos. Com o tempo aprendi a evitar resfriados.

— E consegue? – Sfairul não acreditou.

— Nem sempre, mas... – ela fitou os pés e confessou em um tom mais baixo – Espirros como esse de hoje só acontecem com uma combinação de fatores.

— E quais são eles? – perguntou Zawhart, com o interesse típico de um pesquisador.

— Vários... – ela deixou a resposta solta, não querendo falar dessa parte para os Dragões, mas não conseguiu evitar olhar de relance para o Dragão de Fogo, dando uma pista.

Vendo que ela não estava muito disposta a cooperar com o seu interesse, Zawhart tentou abordar outra parte do assunto:

— E quando entrou no Instituto, informou isso aos mestres?

— Sim.

— E por que eles não tomaram providências? Um almaki assim pode ser perigoso para os outros alunos.

Garo-lin o encarou por um tempo, e deu um sorriso de ironia.

Como eles podiam se fazerem de desentendidos sobre isso?

Então respondeu usando um tom que ela nunca antes se atrevera a usar diante de algum almakin:

— Não é óbvio, Dragão de Raio? Eu sou uma vilashi.

Comprovadamente ele estava acima até mesmo dos mestres manejadores do Instituto Dul'Maojin, e entendera perfeitamente o que ela havia dito. Já os outros não pareceram achar aquela uma resposta esclarecedora. Porém, Zawhart não esperou que os amigos entendessem, e se deu por satisfeito com o interrogatório, dizendo:

— Muito bem... Kidari!

— *De?* – ela respondeu prontamente com o susto, na sua língua.

— Vá com ela nos prédios anexos e procure pelo mordomo-chefe.

Peça que eles providenciem algum remédio e diga para consertarem isso.

— Ei! – protestou Dul'Maojin. – Ela quebrou, ela conserta!
Mas Zawhart não lhe deu atenção, e então disse para os outros:

— Nós, Dragões, precisamos ter uma reunião.

— Ela é incrível! – exclamou Gran'Otto, assim que Gillion fechou a porta da sala da lareira. – Nem o Krission conseguiria fazer um buraco daqueles com um espirro!

— Kandara conseguiria. – riu Sfairul.

— Calem a boca! – reclamou Dul'Maojin, se largando de qualquer forma na poltrona maior – Ela teve sorte e foi uma combinação de *favores*.

— Fatores. – Gillion o corrigiu.

— Vocês entenderam!

— Não precisa ficar bravo, Kris. – provocou a garota.

— Não estou bravo! – ele rosnou, cruzando os braços.

— Não é hora para ficar zangado, Kris. – alertou Zawhart, usando um tom contrário da amiga e tentando fazer o assunto não se perder em brincadeiras.

— Já disse que não estou!

— Que seja. – o Dragão de Raio abanou a mão fazendo pouco caso da birra do amigo, e ficou no meio da sala, pedindo com um gesto que todos se sentassem – Temos que decidir agora o que vamos fazer com ela.

— Decidir o quê?! Aquela vilashi passou dos limites e-

— Kris!

Diante da fúria do Dragão de Raio, que visivelmente queria falar algo muito importante e não toleraria mais ser interrompido, Krission Dul'Maojin se calou e fingiu não escutar, enquanto os outros estavam atentos.

— Não é somente o fato de ela ter um almaki poderoso. Ela não está treinada e nunca será se depender do Instituto. Cabe a nós decidir o que fazer, já que ela está sob a nossa responsabilidade.

— E por que devemos nos preocupar com isso? – Sfairul perguntou incrédulo. – É apenas uma vilashi.

— Exatamente! – concordou Zawhart, apontando para o amigo enquanto olhava para os outros. – Exatamente por termos esse tipo de pensamento é que a parede da cozinha explodiu. Não percebe Benar? É simples ignorar alguém assim e deixá-la por conta, esperando que ela fique quieta no seu canto. Mas, essa vilashi já mostrou que não é do tipo que segue ordens cegamente. Olha o que ela fez com o nariz do Kris!

— Ela me pegou *desprevido*! – ele se justificou.

Zawhart continuou como se não tivesse sido interrompido:

— Não podemos confiar nela e nesses seus espirros. Se não for treinada dentro de regras e princípios, logo ela vai aprender uma maneira própria de manejar o fogo. Imagina o que vão pensar se descobrirem que uma vilashi é capaz de ter um poder de primeira ordem? – ele lançou um olhar significativo para o Dragão de Fogo, que fingia não ouvir – Não podemos deixar alguém como ela pensar em se juntar aos piratas.

— Você parece a minha mãe falando. – Dul'Maojin resmungou.

— Concordo com o que diz, Vinshu. — a garota se manifestou, levantando a mão como se estivesse diante de um de seus mestres e precisasse de autorização para falar. — Mas, não acha que está se precipitando? Ela é a única vilashi com almaki em toda a Almakia.

— Sim... Até onde sabemos. Ela pode muito bem ser a única descoberta pelo Instituto. E se houver mais como ela? Terão o mesmo poder? E quanto aos de fora do Domínio? Mais quantos estrangeiros com almaki como essa Kidari Chanboni podem entrar aqui e roubar nossos Segredos sob a fachada de manter boas relações com os outros Domínios?

— Vinshu, Almakia é o maior Domínio que existe. — começou Sfairul, lançando um olhar significativo para ele e indicando o Dragão de Fogo. — Seria preciso que todos os outros Domínios se juntassem se quisessem nos derrotar, e conflitos assim não acontecem há séculos. Almakins são necessários em todos os lugares e ninguém irá contra nós.

Zawhart encarou os amigos por um tempo, provavelmente organizando as ideias que devia estar pipocando em sua cabeça naquele momento, e então concordou:

— Ninguém contra nós... Certo, posso estar levando as coisas para um extremo. Mas, acho que não seria sensato deixar uma vilashi com esse poder andar por Almakia pensando que está ao nível de um Dragão só porque nos impressionou. Ela deve ser mantida em vigilância. E como nossos mestres já se mostraram negligentes pelo simples fato de não saberem sobre a potência do seu almaki, teremos que tomar a frente disso. Somos os Dragões e temos autoridade para essa decisão.

— Que decisão? – perguntou Sfairul.
— Treiná-la adequadamente.
— O quê?! – a exclamação veio dos quatro ao mesmo tempo.
— Ou melhor, o Krission deve treiná-la.
— *O quê?!* – o líder dos Dragões repetiu a pergunta, chocado, como se aquela fosse a coisa mais sem fundamentos que já ouvira na vida.

— *O quê?!* – Garo-lin perguntou, chocada, como se aquela fosse a coisa mais sem fundamentos que já ouvira a vida.

— Como querem que eu treine alguém que nem ao menos entende algo tão simples como isso? – o Dragão de Fogo retrucou para os amigos, apontando sem educação nenhuma para a sua protegida.

Depois de decidido o que fazer, Garo-lin e Kidari foram convocadas para a sala da lareira, onde deveriam receber suas sentenças.

— Kidari também? – ela perguntou, apontando para o seu rosto para indicar a si mesma.

— Ela também! – Dul'Maojin falou especificamente para o mentor da kodorin, como se estivesse reforçando o que já havia sido dito.

Zawhart deu um suspiro e cruzou os braços, contando sem muita vontade:

— Fiz um acordo com o Kris e se ele vai realmente ser seu mentor, eu também devo cumprir meu papel.

— Kidari usar almaki? – a kodorin perguntou baixinho para Garo-lin, parecendo que somente esse fato já estava bom o suficiente para ela aceitar.

— Espera! Como assim ele vai me treinar? – Garo-lin tentava ordenar seus pensamentos. – Certo, ele deveria estar me supervisionando. Mas eu já recebi treinamento no Instituto e não tenho permissão para usar meu almaki fora do que for ordenado.

— Um Dragão irá lhe ordenar, já não é o suficiente? – perguntou Zawhart, mostrando que não via furos no plano.

— Mas, é ele! – ela indicou Dul'Maojin, querendo que, com esse simples gesto, o Dragão esperto entendesse que, de todos os almakins de Almakia, ele não era qualificado para nada mais que não fosse achar que todos lhe deviam devoção plena.

— Ei! Não pode falar assim comigo! – o Dragão líder entendeu o suficiente para classificar aquela reação como ofensiva.

— Não quero isso! – declarou Garo-lin.

— Não disse. – Sfairul murmurou para Gran'Otto.

— Ela vai aceitar. – a garota retrucou, não perdendo nenhum momento da cena.

O Dragão Real, ao lado dela, sorria levemente e não parecia preocupado com o resultado daquela discussão.

— Você vai aceitar! – rosnou Dul'Maojin. – É uma ordem!

Garo-lin olhou para seu mentor e se segurou para não ir além, já que ainda não se sentia bem o suficiente para evitar outro espirro, e então saiu da sala bufando, esperando que com isso deixasse bem claro a sua opinião.

— Viu! – o Dragão de Fogo exclamou para o amigo – Ela não quer!

— E você? – Zawhart perguntou para Kidari, encarando-a como se todo o peso da decisão agora recaísse sobre a estrangeira.

E tudo que Kidari conseguiu fazer foi se encolher e olhar para o chão, esperando que com isso a poupassem.

Garo-lin subiu no mirante mais alto que havia na fortaleza e se sentou na borda dele, pendendo as pernas para fora e apoiando os braços no beiral de madeira. Tudo que via era a massa escura e disforme da floresta e o fraco reflexo das luzes noturnas na superfície espelhada do lago, o que lhe dava espaço para se imaginar longe de todos os seus problemas.

Não iria gritar, mas poderia simplesmente ficar ali, dando tempo para os Dragões pensarem em como aquela ideia era absurda. Talvez, a razão falasse mais alto dentro da cabeça deles e chegassem à conclusão que já estava mais do que na hora de acabar com aquela Incumbência falsa e voltar para o Instituto, onde tanto ela como eles não precisariam mais suportar uns aos outros.

— Por que precisam ficar complicando? – suspirou, apoiando o rosto nas mãos.

— Não é complicado.

Ela quase caiu para trás com o susto e se virou a tempo de ver, mesmo com a pouca luz, o Dragão Real se sentando ao seu lado, sorrindo com aquela sua maneira calma de sempre.

Por que ele tinha essa mania de aparecer de repente e sempre a fazendo se assustar?

Ao mesmo tempo, pensou que não era algo exatamente ruim. Ter ao seu lado o único Dragão com que se podia manter uma conversa, talvez fosse uma coisa boa. Assim, poderia perguntar o que estava entalado em sua garganta já há algum tempo:

— Por que não vamos embora, hein?

— Quer ir embora? – ele perguntou, sem tirar os olhos da paisagem em volta. – Aqui é um lugar agradável. O ar é fresco, estamos em uma boa época do ano, o lago é tranquilo.

— O problema não é exatamente o lugar... – ela se debruçou sobre a proteção de madeira.

— Não quer aprender a manejar almaki com um Dragão?

A pergunta, apesar de até aquele momento parecer muito simples para ela, de repente se tornara difícil. Se tirasse o fato de que o Dragão em questão era o insuportável Dul'Maojin, como poderia recusar?

Por que qualquer um recusaria?!

Receber treinamento de um Dragão, um guardião de um Segredo que por anos aprimorou seu almaki com os ensinamentos direto da Família de Fogo, seria um privilégio que nem mesmo os seus mestres no Instituto teriam... Como poderia recusar algo assim?

— Mas... – ela começou, procurando por uma desculpa que soasse aceitável. – Ele não vai me ensinar coisa alguma. – ela cutucou distraidamente um buraco na madeira, escolhendo as palavras para tentar não ofendê-lo. – Acha que o Dragão de Fogo Dul'Maojin vai mesmo se rebaixar e treinar uma vilashi?

— Por que não?

Ela o encarou como se a resposta fosse óbvia. Mas, ele apenas sorriu e se levantou, dizendo:

— Não importa quem vai ensinar-lhe alguma coisa. Nem mesmo o melhor mestre de toda a Almakia é capaz de ensinar um aprendiz que não quer ser ensinado... Por que não dá uma chance para o Kris, Garo-lin?

Aquela pergunta tremulou em sua cabeça. O tom que ele usara, como se pedisse um favor, fez com que ela não tivesse condições de pronunciar palavra alguma.

Vendo que conseguira fazer algo se movimentar dentro dela, o Dragão Real se levantou e desceu as escadas, deixando-a sozinha com seus pensamentos.

— Inacreditável... – Garo-lin murmurou, deitando a cabeça na proteção e querendo ficar ali petrificada para sempre.

Garo-lin refletira durante todo aquele dia e tentara colocar seus pensamentos em ordem.

Em um tempo antes do Instituto, quando era especial na sua vila por possuir um almaki, sempre pensara que a partir do momento em que se tornasse oficialmente uma almakin poderia fazer qualquer coisa. Aquele sonho bonito onde ela era alguém grande, uma vilashi reconhecida na sociedade de Almakia, trabalhando para que as coisas fossem mais justas e para que sua família vivesse melhor, se tornara apenas uma lembrança quando ela

passara pelos Portões Negros. Com o tempo aprendera seu lugar dentro do Instituto, ficando quieta e sendo ignorada.

Só assim passaria tranquilamente por os anos de estudos, e então voltaria para o Vale Interior. Talvez não voltasse triunfante como imaginara, mas com conhecimentos para aplicar em prol da sua vila, e de alguma forma a ajudar a se desenvolver... Enfim, um pensamento animador, apesar de tudo.

Conseguia suportar a indiferença dos alunos e dos professores, cumpria suas obrigações e obedecia sem reclamar, sabia qual era o seu lugar entre os herdeiros almakins e se limitava a ele, respeitando mesmo quando não era respeitada. Para alguém que fora ensinada desde pequena em saber que seus direitos estão ligados aos seus deveres, suportar aqueles Dragões agindo como se o mundo e todos lhes pertencessem e lhes devessem adoração incondicional era simplesmente difícil. Por isso os evitava, para não acabar falando tudo o que pensava e com isso eliminando em definitivo com as chances de poder usar seu almaki livremente.

Mas, com a chegada de Kidari e o incidente com Shion, que resultara naquela Incumbência falsa, nunca antes sua resistência fora colocada tão a prova. E, como chegara ao seu limite, agindo da pior forma possível ao socar o Dragão de Fogo, tentar fugir e quase se afogar no lago, atingira o ponto onde estava agora.

As palavras do Dragão Real a fizeram conseguir ver as coisas de forma diferente da que vinha vendo. Pela primeira vez pensou na sua situação sob outra perspectiva, onde ela seria o problema e não exatamente os Dragões. Afinal, estava evidente quem era a minoria. Será que tudo não poderia ser resolvido se ela permitisse? Será que não se deixara encobrir pela desculpa de ser uma vítima? Se

escondendo por detrás de um muro que construía para sua própria proteção? Se as coisas já não podiam ficar piores, por que não enfrentava e tentava reverter àquela situação para algo proveitoso?

Ser a única a quem o próprio Dragão de Fogo treinaria a colocava acima de qualquer aluno do Instituto. Nessa situação, Kidari e ela passariam, do dia para a noite, a serem as almakins de nível mais próximo aos Dragões, estando à frente até mesmo que seus mestres. Isso não poderia ser considerado uma boa coisa? Se suportasse a arrogância de Dul'Maojin por pelo menos mais um tempo, poderia ter um trunfo contra a arrogância de toda Almakia... Será que valeria a pena?

Porém, havia um problema: não dependia somente da sua decisão, precisava falar com Kidari e saber se a amiga estaria disposta a enfrentar.

E foi isso que perguntou para ela quando, já tarde da noite, voltou para o quarto.

Depois de comer o que a kodorin pegara escondida na cozinha, Garo-lin explicou o que tinha conversado com Gillion e sobre as coisas que havia pensado.

— Kidari acha boa ideia treinar almaki. Kidari quer aprender, mas...

— Tem medo?

— Vinshu assustador.

— Não posso discordar. — Garo-lin suspirou. — Mas Dul'Maojin também é assustador.

A kondorin a encarou por um tempo, e então disse:

— Sumerin e Benar não assustadores. Eles levaram Kidari para passear e Shion disse não problema.

Disso Garo-lin também não podia discordar. Apesar dos comentários deles, principalmente sobre a sua comida, e de não aceitar o fato de eles fazendo as vontades da Dragão de Metal, não podia dizer nada pesadamente contra aqueles dois durante aquele tempo de Incumbência.

— Gillion também não é assustador. — ela concordou. — Ele até me ajudou... Lembra quando me disse que ele era um bom Dragão? Tenho que admitir que ele é um bom Dragão.

Kidari sorriu e contou, feliz:

— Nu'lian conversou com Shion!

— Ele conversou até comigo. — Garo-lin acrescentou. — Ele até me serviu um prato de comida, mesmo sendo de madrugada. Nenhum dos outros Dragões faria isso. Ele não olha para nós como se fossemos seres insignificantes e não parece ter problemas em nos ter por perto. Hoje ele se sentou do meu lado e falou comigo como nós estamos falando agora... Ele é diferente, não é Kidari?

A garota a encarou, pestanejando.

— O que foi?

— Olhos Garo diferentes.

— Diferentes como? — ela se preocupou. Será que o seu resfriado estava voltando a piorar?

— Eles brilham falando Nu'lian. Garo sorri!

— Não estava sorrindo! — ela se defendeu, ficando sem graça e não conseguindo se mostrar totalmente certa de que não estava fazendo aquilo.

— Garo sorrindo! — Kidari exclamou contente, como se fosse a melhor coisa que acontecera naquele dia, pulando da sua cama e

se sentando ao lado dela, forçando um sorriso no rosto da amiga puxando suas bochechas.

— Kidari! – Garo-lin se afastou se livrando das garras dela.

— Garo gosta de ficar perto Dragão Real? – perguntou curiosa, parecendo se divertir.

— Não é isso! – Garo-lin começou a dar atenção para um dobra nas suas cobertas, procurando por uma resposta. – Eu só...

— Garo sem resposta! Ser verdade!

— Não é verdade, Kidari! E quer saber? Vamos dormir! Se vamos começar esse treinamento com os Dragões é melhor dormirmos bem essa noite! Amanhã cedo vou falar com eles e dizer que aceitamos. – ela puxou as suas cobertas, quase fazendo que a amiga caísse no chão no processo, e se enfiou embaixo delas, cobrindo até a cabeça.

— Dormir! – Kidari cantarolou, ainda parecendo contente, apagando com um sopro a chama que iluminava o quarto e também se aninhando na sua cama.

Garo respirou fundo e soltou todo o ar de uma vez. Nunca iria sorrir para um Dragão, e não fazia a mínima diferença se fosse um bom Dragão ou se a estivesse ajudado de alguma forma.

Capítulo 8

A herdeira que rejeitou o título e a Princesa

Na manhã seguinte, Garo-lin procurou pelo Dragão de Raio e noticiou sua decisão.

Quando todos os Dragões se reuniram para o almoço, na área externa com vista para o lago, ele foi seu porta-voz, anunciando:

— A vilashi decidiu que vai fazer o treinamento de boa vontade.

Garo-lin pensou se por acaso eles teriam tramado um plano de contra vontade caso ela insistisse em dizer que não, mas achou melhor guardar suas opiniões para si, e continuou prestando atenção no que o Dragão de Raio dizia.

— Então, a primeira coisa que devemos fazer é-

— Vamos comer primeiro! – Dul'Maojin o cortou, batendo com a mão na mesa impaciente.

— Eu estou com fome. – ajudou Gran'Otto, mostrando sua opinião sobre o assunto ao lançar para o amigo um olhar doce e suplicante.

— Mas, precisamos-

— Comida! – ordenou o Dragão de Fogo para um criado, que saiu rapidamente e foi buscar o que o seu senhor pedia.

— Kris! – Zawhart exigiu a atenção do líder.

— Podemos falar enquanto almoçamos. – sugeriu Sfairul, conhecendo os amigos e sabiamente interferindo antes que aquilo virasse uma discussão séria.

Sem alternativa, o Dragão de Raio se sentou no seu lugar e começou a dizer o que tinha planejado, mesmo que não fosse ouvido pelos outros. Garo-lin, porém, o escutou atentamente, já que sabia que tudo o que ele dissesse agora seria de fundamental importância para a sua vida dali por diante.

— A vilashi tem a terceira ordem, o que significa que ela foi treinada basicamente e pode usar seu almaki para pequenas tarefas. Krission só precisa ensiná-la a manejar fogo na segunda. O mais importante é ensiná-la a controlar, entendeu Kris?

— *Hum.* – ele fez, demonstrando um mínimo de atenção e mais preocupado em verificar se os criados já estavam voltando com o que exigira.

Dando um suspiro de irritação, Zawhart resolveu deixar de lado o outro envolvido e falar diretamente com as protegidas, as únicas que estava ouvindo:

— A kodorin está em Almakia há pouco tempo. O que ela sabe sobre almaki?

Garo-lin estranhou o Dragão perguntar para ela e não diretamente para Kidari. Era certo que se precisava ter um pouco de cuidado ao falar, não usando palavras muito complicadas, e verificando se ela havia realmente entendido. Mas, não era como se a estrangeira fosse uma criança que precisasse de um responsável para cuidar dos seus interesses.

— Conte o que sabe Kidari. – Garo-lin pediu, não tirando os olhos dele, deixando bem claro que a amiga tinha plena capacidade

de responder.

Entretanto, a kodorin a encarou com incerteza. Pensou por algum tempo e então respondeu, de forma simples:

— Kidari estudou sobre almaki em Kodo.

— Em Kodo? – repetiu o Dragão, usando um tom que indicava que não era uma resposta satisfatória. – Então acho que vamos começar com os livros antes da prática. O conhecimento de almaki fora de Almakia é muito superficial.

No mesmo instante em que ele pareceu entrar em uma meditação silenciosa, como se estivesse formulando uma didática para usar com a kodorin, os criados irromperam da casa trazendo as travessas, para alegria da Dragão de Metal, e nada mais foi mencionado.

Quando o Dul'Maojin a mandou correr pela extensão do lago e da casa principal, percorrer os muros da fortaleza e então voltar até ele, Garo-lin começou a se arrepender da sua decisão.

Era óbvio que ele não iria perder mais essa oportunidade de atormentá-la. Mas, como aceitara por conta própria, preferia obedecer e superar as expectativas dele do que admitir que pudesse ser demais.

Então, alongou seus braços e pernas com intenção de cumprir habilmente o percurso e voltar triunfante até ali. Afinal, crescera no Vale Interior e o que mais havia lá era lugares para se correr a vontade. Poderia ser muito, mas não impossível.

Porém, na metade do caminho ela se deu conta de como os anos dentro do Instituto degradaram sua disposição, e teve que se esforçar além do que imaginava.

— *Tsc, tsc.* – fez o Dragão, quando ela parou na frente dele com passos em direções incertas, ofegante, com o rosto vermelho e precisando se apoiar nos joelhos para recuperar o ar. – Fôlego! – ele declarou, dando a volta por ela, usando o seu tom habitual de superior. – Como controlar seus espirros se nem ao menos consegue manter seu fôlego? De agora em diante, você irá acordar bem cedo e correr até conseguir dar dez voltas mantendo a respiração!

— Dez voltas?! – ela quase se engasgou, e caiu sentada na grama.

— Quer vinte?

Ela engoliu a resposta. Sabia que chegaria facilmente em cinquenta se teimasse.

— Vamos, de pé! – ele ordenou. – Quero ver seu almaki com as mãos e não com o nariz!

Ela levantou, não se preocupando em mostrar boa vontade.

— No lago. – ele indicou. – O mais longe que conseguir.

Garo-lin olhou para o lago e hesitou.

Nunca usara seu almaki daquela forma. Havia sido treinada na terceira ordem, onde coisas como ataques não eram permitidos e muito menos incentivados. Resumindo, ela não sabia manejar seu almaki em chamas para algo maior que acender uma fogueira. Apesar de acidentalmente conseguir provocar estragos como aquele da cozinha, não conseguia ir além do mínimo quando sabia o que estava fazendo.

— O que está esperando, vilashi? – ele inquiriu com seu tom arrogante.

— Não sei como fazer. – ela teve que admitir, à contra gosto.

— Não acredito... – o Dragão reclamou e percebeu que não havia outra maneira. – Preste muita atenção que só vou mostrar uma vez! – então se posicionou de frente para lago, erguendo a mão no gesto que ela vira naquele dia fatídico, quando ele ameaçara o Shion de Kidari. – As pessoas acham que o mais importante é um gesto firme, o movimento das mãos. Mas, na verdade a força de um ataque almaki está aqui. – ele cutucou dolorosamente o topo da cabeça dela com a outra mão. – Primeira coisa: se você não visualizar o que quer que aconteça, não irá acontecer. Segunda coisa importante: acreditar. É simples, se você acha que não vai conseguir, não vai conseguir.

Ela processou todas as informações, sem interromper o raciocínio dele, e declarou:

— É fácil.

Ele riu em deboche:

— Pensa que é fácil? – o Dragão desistiu de continuar a demonstração e abriu espaço para ela. – Fique à vontade e tente, vilashi!

Garo-lin aceitou o desafio. Pensava que, se fosse realmente simples para alguém como o herdeiro Dul'Maojin – que só tinha o fator fama e riqueza a seu favor deixando de lado completamente a esperteza –, não seria tão complicado. Então, ela imitou a posição dele na margem do lago, estendendo sua mão para frente. Concentrou-se e tentou visualizar como liberaria seu almaki, da forma que já sabia fazer...

Mas nada aconteceu.

— Estou esperando.

Sem deixar abalar pelo comentário e pelo sorriso satisfeito dele, ela respirou fundo e tentou de volta...

E novamente nada.

— Posso esperar o dia inteiro. – ele cruzou os braços, pacientemente.

Decidida a fazer a maior demonstração de almaki que o Dragão já presenciara na vida, uma que superaria de longe a potência do seu espirro, Garo-lin ergueu as duas mãos e concentrou toda a sua força nelas. Fechou os olhos e seguiu os mesmo passos que antes.

Sentiu o inconfundível comichão nas extremidades dos dedos e sabia que tinha dado certo. Porém, ao abrir os olhos, tudo o que viu foi uma pequena chama, do tamanho e cor de uma laranja, que dançou por alguns instantes na sua frente e logo desapareceu como se fosse levado por uma brisa leve.

— Só isso? – o Dragão riu, achando que vira algo muito engraçado.

— É muito mais do que eu já fiz alguma vez! – ela declarou, tendo a sensação de que estava vermelha de vergonha até a raiz dos cabelos e não podia evitar isso.

— E a explosão da cozinha? – ele lembrou.

— O máximo que já fiz conscientemente. – ela se retificou, cruzando os braços e respirando ruidosamente, contrariada.

— Pois em uma semana você terá que fazer isso *conscidamente!*

Garo-lin o encarou por um tempo em silêncio, pensando se era melhor corrigir ou permanecer calada. Mas, não chegou a se decidir. Para ilustrar o que havia dito, ele ergueu a mão para o lago e lançou uma bola de fogo, imensamente incomparável com a dela, para o meio da água, onde ela caiu com um estrondo e se apagou formando vapor. E realmente tudo parecia ser muito fácil e simples para ele. Fora apenas um gesto.

Mesmo não querendo dar essa satisfação para o Dragão, Garo-lin não conseguiu evitar que sua boca se abrisse em uma exclamação muda.

Nunca vira alguém usar almaki dessa maneira, e pela primeira vez teve uma noção do que significava ser um Dragão. Aquela impressão de que o título vinha basicamente da posição que ele ocupava na sociedade ruiu por inteira.

— Ainda vai ficar muito tempo babando, vilashi? Por que não admite que sou impressionante?

Diante da arrogância dele, ela não ficou para trás:

— Duvido que consiga explodir uma parede!

— Sim, com toda a classe que um espirro pode ter! Não basta apenas potência, precisa ter autoridade do que faz!... Será que alguém como você é capaz?

Garo-lin queria gritar que sim e provar para aquele Dragão estúpido que podia. Porém, só havia uma maneira daquilo acontecer e dependia exclusivamente do treinamento dele.

Vendo que ela não iria retrucar e que finalmente chegara à conclusão de que deveria seguir o que ele falava, Dul'Maojin ordenou:

— Mais uma vez. Visualize e acredite.

Sem reclamar, novamente Garo-lin respirou fundo e se concentrou.

— Acha que ela vai conseguir? – o Dragão de Vento perguntou para Gillion e Gran’Otto, enquanto os três espiavam o que acontecia lá fora de uma das janelas da casa principal.

— Hum... – a garota pensou. – Acho que eu ficaria mais preocupada com o Vinshu e a kodorin. Ele não tem muita paciência e ela não tem muita facilidade em se expressar. – ela riu com algo. – Imagina ele falando com palavras difíceis e ela tentando acompanhar o pensamento dele?! Já aqueles dois, – ela indicou Dul’Maojin e Garo-lin na beira do lago. – Rosnam da mesma forma... O que acha Nu’lian?

O Dragão Real apenas sorriu para ela.

— Nem sei por que estou perguntando... – ela encolheu os ombros e se debruçou no beiral da janela. – Alguém mais está a fim de aproveitar o dia fazendo algo que não seja assistindo treinamentos?

— Almaki... é... uma... capa... capaci... da... de...

Faltava pouco para o Dragão de Raio começar a bater a cabeça contra a mesa. Ficara aquele dia inteiro tentando ensinar os conceitos básicos sobre almaki para a estrangeira, mas o máximo

que conseguiram foi com que ela lesse, com muito esforço, meia página do livro do primeiro ano do Instituto.

— Capacidaaaaa... De! – ela conseguiu terminar de ler a palavra e olhou para ele sorrindo contente.

— Nem o Kris lê tão mal assim. – ele lamentou, enterrando o rosto nas mãos.

— Kidari leu mal? – ela passou vagarosamente o dedo pela frase, repetindo-a em voz baixa. – Onde?

— Vamos parar com isso! – ele tomou o livro das mãos dela e o fechou com força.

No mesmo instante Shion pulou em cima da mesa e rosnou para ele, em posição de ataque.

— Tira ele daqui! – o Dragão recuou com o susto, arrastando sua cadeira e quase caindo junto com ela.

— *Shion shindu!* – ordenou Kidari, e o bicho saiu de cima da mesa e voltou a se sentar ao lado dela, sem tirar os olhos amarelos do Dragão.

Procurando se acalmar, ele colocou a cadeira no lugar e tentou pensar em outro método.

— Escuta, como você conseguiu entrar no Instituto e já partir para uma Incumbência sem saber nem ao menos o básico sobre almaki?

— Kidari sabe o que é almaki. – ela disse, de uma forma quase chorosa. – Kidari tem um almaki e sabe o que ser.

— O que é. – ele a corrigiu automaticamente.

— Kidari não tempo de aprender ler direito.

— Quer dizer... Que o problema está em ler o livro?

Ela confirmou com um gesto de cabeça.

— E o que sugere então? Almaki de raio tem que ser preciso. Não posso ensiná-la simplesmente com prática como o Krission está fazendo com a vilashi.

— Vinshu pode... – ela começou meio incerta, mas então se tornou determinada. – pode ler e Kidari entender.

Ele a encarou por um tempo, como se estivesse decidindo, e então suspirou, não tendo alternativas. Sem dizer nada, ele voltou a se sentar ao lado dela abrindo o livro na página em que estavam e começou a ler em voz alta.

Durante toda aquela semana, os Dragões de Fogo e Raio se aplicaram na tarefa de fazer suas protegidas evoluírem, sem muitos progressos, enquanto os outros dividiam seu tempo entre ficar assistindo ou procurando coisas divertidas para aproveitarem o período longe de suas obrigações no Instituto.

Porém, no quinto dia, logo no começo da tarde, nuvens carregadas começaram a ocupar o céu e a quietude que se instaurou em volta logo denunciou que uma tempestade cairia a qualquer momento. Sem alternativas, o treinamento de Garo-lin foi suspenso e, por consequência, o de Kidari também. Mesmo assim, as duas foram obrigadas a passar aquele dia em função dos livros, sentadas no tapete felpudo da sala da lareira, uma orientando a outra – mesmo que nesse caso a orientação ficasse toda com Garo-lin.

Logo a tempestade começou da forma que havia prometido, e ficou tão intensa em pouco tempo que Garo-lin estava seriamente

preocupada com a possibilidade do nível do lago subir. A casa principal não ficava tão afastada a ponto de não correr o risco de ser inundada.

Além da chuva torrencial, havia outro problema: Kidari revelara ter medo de raios. Entrara em pânico assim que o primeiro relâmpago iluminou a sala e, quando o raio caiu, provavelmente na floresta, fazendo as janelas tremerem, ela gritou jogando seu livro para cima e se escondeu embaixo de uma mesa. Todos a olharam espantados, já que uma almakein ter medo do equivalente natural do seu almaki era uma novidade. Não demorou muito para Dul'Maojin achar aquilo muito engraçado e provocar lampejos para assustá-la, mas parou assim que ela se abraçou em Garo-lin, procurando por proteção, e o Dragão de Raio lhe lançou um olhar carregado.

Então, sentada na frente da lareira, Garo-lin tentava acalmar a amiga e ao mesmo tempo espantar os pensamentos de que a qualquer momento um desastre poderia acontecer.

— Tenta tapar os ouvidos e cantar uma canção. — sugeriu para Kidari.

— Uma canção? — a garota repetiu, parecendo confusa.

— Uma grande estratégia vilashi. — comentou Dul'Maojin, não deixando a oportunidade passar.

— Sim. — Garo-lin o ignorou. — Cante alguma canção de Kodo.

Ela a encarou por um tempo e Garo-lin achou estranho aquela reação de incerteza. Então, mesmo pensando que seria uma pergunta boba, arriscou:

— Não existem canções em Kodo?

— Kidari nunca ouvir... Talvez.

— Para começar, Kodo é um Domínio que pensa que existe. — revelou o Dragão de Fogo.

— Kodo não existe? — Kidari perguntou preocupada e Dul'Maojin caiu na gargalhada.

Garo-lin achou que aquele poderia ser um bom momento para fazer o nariz do Dragão sangrar novamente, mas Kidari merecia mais a sua atenção.

Como assim não existiam canções em Kodo? Até mesmo os vilashis, que não tinham um Domínio e viviam em vários lugares tinham suas canções. Seria Kodo um lugar tão diferente assim?

Porém, seu fio de pensamento foi cortado inesperadamente. No mesmo instante que outro raio caiu, desta vez, mais próximo da fortaleza, e Kidari se encolheu ao seu lado assustada, as grandes portas principais se abriram com um estrondo e um grito ecoou por toda a casa:

— **Kriiiiiiiiiission!**

Garo-lin e os Dragões encaram Dul'Maojin, que paralisara na sua poltrona, perdendo a cor gradualmente.

Como se estivessem sendo levadas pela correnteza de um rio, Garo-lin e Kidari foram puxadas pelos Dragões para fora da sala naquela noite, e somente Dul'Maojin permanecera lá.

Garo-lin não pôde evitar espiar pela porta antes de sair e viu o grande Krission Dul'Maojin desesperado com o fato de que nem mesmo os amigos pareciam estar dispostos a ajudá-lo. Sorrindo, ela pensou que gostaria muito de conhecer a pessoa capaz de impor

medo no Dragão ditador somente com um grito, não importando se fosse boa ou má.

Entretanto, apesar da curiosidade, as duas tiveram que se consolar com a promessa da Dragão de Metal de que na manhã seguinte saberiam de tudo e que o melhor agora era esperar. Então, já que nem mesmo os Dragões pareciam dispostos a enfrentar o que quer que fosse que o Dragão de Fogo estava enfrentando, Garo-lin concordou sem questionar.

A chuva continuava incansavelmente lá fora, mas na proteção do quarto, que ficava voltado para a área interna dos prédios da fortaleza e onde as janelas podiam ser vedadas com grossas cortinas, o efeito dos raios em Kidari diminuía e permitiram que ela dormisse sem problemas, algo que Garo-lin não conseguira. Mesmo estando cansada com treino puxado da manhã, fazer com que seus pensamentos se aquietassem o suficiente para ser levada pelo sono como a amiga não era fácil.

Rolando de um lado para outro na sua cama, pensou em várias possibilidades de quem poderia ser a visita que a chuva trouxe. Poderia ser alguém do Instituto? O que será que aquilo representaria na estadia deles na fortaleza dali por diante? Será que obrigariam o Dragão de Fogo a sair para uma Incumbência de verdade?

Aos poucos, o ritmo de Garo-lin foi diminuindo ao compasso da sua respiração, e não demorou muito para que ela estivesse praticamente adormecida. Porém, como se um alerta inconsciente soasse dentro dela e a fizesse despertar, subitamente abriu os olhos. Demorou alguns segundos para perceber que havia algo debruçado sobre ela. Então, um relâmpago cortou o céu lá fora e a luz que

passou pela porta aberta foi o suficiente para que identificasse as feições de Dul'Maojin bem próximas do seu rosto.

— ***Aaaaaaaaaahhhhhh!***

Enquanto Garo-lin saltava em cima da sua cama e se jogava contra a parede, Kidari ao seu lado acordou desorientada:

— ***De? De?***

— Sou tão assustadora assim? – alguém perguntou, parecendo se divertir imensamente com a situação.

Garo-lin parou.

Aquela não era a voz do Dragão de Fogo.

Então, com um gesto rápido e um lampejo, a pessoa desconhecida lançou uma chama para a porta-chama do quarto e Garo-lin pôde confirmar que não era Krission Dul'Maojin, apesar da incrível semelhança.

Quem estava de pé ao lado da sua cama era uma versão feminina dele, não tão alta quanto, mas com certeza mais velha. A mulher tinha o mesmo ar arrogante e os cabelos bagunçados, com cachos que saltavam teimosamente para todos os lados, mesmo ela tentando os manter presos. Os olhos eram os mesmos, e guardavam aquele brilho cruel que parecia pertencer somente a quem possuía algum Segredo de Fogo. Porém, havia uma diferença crucial, que a deixava completamente diferente do Dragão: um sorriso enorme. Ela usava uma roupa a altura da sua aura de majestade que, apesar de estar suja e amassada como se ela tivesse feito uma longa viagem, denunciava que era alguém da elite.

— Então é você a vilashi que socou meu irmão? – ela perguntou, simulando um soco contra o rosto de Garo-lin, que permanecia paralisada no mesmo lugar, ainda sob o efeito do susto.

Agora sim seria seu fim e suas pernas tinham tanta consciência disso que no momento pareciam ter desmaiado. Aquela era a lendária herdeira da família Dul'Maojin, a que recusara o título de Dragão quando estava no Instituto e viajava pelos Domínios em missões diplomáticas. Ela com certeza vingaria seu irmão e repararia o orgulho da família eliminando o problema pela raiz.

Contudo, ao invés de chamadas enfurecidas, o que Garo-lin recebeu foi um abraço apertado.

— Quem é? — Kidari perguntou esfregando os olhos, ainda tentando entender o que estava acontecendo, mas ficou mais atenta ao perceber o olhar desesperado da amiga sendo sufocada.

— **Kandara!** — Dul'Maojin, o Dragão de Fogo de verdade, apareceu no quarto deslizando, como se tivesse vindo correndo, e parou ofegante se apoiando na lateral da porta, pedindo. — La-largue ela!

— E se eu não largar? — a mulher ajeitou melhor os braços em volta dela, indiscutivelmente provocando. — O Kris falou muito sobre você, vilashi!

— Não falei! — ele se defendeu de imediato.

A irmã estreitou os olhos e ele recuou, como alguém que sabia que não podia ir contra, mas lutando internamente com isso.

Garo-lin, conseguindo enxergar a cena parcialmente por entre os cachos desgrenhados, estava chocada demais para entender o que acontecia. Se a importante herdeira Dul'Maojin sabia quem ela era, por que estava deliberadamente ficando tão perto dela? Sem conseguir imaginar uma resposta, pensou no que seu mentor poderia ter dito e olhou para ele, mas o Dragão desviou o

olhar parecendo de repente muito interessado em uma mancha na parede.

— Foi a primeira vez que alguém deu uma lição nesse convencido além de mim! – ela exclamou para Garo-lin, a soltando do abraço, mas a segurando pelos ombros para que não fugisse. – Fiquei surpresa em saber que você conseguiu!... Eu te acordei?

Em resposta, Garo-lin pestanejou e entreabriu a boca, sem conseguir pronunciar nada.

— Irmã Dragão de Fogo? – Kidari perguntou, parecendo finalmente conseguir ligar as peças do que acontecia.

Então aquela foi a vez da herdeira Dul'Maojin ficar surpresa.

Da mesma forma que Garo-lin poucos instantes antes, ela pulou da cama e encarou Kidari espantada, perguntando:

— *Kidari Dema?*

— É Chanboni. – informou o Dragão se aproximando – Ela é – Mas ele não teve tempo de terminar. A irmã o puxou pelo pescoço e o fez reverenciar, como ela mesma fazia.

— Eeee! – ele protestou, tentando se levantar e sendo impedido – Que droga é essa?!

— *Ani!* Não precisar! – Kidari balançava as mãos, no que Garo-lin deduziu ser um sinal negativo desesperado – Kidari em Almakia! Não precisar!

No mesmo instante, Shion pousou e se posicionou ao lado da dona, protegendo-a com uma asa.

— Krission! – a irmã o chamou alto, mesmo ele estando ao seu lado – Como você traz a Princesa de Kodo para esse lugar e a coloca nesse quarto tão pequeno?!

— O quê?! – ele e Garo-lin fizeram um coro, e então encararam Kidari espantados.

Esta se limitou a dar um meio sorriso nervoso, como alguém que finalmente é descoberta mentindo e não podia mais inventar uma desculpa.

Capítulo 9

Ressonância almaki

De todas as pessoas reunidas na sala da lareira – que se resumiam os herdeiros Dul'Maojin e o restante dos Dragões –, Zawhart parecia ser único a entender a grandiosidade da descoberta. Porém, ao mesmo tempo ele demonstrava toda a sua incredulidade:

— Ela nem consegue andar por muito tempo sem cair ou arrastar algo junto! Como ela pode ser a Princesa de Kodo?

— Acho que ser alguém da realeza não significa ser imune aos problemas comuns. – comentou o Dragão de Vento. – Olha o Nu'lian, por exemplo.

O Dragão Real meneou a cabeça como se concordasse plenamente e não houvesse necessidade de acrescentar.

— Como não percebi antes... – murmurou a herdeira Dul'Maojin, concentrada em seus próprios pensamentos.

— Você nem sabia que ela estava aqui!

A informação dita pelo irmão, em sua sutileza típica, a fez sair da sua meditação. Vendo que todos a encaravam, ela deu um grande sorriso e disse:

— É mesmo! Não é minha culpa não saber.

Mesmo diante dos olhares questionadores dos outros, ela manteve a aparência alegre de alguém que não tinha nada a esconder.

— O que está falando? – reclamou Dul'Maojin com um muxoxo, cruzando os braços – Afinal, quando você vai embora?

— Já querendo se livrar de mim? – ela agarrou o irmão pelo pescoço, o prendendo contra a poltrona de forma que retinha não só seus movimentos como a capacidade de respirar.

— **Hurgmhunf!** – ele protestou.

— Choveu a noite inteira, está molhado lá fora e fui dormir muito tarde depois de uma viagem cansativa para ver meu irmãzinho! É assim que você me trata?

— Nunca vou me cansar de ver isso. – a Dragão de Metal comentou com Gillion, quase batendo palmas de empolgação.

— Isso explica porque ela tem tantos privilégios do Instituto. – ponderou Zawhart, não se prendendo à carinhosa cena entre irmãos e compondo suas próprias deduções. – Somente o fato de ela ser uma estrangeira não explicava como ela conseguiu ser minha protegida.

— Comece a tratá-la melhor, Vinshu! – lembrou Sfairul rindo. – Ela é alguém tão importante quanto você. Quando a princesa cair de boca no chão de novo, ao invés de ficar reclamando que ela não olha por onde anda, a ajude a se levantar.

— Muito engraçado, Benar! Não vê que as coisas não são tão simples assim? Não é mesmo? – ele direcionou a última pergunta para a Dul'Maojin, que libertou o irmão e voltou aos seus pensamentos sérios de antes.

— Não são simples. – ela contou, contornando a poltrona e se sentando no braço dela, ao lado do Dragão de Fogo, não importando se assim estivesse invadindo o espaço dele. – Não sabíamos que ela estava no Instituto.

— Como assim não sabiam? – perguntou Gran'Otto – Você não é uma das responsáveis por questões diplomáticas?

— Está fugindo do trabalho como sempre. — resmungou Krission Dul'Maojin, ainda massageando o pescoço.

Ela calou o irmão com um soco doído no braço e respondeu para a Dragão:

— Sim, é minha responsabilidade. E eu não sabia, o que torna tudo muito estranho.

— E o quão estranho isso é? — perguntou o Zawhart, novamente sendo único a conseguir imaginar a dimensão do que isso representava.

— Estranho ao ponto de me tirar das minhas viagens e me obrigar a voltar para a Capital de Fogo. — ela esticou os braços e os jogou para trás da poltrona, como alguém que se preparava para cochilar. — Ahaaa, e lá se foi o meu descanso... Krission! Seja querido com sua irmã que está cansada e busque um copo de suco.

— Eu?! — ele fez uma careta.

— Ordene alguém, que seja. — ela fez pouco caso.

— Não vou!

— De repente me deu uma vontade de contar para a So-ren que você está aqui se divertindo ao invés de estar no Instituto fazendo algo útil para o futuro de Almakia...

Sem poder contra esse trunfo, Dul'Maojin se levantou zangado e saiu da sala, fazendo questão de bater a porta com força.

Assim que teve certeza de que ele havia se afastado, Kandara Dul'Maojin escorregou para a poltrona e imediatamente deixou de lado sua pose relaxada, assumindo uma séria:

— Muito bem, Dragões. Se a Princesa de Kodo está com vocês, é hora de saberem o que está acontecendo.

Todos ficaram mais atentos, e Zawhart assumiu o posto de representante do grupo enquanto os outros se entreolhavam:

— O quanto estamos envolvidos?

Garo-lin olhou mais uma vez para Kidari, brincando com Shion ao seu lado na escadaria da casa principal, e não acreditou que ela estivesse agindo normalmente, como se nada tivesse acontecido.

Como assim ela era a Princesa de Kodo? Como assim ela representava todo um reino de Além-mar?

Tudo bem que desde o início se podia perceber que a kodorin era alguém de alto nível devido ao que recebia no Instituto. Um quarto ao invés de um armário para dormir, por exemplo. Mas, ser alguém da realeza já era um fato totalmente inesperado. Como uma garota que conseguia perder a noção do que acontecia à sua volta por se distrair com o voo de uma borboleta poderia ser uma princesa?

O que Garo-lin sabia sobre a realeza, fora o que estavam nos livros que lera, era o que o Dragão Real demonstrava ser. Com ele sendo o único representante do Governo de Almakia que já vira de perto, associara o que os outros chamavam de nobreza à forma calma e serena de ele agir. Para ela, todo e qualquer ser real deveria ter uma personalidade tranquila para merecer o lugar que ocupava. Kidari, com o seu jeito alegre e atrapalhado simplesmente não se encaixava nesse contexto.

— Shion dá a pata! – ela exigiu, tentando impor alguns costumes locais ao seu bichinho de estimação.

O gato, por sua vez, apenas a encarou com um olhar que dizia exatamente o que ele pensava sobre dar a pata, e permaneceu imóvel.

— Shion! Kidari aprendendo também. – ela quase chorou. – Shion aprender!

Garo-lin soltou um grande suspiro. Por que tinha essa maldição de ser obrigada a ficar com pessoas importantes quando não passava de um ser simples e nunca desejara mais do que isso? Estava satisfeita em ter uma amiga não almakin com almaki. Ela precisava ser uma princesa? Não precisava ser um amigo vilashi-que-revelou-almaki, mas pelo menos podia ser alguém que não fosse tão ao extremo da sua posição.

— Garo! Shion deu a pata! – Kidari anunciou feliz, segurando a pata do gato que no momento parecia estar procurando um buraco para se enterrar.

— Kidari. – levantou, sem conseguir nem ao menos esboçar um sorriso para a conquista da amiga. – Vou continuar meu treinamento. Não posso parar só porque os Dragões têm visita.

— *De.* – a princesa assentiu, parecendo um pouco confusa com a reação dela, e o gato com asas aproveitou o momento para fugir das garras da dona antes que ela tentasse lhe ensinar algo mais.

Krission Dul'Maojin andava de um lado para o outro nos seus aposentos na casa principal, claramente irritado.

Apesar de não ter dito nada para os outros Dragões, a visita da sua irmã o deixara preocupado. Mesmo tendo prometido para a sua mãe que faria uma Incumbência decentemente, apesar de usar essa promessa como moeda de troca para poder ser o mentor da vilashi, não estava exatamente cumprido o que havia dito. Tudo bem que sua irmã e a mãe não tinham uma relação tão próxima como os outros pensavam, mas... E se a irmã acidentalmente soltasse que ele permanecera todo esse tempo na fortaleza?

Se ela contasse para So-ren, com certeza a informação uma hora ou outra chegaria a Senhora da Capital de Fogo.

Aquele lugar era meramente mais uma das posses da sua família, mantido a troco de deixar uma impressão de que os Dul'Maojin se importavam com as outras Regiões também. A Senhora da Capital de Fogo nunca havia pisado naquela propriedade, e quem o usava ocasionalmente era somente a irmã e ele. Entretanto, se a mãe desconfiasse de que o filho estava ali, saberia muito bem como chegar. E ele não queria nem imaginar o que ela faria se chegasse.

Distraído com seus pensamentos, Dul'Maojin só percebeu que estava andando de forma aleatória quando se chocou com um dos móveis do quarto e a dor o fez voltar para a realidade. Praguejando em bom tom, empurrou o móvel para um canto, ordenando que ele ficasse longe do seu caminho quando estivesse desembaralhando seus pensamentos. Então, algo na janela logo a sua frente lhe chamou a atenção.

Por ser o senhor do lugar, o melhor aposento da casa principal era o dele, e isso incluía a melhor vista. Enquanto o quarto de Garo-lin e da Princesa de Kodo ficava nos fundos e as janelas só mostravam o pátio interno com uma vista plena da movimentação dos criados entre os prédios, ali ele tinha a paisagem do lago em todo o seu esplendor. Porém, o que via agora não era a paisagem – já a vira desde pequeno e ela não representava nenhuma novidade. O que tinha de diferente lá era a sua protegida vilashi em suas tentativas fracassadas de manejar almaki em uma ordem maior do que havia sido educada desde que entrara no Instituto.

Ela seguia os passos como ele a instruíra, mas tudo o que conseguia produzir era uma pequena chama que somente serviria para iluminar momentaneamente e nada mais. Dul'Maojin sabia desde o começo que não adiantaria ensinar algo para alguém que não nascera para aquilo.

Como poderia uma reles vilashi que vivera a vida toda em algum lugar isolado do Vale Interior conseguir acompanhar o almaki de alguém de linhagem como ele?

Porém, não podia deixar de notar com interesse como ela se esforçava. Reclamando, mas nunca desistindo, dia após dia ela estava na beira daquele lago, tentando, e isso o deixava intrigado. De que adiantaria manejar almaki em uma segunda ordem se isso não apagaria o fato de quem ela era?

— **Achei você!** – Kandara Dul'Maojin abriu a porta com um chute e quase fez o irmão cair da janela com o susto.

— Precisa arrebentar com a porta do meu quarto?! – ele reclamou, tentando se recompor para que ela não desconfiasse o que ele estava olhando até aquele momento.

— Aaaahaaa! – ela rodou até a cama e se largou nela suspirando. – Preciso ir embora hoje.

— Então vá!

— Por que tanta presa? – ela perguntou sorrindo. – Será que tem um motivo especial?

— Cla-claro que não! – ele soou disfarçado.

— Huum... Não se preocupe. Sabe que não falo com nossa mãe. E não posso visitar a So-ren sem ela descobrir que vou estar por lá.

O Dragão a encarou por um tempo, avaliando o que ela dissera.

— Mas acho que não é exatamente este o seu medo, não é mesmo? – ela perguntou, como alguém que compreendera algo.

— Sou o Dragão de Fogo! – ele replicou. – Não tenho medo!

Ela concordou com um aceno de cabeça, se levantando da cama e seguindo até a grande janela com vista para o lago.

— Mas, é bom aprender a ter, meu irmão. Nem mesmo o grande Dragão de Fogo pode ser totalmente imune.

— Que seja. – ele não deu importância ao que ela falava e voltou a olhar pela janela, esperando que com isso ela desistisse de importuná-lo e fosse embora.

— Então é isso? – ela perguntou de repente, bem perto da orelha dele.

— O quê?! – pediu ao mesmo tempo em que pulava para o lado. Mas, em resposta, ela apenas sorriu e se debruçou sobre o parapeito, como se estivesse comentando para o vento:

— Realmente ninguém pode ter absoluto controle sob seus planos... Quem diria que uma vilashi seria ensinada por um

Dul'Maojin... Se nossa mãe soubesse...

— Por que não vai embora agora, hein? – o Dragão reclamou, não querendo avançar nesse assunto.

— Porque eu sei que você me ama e na verdade não me quer longe! – ela exclamou contente.

— Só em seus sonhos! – ele cruzou os braços, aborrecido.

— Não se preocupe Kris. Eu preciso ir logo mesmo.

Ele a encarou por um tempo, como se estivesse analisando.

— Continua com essa coisa de *dinplomacia*?

— Diplomacia, Kris. – ela corrigiu pacientemente. – E é o meu trabalho.

— Você não precisa de trabalho... É uma Dul'Maojin.

— Não posso evitar minha origem, mas posso ser alguém que eu quero, não posso? – ela olhou para o lago e viu a vilashi mais uma vez conseguir criar uma pequena chama e a manter por alguns segundos, logo a perdendo. – Espero que você entenda também.

— Não tem nada para o absoluto eu entender!

— Que bom que eu tenho o irmão mais absolutamente sábio do mundo! – ela riu e então pegou algo no bolso das suas vestes pedindo para ele – Abra a mão.

— O que é?

— É uma surpresa! Abra a mão!

— O que é?!

— Abre logo a mão!

Desconfiado, ele obedeceu e ela lhe entregou o que segurava.

— O que é isso? – perguntou, encarando duas pequenas esferas de vidro, presas à correntes prateadas.

— Uma novidade de Kinaito! – ela contou empolgada. – E essas duas são das especiais! Foram feitas sob encomenda! Eu também tenho uma! – ela tirou a sua do bolso e a exibiu, como se fosse um prêmio.

— Está andando com Kinaito de novo? E se a mãe souber?

— Ela não precisa saber, da mesma forma que não precisa saber que você está aqui.

Pego pela indireta dela, ele tentou desviar, perguntando sobre a esfera:

— E o que eu faço com essa coisinha?

— É uma forma de comunicação. Olha só!

Ela apertou bem forte a esfera na mão, se concentrando. No mesmo instante, as esferas na mão de Dul'Maojin começaram a cintilar em uma cor vermelha, e pequenas chamas surgiram dentro dela.

Quando ela abriu a mão diante do rosto, houve uma explosão e uma pequena imagem em miniatura dela apareceu nas esferas do irmão.

— Como fez isso?! – ele olhou surpreso o rosto dela nas esferas, e então para o rosto real na sua frente.

— Se chama ressonância almaki! – ela contou, em conjunto com o eco de sua própria voz vinda das réplicas reduzidas nas esferas. – Estou vendo o seu cabeção em miniatura aqui!

Ele espiou a esfera dela, mas não viu nada, nem mesmo o seu reflexo no vidro.

Sabendo que se não explicasse logo o funcionamento daqueles objetos para o irmão ele seria capaz de quebrá-las sob o pretexto de estar analisando, a herdeira Dul'Maojin tentou falar de uma maneira fácil.

Então se sentou no parapeito da janela e o forçou a sentar do seu lado, explicando:

— O que vemos aqui é uma representação do que está na frente da esfera com que tentamos nos comunicar. Uma impressão do nosso almaki, entende? A imagem não está realmente dentro da esfera, mas em nosso almaki, por isso só quem está com a esfera na mão consegue ver. Para que essa ligação entre esferas seja possível, você tem que ser capaz de sentir a frequência do almaki da outra pessoa.

— *Vequência?* – ele perguntou confuso, mas ao mesmo tempo admirado com aquilo.

— Frequência! Digamos que você precise ser capaz de reconhecer o almaki de outra pessoa entre outros milhares. Uma sintonia. Se você for capaz disso, não importa a distância, vai conseguir se comunicar através dessa esfera.

— Mesmo se estivermos Além-mar?

— Mesmo Além-mar. – ela confirmou. – Guarde bem essa esfera porque ela pode ser o único meio de se comunicar comigo daqui por diante.

— Hum. – ele fez, mais interessado pelas esferas do que com o aviso.

— E, não sei se o meu absoluto irmão esperto reparou, mas você tem duas esferas na mão.

— É claro que eu sei que são duas!

Ela sorriu satisfeita e orientou:

— Uma é sua, não a perca! Kinaito fez somente algumas e precisei insistir muito para ele me dar uma a mais!

— E para que duas então? Pensa que vou perder e por isso preciso ter uma reserva?

— Não posso dizer que não, mas... Digamos que ao chegar aqui percebi que essa reserva logo será útil para você.

— Posso entregá-la para os outros?

— Eles já têm.

— Como assim?

— É claro que os Dragões precisam ter uma esfera dessas! Eles são o orgulho de Almakia e devem estar equipados a altura!

— E eu fui o último a receber! – Dul'Maojin reclamou. – Então para que serve a droga da outra se eles já têm?

— Logo você vai entender, Kris... Agora, que tal mandar preparar uma refeição bem gostosa para a sua irmã partir com uma boa impressão da hospitalidade do Dragão de Fogo?

— Se eu fizer isso, você realmente vai embora?

Garo-lin se estendeu na grama e respirou fundo, encarando as nuvens passageiras de um dia brilhante após uma chuva.

Não estava dando certo, faltava alguma coisa. Há vários dias tentava com todas as suas forças e nunca conseguira ir além do que já sabia fazer, apesar de seguir exatamente o que lhe fora ensinado. Mesmo acrescentando o pouco que extraíra dos complicados livros

sobre almaki avançado que Zawhart lhe entregara, nem mesmo algo simples como mudar a cor das suas chamas era possível.

Todo almakein de fogo de segunda ordem podia manejar chamas e variar as suas cores. Ela já vira mestres e alunos do Instituto com essa capacidade usar seus conhecimentos em dias de festas para produzir chamas dançantes no céu. Sempre era um evento, apesar das intenções claras de exibicionismo deles.

— Eu queria tanto conseguir fazer uma chama colorida ou um desenho de fogo para um festival... — ela se lamentou, levantando as mãos para o alto e repetindo os movimentos básicos que o Dragão lhe ensinara.

— Vocês, vilashis, gostam muito de festas, não?

Garo-lin olhou para trás assustada e, mesmo enxergando ao contrário, percebeu que havia alguém escondido pelas sombras das árvores, perto o suficiente para ouvi-la falando. Apesar de já estar quase se acostumando à forma silenciosa do Dragão Real se aproximar, dessa vez não era ele.

Então se ergueu rapidamente enquanto, sem cerimônia alguma, a herdeira Dul'Maojin saiu das sombras e veio até ela. Como se estivesse tão cansada quanto a vilashi, a almakein largou uma mochila de viagens que carregava na grama e se sentou ao seu lado, contando:

— Logo que saí do Instituto comecei a viajar por Almakia. Essa fortaleza foi meu ponto de partida e é onde sempre volto antes de partir novamente. Um dos primeiros lugares que visitei foi o Vale Interior. Posso ter passado por você naquela época, sabia? Mas, mesmo que realmente tenhamos nos vistos, acho que eu não iria reconhecê-la hoje, já que vocês são todos muito parecidos...

Apesar de possuir aquele pensamento de superioridade como era habitual aos almakins ela não usava o tom arrogante do irmão.

Porém, mesmo que a herdeira estivesse conversando com ela normalmente, Garo-lin não se sentia a vontade em falar. Não sabia explicar direito, mas era como se a presença da herdeira Dul'Maojin fosse tão grande em comparação com a sua que abrir a boca para pronunciar qualquer coisa diante dela necessitasse de permissão. Mesmo a situação sendo obviamente assim, era algo diferente do que ela sentia com os Dragões.

Talvez pelo fato de a ter conhecido há pouco tempo, ou por ainda a associar a um vulto que pairava em cima dela no escuro durante a noite de chuva, mas... Tudo o que podia concluir era que aquela pessoa, sozinha, conseguia exercer nela todo o respeito que os Dragões não conseguiam. Mesmo assim, pelo assunto, Garo-lin não pôde resistir, e começou meio sem jeito:

— Mas... Almakins não costumam ir para lá.

— Eu fui. Não como uma herdeira, garanto... Passei por várias vilas. Qual é a sua?

— Godan, próximo ao rio Yue.

— Sim, conheço. — ela falou empolgada. — Aquela que tem um grande espaço no centro onde vocês se reúnem?

Garo-lin pensou em uma forma educada de responder:

— A maioria das vilas têm um lugar assim.

— Ah, é? Enfim, sobre o tal festival que você estava falando, eu estive lá em um dia desses e foi muito divertido. Gosto muito daquelas grandes mesas baixas em que vocês se sentam todos juntos. Se não fosse pela insistência para continuar a viagem de

alguém que estava junto naquela época, teria ficado mais. Vilashis gostam de festas.

— Mas, nossas festas são diferentes das de vocês. — Garo-lin cutucou uma folha seca aos seus pés. — Nós comemoramos alguma coisa que deixa todos felizes.

A herdeira a encarou como se não tivesse entendido e Garo-lin procurou por outra forma de explicar:

— No Instituto, por exemplo, todas as festas e comemorações parecem ter uma intenção para depois, não para o momento, entende? Vocês comemoram porque os Dragões saíram para uma Incumbência e vão voltar maiores, mais poderosos. Nós vilashis comemoraríamos pelos simples fato de eles estarem partindo em busca de algo melhor... Não importa se eles vão voltar poderosos ou não.

— É, vocês têm um forma muito estranha de pensar. Por isso vivem em tocas.

E aí estava a prova de que a herdeira Dul'Maojin não fugia a regra de ser uma orgulhosa almakin, mesmo tendo a fama de não seguir a tradição da família. Entretanto, o que ela disse em seguida cortou totalmente esses pensamentos de Garo-lin:

— Mas, pensar assim até que é bom... Espero que dessa maneira você o faça entender.

— Quê?

Em resposta, ela recebeu um sorriso satisfeito, que lembrou-lhe muito aquele que o Dragão de Fogo dava quando tinha algo totalmente arquitetado em mente, e disse:

— Manejadora de fogo de terceira ordem, Garo-lin Colinpis, a primeira vilashi dentro do Instituto Dul'Maojin.

Diante dessa fala, em tom de convocação, Garo-lin se endireitou, como quando um dos seus mestres chamava-lhe a atenção.

— Preciso partir e é bem provável que não voltemos a nos ver tão cedo... Mesmo que eu não seja uma de suas mestras, aceitaria uma Incumbência ordenada por mim?

Garo-lin pestanejou. Como assim uma Incumbência?

Entendendo o choque silencioso dela como uma aceitação, a herdeira continuou:

— Eu, Kandara Dul'Maojin, manejadora de primeira ordem, peço para que zele pelos Dragões.

— O q-quê? – Garo-lin engasgou.

— Me prometa que irá ficar com eles daqui por diante. – ela continuou, como se não tivesse sido interrompida. – Que irá ajudá-los, como se fosse uma mentora para os cinco?

Entendendo perfeitamente todas as palavras que ela dizia, mas sem conseguir encontrar o contexto delas, Garo-lin apenas permaneceu paralisada, enquanto a herdeira agarrou seus ombros e olhou bem dentro de seus olhos, como se quisesse gravar cada frase no fundo do seu almaki:

— Eles irão ditar o futuro de Almakia e Almakia será o que eles forem. Cinco Dragões existirem de uma só vez é visto como uma oportunidade. E estão tão cegos de como tudo está caminhando tão perfeitamente bem que não repararam que uma mísera vilashi está no meio deles... Conheço meu irmão Garo-lin, e estou feliz por ele ter conhecido você. Por favor, mantenha Krission da maneira como ele é, não o perca, não o deixe se perder. O destino dele já não está mais em minhas mãos.

Ela a soltou e logo em seguida se levantou, batendo as pequenas folhas de grama seca que se agarravam em suas vestes.

— Ah! — exclamou, se lembrando de algo, deixando de lado aquele ar sério de momentos antes — Você está se concentrando e visualizando, e é exatamente isso que precisa fazer. Só que, da mesma forma que não existe alguém igual a você no mundo, não existe um almaki como o seu. Somente você é capaz de conhecê-lo e, quando se der conta disso, todas as limitações desaparecerão... Desculpa se não ensinam isso no Instituto da minha família... É que se todos soubessem como é simples, não haveria sentido existir um Instituto, não é mesmo? — então ela pegou sua mochila e a jogou nos ombros. — Preciso ir. Minha mimbélula já deve estar selada e preciso chegar a Rotas antes do sol se pôr. Não se esqueça da promessa.

E, tão de repente como aparecera, ela saiu, deixando para trás uma Garo-lin extremamente confusa.

Capítulo 10

A forma de a vilashi manejar

Depois que a herdeira Dul'Maojin partira, deixando-lhe uma incumbência sem sentido, Garo-lin treinara durante toda a tarde. Porém, o cansaço misturado com o que ouvira, atrapalhavam seus pensamentos e não a deixavam se concentrar. O que exatamente ela pretendia pedindo algo tão perturbador e impossível como ser a mentora dos Dragões?

A única conclusão a que chegara era a de que a irmã pensava da mesma forma absurda que o Dragão de Fogo. E, mesmo que a herdeira tivesse lhe pedido aquilo, não havia respondido ou prometido cumprir nada. Apenas a encarara com uma careta de espanto e isso não era exatamente um sim... E, em primeiro lugar, como podia alguém que ela mal conhecia – que era tão superior ao ponto de Garo-lin ser mais insignificante do que já era diante dela – lhe pedir alguma coisa?

Querendo sair daquele estado de confusão em que ficara, Garo-lin decidiu que o melhor era se apegar em coisas concretas, como tentar melhorar o seu manejo, apesar não estar exatamente funcionando.

O sol já havia se posto há algum tempo e as luzes da casa principal e dos prédios da fortaleza já estavam acesas. Olhou para as janelas que preenchiam a massa escura às suas costas e notou somente algumas sombras se movimentando por lá, e nenhuma

delas parecia pertencer ao seu mentor. Satisfeita, voltou a sua atenção para o lago.

De certo modo era um alívio poder treinar sozinha. Com a visita inesperada dos dois últimos dias, o Dragão de Fogo não estava à vontade em ficar perto dela. Sempre arranjava uma desculpa para se afastar quando a irmã aparecia. Não que Garo-lin se importasse com isso. Era muito melhor não ter o seu mentor em volta a chamando de *vilashi inútil* ou *idiota*, apontando todos os seus mínimos erros após cada tentativa que falhava. Poder treinar sozinha, sem pressão, poderia fazer toda a diferença, e ela não queria parar enquanto ainda tinha condições de continuar. Então, mais uma vez, fez perfeitamente os gestos simples que o Dragão havia lhe ensinado e levantou a mão para o lago.

Porém, por um momento seus joelhos tremeram. Achou estranho, mas não se importou. Tinha que aproveitar o máximo possível aquele tempo sozinha. Ao levantar a mão mais uma vez, de repente o chão sumiu por de baixo de seus pés e ela sentiu como se fosse sugada para um lugar escuro.

Garo-lin abriu os olhos e piscou algumas vezes, encarando o teto de madeira envernizada. Demorou alguns segundos para entender que não estava no seu dormitório no Instituto e que não reconhecia aquele ar estranho.

— Bom dia.

Ela virou o rosto com um susto e se deparou com o Dragão Real, que parecia que até pouco tempo estava lendo um livro em

uma poltrona perto da porta. Então, uma última lembrança surgiu nitidamente em sua mente: estava na beira do lago, treinando.

Ela se levantou olhando para o outro lado e percebeu a cama de Kidari feita, e a luz do sol passando pela janela indicava que já era de tarde.

O movimento brusco fez as bordas de sua visão escurecerem e novamente ela desabou em seu travesseiro tentando se recuperar.

— A princesa vai ficar feliz em saber que você acordou. — o Dragão comentou, fechando o livro, como se até aquele momento estivesse esperando para ter certeza de que ela não iria dormir de novo e agora se convencesse que não.

— O que... Aconteceu? — Garo-lin perguntou incerta, esfregando os olhos, percebendo como se sentia mal.

— *Almaki é uma capacidade do Povo Almakin em converter sua energia em representações de forças encontradas na natureza, os chamados Poderes Elementares.* — ele recitou um dos primeiros ensinamentos que era passado para os alunos no Instituto. — Para ter energia de almaki, é preciso coisas básicas como uma boa alimentação e noites bem dormidas.

— Desculpe, mestre. — ela pediu, rindo ao se dar conta do que tinha feito.

Como uma criança no primeiro ano do Instituto, ansiosa em usar o seu almaki, ela foi além do limite e seu corpo não aguentou.

— Não se preocupe. — o Dragão disse — Só estou lhe deixando ciente do motivo da bronca que vai levar quando o Kris souber que já acordou...

Garo-lin se sentiu afundar com aquilo, e provavelmente fizera alguma careta no processo, porque recebeu um conselho:

— É melhor ouvir calada e assentir. Se fingir que escuta e concordar, será uma bronca breve.

— Não posso tentar fugir de novo? – ela pediu esperançosa.

— Ah, ele irá atrás de você. É melhor não alimentar a fúria do Dragão de Fogo.

Garo-lin riu junto com ele e isso a fez se sentir mais forte.

Achando que agora poderia se levantar sem desmaiar, ela ergueu-se, perguntando:

— Por quanto tempo dormi?

— Desde ontem à noite. Mas, Sumerin apostou que você só iria acordar amanhã.

— Apostaram?

— Benar acreditava que seriam três dias inteiros.

Garo-lin deu um suspiro. Não sabia se devia encarar o fato de os Dragões estarem fazendo apostas sobre ela como algo bom ou ruim.

— Eu disse que você era forte e que acordaria hoje de manhã. – ele informou naquela sua maneira calma de falar, como se estivesse comentando sobre o tempo lá fora, e acrescentou. – Perdi. – Então se levantou, esticando os braços.

Ela riu, mas logo se deu conta de como aquela situação era irreal: uma vilashi com um Dragão depois de ter desmaiado por exaustão. Então, lembrando da formalidade que devia manter perante um almakin do nível dele, se retraiu.

— Des-desde quando está aqui? – perguntou, tentando disfarçar seu embaraço.

Com certeza o Dragão não tinha apenas passado por ali coincidentemente, perto do momento em que estava acordando.

— Hum... – ele ponderou, como se estivesse pensando se a vilashi merecia saber – A princesa não queria deixar você sozinha, e Vinshu queria que ela voltasse a estudar. Então prometi que ficaria aqui até você acordar e a avisaria.

Ele fez menção de sair, abrindo a porta, mas Garo-lin o impediu:

— Não precisa chamá-la!

Ele parou.

— É melhor deixá-la estudar. – ela acrescentou rápido, temendo que o modo como falara tivesse soado como uma ordem.

Mas o Dragão Real apenas permaneceu lá parado, como se de repente visse algo muito interessante naquela pequena parte da casa.

— Garo. – ele chamou, parecendo começar um discurso que ainda estava sendo formulado. – Não sente saudades de casa?

A pergunta a pegou de surpresa. Além de usar a forma simples do seu nome como Kidari a chamava, algo que ela nunca pensou que seria pronunciado pela boca de um Dragão, a pergunta em si era improvável.

Mesmo assim respondeu, soando mais como uma interrogativa:

— Sim?

— Hum... – ele assentiu, avaliando essa pequena informação – É o normal.

Garo-lin ficou intrigada. De que ele estava realmente falando? Não parecia ser sobre ela.

Mas, antes que pudesse ao menos pensar em alguma coisa, ele abriu caminho e no mesmo instante a porta se escancarou,

batendo na parede com um estrondo.

— Se já está melhor levante agora, vilashi inútil! – rugiu o Dragão de Fogo, apontando imperiosamente para fora, deixando bem claro que não toleraria desobediência.

O outro lhe lançou um sorriso e saiu, e Garo-lin entendeu que desde algum tempo o seu mentor já estava ali, escutando.

Garo-lin foi obrigada a se sentar em frente de uma mesa repleta dos mais variados tipos de alimentos e foi servida com uma porção de cada prato.

— Coma carne! – ordenou o Dragão de Fogo, sinalizando para que um criado cortasse um bom pedaço do assado para ela. – Se você desmaiar mais uma vez, jogo você dentro lago e dessa vez nem o Nu’lian vai conseguir te tirar de lá!

Apertando com força seus talheres na mão, e tentando acalmar sua vontade de descobrir o quão rápido seu mentor conseguiria se desviar de um prato lançado daquela distância, ela se controlou para obedecer.

Parecia que agora, sem a irmã por perto, ele se empenhava em recuperar o tempo em que não pôde irritá-la abertamente. E, somando isso ao fato vergonhoso que mais uma vez fora o próprio que a recolhera das margens do lago, era praticamente insuportável ficar ali. Então, querendo dar um fim breve àquele tormento, começou a comer o mais rápido possível.

— Vai desmaiar de novo, idiota! – ele alertou, chocado, depois dela ter enfiado cinco pedaços de carne de uma vez só na

boca.

Sem poder responder que somente estava fazendo o que ele mandara, teimosamente tentando mastigar, Garo-lin se limitou a lhe lançar um olhar carregado dizendo exatamente isso. Superando as expectativas dela e entendendo a mensagem, o Dragão cruzou os braços na sua típica pose de quem nunca está contente com nada, fazendo questão de mostrar o quanto estava aborrecido por algo que provavelmente ele nem sabia mais o que era.

O silêncio que se instaurou, quebrado apenas pelos ruídos que Garo-lin fazia, parecia de alguma forma pesado, como se o ar ao redor tivesse forma e se alimentasse daquela situação. Isso também incomodava o Dragão, que demonstrava pela maneira irritada como olhava em volta, sem parar em ponto algum.

Subitamente, ele se levantou, quase jogando sua cadeira para trás, apoiando as mãos na mesa e encarando concentradamente a parede oposta. Fingindo que estava totalmente absorta em repor suas energias e não reparando nele, Garo-lin manteve seu olhar fixo no prato.

— Vilashi! – ele chamou de repente e informou. – Precisamos ir a Rotas. De lá até o Vale Interior é meio-dia de viagem, mas de mombélula é apenas uma hora.

Ela se esqueceu da sua convicção de se manter indiferente e espiou por cima do seu garfo com carne.

Percebendo que a protegida parava de mastigar e prestava atenção nele, o Dragão se endireitou em uma pose nobre e declarou:

— Posso pensar em passar por lá, caso você consiga manejar seu almaki de forma *descrente*.

Ela piscou algumas vezes e pediu:

— Decente?

E então ele declarou como se fosse uma ordem irrevogável:

— Consiga manejar seu almaki de forma decente e a leve para a sua vila idiota! – e saiu pisando duro, deixando para trás uma Garo-lin entorpecida.

Ao contrário dos outros dias, Garo-lin não foi para o lago. Não suportaria mais treinar naquele lugar sabendo que o mentor estaria em alguma janela, vigiando todos os seus movimentos. Então, furiosa, seguiu para um dos lados opostos da Fortaleza Dul'Maojin, onde ainda não tivera oportunidade de ir, acompanhando os muros que ligavam os mirantes para não se perder. Queria ficar o mais longe possível dos Dragões naquele momento. Não suportaria ver nenhum deles sem dizer coisas que eles provavelmente não ouviriam calados.

Quem ele pensava que era para mentir daquela forma?

Usar sua vontade de rever a família como moeda de troca para que cumprisse o que ele pedia. Como se pudesse realmente confiar no que o Dragão ditador dizia e como se ele fosse pisar em alguma parte do Vale Interior, arriscando toda a sua reputação.

Treiná-la já era algo extraordinário que ele fazia em total contragosto. Somente o pensamento de pousar sua mombélula entre o povo excluído de Almakia deveria deixá-lo enjoado. E o pior de tudo era usar isso contra ela, como se Garo-lin fosse uma criança fácil de ser convencida com um doce.

Mas, ao mesmo tempo em que tinha esses pensamentos raivosos, seu coração se apertava com a mínima possibilidade de realmente voltar para a sua vila.

Saíra de lá ainda menina e não tinha nenhuma notícia do Vale Interior vivendo dentro dos muros do Instituto. Naquele lugar esquecido de Almakia, as pessoas viviam às margens das Capitais, como se o mundo acabasse em Rotas e tudo mais além dali fosse uma dimensão impossível de transpor. Ela sentia uma falta imensa dessa sensação que nunca iria recuperar: de que a vida podia ser perfeitamente vivida dentro daqueles limites, sem necessidade de sair. Tinha consciência de que nunca iria reconquistar esse sentimento uma vez que passara pelos Portões Negros.

Entretanto, nem que por um tempo, respirar o ar do lugar que nascera poderia renovar suas forças em continuar mais dois anos presa na Capital de Fogo. E pensar nisso com uma vontade que parecia querer explodir era inevitável.

Ela parou a sua caminhada apressada rumo a lugar nenhum e respirou fundo, tentando se acalmar. Fosse seu mentor um Dul'Maojin, um Dragão ou seja lá o quê, não tinha o direito de ser cruel daquela maneira.

De todas as torturas que enfrentara até aquele momento, ele finalmente a conseguira deixar no pior estado possível. Não podia simplesmente fugir dos seus pensamentos. Podia ver exatamente em sua mente a expressão de deboche do líder dos Dragões lhe dizendo *acreditara mesmo que o absoluto eu iria fazer uma coisa dessas, vilashi idiota?* e gargalhando como se aquela fosse a coisa mais hilária do mundo.

Sentindo que deveria fazer alguma coisa urgente e perdendo a razão por um segundo, ela socou o muro da fortaleza, não se preocupando se iria quebrar a mão no processo.

Porém, não foi exatamente a sua mão que foi danificada no processo.

A explosão a jogou para trás, fazendo com que rolasse pelo gramado e por pouco não foi atingida por uma das várias pedras que voaram aleatoriamente e caíram em volta, formando pequenas crateras fumegantes.

Espantada e sem entender o que tinha acontecido tão de repente, Garo-lin olhou para todo estrago que fizera e algo se encaixou na sua cabeça. Subitamente todas as instruções do Dragão de Fogo e o que a herdeira Dul'Maojin dissera ressoaram em sua cabeça fazendo sentido.

Então, ela começou a rir e se deixou cair para trás.

Conseguira fazer um estrago no muro de pedras com um simples soco, usando seu almaki em um ataque.

Realmente não se tratava do seu nome de família, do seu conhecimento teórico ou de uma ordem de fatores misturados com um resfriado. Tinha compreendido como dominar seu almaki em uma segunda ordem, e estava a um passo de ir mais longe do que nunca imaginara.

— Para Rotas? — perguntou Sfairul, como se estranhasse aquela vontade repentina do amigo em ir a uma cidade. — Não é uma boa ideia sairmos daqui, Kris. Todos sabem que estamos em

uma Incumbência e não podemos simplesmente ir passear naquele lugar. Se a notícia de que os Dragões estiveram em Rotas se espalhar, acabou-se o sossego.

— E é por isso que vocês vão ficar aqui.

— Por quê?! – Gran’Otto soltou um gritinho que misturava decepção e revolta. – Como assim você vai para Rotas e nós ficamos?

O Dragão Real olhou por cima de seu livro a cena que se desenrolava na sua frente, provavelmente achando aquilo mais interessante que a trama escrita.

— Vinshu disse que precisava ir até lá e eu decidi que vou também! Minha irmã já deve ter tomado um rumo e não vamos nos encontrar. E se formos disfarçados não teremos problemas! – o Dragão tentou soar convincente, mostrando que tinha pensado em todos os detalhes.

Os outros Dragões se entreolharam. Vinshu Zawhart era o mais sensato de todos eles e com certeza seria o primeiro a apontar um problema. Não era da natureza dele simplesmente aceitar todas as vontades súbitas de Dul’Maojin. Se ele se convenceu de que o Dragão de Fogo poderia ir, mesmo da forma como ele falava, deveria estar tudo bem.

Afinal, ele entendera muito bem o alerta de Kandara Dul’Maojin.

— Se Vinshu vai com você... – declarou o Dragão de Vento, encolhendo os ombros.

— Realmente não posso ir junto? – a garota perguntou esperançosa. – Meu pai está construindo mais um prédio por lá e eu queria dar uma olhada nos planos de acabamento antes que...

— Acho que alguém está procurando por você, Kris. – disse Gillion, de forma simples, espiando pela janela.

Não demorou muito e um berro veio de lá de fora, chamando:

— **Dragão de Foooogo!**

Imediatamente, ele correu para a janela e avistou sua protegida lá embaixo, na beira do lago, fazendo um sinal para que ele viesse.

— Ela quer morrer?! Como ousa me chamar! – e, esquecendo-se por completo que estava no meio de uma conversa importante com seus amigos, Dul'Maojin saiu de forma urgente, resmungando coisas sobre *queimar aquela vilashi inútil*.

Quando as passadas do amigo sumiram pelo corredor, os Dragões deixaram a preocupação transparecer, e Gillion foi quem quebrou o silêncio:

— Vinshu sabe o que faz.

Mesmo estando diante de um Dragão de Fogo que não se mostrava exatamente feliz por ela o ter chamado daquela forma para o lago, Garo-lin não se deixou intimidar e manteve sua determinação enquanto ele dizia convencido:

— É claro que eu sabia que cada um tem sua forma de manejar! Como você não sabia sobre uma coisa tão simples?!

Ela achou que não valia a pena no momento entrar nos detalhes sobre a sua educação – ou a falta dela – e em como ninguém realmente se interessava em ensinar alguma coisa,

preferindo a tratar como se fosse uma sombra sem dono vagando pelo Instituto. Sem dizer nada, ela apenas fez fez o que esteve tentando fazer todos esses dias sem sucesso: criou uma bola de chamas, do seu tamanho, que não se apagou de imediato e se manteve flamejante como deveria ficar.

— Só isso? – ele não pareceu impressionado.

— Vai mesmo para Rotas e depois para o Vale Interior? – ela perguntou, usando um tom que deixava bem claro que ela continuar dependeria da resposta dele.

Ele a encarou por um tempo, como se estivesse tentando entender o fato de que alguém não acreditara no que ele prometera, e então disse, ofendido:

— É claro que sim! Sempre cumpro com o que falo, vilashi!

Gravando bem aquelas palavras, Garo-lin deu um soco na bola com a outra mão, fazendo-a se deslocar velozmente e cair no lago com uma explosão de água e vapor.

Demorou alguns segundos, mas quando Dul'Maojin percebeu que deixara transparecer o choque que tivera diante daquilo, ele tentou disfarçar falando:

— Qualquer um que saiba manejar fogo pode fazer isso!

— Então faça. – ela exigiu de forma simples.

— Acha que o Dragão de Fogo vai se rebaixar e competir com uma vilashi, idiota?

Garo-lin revirou os olhos e retrucou:

— Como se a vilashi quisesse ver o Dragão de Fogo se gabando do seu almaki de primeira ordem!

Eles se enfrentaram em silêncio por algum tempo. Ela podia jurar que sentia estática almaki sendo criada à volta deles, e esperou

que chamas começassem a estalar nas mãos de seu mentor. Mas, o Dragão de Fogo pareceu ter chegado à conclusão de que não valia a pena continuar com aquilo e apenas falou, em tom de reclamação:

— Vamos para Rotas amanhã. – e acrescentou, para não deixar a oportunidade de ordenar passar. – Esteje pronta assim que o sol nascer!

— Vou estar. – ela ousou usar um tom ameaçador, mesmo que baixo o suficiente para que ele não entendesse nada mais do que um resmungo que poderia ser qualquer coisa.

Mesmo querendo sair dali de uma forma minimamente vitoriosa, Garo-lin lembrou de algo que destruiria por completo aquele momento. Precisava informar o que acontecera com o muro da fortaleza e não deixar que o Dragão soubesse por terceiros, ou ele poderia usar esse fato para cancelar a promessa.

— Sabe... – começou, escolhendo as palavras, mas não conseguiu continuar quando ele a olhou diretamente.

— Já disse que vou levá-la para Rotas, vilashi!

— Explodiu o muro da fortaleza! – ela corajosamente contou tudo de uma vez.

— O quê?!

— Foi sem querer! – Garo-lin se apressou em explicar com gestos.

— Eu só estava pensando em tudo e de repente as pedras explodiram e com isso eu descobri o que precisava saber para manejar meu almaki.

Ele a encarou, analisando tudo o que ela dissera quase aos tropeços. E então perguntou:

— Uma combinação de *favores*?

Sem entender muito bem, ela achou melhor assentir e esperar um bom resultado.

Para a sua surpresa, ele abafou um riso, abaixando a cabeça como se estivesse muito feliz com algo que havia pensado.

Assustada com aquela reação, Garo-lin instintivamente se contraiu, pronta para fugir ou para qualquer movimento defensivo rápido. Mas, o que ele fez foi simplesmente voltar para a sua pose de absoluto Dragão de Fogo, com os braços cruzados e ar superior, a olhando daquela forma de quem estava aprontando algo, com um meio sorriso estampado no rosto.

— Muito bem, vilashi. – disse pomposo. – Já que você está empenhada em destruir propriedades Dul'Maojin, e não tem como compensar, terá que trabalhar!

Ela queria que o chão se abrisse e a engolisse.

— Amanhã, em Rotas, por um dia, não vou ser um Dragão e você será a responsável por nos guiar!

— O quê?! – foi a vez de ela ficar chocada.

PARTE II

Passos da herdeira rejeitada

*Não importa quão pequeno seja
o botão de nossa flor,
essa é a nossa única e maior
felicidade.*

Happiness - Arashi

Capítulo 11

Em Rotas

Entre estantes abarrotadas de livros, papéis espalhados aleatoriamente, móveis corroídos sobrecarregados com artefatos curiosos, materiais estranhos e substâncias coloridas contidas em garrafas, alguém se empenhava em fazer anotações rápidas em um quadro. Com cabelos verdes esbranquiçados, totalmente desgrenhados, o que lhe davam o efeito de ter uma cabeça três vezes maior do que seria o normal, usando um enorme jaleco repleto de bolsos – que também estavam carregados –, e tendo uma parafernália estranha que apitava em volta do pescoço, a figura pronunciava algo repetidas vezes enquanto rabiscava freneticamente em uma parede encardida. Ele parecia estar escrevendo o resultado de um pensamento complicado, e precisava anotar tudo rapidamente antes que pudesse se perder.

— **Kinaaaaaaito!**

A porta se abriu em um estrondo e uma rajada de vento fez as luzes dos porta-chamas se apagarem. Mesmo assim, com a pouca iluminação que vinha de uma janela suja próxima ao teto, foi possível distinguir a figura tropeçando de susto e caindo junto com uma série de coisas que estavam ao seu redor, levantando uma nuvem de poeira.

Então, gargalhando, uma mulher passou pela porta, acendendo as luzes novamente com um aceno e perguntando:

— Te assustei?

O emaranhado de cabelos, agora repletos de pequenos objetos e papéis agarrados nele, surgiu por detrás de uma mesa virada e resumiu toda a sua indignação com o susto em apenas uma palavra de repreensão:

— Kandara!

— Desculpa, não pude evitar. – ela se defendeu, abanando a mão para afastar a poeira do seu campo de respiração.

Mais sobressaltado do que irritado, ele se colocou de pé, batendo o pé das vestes e ajeitando o equipamento que tinha no pescoço: um conjunto de lentes que podiam ser sobrepostas e combinadas. Então escolheu uma das lentes e em seguida começou a reordenar a bagunça recente para a bagunça anterior.

— Seria bom você dar uma ajeitada nesse lugar de vez em quando, sabe? – disse a herdeira, pegando com cuidado um pote que continha algo indefinível e que parecia estar lá há muito tempo. – Tirar a poeira, abrir as janelas...

— Que janelas? Outra: mostrar que me importo com o lugar que vivo e correr o risco de perder minha fama de louco? – ele perguntou, dando mais atenção ao que estava fazendo, mas não deixando de ouvi-la – Não, prefiro assim. É muito mais fácil conseguir informações em Almakia agindo como alguém que não sabe o que faz.

— Informações! – ela exclamou, batendo as mãos. – Tenho muitas informações! Garanto que você até irá me perdoar por ter te assustado, de novo.

— Vai ser difícil, mas vamos tentar. – ele empurrou todo o conteúdo de uma mesa, despejando no chão e quebrando vários vidros no processo. Então procurou por um banco em um entulhado

de coisas jogadas num canto e fez questão de limpá-lo com a manga das vestes, o colocando na mesa para que ela sentasse, com uma reverência. – Prontinho, senhorita Dul'Maojin.

— Não fez mais do que o seu dever, kodorin. – ela fingiu um tom arrogante e se sentou majestosamente.

Ele arranjou um caixote parcialmente destruído e o colocou no outro lado, o usando como um precário assento.

— Eles gostaram das esferas? – perguntou sem conseguir esconder a expectativa em cada uma das palavras.

— O Dragão de Raio achou brilhante! Meu irmão não pareceu entender muito bem ainda, mas garanto que logo ele irá perceber o quanto elas são úteis. E mais! Aposto que logo ele vai achar uma utilidade para a esfera extra!

— Como assim?

— Essa é uma das coisas que preciso contar. – ela revirou sua mochila e tirou dela vários jornais, alguns escritos em línguas diferentes, e os depositou sobre a mesa – Mas vamos começar pelo começo. Olha isso. – ela lhe entregou um dos jornais escrito com palavras estranhas.

— Boas relações com o povo Além-mar? – ele perguntou com uma careta de descrença, lendo sem dificuldades. – Com Kodo? O Rei Kodima falando em boas relações?

— Parece que ele conseguiu um bom aliado.

— Quem?

— Minha mãe. – ela largou outro jornal, agora de Almakia, e esse era recheado com imagens produzidas com almaki de luz, que conseguiam representar perfeitamente o momento captado. – No seu discurso na Capital de Fogo, ela disse que Almakia deveria abrir

as portas para ilustres convidados estrangeiros e assim conseguir se aproximar das nações inferiores, lhes dando uma chance de usufruírem de melhores condições de vida.

— E, me deixa adivinhar: foi aplaudida de pé?

— Exatamente. Foi um discurso bonito, que provavelmente entrará nos livros de História, mas... É incrível como as pessoas não percebem como ele está carregado de intenções. O Governo Real a apoia cegamente. Rei Gillion está velho e não tem herdeiros. O Dragão Real está estrategicamente sob a influência do Instituto, e ela vê nisso a oportunidade de transferir de vez o poder do Domínio para os almakins.

— Você viu o Dragão Real?

— Conversei com ele, sim. Ele não tem como evitar o seu Segredo de Família, exatamente como a mãe. Apesar de ser a escolha mais óbvia, ele não seria o mais adequado para o Governo Real,

— O que o Dragão de Raio acha?

— Felizmente ele consegue enxergar além da pompa do seu título, mesmo que esteja tão agarrado a ele. Os outros não têm um senso tão apurado quanto o dele. Porém nesse momento, ele está com um problema muito maior do que simplesmente ser o Dragão mediador para nós. — ela pegou o jornal que falava sobre as boas relações e apontou para uma das últimas informações escritas nele.

— O Instituto Dul'Maojin irá receber um estudante kodorin com almaki. — ele leu alto e releu com os olhos para ter certeza do que pronunciara, e então perguntou descrente — Existe um kodorin com almaki?!

— Ah, existe, e eu a conheci. Prepare-se para uma grande surpresa! – a herdeira o encarou, deixando alguns segundos de suspense pairando no ar. – Sua excelência a Princesa Kidari Chanboni!

Demorou mais alguns segundos para que ele processasse aquela informação e então desse uma risada abafada.

— Sabia que você reagiria assim. – ela concordou satisfeita.

— A princesa?! Ela tem um poder almaki?! Ela era apenas uma menina que comia terra quando sai do palácio! Como conseguiu chegar a esse ponto? Onde está o Rajin dela? Já deve estar na idade de ter um.

— Se ela tem algum, não o vi por lá. Ela tem um gato estranho com asas que a protege. Mas, pelo que sei, um Rajin não é um animal.

— Nunca aconteceu de ser.

— Esse gato fala.

— Fala?! – ele ficou surpreso.

— Também achei curioso. Mas, como você bem sabe, o Rei Kodima apoia experiências... Isso é algo que temos que descobrir.

Por hora, a Princesa está segura. Ela é a protegida do Dragão de Raio provavelmente obra da minha mãe. O que nos dá um ponto a favor.

— Repassou as informações para ele?

— Vinshu está ciente de tudo. Os outros Dragões também sabem que devem ficar preparados. Somente meu irmão é o problema.

— E o que vai fazer com ele?

— Por hora, devemos mantê-lo afastado. Minha mãe acredita que o tem em suas mãos, e ele não iria ficar quieto se assumisse uma posição.

Para não sermos descobertos, é melhor o deixarmos assim ainda... Porém, nesses poucos dias que estive lá percebi que tem uma coisa diferente.

— Diferente como?

— Sabia que existe uma vilashi no Instituto?

— Uma vilashi?! No Instituto Dul'Maojin?! No seu Instituto?!

— Não é *meu* Instituto. – ela retrucou, com tom de quem não gostara. – Os Portões Negros também funcionam perfeitamente como uma maneira de guardar segredos que não sejam Segredos Almakis. Ela está no quinto ano e é uma manejadora de Fogo, terceira ordem.

— Uma vilashi manejadora de Fogo que já está lá há cinco anos?! – ele repetiu a informação, como se estivesse tentando a fazer se encaixar no seu conceito de realidade.

— Surpreendentemente, ela é a protegida do Krission.

Essa revelação pareceu exercer um efeito bombástico no kodorin, que não conseguiu pronunciar alguma coisa que expressasse a sua surpresa.

— Sim, quando descobri isso, também fiquei chocada... Meu irmão, o Dragão de Fogo, aceitando uma vilashi sob sua proteção... Mas, então, conversei com Vinshu e ele me contou algo mais surpreendente ainda.

— O que pode ser mais surpreendente do que o Dragão de Fogo aceitar uma vilashi?

— Ela tem um almaki de primeira ordem.

— Mas... Você falou que...

— O Instituto a classificou na ordem mais baixa, mas o poder dela está muito além disso. E incrivelmente, Krission a está treinando. Foi uma ideia genial do Vinshu, que agiu rápido ao perceber o potencial dela!... Porém, tem mais uma coisa por trás disso, e espero que se desenvolva.

— O quê? – ele perguntou, não imaginando o que podia haver a mais no já era inconcebível.

— Por hora, vamos deixar que as coisas andem por si só, não vamos interferir. Será melhor. Não podemos usar a mesma estratégia que a minha mãe nesse assunto... Tudo ocorrerá bem se for naturalmente.

Ele a encarou pestanejando, sem fazer ideia do que ela estava falando. Mas, como alguém que já estava acostumado com o modo de pensar da herdeira Dul'Maojin e confiava plenamente em suas decisões, concordou.

— O fato importante agora é que a princesa Kidari está em Almakia e isso só mostra que eles estão dando seus passos. O discurso da minha mãe reforça o que já sabíamos de ela ter um acordo com Kodo. Está na hora de nos movimentarmos.

— Os Dragões estão seguros?

— O Instituto pensa que eles estão em uma Incumbência, mas na verdade estão na Fortaleza Dul'Maojin na região de Rotas. Minha mãe acredita que eles foram bem controlados pelos mestres e que colocam o Instituto acima de tudo pelo fato de serem Dragões. Enquanto pudermos manter essa imagem, eles estarão seguros.

— Então, devemos nos reunir.

— Passei o código de onde nos encontraríamos. – ela pegou a esfera presa a corrente e a apertou na palma da mão. – Só precisam de um aviso e um dia. Vou informar a So-ren.

Garo-lin olhou fascinada para o tumulto de pessoas a sua frente. Ela já achava que havia muitas pessoas circulando no Instituto, mas nunca imaginara que chegaria a ver muito mais. E outra, nunca imaginou que veria circulando em um mesmo lugar almakins com pessoas de todos os tipos, regiões e Domínios.

Mesmo tendo uma vista da movimentação da Capital de Fogo e lendo sobre questões populacionais dentro do Domínio, ela ainda não conseguia ampliar a sua visão vilashi com apenas borrões indistintos e dados estatísticos. E, ao estar no meio do que era considerada a cidade com maior fluxo de pessoas em talvez todos os Domínios existentes, se impressionara de uma forma que não gostava de admitir.

— Inacreditável... – ela murmurou, deixando sua visão se perder naquela multidão, que esbarrava nela e se perdia de vista.

— Não fique aí parada com a boca aberta ou vão desconfiar de nós! – o Dragão de Fogo a fez lembrar de que estava parada no meio de uma das ruas principais da cidade, e que deveriam agir normalmente.

Quando seu mentor dissera que não iria ser um Dragão, na hora Garo-lin não alcançou o que ele estava planejando. Mas, ao se deparar com Zawhart e ele, naquele dia bem cedo, os dois usando roupas que pareciam ter sido pegadas dos armários dos criados, Garo-

lin quase se deixou cair na risada, exatamente como Kidari havia feito. Ela, com as vestes mais simples que havia ganhado do Instituto, parecia estar em melhores condições do que eles. Poderiam facilmente se passar por pessoas comuns, se não fosse pelas atitudes superiores que ao menos para ela, os descaracterizavam totalmente.

Visivelmente insatisfeito, mas consciente de que era a melhor alternativa, o Dragão de Raio explicou rapidamente a situação para as protegidas. Rotas era um lugar essencialmente comercial, que sempre recebia muitas pessoas de todas as direções, com um movimento acelerado e uma vida agitada. Ter uma vilashi e uma kodorin andando junto com almakins não seria uma grande novidade. Porém, se chegassem a descobrir que os Dragões estavam lá, poderia haver um alvoroço desnecessário. Portanto, eles deveriam passar despercebidos, e elas deveriam tomar cuidado em não denunciá-los.

Então, mesmo aquele dia não amanhecendo exatamente como mais propício a um passeio, eles partiram na mombélula, voando acima das nuvens de chuva.

A viagem não demorou muito tempo, mas fora o suficiente para Garo-lin lembrar do seu enjoo ao sair da segurança do chão. Independente de não entender qual era a necessidade de ir até Rotas, já que não queriam ser reconhecidos, Garo-lin tratou de selar suas reclamações e se concentrava na expectativa de chegarem a Godan. Tudo o que teria que fazer era aguentar o seu mentor naquele dia, e no seguinte poderia vislumbrar o Vale Interior depois de tanto tempo.

A chuva já havia parado quando pousaram em um lugar enlameado, nos limites de Rotas em uma área pouco povoada, onde deixaram a mombélula em uma estalagem – pagando muito bem ao proprietário para que não fizesse perguntas e cuidasse da criatura até que voltassem. De lá, seguiram a pé até a entrada da cidade, onde já havia um fluxo grande de pessoas, animais e veículos de rodas entrando e saindo por um grande portal em forma de arco, que sustentavam a inscrição *Rota Leste* em relevo. Uma vez passando por aquele lugar, Garo-lin parou e ficou olhando admirada em volta, até ser empurrada para frente pelo Dragão.

Agir normalmente em meio a tantas coisas novas e diferentes para se ver era praticamente impossível. O cenário chuvoso, ao invés de ser desanimador, era bem vindo, uma vez que as pessoas estavam tão preocupadas em não se molhar que raramente lhes davam mais do que um olhar de relance. Isso ajudava na tarefa de passarem despercebidos e ainda lhes dava a chance de poder agir como forasteiras deslumbradas despreocupadamente. Kidari, que já em seu estado normal era agitada, agora parecia estar no máximo da sua capacidade, e corria pelas vitrines e bancas das lojas sem saber o que ver primeiro. Atrás dela ia um Dragão de Raio alerta, se lamentando pelo fato de ter que trazer sua protegida junto, mesmo sabendo que ela não podia lutar contra aquela vontade de sair pulando olhando para tudo a todo o momento.

Garo-lin parou, achando que deveria esperar enquanto Zawhart ia pegar a kodorin e lhe dava uma bronca por se afastar assim de repente, mas o Dragão de Fogo a forçou a continuar, ordenando:

— Anda!

— Para onde? – ela perguntou ao ver que estavam indo em direção contrária a dos outros dois.

Ele ajeitou melhor uma touca na cabeça – escondendo de forma precária seu cabelo saltado, que podia facilmente denunciá-lo como sendo um Dul'Maojin –, e a puxou pelo braço para uma esquina.

— Ei! – ela protestou e tentou voltar, mas ele a segurou firmemente e continuou avançando. – Vamos perdê-los!

E esse parecia ser exatamente o objetivo de seu mentor.

Não demorou muito para que ela consumisse completamente seu senso de direção e não soubesse mais para onde ir. Sem alternativa a não ser segui-lo, ela se soltou bruscamente dizendo:

— Sei andar sozinha!

— Tudo bem, então. – ele continuou andando, inabalável, enquanto ela se esforçava em seguir seu ritmo, rápido demais para o seu tamanho.

Entraram e saíram em muitas outras ruas, subiram escadas e rampas, passaram por grandes edifícios e construções, atravessaram uma ponte sobre o rio Yue que atravessava a cidade e circularam por toda uma via que seguia o canal e, por fim, o Dragão pareceu chegar onde queria. Ele passou por uma entrada ornada por um arco, uma abertura que levava até um conjunto fechado de edifícios. Estes circundavam um amplo espaço aberto pavimentado, repleto de pessoas como todo o resto da cidade.

— Que lugar é esse? – ela pensou alto, não esperando necessariamente uma resposta.

— Rotas. – o Dragão respondeu simplesmente, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Preferindo ignorar, ela permaneceu calada e apenas observou em volta, o seguindo. Assim que chegaram ao meio do pavimento, onde havia pedras de várias cores formando um desenho no chão, ele parou e se virou para ela.

— Aqui é o centro de Almakia. – anunciou.

Garo-lin olhou para seus pés, impressionada, e imediatamente entendeu algo sobre o nome da cidade.

O desenho do mosaico era uma cópia exata do formato do Domínio de Almakia que ela tinha visto em mapas nos seus livros. Do centro do desenho saiam uma profusão de flechas, apontando em todas as direções. Com um olhar mais atento em volta, ela percebeu que a cada flecha apontava para um caminho por entre os edifícios, fazendo a fama de o lugar de onde se pode ir para todas as direções ter um sentido claro.

— Muito bem, vilashi. – o Dragão interrompeu seu momento de admiração, e falou de forma que só quem realmente estivesse prestando atenção nele pudesse ouvir. – Como eu disse ontem, seu trabalho é ser uma guia.

Garo-lin o encarou, na esperança de que ele pudesse se explicar melhor, mas aparentemente o Dragão já tinha falado tudo o que achava necessário ser dito, e ela precisou perguntar:

— Como assim?

— Aqui é o centro de Rotas! – ele deu um suspiro zangado e cruzou os braços, demonstrando que não acreditava que a protegida ainda não havia entendido. – Com tudo o que existe no mundo! Só por hoje, você vai escolher aonde quer ir, e pode ir para qualquer lugar.

Havia ouvido direito? Seu mentor estava lhe dando a oportunidade para ir onde quisesse? Com certeza havia um plano por detrás daquilo, e esse seu pensamento resplandeceu totalmente em uma careta de descrença.

— Pode começar. — ele fez um gesto com a mão indicando à volta, como se fosse um vendedor que dava ao seu cliente a oportunidade de apreciar todos os produtos disponíveis. Incerta, Garo-lin olhou todas as possibilidades que se estendiam à sua frente, e então murmurou começando a andar:

— Inacreditável...

Preso no Instituto por tanto tempo, Garo-lin sempre se concentrara nos livros e nas aulas já que todas as suas possibilidades se resumiam em ficar dentro daqueles muros, ao contrário dos Dragões.

Possuir uma série de lugares reservados somente a eles no Instituto, com todo o luxo e conforto que mereciam, não parecia ser o bastante para aqueles herdeiros. Eles também eram os únicos com quem os mestres não se importavam se participavam nas aulas ou aproveitavam o tempo de estudo para irem onde bem quisessem. Por isso, para ela, estar em uma cidade grande, podendo ir a qualquer lugar sem que para isso tivesse que esperar autorização, soava um tanto irreal.

Mesmo nas primeiras horas não acreditando muito, ela se arriscou a entrar em alguns lugares e olhar abobada para tudo o que podia ser comercializado nos Domínios. Ali, naquele centro havia

oficinas dos mais variados artesãos, almakins ou não, todos com negócios centenários que eram passados entre suas gerações e que exibiam com orgulho as provas disso nas paredes. Ela encontrou a loja onde eram confeccionados os uniformes para o Instituto, outra onde eram feitos os finíssimos talheres que eles usavam no refeitório, outra ainda onde se faziam os copos e taças. Cada um desses lugares, que mostravam com orgulho que estavam a serviço do Instituto, carregavam a mesma atmosfera de ostentação da colina Dul'Maojin, como se o simples fato de trabalharem para eles já os colocava em um patamar superior a todos os outros comércios. Também havia lojas exclusivas de joias e vestes que ela tanto ouvia as suas colegas de turma comentar. Para alguém como ela, que nunca ao menos sonhara em conseguir ter objetos brilhantes e tecidos finos como àqueles, poder pelo menos vê-los por detrás de uma vitrine já era algo assombroso.

Em Rotas, assim como no Instituto e na maioria das Capitais, havia o sistema de geração de energia através de almaki. Um implemento recente capaz de transformar qualquer almaki em uma fonte de luz e de calor, e que era usado principalmente para iluminação. Em lugares mais afastados, como a Fortaleza Dul'Maojin, a iluminação ainda dependia da presença de um manejador de fogo ou de fogo natural (fato: os Dul'Maojin não faziam questão de pensar que outras pessoas sem almaki de fogo também necessitavam de luz). Porém, agora haviam surgido vários equipamentos que podiam ser utilizados usando esse tipo de energia, como aparelhos que prometiam facilitar a rotina dos habitantes de Almakia... A um preço justo, claro, segundo a maneira almakin de comercializar.

Mesmo não vendo utilidade na maioria daqueles objetos expostos, Garo-lin ficara impressionada com a capacidade das pessoas que os inventara, e se perguntava se elas também teriam passado pelo Instituto.

Havia um intenso comércio de produtos vindos do Vale Interior pelas tendas mais humildes. A especialidade de Godan para o comércio eram batatas e tomates, mas cada vila tinha um produto próprio. Uma vila mais ao sul da sua produzia frutas cítricas e morangos. Outra trabalhava apenas com ervas. Essas vilas eram mais prósperas e estavam em Rotas praticamente o ano inteiro. Vilas mais humildes como Godan, só vinham para a grande cidade depois da colheita, quando traziam consigo tudo o que haviam produzido naquele ano. Em apenas alguns dias os responsáveis por essa viagem voltavam trazendo mantimentos necessários para o período de ventos frios, e quando esse passava, todo o processo se repetia.

Mesmo sabendo que ainda não chegara a época de escoamento da colheita em sua vila, Garo-lin procurou esperançosa algum rosto conhecido. Percebeu alguns vilashis com as características do seu povo, mas nenhum deles era de Godan. Poderia ter ficado longe de casa por vários anos, mas não fora o suficiente para que ela se esquecesse das dezenas de rostos que vira durante sua vida na vila.

Depois de terem percorrido quase todo o centro de Rotas, o Dragão de Fogo precisou por um momento deixar seu disfarce cair e usar toda a autoridade do seu título para obrigá-la a se sentar em um das mesas de um restaurante, só assim ela percebeu que já era início de tarde. Mas a comida também era mais um atrativo, já que as opções iam além de tudo o que já fora servido no Instituto, ao

ponto de ela não saber o que pedir, e o Dragão ter que fazer isso reclamando algo sobre morrer de fome esperando.

Quando depositaram um grande prato de massa cozida com bolinhos de carne à sua frente, Garo-lin pela primeira vez se aproveitou do fato de por um dia o Dragão agir como se fosse um qualquer em Almakia, e não esperou educadamente por ele. Não se importou com a presença de Krission Dul'Maojin e de seu título famoso, cruzou as pernas em cima da cadeira e curvou-se para frente, sentindo que a atmosfera de liberdade daquela cidade lhe permitia retomar certos costumes vilashis que tinha sido obrigada a retrain. Porém, sem parecer se importar realmente com isso, apesar de ter notado, o Dragão aproveitou o momento para fazer uma pergunta:

— Você sabe por que somos Dragões, vilashi?

Garo-lin estranhou o modo como ele perguntara – como se estivesse preparando o terreno para lhe dar um discurso sobre como era um ser importante – e várias respostas grosseiras surgiram em sua mente. Então tentou falar de uma forma educada, mantendo o pensamento de não ser ela a acabar com a tranquilidade que estava sendo aquele dia em comparação com os outros:

— Por que... Cada um de vocês tem um almaki de primeira ordem e são os guardiões de um Segredo de Família?

— Exatamente... E temos um Segredo de Família.

Mesmo que um alerta soasse no fundo de sua cabeça lhe dizendo para não seguir com aquele assunto, sua curiosidade foi maior e ela arriscou investigar:

— Por que está me perguntando isso?

— Não é bem uma escolha. Nascemos em uma Família, e Famílias têm um Segredo. Portanto devemos guardá-lo. – ele tomou mais um gole da sua bebida, como se fosse um assunto banal, dando um tempo para que Garo-lin processasse aquilo.

Estava mesmo ali? Com o Dragão de Fogo sentado à sua frente, em uma cena normal que não sugeria nem de longe a verdadeira situação deles?

Ela olhou disfarçadamente para ele, vestindo aquelas roupas basicamente normais que o faziam ter um ar normal, e por um momento tentou se imaginar vendo o Dragão como alguém comum.

Poderia compará-lo com Garo-nan? Mesmo sentindo em vários momentos que o Dragão se segurava para não tomar certas atitudes que seriam habituais para ele – como botar fogo na barraca de um vendedor que insistira muito para que ele comprasse algo – ela podia perceber certo esforço orgulhoso dele em manter aquele disfarce. Ainda assim, não era preciso muita análise para perceber que se tratavam de seres opostos: cada um se encontrava na ponta mais afastada dentro da Sociedade Almaki...

Definitivamente não havia como compará-lo com Garo-nan.

Pensando no que um mestre do Instituto ou uma das alunas arrogantes pensaria se os visse ali naquele momento, ela riu sem perceber.

— O que foi? – ele perguntou perdido.

— Não acha estranho?

— O quê?

— O que os outros pensariam ao descobrir que o guardião do Segredo de Fogo está sentado em uma mesa em Rotas,

almoçando com uma vilashi e que, inclusive, a está ensinando a manejar fogo?

Compreendendo onde ela vira a graça nisso tudo, ele concordou:

— Finalmente entendeu o ponto do disfarce, vilashi inútil... Todos nós estaríamos encrocados se descobrissem.

Quando o final da tarde começava a se anunciar, e o Dragão de Fogo declarou que deveriam voltar antes que Zawhart sobrevoasse a cidade com a mombélula atrás deles, Garo-lin não conseguiu resistir a entrar em uma loja de livros na estreita rua do canal, um pouco depois de passar pela ponte. Mesmo com seu mentor lhe dizendo que permitia uma espiada rápida enquanto ele iria logo à frente comprar alguma coisa, ela se deteve um bom tempo diante um livro antigo sobre a História de Almakia.

Não tinha dinheiro algum e nunca tivera. Os livros que possuía no Instituto eram emprestados e deveriam ser devolvidos em perfeito estado quando terminasse de cursar o ano em que eles eram usados. Podia ler os do Guarda-livros, mas sempre precisava devolvê-los aos seus lugares na estante. E ali estava algo que, de todas as coisas fantásticas que vira naquele dia, fora o único que conseguira provocar nela a vontade de possuir.

— Interessada, vilashi? – perguntou o dono da loja, se aproximando, mais por obrigação do que por achar que conseguiria vender algo para ela.

— Nã-não. Só estou olhando. – ela informou, fingindo que estava lendo os títulos dos outros livros também.

Confirmando que realmente não se tratava de uma cliente em potencial, ele voltou para o seu balcão onde estava organizando uma pilha de novas aquisições.

Com um suspiro, Garo-lin tocou na capa de couro. Mesmo estando no canto empoeirado onde provavelmente ficavam os livros encalhados, ela não conseguiria pagar qualquer preço... Deveria ter um trabalho, só para começar.

— O que está olhando tanto com essa cara de peixe estragado?

Seu coração quase saltou pela boca quando o Dragão apareceu de repente por cima do seu ombro, procurando pelo que retinha seu interesse.

— História de Almakia? – ele leu, enquanto mordida um grande pedaço do doce gelado e lhe entregava uma sacola com mais um bocado deles – Isso é chato! Pegue um antes que derreta. – ordenou, apontando para a sacola.

Realmente não era um assunto que interessasse a maioria, mas ela gostava de saber sobre o passado. Talvez porque seu futuro sempre fora tão incerto e sua descendência tão desconsiderada.

Lançando um último olhar para o livro, ela se virou para sair desanimada, quando ouviu o Dragão soltou um palavrão em tom de reclamação.

No mesmo instante o dono da loja pulou de trás do balcão e correu até eles, parecendo furioso pelo desastre com doce que Dul'Maojin tinha feito naquele e em outros livros que estavam empilhados ali. Antes mesmo que ele pudesse exigir uma

indenização pelo estrago, o Dragão tirou do bolso do casaco um saquinho tilintando de moedas e disse:

— Limpe e embrulhe, pode ficar com o troco.

Mudando instantaneamente sua expressão zangada por uma sorridente, o dono correu para buscar um pano.

— Meu doce caiu, quero outro! – o mentor exigiu para a sua protegida, como se ela tivesse sido a culpada pelo desastre.

Garo-lin voltou para a estalagem carregando satisfeita uma sacola repleta de livros. Não que quisesse aceitar alguma coisa do Dragão. Mas, quando ele disse para ficar com eles ou os jogaria no rio, achou melhor pensar que era uma forma de pagamento pelo tanto que trabalhara na fortaleza, e aceitou.

Naquela hora da tarde, a estalagem já estava repleta de viajantes que, como eles, passariam a noite, ou simplesmente pararam para jantar ou beber. Com o ar repleto de conversas, risadas, cantoria e cheiro de comida sendo preparada e servida, aquele lugar não podia ser diferente do que era a própria Rotas, agitado e parecendo um ser vivo em completa atividade.

Não demorou muito para Garo-lin avistar Kidari sentada em uma mesa no canto, ao lado de um Dragão de Raio que não parecia muito contente, e podia jurar que era pelo fato do seu líder ter fugido deles logo cedo. Porém, assim que se aproximou, já formulando mentalmente o que contaria para a amiga, a kodorin deu um pulo da mesa, a empurrando e derrubando quase todas as

coisas de cima, que precisaram ser salvas rapidamente pelo seu mentor.

— **Garoooooo!** – ela gritou lhe dando as boas vindas de uma forma esganiçada, não reparando no estrago que havia feito e parecendo um tanto estranha.

Foi só ao se aproximar dela e ser agarrada em um abraço pesado – que a fez derrubar o que carregava – que Garo-lin percebeu o que havia de errado. Além da atitude completamente fora do normal, a garota estava com os cabelos empapados com algo marrom que parecia ser terra endurecida, como se ela tivesse caído em várias poças de lama. Ela também tinha um cheiro forte que lembrava-lhe das noites de festivais.

— Deu bebida para ela?! – perguntou ao Dragão de Raio, sem conseguir esconder o tom de quem estava dando uma bronca.

— Ela achou o nome bonito e pediu vinho. – ele informou, e Garo-lin pôde perceber que o aborrecimento dele não era por conta de terem se separado, mas pelo comportamento da sua protegida, que ria abobada – Como me atrasei para voltar ela tomou umas três garrafas.

— Três?! – Garo-lin se espantou e a puxou para olhar em seu rosto.

— *Niha.* – ela cumprimentou em sua língua, sorrindo com os olhos meio desfocados e pendendo para o lado.

— E onde esteve por tanto tempo para que ela conseguisse beber três garrafas de vinho? – perguntou o Dragão de Fogo, se sentando ao lado dele, mais parecendo estar curioso do que de alguma forma culpando o amigo pelo que acontecera a estrangeira.

— Resolvendo alguns problemas. — Zawhart pegou um copo e uma garrafa ainda cheia que havia salvado e serviu vinho para o ele. — Leve-a para o quarto e lhe dê um banho, vilashi! Não aguento mais ela rindo, fazendo comentários sem sentido e querendo brincar com lama... Precisamos voltar amanhã cedo.

Com essa última frase, mesmo tentado juntar seus livros e começando a pensar em uma maneira de subir as escadas com a amiga naquele estado, ela parou e olhou para os Dragões.

— Não vamos voltar à fortaleza amanhã. — informou o Dul'Maojin, depois de tomar um grande gole da bebida e, ao receber um olhar confuso do amigo, continuou. — Vamos passar no Vale Interior.

— Vale Interior?! — o Dragão de Raio quase se engasgou, elevando seu tom de voz. Ao perceber que chamara a atenção de pessoas em volta, resmungou. — Está maluco, Kris? O que vamos fazer lá?

Ele fez um sinal para que Garo-lin saísse de uma vez. Mesmo querendo ficar e ouvir o que aconteceria, já que o Dragão de Raio demonstrou não saber de todos os planos da viagem, ela obedeceu, percebendo que não representaria peso naquela discussão.

Afinal, Krission Dul'Maojin era o líder dos Dragões e ele decidia o que fazer.

Garo-lin parou, horrorizada com essa forma de pensar. Entretanto, exclusivamente nessa situação, não seria contra o poder que esse título tinha e ficaria agradecida se ele fosse usado para ajudá-la a visitar sua casa.

Capítulo 12

Os vilashis de Godan

Quando a mombélula irrompeu pelos céus da vila com o barulho ensurdecedor das suas asas se preparando para o pouso, dizer que os habitantes entraram em pânico era pouco.

Assim que o primeiro vilashi percebeu algo estranho aproximando-se, alertou os demais. Uma correria desabalada começou por todos os cantos do campo cercado e repleto de casinhas. Mulheres pegavam crianças que ficavam paralisadas no meio do caminho olhando para cima, com olhinhos encantados e os demais apressavam-se em recolher tudo o que podiam e se fechavam em suas casas. Em questão de segundos a criatura alaranjada pousou no meio da pequena, vazia e silenciosa Godan.

Foi só quando Garo-lin saltou da cabine gritando – antes que a escada retrátil fosse totalmente colocada, caindo perigosamente no chão – que eles começaram a entender que não se tratava da aniquilação da vila por alguma força sobrenatural.

— **Sou eu! Garo-lin!** – ela correu para o centro de chão de pedras, onde havia um grande tablado que era usado comunitariamente, e subiu em cima dele anunciando. — **Eu voltei!**

Aos poucos, as portas e janelas das pequenas habitações se abriram e vários olhares curiosos cintilarem pelas frestas. Porém, foi de uma esquina estreita entre as casas que ela ouviu um grito:

— **Garo-lin!**

E antes que ela pudesse abrir um imenso sorriso ao reconhecer a voz do garoto, ele saiu correndo de onde estava escondido e pulou para junto dela, colidindo em um abraço apertado que a desequilibrou e a fez cair.

— **Você voltou!** – ele deu um berro abafado, com o rosto enterrado em seu pescoço, apertando-a ainda mais forte.

— Chari-lin? – ela perguntou, já que não conseguia associar aquele menino crescido ao seu irmãzinho que deixara para trás chorando quando saíra da vila. Mas, ao forçá-lo a se desprender parcialmente e poder olhar de forma direta para o seu rosto, não podia ter dúvidas.

— Garo-lin? – um homem apareceu correndo por entre as pessoas que já começavam a se aglomerar em volta do tablado, comentando espantadas sobre a visita surpresa.

Assim como todos os outros da vila, ele tinha os cabelo e a barba mesclados de preto e marrom – agora já mais esbranquiçados – e os olhos de um amarelo forte. Usava roupas rústicas, nada que pudesse se comparar com o que havia nas grandes cidades – mesmo entre os menos favorecidos – já que se tratavam de roupas para aqueles que lidavam diretamente com a terra. Mas, estas eram desajustadamente coloridas, com camadas e forros, uma vez que o clima depois das montanhas era conhecido por ser alternado entre frio e quente conforme a posição do sol.

Ao vê-lo, foi à vez de Garo-lin ficar com a visão embaçada, e não pôde levantar e correr como queria ter feito, já que Chari-lin não se mostrava disposto a soltá-la. Seu pai fora o último vilashi que vira antes de entrar no Instituto, aquele que a havia levado até Rotas e a entregue para os mestres que a levaram até o Instituto Dul'Maojin.

Ao contrário da reação do irmão, seu pai parecia incerto em chegar até a filha, e olhava para algo além. Foi quando ela se deu conta de que havia esquecido momentaneamente que não viera ali sozinha.

Na mombélula, mesmo ainda em cima da cabine, os Dragões e Kidari olhavam para baixo com certo receio. Afinal, aquele não era um cenário conhecido como Rotas, e nem ao menos era um lugar que pessoas ilustres como eles pensariam em visitar. Dos três, somente Kidari lampejava alguma curiosidade, e aos poucos parecia ficar interessada naquela paisagem diferente.

A vila Godan não fugia ao padrão das outras vilas de vilashis da região, mas mantinha seus costumes de um povo que veio de fora do Domínio. A maioria de suas construções era uma mescla de estruturas de pedras e preenchimento de madeira. Todas eram pintadas, conforme o costume vilashi, com várias cores que nem sempre combinavam. O formato delas era em um 'U' quadrado, com um pequeno pátio de terra batida no meio, onde havia a tradicional mesa para as famílias, como uma versão menor do tablado do centro da vila. Elas não tinham andares superiores como era comum no resto de Almakia, e quase todas possuíam pequenos anexos, construídos conforme as necessidades de cada família.

Outra característica que só se encontrava entre as vilas dos imigrantes dos quais Garo-lin descendia era o fato de todas as casas serem construídas de forma a ficar suspensas há pelo menos trinta centímetros do chão – menos por um pequeno espaço preparado de chão batido em um cômodo, que era usado para acender uma fogueira em dias muito frios. Mesmo sendo uma noção herdada de como as casas deveriam ser construídas, que servia principalmente para evitar a invasão de insetos e pequenos animais, era algo

comum na visão desses vilashis, que achavam estranhas as construções que se erguiam diretamente sobre o solo.

Além das casinhas que se destacavam em todo o cenário, outra característica exclusiva dos vilashis em geral era aquele centro comunitário, onde se realizava desde pequenas reuniões aos festivais; e também servia como um ponto de encontro entre os idosos no final no dia. Nele havia uma antiga e frondosa árvore, que espalhava seus galhos em todas as direções, como se fosse um coberto natural que ocupava metade daquele espaço.

Protegido pelos galhos dessa árvore estava o tablado, tão grande que podia acomodar facilmente todos os habitantes de Godan para uma grande refeição, todos sentados na típica maneira vilashi: com as pernas cruzadas, usando os joelhos como apoio.

Fora o lugar, os próprios habitantes já eram um atrativo em si. Depois de ter vivido tanto tempo fora e ter visto vários tipos de pessoas, agora Garo-lin notava que, realmente, vilashis eram muito semelhantes entre si. Ela podia facilmente prever o olhar admirado de Kidari pensando feliz em como todo mundo ali era parecido com sua amiga. E as roupas coloridas se destacavam mais do que tudo.

— Chari-lin, preciso me levantar. – ela sussurrou para o irmão, que afrouxou o abraço e a ajudou a ficar de pé, mas que teimosamente continuou agarrado ao seu braço, como se tivesse medo de que ela desaparecesse caso a soltasse.

Então, ela se aproximou de seu pai, contando:

— Vim fazer uma visita. – e indicou a mombélula. – Podemos ficar aqui um tempo?

— São seus amigos? – perguntou desconfiado, reação natural para quem era um dos responsáveis por Godan.

Ela lançou um olhar para os Dragões, que pareciam atentos à conversa deles, mas que ainda não se sentiam a vontade em deixar a segurança da cabine, e disse sem mentir:

— São almakins do Instituto Dul'Maojin. – e, sabendo que não poderia esconder, já que a arrogância natural deles os faria se denunciar, ela acrescentou. – São Dragões, pai. O Dragão de Raio, Vinshu Zawhart e o Dragão de Fogo, Krission Dul'Maojin.

Aquele último nome pareceu fazer mais efeito em seu pai do que o título deles. Como se tivesse recebido uma informação estrondosa, ele ficou sem reação por alguns segundos. Então, se voltando para os outros, anunciou:

— É um Dul'Maojin!

E reações iguais de espanto brotaram nas faces a volta, logo sendo substituídas por uma de alegria e não demorou muito para que uma vibração entusiasmada se espalhasse e contagiasse a todos, que começaram a comemorar como se fosse o início de um aguardado evento.

Envergonhada com aquilo, Garo-lin simplesmente abaixou a cabeça e se lamentou. Tinha ficado tão animada com a ideia de visitar sua vila que nem ao menos pensou que eles poderiam agir daquela forma.

Desde que embarcara na mombélula e finalmente se dera conta de que estava mesmo a caminho para casa, não imaginara que os receberiam como se fossem heróis ou algo do tipo. Tudo o que ela teve o bom senso de fazer naquele momento foi espiar o seu mentor e constatar a careta de desagrado dele ao perceber que aquelas boas-vindas barulhenta dos vilashis era para ele.

Porém, ela não teve tempo de planejar como lidaria com aquela situação, porque mais alguém surgira correndo no tablado e parou perto dela ofegante, a encarando como se não acreditasse no que estava vendo.

— Garo-nan? – ela perguntou, reconhecendo e também não acreditando.

Sem dizer nada, ele largou uma bolsa que carregava, espalhando peixes recém-pescados pelo chão de madeira, e a abraçou de uma forma que tirou seus pés do chão.

— Eles são todos iguais! – exclamou Zawhart, espiando pelo portal a movimentação do centro da vila, onde os vilashis trabalhavam animadamente preparando o que disseram ser uma festa em homenagem aos ilustres visitantes.

Como aquele era um fato raro em Godan, que antes nunca recebera hóspedes tão especiais quanto eles, havia uma atmosfera de empolgação e urgência que envolvia toda a vila. Aos olhos dos Dragões parecia uma imensa confusão de vilashis andando de um lado para o outro aos encontrões, cada um fazendo alguma coisa ou várias ao mesmo tempo. Ninguém parecia ter muita certeza do que deveria ser feito, mas todos pareciam ter ao menos uma ideia para dar. Uma das primeiras conclusões que chegaram foi a de que instalariam os visitantes nas melhores acomodações possíveis, e estas ficavam na casa da família Godan, os descendentes dos fundadores da vila.

— Com olhos amarelos e cabelo de cor de terra estranha misturada. — disse Kidari seguindo um compasso, como se recitasse algo, e então olhou para seu mentor, visivelmente esperando uma aprovação.

Ele, por sua vez, fez um gesto impaciente, dizendo que agora não tinha tempo para se preocupar com a pronúncia dela.

A casa dos Godan, além de ser a maior da vila, era uma das únicas que possuíam aquele espaço: uma sala com uma mesa baixa e o chão forrado, de forma que as pessoas poderiam sentar nele tranquilamente para uma conversa. Por aquela família ser a representante da vila, ali era onde se realizavam pequenas reuniões e encontros para se debater os assuntos administrativos quando não era necessário reunir todos no tablado do centro. Tratava-se de um espaço sem janelas, mas com um grande portal que ficava de frente para o centro da vila, ladeada por uma pequena área de piso de madeira, que terminava nos degraus de pedra para sair direto para a vila. Também havia uma porta de correr na lateral, que ligava o lugar com o resto da casa.

Era recostado no portal que Zawhart se lamentava pelo que estava acontecendo:

— E o que é essa tal festa? Ainda não acredito que viemos para cá! Pensei que fosse brincadeira quando... Kris? Kris! Está ouvindo?

— Hum? — o Dragão de Fogo, que até aquele momento estava sentado em uma das pontas da mesa com o olhar perdido lá fora, se voltou para ele como se só agora reparasse que não estava sozinho ali.

— No que está pensando, Kris? – Zawhart deixou o seu posto e se sentou junto com eles, não escondendo o fato que para ele era incômodo sentar diretamente no chão, e se debruçando sobre a mesa de forma que só o amigo escutasse a reclamação. – Tínhamos que ir a Rotas e voltar. Esse era o combinado!

— Onde aquela vilashi inútil foi? – o Dragão de Fogo resmungou, começando a se levantar com a intenção clara de sair.

Mas o que quer que fosse que ele planejava fazer, foi interrompido pela porta que se abriu e o obrigou a sentar de novo, já que quem passara por ela era a animada e rechonchuda senhora Godan, sua anfitriã, trazendo consigo uma bandeja de madeira com bebidas e bolinhos. Sem cerimônia alguma, ela se ajoelhou e depositou rústicos copos para cada um deles, deixando a bandeja com bolinhos no meio. Então, se sentou como eles e deixou os braços descansarem despreocupadamente na mesa, perguntando:

— Então vocês são amigos da nossa Garo-lin?

Dul'Maojin e Zawhart se entreolharam sem saber o que fazer, e Kidari sorriu da sua forma natural.

Mesmo tendo saído de Godan ainda menina, Garo-lin recordava exatamente de como a vila era e, para seu contentamento, tudo continuava exatamente igual. Enquanto passeava pelos caminhos que se lembrava tão bem, agora podia enxergar como as coisas ali eram diferentes do resto de Almakia. Como seu povo tinha um modo cantado de falar, como estavam atrasados e como tudo era mais simples, sem cerimônias. Mesmo

assim, só de estar respirando aquele ar familiar lhe dava vontade de chorar.

Sentia-se incrivelmente livre, e todos os anos que passara no Instituto agora pareciam apenas um sonho, uma impressão ruim do seu passado.

Claro que ela tinha consciência de que não podia se perder nessa sensação, que aquilo não duraria muito tempo, que logo teria que voltar a sua realidade de almagin rejeitada e suportar mais dois anos dentro dos muros do Instituto, mas... Por hora, simplesmente aproveitaria o momento. E com isso não foi difícil Garo-nan convencê-la de que deveria andar com ele e verificar todas as coisas.

Apesar da paisagem continuar a mesma as pessoas inevitavelmente haviam mudado. Seus amigos e, principalmente seus irmãos, tinham crescido, e ela viu que novos rostos corriam pelas casas.

Depois de terem percorrido o centro da vila, que era onde ficava a concentração de oficinas e lugares como a pequena escola e o armazém onde se estocava uma parte da colheita, eles partiram para as casas espalhadas pelas redondezas. Cada família tinha um espaço dentro daquela área cercada, o suficiente para suas casas e um lugar onde pudessem plantar e manter uma horta, formando um mosaico de vários terrenos recortados por uma infinidade de caminhos. Também havia um poço comunitário, um pomar – que garantia uma variedade de alimentos dentro da vila sem a necessidade de ir negociar em Rotas – e um jardim de ervas cultivado pelas senhoras para medicamentos.

Porém, os cultivos internos não era uma produção suficiente que atendesse ao consumo em todas as épocas do ano, e por isso precisavam recorrer ao que vinha de fora para poderem estocar.

Da mesma forma que as fortalezas, as vilas também tinham muros a sua volta que as protegiam e demarcavam seus limites.

Apesar desses muros não serem de pedras, mas sim de troncos das árvores, derrubadas quando se abria espaço para a construção da vila, representavam a mesma segurança. Além de ser um povo pacífico e tendo a proteção do Governo Real, vilashis não estavam totalmente seguros de ataques de pessoas mal intencionadas. Não era algo que sempre acontecia, mas com a consciência de pessoas que não tinham uma origem certa e finalmente encontraram um lugar, prevenir era uma escolha sensata. Por isso haviam mirantes estrategicamente colocados em pontos das vilas onde se podia ver o que acontecia em volta e alertar os moradores caso houvesse algum perigo. Garo-lin nunca tinha presenciado um ataque, mas seu pai já contara que, quando era menino, piratas haviam invadido a vila e levado todo o estoque guardado para a Tormenta Nanfan, e que fora um dos períodos gelados mais difíceis que Godan já enfrentara. Ao redor da vila, fora da fortaleza de troncos, havia o cultivo de tomates e as plantações de batatas, onde praticamente todos trabalhavam. Também havia um espaço dedicado exclusivamente a ervas, pés de café e pinheiros – coisas que os vilashis trouxeram com eles de fora de Almakia e com as quais não sabiam viver sem. E nas áreas onde não havia plantações, principalmente perto do rio, a floresta do Vale Interior se mantinha intocada.

Garo-nan a levou para fora dos limites da vila e lhe mostrou uma ponte nova de pedras, que parecia ter sido construída há pouco tempo e ainda faltava ser finalizada, ligando o caminho da vila com a outra margem do rio Yue. Ali ela encontrou vários conhecidos que voltavam das áreas de plantações. Eles quase não a reconheciam e ficavam surpresos ao saber que era a pequena Garo-lin dos espirros de fogo, que partira para aprender a ser uma almakin. Com Garo-nan habilmente os informando sobre a festa que seria realizada a noite e lhes passando a missão de repassar a mensagem, não demorou para que conseguissem dar a volta e chegassem ao lugar que ela mais queria ver: sua casa.

Ao ser recebida por sua mãe, assim que cruzara a precária cerca em volta da horta, mais uma vez Garo-lin chorou, e só com isso pode resumir todas as frases de saudades que sentia da família sem precisar pronunciar nenhuma delas.

Logo, se deparou com mais uma nova integrante da família Colinpis, a qual não sabia existir ainda. Arrancando uma menina tímida de três anos de trás das barras das vestes, sua mãe lhe apresentou Nana-lin, que era praticamente uma miniatura da irmã mais velha. Não sabendo quem era aquela pessoa estranha para quem a mãe fazia tanta festa, a bebê se limitou a ficar quieta observando, na esperança de que a visita fosse logo embora e não ficasse a encarando com aquele sorriso bobo. Ao lhe mostrar Nana-lin, sua mãe não demorou em começar a contar os anos que se passaram, enquanto a empurrava para dentro de casa.

Lá dentro ela reparara em mudanças. Com mais irmãos, a casa foi aumentada para abrigar todos eles, e seu quarto, ou o atual quarto das meninas da família, parecia ter diminuído em proporção

às cobertas espalhadas no chão forrado em que elas dormiam. Então, fazendo algo que tinha muitas saudades de fazer, ela correu a porta do seu antigo quarto, que dava para o pátio, e se sentou na borda do piso de madeira que ficava suspenso do chão, sorrindo feliz para sua mãe e para Garo-nan. Estes aguardaram sentados no tablado do pátio enquanto ela estava investigando a casa.

Balançando os pés, como fazia antigamente quando se sentava ali, ela pediu para que a mãe falasse dos irmãos maiores, que naquele momento estavam espalhados por Godan, cada um terminando seus afazeres.

Mira-lin, sua irmã chorona, que ela tinha visto pela última vez como uma miúda menina de dez anos, já estava crescida e participava ativamente da vida na vila. Ela assumira a posição da mãe e era uma das responsáveis pela educação das crianças, as ensinando a ler e a escrever na língua oficial de Almakia – uma das principais exigências do Governo Real para com os vilashis. Conforme sua mãe explicara, naquele dia Mira-lin levava o seu grupo de crianças para um passeio e só retornariam ao entardecer, por isso ela ainda não sabia que a irmã estava ali.

Chari-lin, que a recepcionara daquela forma e só a soltara quando o pai o ameaçou de ficar de castigo em casa aquela noite caso não terminasse o seu trabalho, agora era um menino de treze anos. Por ter tamanho, apesar da pouca idade, e já desde cedo mostrar uma forma organizada de pensar, ele foi escolhido para fazer parte do seletor grupo ao qual Garo-nan pertencia, e que estavam aprendendo dos mais velhos as formas de administrar a vila, para no futuro assumirem aquele trabalho. Garo-nan contou que seu irmão já participava das viagens para Rotas, quando era

época do escoamento da colheita, e que ele fazia questão de trazer livros para Mira-lin com o que conseguia do seu serviço, para ajudá-la com as crianças.

Juri-lin, sua segunda irmã, que desde pequena preferia ficar calada ao invés de falar, revelara ter o talento de família no preparo de doces, assim como sua avó. Apesar de Garo-lin se lembrar dela como aquela menina de seis anos que não conseguia entender porque a irmã mais velha estava indo embora, sua mãe contou que agora ela era a responsável na casa. Sendo a mais velha, com onze anos, ainda não tinha um papel ativo a desempenhar na vila e sua responsabilidade estava em ajudar a mãe com os afazeres. Naquele momento, ela estava na vila com as mulheres lidando com preparo da comida para a noite. Como sua mãe explicara, ela continuava não falando muito, e iria preferir entregar um doce feito com as próprias mãos do que lhe dizer alguma coisa.

Mio-lin, o bebê que ela só vira com o rostinho embrulhado em cobertores, agora era um esperto menino de cinco anos e estava com a turminha de Mira-lin. Provavelmente ele não a reconheceria como irmã, exatamente como Nana-lin, mas sua mãe contara que ele era fascinado por coisas que não eram da vila, e que a olharia com olhinhos brilhantes pelo simples fato dela ter vindo de fora. Garo-nan contou que ele era um caso único e que já o haviam descoberto escondido em uma das carroças que partiriam para Rotas duas vezes, tentando fugir em uma aventura.

Enquanto sua mãe contava alegremente sobre seus irmãos ou comentava sobre o quanto a filha tinha crescido, Garo-lin não pôde deixar de reparar como ela havia envelhecido. Assim como seu pai, as mechas que uma vez haviam sido marrons claras – como as

dela – agora estavam esbranquiçadas, a pele estava enrugada e os olhos haviam diminuído, como era comum nas pessoas de mais idade da vila. Por um momento, ela reuniu essa informação com o fato de seus irmãos estarem grandes e sentiu um aperto no coração: tinha perdido vários anos em que poderia estar com eles. E algumas perguntas teimosamente passaram pela sua cabeça: será que ter ido para o Instituto realmente fora algo proveitoso?

Olhou para Garo-nan sorrindo, aquele com quem convivera desde que nasceu. Tanto ele quanto todos que vira em sua vila naquele dia carregavam aquelas características típicas. Eles eram um povo alegre e sorridente, que seria capaz de encontrar uma coisa boa mesmo diante do pior desastre. Essa maneira de ser, que Garo-lin herdara de seus pais e dos pais de seus pais, estava sendo sufocada no Instituto. Talvez fosse por isso que se apegara tanto em Kidari. Ela tinha aquela mesma maneira natural de sorrir como ela mesma, que lhe lembrava tanto de casa. E, reparando no sorriso de Garo-nan, ela também reparou nele.

Era o mesmo de quem se lembrava, mas parecia ter algo diferente.

Apesar de os dois sempre terem vivido juntos e serem muito próximos, eles não eram exatamente parecidos. Garo-nan era filho único, protegido pela mãe, e por isso sempre fora mais fraco que os meninos da vila, que o provocavam por conta disso. Garo-lin era quem sempre o defendia e não pensava duas vezes em aceitar brigas em nome do amigo, voltando para casa com joelhos esfolados e uma coleção de machucados conquistados.

Se ela sabia socar tão bem, ao ponto de conseguir derrubar o Dragão de Fogo, foi porque teve um bom treinamento desde

pequena. Por ser menor que seus adversários, era proporcionalmente mais ágil e tendo a vantagem do almaki de fogo – mesmo que apenas usasse o fato para assustar – ela sempre vencida as brigas e impunha respeito. Nas brincadeiras, que geralmente eram daquelas que contribuía para os cabelos brancos de sua mãe, Garo-nan sempre precisava ser convencido a participar enquanto ela era a primeira a concordar. Mesmo no tempo dos festivais, quando toda a vila se reunia no tablado no centro, ele ficava mais sentado do que acompanhando a música, contente em apenas observar todos os outros e bater palmas, enquanto Garo-lin só parava quando suas pernas não aguentavam mais ficar de pé.

Entretanto, agora, Garo-nan já tinha idade para assumir o lugar do pai na vila, e isso deveria ocorrer logo. Esse pensamento, engajado por algo que sua mãe falara, a fez parar de divagar:

— Viu a ponte nova no rio, Garo-lin? – ela perguntou, lançando um olhar orgulhoso para o rapaz. – Foi Garo-nan quem a projetou!

Ele deu um meio sorriso e se mostrou muito mais interessado em um buraco na mesa ao seu lado do que em receber os elogios.

— É mesmo? – ela perguntou verdadeiramente surpresa.

— Facilitou muito as viagens. – a mãe Colinpis continuou contando – Podemos visitar as vilas do sul e do oeste e voltarmos no mesmo dia. Lembra do Tekei-no? Aquele que se perdeu na floresta uma vez? Ele foi trabalhar em um moinho na vila Durin e até vai se casar com uma moça por lá. A cada sete dias ele vem nos visitar aqui em Godan e traz as encomendas de farinha. Não precisamos

mais ir até Rotas para buscar. Foi uma grande coisa que o nosso Garo-nan pensou.

— Mas todos ajudaram a construir. — ele disse, como tentando diminuir o brilho que a mãe Colinpis colocava em sua participação na obra.

— Mas se você não tivesse pensado ninguém teria feito. — a mãe não o deixou se esconder na humildade, e então contou para a filha. — Desde que o pai dele adoeceu, Garo-nan está coordenando a vila. Mais um pouco o pai Godan poderá não se preocupar mais com os afazeres e apenas descansar.

Garo-lin pensou em pedir para o amigo como o pai estava, mas assim que percebeu que o semblante dele ficara mais pesado quando o assunto foi mencionado, achou melhor ficar calada. Logo saberia de alguma forma sem o importunar sobre algo que estava visível que ele não queria conversar.

Ao se dar conta disso, a mãe Colinpis mudou imediatamente de assunto:

— Esta vendo os livros de Mira-lin? — ela apontou para dentro do quarto, onde havia uma pilha de livros em cima da cômoda simples. — Ela já tem um bocado deles e arrisco dizer que é a moça mais inteligente daqui! Logo nossas crianças serão tão inteligentes quanto ela e a próxima geração estará tão educada quanto os almakins!

Achando melhor não despedaçar as previsões otimistas da mãe, Garo-lin não retrucou. Porém, ao falar em almakins, ela lembrou que havia deixado os Dragões sozinhos na vila por muito tempo, o que não era exatamente uma coisa boa. Então, explicando

isso para mãe e auxiliada por Garo-nan, ela conseguiu sair com a promessa de que voltaria a noite com eles, depois da festa.

No caminho de volta, ao olhar para trás, vendo a mãe lhe acenando com Nana-lin agarrada ao seu pescoço, Garo-lin suspirou pensando que não conseguiria ficar com elas tempo suficiente tendo os Dragões por perto.

— Somos tão chatos assim agora? – perguntou Garo-nan, interpretando errado o suspiro dela.

— Não é isso! – ela se apressou em responder, mas não sabendo como explicar a verdade.

— Você ainda não contou como é ser uma almakin, Garo-lin. – ele trocou de assunto rindo da forma como ela falara: uma mistura estranha entre o modo almakin pronunciado de falar e a maneira cantada dos vilashis, que estava teimosamente voltando.

Mesmo atrapalhada por causa desse inconveniente, ela pensou um pouco antes de responder. Sua vila não fugia do pensamento geral de Almakia de que os almakins eram seres superiores. Mesmo para o seu amigo de infância, talvez não fosse uma boa ideia falar sobre toda a arrogância deles e sobre como era tratada no Instituto.

— É bom. – ela disse de forma simples, esperando que ele não pedisse por detalhes.

— E quem exatamente são aqueles seus amigos? Você disse que eles são Dragões, mas-

— Você sabe o que são os Dragões? – ela o interrompeu, surpresa.

— Nós vamos para Rotas e sabemos algumas coisas sim, Garo-lin. – ele pareceu um pouco ofendido com a reação dela. – Sei

que Dragões são almagins importantes e não existem muito deles.

— Existem cinco, na verdade.

— E você conhece todos eles?

— Sim. – ela respondeu, engolindo o *infelizmente* que quase soltara junto.

— Inacreditável!

E foi a vez de ela rir. Ouvir alguém mais, além dela mesma, falar aquilo era algo extraordinário. E essa exclamação também a fez pensar de um modo diferente: era realmente inacreditável ela conhecer os Dragões.

E, por um curto momento, ousou se sentir orgulhosa com aquilo.

Mas, logo concluiu que estava sendo idiota e que na realidade não era algo para se orgulhar.

— Quem são esses que estão na vila?

— Os Dragões de Raio e de Fogo. Eles são da Capital de Fogo, onde fica o Instituto. – respondeu de forma rápida, torcendo para que ele não se interessasse em saber mais.

— E a garota de cabelo verde?

Se agarrando nesse gancho para desviar totalmente a conversa, Garo-lin se dedicou em falar bastante sobre algo com que se sentia a vontade e que com certeza seria mais fascinante do que os Dragões:

— O nome dela é Kidari e ela veio de Além-mar, um lugar muito distante! Está no Instituto também e estuda comigo, quase na mesma situação que a minha: é uma manejadora, mesmo não sendo de uma família almagin. – ela preferiu ocultar o fato de que

ela era a Princesa de Kodo, mesmo porque ela não tinha aceitado esse fato ainda.

— Você deve ser muito importante lá, Garo-lin. Conhecendo pessoas assim.

— Eu?! Importante? – ela chutou uma pedra no caminho. – Não sou bem importante... Foi só... uma combinação de fatores.

— Aquele... Aquele do cabelo que parecem garras tortas, com um olhar zangado. – ele começou sem jeito, fazendo gestos para explicar de quem estava falando. – Quem é ele?

Garo-lin se lembrou do seu mentor descendo correndo da mombélula quando Garo-nan a abraçara, e fazendo questão de separar os dois enquanto dava uma bronca nela por ter pulado perigosamente da criatura. Mesmo não entendendo a bronca atrasada, ela sentiu que seria capaz de dar um daqueles socos flamejantes no Dragão ali mesmo se não fosse pelo fato de haver tantas testemunhas em volta. Garo-nan parecia ter se impressionado com a forma como ele agira, e com certeza chegara à mesma conclusão que ela de que aquele almakin não era uma boa pessoa.

— É o Dragão de Fogo. Ele é meu responsável fora do Instituto e costuma não ser amigável, como deve ter percebido. Então, é melhor você me ajudar a dizer para as pessoas terem cuidado com o que falam para ele.

— Então deveria ter dito isso desde o começo, Garo-lin. Eles devem estar com a minha mãe agora, e ela não mudou nada da forma como você a conhecia.

— Su-sua mãe?! – ela quase se engasgou assustada, e imediatamente começou a correr o restante do caminho que faltava.

Garo-lin correu por toda a extensão da vila, pedindo com todas as suas forças para que os Dragões não tivessem feito nenhuma besteira durante aquele tempo.

A mãe de Garo-nan não era exatamente o tipo de pessoa que os agradaria. Ela gostava de falar e geralmente falava demais. Eles poderiam muito bem interpretar alguma coisa que ela dizia como ofensiva e depois disso nem queria imaginar as consequências.

Porém, ao chegar a casa dos Godan pela porta dos fundos, retirar suas botas de qualquer jeito as jogando nos degraus de pedra, correr para a sala de reuniões e abrir a porta quase a quebrando com o impacto contra o encaixe, ela se deparou com uma cena improvável. Os Dragões não só estavam totalmente comportados, cada um sentado da melhor maneira possível dentro do estilo vilashi, como pareciam pessoas extremamente educadas, desempenhando perfeitamente o seu papel de visitas.

Ela respirou fundo, tentando recuperar todo o ar que havia perdido, e se escorou na lateral da porta, se deixando escorregar até cair no chão forrado.

— Ah, se não é a nossa Garo-lin! — a mãe Godan só faltou bater palmas para demonstrar o seu contentamento, levantando-se habilmente e indo recebê-la com um abraço. — Por quê estava correndo assim, menina? Saudades de mim?

— Olá, mãe Godan. — ela cumprimentou se deixando apertar, só agora percebendo que a atitude que tivera era de alguém que invadira a casa.

Kidari lhe acenou entusiasmada, com a boca cheia de bolinhos, enquanto molhava um deles no seu copo de suco, bem ao seu gosto estrangeiro. O Dragão de Raio se limitou a encará-la, e não parecia tão satisfeito com o lanche quanto a sua protegida. Já o Dragão de Fogo estava inquieto, como se pensasse se deveria se levantar ou não, mostrando claramente que não aguentava mais ficar ali.

— Garo-nan! – a mãe Godan gritou na orelha dela, largando-a logo em seguida e indo recepcionar o filho, que perdera para a amiga na corrida, uma conquista dela com os treinos dos últimos dias. – Onde você estava? Temos visitas importantes!

— Estava com a Garo-lin, mãe. – ele informou, tirando seu calçado para entrar na casa.

— Ah, sim, bom menino. Venham aqui. – ela puxou os dois Garos pelos braços e os depositou na mesa, para que se sentassem um do lado do outro. – Agora sejam boas crianças e conversem com nossos convidados especiais! – ela bagunçou o cabelo deles e então perguntou para os outros – Não são umas gracinhas? Não faz muito tempo que os dois corriam juntos pela vila, e olha como estão crescidos agora!

— Mãe! – suplicou Garo-nan, enquanto Garo-lin achava a ideia de se enfiar embaixo da mesa um bocado tentadora.

— Nossos Garos nasceram no mesmo dia e por isso têm o mesmo nome. – ela explicou. – Se quiséssemos encontrar um, era só procurar pelo outro, sempre estiveram juntos. Quando Garo-lin foi embora meu Garo-nan chorou por muito tempo.

— **Mãe!** – ele quase se jogou em cima dela, para impedi-la de continuar, e lançou um olhar sem graça para Garo-lin.

Kidari riu, como se fosse uma cena divertida, enquanto seu mentor apenas tomou mais um gole de suco, resumindo a isso seu interesse no assunto. O Dragão de Fogo a encarou fixamente, a ponto de Garo-lin se sentir incomodada com aquilo. O que ele queria?

Provavelmente prestaria atenção em cada detalhe vergonhoso sobre sua infância que a mãe de Garo-nan pudesse soltar, para usar contra ela depois.

— Seus amigos me contaram que são almakins da Capital de Fogo, Garo-lin. Vocês poderiam fazer algumas explosões coloridas para nós hoje à noite, não? As crianças iriam adorar! Todo mundo iria adorar! É uma oportunidade única!

Explosões coloridas? Pedir ao Dragão de Fogo para fazer explosões coloridas para vilashis do Vale Interior? Só o pensamento já era totalmente descabido.

Garo-lin pensou rápido em uma desculpa e começou a desfiá-la:

— Desculpe-me, mãe Godan. Mas não podemos usar nosso almaki sem-

— Será um prazer. – a voz do Dragão de Fogo cortou a dela, e Garo-lin o encarou abobada.

Então ele deu aquele sorriso satisfeito de quem maquinava algo, e ela teve certeza que estaria em mais problemas até o fim daquela noite.

Capítulo 13

Tomates Gu-ren

— **O** quê?! – Garo-lin quase se engasgou ao ouvir a ordem do seu superior.

— É impossível ela fazer isso em uma hora, Kris! – Zawhart tentou colocar um pouco de bom senso dentro da cabeça dura do amigo.

— Claro que é possível! – replicou o Dragão de Fogo, em um tom que deixava bem claro que não existia qualquer coisa capaz de fazê-lo mudar esse pensamento. – Sou o mentor dela e sei muito bem o que é possível ou não! Se quiserem explosões coloridas nesse *vestival* é ela quem tem que fazer!

Depois de ter prometido para a senhora Godan que iriam ter explosões coloridas naquela noite, o Dragão de Fogo arrastou Garo-lin para fora da fortaleza de troncos, em um morro bem acima da vila, e lá declarou que poderiam treinar sem que ninguém os incomodasse. Zawhart ainda tentou segui-lo, com Kidari acompanhando seus passos, para persuadir o amigo de que aquilo era um absurdo, mas o líder parecia convicto de que conseguiria facilmente.

E, diante da teimosia declarada, o Dragão de Raio deu um suspiro derrotado e impaciente, chamando:

— *Kidari Dema*, volte para os livros. Não podemos perder tempo em brincadeiras como eles.

— Não são brincadeiras! – Dul'Maojin rosnou. – É sério! Estou ensinando aqui!

— Sim, sim. – respondeu Zawhart enquanto saía, sem realmente ouvir.

Kidari lançou um olhar suplicante para Garo-lin dizendo, sem precisar pronunciar, que não queria estudar, não agora quando havia tantas coisas novas e curiosas a sua frente. Mas a vilashi não tinha como se preocupar com a amiga naquele momento estando ela própria encrocada.

Como assim ela iria aprender a fazer chamas coloridas em menos de uma hora? Além de se achar superior, seu mentor agora enlouquecera?

Porém, louco ou não, ela não teria como fugir. Principalmente depois de a senhora Godan ter corrido para o portal da sua casa e espalhado aquela novidade para toda a vila. Com um sorriso amarelo, Garo-lin viu as crianças correrem comemorando e qualquer pensamento de dizer *não* morria antes mesmo de se formar.

— Toma. – Dul'Maojin disse, lhe jogando algo que tirou do bolso do casaco.

Se Garo-lin não tivesse um bom reflexo, provavelmente aquilo teria acertado sua testa. Felizmente, conseguira reagir quando o objeto já estava perto do seu rosto, o pegando com as mãos.

— Isto é de Benar, não vá quebrar! – ele informou rudemente, enquanto Garo-lin revirava na mão o que parecia uma bola de vidro. – Movimente a fumaça de dentro com os dedos.

Garo-lin vira o Dragão de Vento brincando com aquela bola na Fortaleza Dul'Maojin, mas nunca teve interesse em saber o que

era. Porém, agora, ao tê-la nas mãos e podendo a ver tão de perto, teve uma impressão de como funcionava.

Assim que pressionou os dedos na superfície de vidro, que era grande o suficiente para caber de forma perfeita em suas mãos – o que era bem relativo, já que ela caberia em apenas uma das mãos do Dragão de Vento – a fumaça que havia dentro se reuniu nos dez pontos, formando pequenos acumulados espiralados.

— Isso é usado como treinamento pela Família do Vento. – ele explicou. – Como o vento é algo que não podemos ver, essa bola é fundamental para a prática dos pequenos que ainda estão tendo noção de manejo... Não é algo que uma vilashi como você mereça, mas é uma forma rápida de se aprender. – então, percebendo que ela apenas segurava o objeto sem saber como continuar, ele suspirou aborrecido e olhou em volta, procurando algo que pudesse ajudá-la a entender. – A sua vila, essa festa que estão fazendo. – o Dragão apontou para baixo, onde era possível ver as pessoas se movimentando no centro, empenhadas em pendurar as lanternas na árvore antes que escurecesse. – Eles têm instrumentos, não têm? Ou vocês além de não terem calçadas não têm música?

— Claro que sim! Nós-

— Manejar chamas coloridas é muito parecido com tocar um instrumento. – ele a cortou imediatamente, como se a pergunta e a resposta não fizesse diferença alguma no contexto. – Não importa que forma tenha e que som produza, é preciso manter um ritmo e variar os tons. O ritmo é o seu almaki, as cores são os tons. Se você confiar em seu almaki, pode se concentrar em formar tons. Imagine que essa esfera é como um instrumento. Primeiro transforme a fumaça em chamas e depois mentalize e visualize uma cor para cada

dedo. O segundo passo é trocar essas cores, e o terceiro é movimentá-las... – ele parou, notando alguma coisa. – Por que está me olhando com essa cara de idiota?!

Garo-lin se recompôs e tentou disfarçar o seu espanto. Não podia deixar que o Dragão visse o quanto estava impressionada com aquela explicação.

Diferente do treinamento anterior, dessa vez ele se preocupara em ilustrar, não apenas despejara passos simples e exigira que ela conseguisse manejar perfeitamente. Mesmo com ele falando da sua forma impaciente, como se estivesse sendo obrigado a fazer a pior coisa do mundo, ela compreendera o que deveria fazer.

— Qualquer criança almakin pode usar essa bola, vilashi! – ele rosnou, cruzando os braços e parecendo estar incomodado. – Não é preciso um almaki de primeira ordem para se fazer explosões coloridas! Será que vou precisar fazer desenhos para que **Aaaaaah!**

Ele não pôde terminar. Alguma coisa surgiu correndo e se chocou contra seus joelhos, o derrubando no chão.

— **Que droga foi...** – mas o Dragão não terminou o que ia dizer.

Ao conseguir erguer a cabeça e ver que o que o tinha lhe acertado era um menino que ofegava furiosamente, com os pezinhos bem posicionados no chão em uma posição de pré-ataque, Dul'Maojin encarou a criança de uma forma ameaçadora. Garo-lin prendeu a respiração e quase deixou a bola cair no chão. Definitivamente dois vilashis iriam sumir naquele momento de Almakia.

— Mio-lin! O que você... — uma garota surgiu logo depois, chamando pelo menino. — Garo-lin?

Se esquecendo completamente do terrível fim que tinha previsto para ela e o menino, Garo-lin reconheceu a irmã e por um momento hesitou, pensando se poderia largar a bola para correr até ela. Mas o Dragão se levantou rapidamente e se pôs na sua frente, alertando:

— Estamos no meio de um treinamento aqui! Vão embora!

Mira-lin o encarou, tentando entender, já que provavelmente havia chego à vila há pouco tempo com a sua turma e não pudera ouvir muita coisa sobre as novidades. Então, ela segurou o menino pelos ombros e pediu desculpas:

— Nós vamos descer, então.

— Não! — Garo-lin pediu, instintivamente.

Sem saber o que fazer, Mira-lin olhou do Dragão para a irmã.

— Fiquem. — ele ordenou não parecendo alguém que realmente concordava, e então acrescentou especificamente para o menino. — Não atrapalhem!

Em resposta, o menino mostrou a língua para ele, em um gesto claramente ofensivo.

— Mio-lin! — a garota o repreendeu, mas isso não era o suficiente para o Dragão.

— Então é assim, vilashzinho? — Dul'Maojin levantou a mão bruscamente na frente dele.

De uma forma que Garo-lin não soube explicar, em meio segundo, ela largou a bola e se jogou na frente do irmão, ficando no campo de ataque do Dragão.

— Não encoste nele! – ela o ameaçou, o encarando de uma forma que dizia intensamente o que ela seria capaz de fazer sem que os irmãos precisassem saber de tudo que a situação envolvia.

O Dragão de Fogo ficou em silêncio por um instante, enfrentando o olhar mais mortal que já recebera na vida, mesmo este vindo dos olhos amarelos de uma vilashi. Então, retrucou:

— Não me confunda com você, vilashi! – e movimentou a mão uma, duas, três vezes, produzindo três pequenas chamas a cada movimento, uma de cada cor. Então as colheu em um gesto rápido, batendo na palma da outra mão, e o que surgiu disso foi à combinação das três em uma chama com o formato de uma mombélula. Ele se abaixou, para ficar da altura do menino, e estendeu a mão para ele. Maravilhado com o que via, como se estivesse enfeitado, Mio-lin saiu de trás de Garo-lin e se aproximou. Quando estava quase tocando nas chamas, o Dragão as esmagou com mais um tapa e isso formou várias mombélulas miniaturas, que saíram voando em volta. Sem perder tempo, o menino começou a correr atrás delas, tentando agarrá-las.

— Inacreditável! – exclamou Mira-lin, encantada com o que assistira. – Você é um almakin como minha irmã! – e então correu atrás do menino o acompanhando a caça das mombélulas cintilantes.

Garo-lin não conseguia acreditar. Era um sonho absurdo seu ou o grande Dragão de Fogo fizeram uma demonstração de almakin para seus insignificantes irmãos vilashis?

Quando ele levantou e ficou ao lado dela, observando aqueles dois pulando entre o capim, ela teve que perguntar:

— Vai me ensinar a fazer isso?

O Dragão não respondeu. Mais uma vez a encarou em silêncio, como se de repente visse algo de interessante nela. E foi com um choque que Garo-lin percebeu que estava sorrindo. Sorrindo com aquele gesto que deixara seus irmãos felizes. E, conseqüentemente, falara com seu mentor com a mesma facilidade e abertura que falava com Garo-nan.

Então, tratando de agir como se aquilo não tivesse realmente acontecido, ela recolheu a bola no chão e mudou a pergunta, tentando disfarçar o embaraço:

— Quer dizer, eu posso fazer algo assim?

Dul'Maojin passou a mão pela bagunça lamentável que era o seu cabelo, na sua tentativa habitual de deixá-los piores do que já eram, e revelou como se fosse algo simples:

— É um Segredo de Família.

Aquela declaração a atingiu com um impacto pesado que cancelou seus movimentos. O Dragão de Fogo acabara de usar um Segredo de Família para entreter seus irmãos?!

— Segredos não devem ser revelados. – ela murmurou, preocupada. Será que o Dragão seria tão irresponsável ao ponto de mostrar os Segredos Dul'Maojin para qualquer um?

Entendendo o tom que ela usara e praticamente lendo seus pensamentos, ele se defendeu:

— Não faço isso sempre! Um Segredo de Família não pode ser revelado para qualquer um! – e, ao perceber a contradição do que falara, ele tentou emendar. – Não é como se você fosse importante, vilashi! Foi só uma combinação de *favores*!... Vá treinar! **Agora!** – e se afastou no que ela já classificara como a sua pose

típica de aborrecido, tratando de esconder as mãos nos bolsos dos casacos para não correr o risco de usar seu almaki de novo.

Mesmo não entendendo tudo o que acabara de acontecer, Garo-lin observou os irmãos descendo a encosta do morro, com Mira-lin lhe acenando e gritando que falaria com ela mais tarde, provavelmente com pressa de contar o que acabara de ver para os outros... Muito bem! Agora todos estariam esperando no mínimo explosões coloridas em forma de mombélulas e isso estava além até mesmo da visão de possível do seu mentor.

Sabendo que se lamentar só a faria perder mais tempo, ela voltou sua atenção para a bola de treinamento, pressionando os dedos para reunir a fumaça em pontos. Independente de ser loucura, tentar aprender a fazer explosões coloridas em menos de uma hora, a possibilidade de poder usar o seu almaki da mesma forma que o Dragão fizera era tentadora, e não custava aproveitar aquela chance.

Porém, algo mais cutucava sua mente. Como o terrível Krission Dul'Maojin tinha a capacidade não só fazer aquelas chamas bonitas como de conseguir com isso divertir uma criança que acabara de lhe ofender?

Aquilo estava totalmente ao contrário do normal do Dragão. E era um tanto perturbador.

— Vinshu, espera! — pediu Kidari, descendo o morro com cuidado, mas mesmo assim escorregando e tropeçando.

Tinham acabado de cruzar com um menino e uma garota vilashis, o primeiro passando direto por eles e a segunda parando para cumprimentá-los de forma educada e depois continuar a subir com destreza.

— Vinshu! – ela pediu novamente, chutando uma pedra e quase caindo.

Dessa vez o Dragão de Raio parou, suspirando impaciente. Mas, em sua vontade de não fazer feio e descer o morro rolando, a kodorin não o viu e acabou se chocando com ele. Se não fosse pelo excelente equilíbrio dele, posto a prova ao ter que se conter e ao mesmo tempo segurar a Princesa, os dois poderiam ter se machucado.

— Está testando minha paciência?! – ele brigou e a estrangeira apenas lhe lançou um olhar de quem estava profundamente arrependida e pedia desculpas.

Sem ter como continuar um sermão nessas circunstâncias, ele a colocou de pé em segurança e pegou em sua mão para ajudá-la a descer.

— Onde está aquele seu gato quando você precisa dele?

— Eu mandei Shion ficar. – ela contou feliz.

— Como assim o mandou ficar? – ele perguntou, parando e olhando direto para ela. – Não é responsabilidade dele cuidar da Princesa de Kodo?

— Kidari estar Vinshu. Não coisa ruim acontecer!

Ele lhe lançou um olhar carregado, que ela deduziu que foi motivado pela sua forma errada de falar:

— Nada ruim acontecer se Dragão de Raio cuidar... Eu? – terminou meio incerta.

Ele voltou a andar, preferindo a ignorar.

— Vinshu, espera! — chamou a garota, ao se dar conta de que ele desistira de ajudá-la.

Exatamente como Kandara Dul'Maojin descobrira em suas viagens, os povos que habitavam o Vale Interior gostavam de festas e comemorações. E a chegada surpresa do orgulho da vila, trazendo consigo um raro grupo de almakins fora motivo suficiente para que toda a Godan se colocasse entusiasmada em preparar o lugar para uma grande comemoração. Havia até mesmo pessoas das vilas vizinhas, que foram convidadas ou apenas souberam das novidades e vieram conferir.

Para receber bem os visitantes, o lugar em volta do tablado fora todo decorado com os melhores tecidos e fitas, e as lanternas coloridas – que guardavam uma pequena chama e iluminavam animadamente todo o lugar – pareciam flutuar nos galhos da grande árvore. A música já começara a tocar antes mesmo de escurecer, e as fornadas das delícias que Garo-lin mais sentia saudades já preenchiam todo o ar. Não demorou muito para ela ver bandejas de bolinhos de batatas, doces de feijão, pãezinhos de laranja, tortas de queijo, bolos de morango, além das tigelas de sopa de batatas e peixes assados. Ela sabia que um banquete daqueles, só era possível porque todos contribuíram de bom grado, e não se importavam em dividir um pouco do que tinham por um grande motivo.

Ao lado do tablado uma fogueira havia sido acesa, e prometia queimar durante toda a noite, enquanto vilashis animados

já dançavam a frente dela, com os passos que batiam forte o pé no chão, típico deles, enquanto outros acompanhavam com palmas alegres em volta seguindo o ritmo. Crianças corriam brincando por todos os lados, gritando alegres e se aglomerando principalmente em volta da mombélula, que fora presenteada com um barril de água doce.

Vendo tudo aquilo, Garo-lin até se esquecera de que ainda tinha a bola de exercício nas mãos, escondida por debaixo das dobras do seu casaco, enquanto treinava discretamente para que ninguém visse e ficasse curioso. Por várias vezes teve que resistir a tentação de pegar um copo da bebida de café, que Juri-lin passava servindo em uma jarra para as pessoas reunidas no tablado, lembrando-se que não podia ficar desatenta ao comportamento dos Dragões.

Como o Dragão de Fogo dissera, era realmente fácil manejar usando aquela bola. Uma vez que ela conseguira criar as chamas coloridas e trocar suas cores, movimentá-las não era problema. Só não conseguira fazer isso em uma hora, como ele a lembrou muito bem ao impor que continuasse com o que fazia sem poder comer até conseguir. Assim, lá estava ela, com os Dragões, Kidari e seus irmãos, podendo somente olhar e se esforçar em concluir o treinamento.

Enquanto isso, Chari-lin se divertia em saciar sua curiosidade com os convidados:

— A Capital de Fogo é realmente tão grande quanto o Vale Interior? – ele perguntou para Zawhart.

Mio-lin e mais um grupinho de crianças encaram o Dragão fascinados somente com a ideia.

— É grande, mas não nessa medida. — ele respondeu, pegando prudentemente um copo de bebida que estava sendo servido para Kidari. — O Vale Interior é muito extenso. Mesmo com uma mombélula, demora quase um dia inteiro de viagem para atravessá-lo.

— É verdade que ele é o dono de tudo? — Chari-lin apontou para o Dragão de Fogo, com a educação esperada de um menino da sua idade que crescera sem saber como se comportar diante de almakin.

Dul'Maojin olhou para o dedo apontado à sua frente e então para o dono dele. Rapidamente, Garo-lin soltou a bola e colocou um bolinho na mão do irmão, escapando de forma hábil do que poderia evoluir para uma situação perigosa. Para disfarçar, ela tomou a frente e explicou de uma forma que eles entendessem:

— A Família Dul'Maojin fundou a Capital de Fogo. São tão importantes quanto os Godan são para nós.

— Aaaaah. — fizeram seus irmãos, passando a olhar o Dragão com admiração.

— Eles cuidam para que todas as famílias estejam bem? — perguntou Mio-lin, aproveitando uma chance para mostrar como era sabido.

Garo-lin olhou de relance para o Dul'Maojin, e notou que ele também aguardava pela sua resposta. Então, deu um sorriso fraco e disse, de forma vaga:

— Ééé... Algo assim.

— Você também é dono do lugar para onde a nossa Garo-lin foi, não é? — a mãe Colinpis perguntou direto para o Dragão de

Fogo, enquanto embalava uma Nana-lin dengosa no colo. – Espero que ela não esteja dando trabalho.

Ele deu um meio sorriso, como alguém que encontrara uma oportunidade – as chamas de dentro da bola apagaram-se instantaneamente quando Garo-lin sentiu seu estômago afundar e seu almaki esvair. Era uma grande chance para ele falar alguma coisa dela, e teve certeza de que seu mentor não se preocuparia em ocultar a realidade do Instituto.

— É. Algo assim. – ele respondeu vagamente, e a encarou triunfante, claramente dando o troco pela resposta anterior.

De certa forma aliviada por não ter passado disso, outra vez ela se sentiu afundar quando sua mãe tocou em outro tema preocupante:

— Espero que ela não esteja espirrando. Tivemos vários problemas com isso aqui.

Agora, até o Dragão de Raio e Kidari ficaram na expectativa da resposta.

— Espirros? – Dul'Maojin se fez de desentendido.

— Que bom que ela não espirrou. – a mãe Colinpis respirou aliviada.

— Kidari é uma princesa. – Garo-lin revelou, no seu desespero em procurar algo potencial para desviar o assunto.

— É mesmo?! – perguntou Chari-lin, encarando a garota que se lambuzava com um doce de morango. – Por isso que é verde?

Os Dragões não conseguiram conter o riso abafado e Garo-lin agradeceu mentalmente por eles acharem a falta de cultura da sua família engraçada, e por Kidari não se importar com o tom atrevido com que o irmão falara.

— De qualquer forma, obrigada por tudo o que fez. — a mãe Colinpis agradeceu diretamente ao mentor da filha. — Quando soubemos que ela podia usar almaki, ficamos com medo do que aconteceria, mas os almakins foram gentis em aceitar uma vilashi. E nossa Garo tem muita sorte em ter amigos tão bons.

Dul'Maojin não disse nada, apenas se limitou a olhar para a senhora com um ar intrigado, que Garo-lin só pôde concluir como sendo a reação de quem não conseguira alcançar o motivo do agradecimento.

— Aqui! — Mira-lin apareceu na ponta do tablado, e depositou uma travessa repleta de tomates assados no meio do grupo. — Feitos pela Juri!

Garo-lin não se conteve. No mesmo instante pulou na frente de todos e pegou um, se esquecendo completamente da ordem do seu mentor de não comer enquanto não concluísse o seu treinamento. Só na segunda grande mordida ela se deu conta do que fizera e encontrou o olhar acusador do Dragão.

— São tomates. — ela se justificou, depois de engolir com dificuldade os pedaços que já tinha mordido.

— Não tem tomates na Capital de Fogo? — perguntou Mira-lin, entendendo a situação da sua maneira, fazendo questão de servir os convidados. — São as especialidades da vila! Provem!

— Temos tomates... — Dul'Maojin murmurou em tom de reclamação, olhando com desconfiança para a sua porção.

— Mas, garanto que não são os tomates Gu-ren! — Mira-lin exclamou com um tom de orgulho. — Só nós de Godan sabemos desse segredo!

A palavra chamou a atenção do Dragão de Raio, que pela primeira vez mostrou-se disposto a começar uma conversa em um tom dócil de quem tem interesse:

— Segredo?

— Não contou a eles sobre a Lenda de Gu-ren? – a irmã perguntou com ar de incredulidade para Garo-lin, abrindo espaço entre as crianças e se sentando com eles.

— Na verdade, eles não-

— Que lenda? – Zawhart interrompeu Garo-lin, a desarmando em todas as suas maneiras de dizer que os Dragões não se interessariam por assuntos vilashis.

— Conta a história, Mira! – Mio-lin pediu praticamente pulando no mesmo lugar, e foi seguido pelas outras crianças que apoiavam a ideia.

— Certo. – ela concordou, assumindo o que Garo-lin classificou ser a atitude de professora da irmã. – Como começa mesmo?

— Quando existiam os dragões! – responderam as crianças empolgadas, como se a resposta fosse a palavra-chave para destrancar um baú de histórias.

— Exatamente! – então Mira-lin escondeu o sorriso, e adotou um tom mais sombrio para começar a contar. – Em uma época muito antiga, quando ainda existiam os dragões e eles usavam almaki sobre todas as terras, aconteceu uma grande batalha. Todos os tipos de dragões começaram a lutar, disputando qual almaki seria o líder de todos. Por muitas noites, os céus ficaram iluminados e estrondos faziam o chão inteiro tremer.

“Escondidos na floresta, amedrontados, os povos que não tinham almaki ficavam sem poder fazer nada e apenas esperavam que tudo terminasse, mesmo que qualquer amanhã depois disso fosse incerto. Porém, eles precisavam de água, e todos os dias alguém tinha que sair para buscar na fonte. E tudo aconteceu no dia em que Gu-ren era a responsável por encher o jarro.

Gu-ren era uma menina valente, mas mesmo assim o jarro tremia em suas mãos durante o caminho escuro até a fonte. Porém, nada aconteceu até ela mergulhar o jarro na fonte. Foi exatamente nesse momento que ela viu algo refletido na água: um brilho amarelo em meio à escuridão. No mesmo instante houve um rugido ensurdecedor e ela fugiu, deixando o jarro para trás. Mesmo sem olhar, Gu-ren sabia o que era: um dragão imenso! Enorme! Com olhos amarelos que brilhavam furiosos por ter encontrado aquela estranha no seu caminho, e com a boca repleta de dentes afiados prontos para devorá-la! *Aarrrrrrr!”*

Mira-lin fez gestos amplos com a mão sobre as crianças, e muitas se encolheram e soltaram gritinhos de quem estava se divertindo.

— Dragões não comiam pessoas! — Dul’Maojin reclamou para Garo-lin, que se limitou a fingir que não tinha ouvido o comentário.

— Gu-ren sabia que não podia escapar das garras de um dragão. — Mira-lin continuou. — Mas não podia simplesmente se deixar devorar. Quando os passos estavam muito próximos dela, por sorte percebeu que aquele lugar era perto de uma gruta onde brincava com os seus irmãos. Então ela se embrenhou no mato, confundindo o dragão e ganhou tempo. Sendo uma menina esperta, correu para a parte mais estreita da gruta, e rastejou pelo caminho

que diminuía conforme avançava. Então, saiu por uma pequena abertura, e foi a tempo de ver o dragão desaparecer na entrada grande da gruta. Mas, ele não conseguiu passar pelos caminhos estreitos. Ficou preso, já que era enorme.

“Furioso, ele rosnou, se remexeu, sacudiu, se debateu com tanta força que a gruta ruiu e o esmagou. Gu-ren, sã e salva, viu quando o corpo do dragão explodiu com todo o seu almaki, fazendo todas as pedras em volta virassem pó, e tudo o que restou foi o coração vermelho e brilhante.

Então, Gu-ren voltou para a sua família levando o coração consigo. E quando a batalha dos dragões terminou e tudo ficou em silêncio, todos puderam sair dos esconderijos e voltar a viver sem medo em suas vilas.

Gu-ren enterrou o coração na sua horta, esperando que o almaki dele fizesse bem à sua plantação. Mas a sua surpresa foi muito maior, porque no lugar em que havia enterrado o coração do dragão... – ela fez uma pausa dramática, olhando com um sorriso para todos os rostinhos ansiosos na sua frente.

— O quê? – perguntou o Dul’Maojin, que prestara tanta atenção nos últimos momentos da história ao ponto de não piscar, se contorcendo em seu lugar para saber do desfecho.

— Nasceu um pé de tomate! – Mira-lin finalizou feliz, fazendo um tomate escondido aparecer milagrosamente entre as suas mãos e arrancando aplausos entusiasmados da sua platéia. – E é por isso que são chamados de tomates Gu-ren!

— Como assim um tomate?! – o Dragão de Fogo pediu indignado para Garo-lin, como se fosse culpa dela a história ter terminado daquela forma decepcionante.

— É só uma história! – ela reclamou. – Cada vila conta de uma maneira. Em Durin é um morango.

Antes que ela pudesse terminar de explicar, houve uma explosão de gritos e palmas com o final de uma dança e logo o pessoal começou a se preparar para mais uma. Foi nesse instante que Garo-nan surgiu por entre as pessoas que se aglomeravam em volta do tablado, e parou na frente de Garo-lin falando animado:

— Eles vão tocar uma música de roda! – e estendeu a mão para ela, convidando-a.

Encantada com a ideia de poder participar dessa dança, ela abriu um imenso sorriso e começou a se levantar para aceitar o convite. Porém, houve um estrondo ao seu lado que a fez parar assustada. O Dragão de Fogo batera seu copo violentamente no tablado, conseguindo com isso derrubar os copos de quase todos os que estavam à volta. Sem se importar com os olhares espantados que recebera, ele chamou Garo-lin da sua forma autoritária:

— Vilashi!

— Sim? – ela respondeu, automaticamente ficando atenta, reconhecendo de imediato o tom que ele usava para mandar e desmandar no Instituto.

— Vá fazer as explosões coloridas! Agora!

A atitude dele chamou a atenção dos vilashis próximos e vários rostos se voltaram para o que estava acontecendo.

— Por que está gritando com ela? – Garo-nan perguntou, ficando na frente da amiga e fazendo a coisa mais estúpida do mundo ao enfrentar o herdeiro Dul'Maojin.

Se colocando de pé, o Dragão lhe lançou um olhar carregado que dizia claramente que ele não admitia alguém que ousasse o

questionar daquela maneira, e isso fez com que Garo-lin agisse depressa:

— Eu vou! — disse para o seu mentor, empurrando o amigo para o lado e lhe dizendo baixinho. — Não se preocupe.

E se apressou em sair, sendo seguida pelo Dragão de Fogo

Capítulo 14

Explosões de Almaki de Fogo

Garo-lin caminhou furiosa até a mombélula, pedindo para as crianças que estavam ali se afastarem e esperarem perto da fogueira, que ela iria fazer as ditas explosões. Urrando de alegria, elas se afastaram sem reclamar, correndo como uma massa compacta e fazendo com que o Dragão tivesse que se desviar do caminho.

Enquanto ele chegava até a criatura, reclamando algo sobre crianças vilashis não terem limites, ela se virou para ele e explodiu toda a sua irritação de uma vez:

— Não importa se você é um Dul'Maojin! Não pode simplesmente fazer o que quer aqui!

— E o que eu iria fazer, vilashi? – ele retrucou com um tom indignado, como se a acusação fosse falsa.

— Iria brigar com Garo-nan na frente de todo mundo! Pode fazer isso em sua Capital de Fogo, mas não pense que vou simplesmente ficar calada se você ousar levantar um dedo contra as pessoas da minha vila! O que ele fez para você reagir daquela maneira?! A família dele não os recebeu na própria casa? Precisa ser tão mal-agradecido assim?

— Do que está falando?! Pensa que eu iria atacá-lo?

A maneira como ele perguntou, como se só agora tivesse realmente pensado nessa possibilidade, a fez parar.

— Não iria? – ela perguntou incrédula.

— Não, idiota! Não ataco quem não mereça!

Ela o encarou com uma expressão que dizia claramente que aquilo era a maior mentira que já ouvira na vida. Incomodado, ele cruzou os braços e olhou para o outro lado, mais resmungando do que dizendo:

— Posso bater, mesmo que elas não mereçam tanto... Mas, não sem motivo! Quem faz isso é você, baixinha inútil! Ou já se esqueceu que quase quebrou meu nariz?!

Aquilo foi demais para Garo-lin, que estufou o peito e rebateu sem medo:

— Não mereceu?!

— Claro que não!

— Acha que não fez nada?! Foi pouco quase ter quebrado o seu nariz!

— Idiota!

Bufando, ela sibilou:

— Realmente não adianta falar com você, *Dul'Maojin!* – e usou o mesmo desprezo que ele usava para chamá-la de vilashi ao falar o nome.

— Garo-lin?

Houve um movimento vindo de frente da mombélula. Até aquele momento Garo-lin achava que estavam sozinhos, já que as crianças haviam dado o alerta para que os outros se reunissem, e a criatura servia como uma barreira entre eles e o centro da vila. Mas assim que o dono da voz avançou e saiu da sombra da cabeça da mombélula, ficando perfeitamente visível, ela o reconheceu:

— Garo...

O resto do nome saiu como um engasgar abafado.

Dul'Maojin a agarrou pela cintura e puxou a escada retrátil, conseguindo a levar facilmente para a cabine já que ela perdera todo o seu equilíbrio ao ser agarrada de surpresa e bruscamente tirada do chão.

— **Me larga!** – ela berrou, exigindo.

— **Garo-lin!** – seu amigo reagiu, tentando socorrê-la, mas o Dragão de Fogo foi mais rápido e puxou a escada antes que ele pudesse alcançá-la. – O que vai fazer com ela?!

Sem responder, ele apenas pegou os arreios da mombélula, que ficou prontamente atenta e a fez levantar voo enquanto Garo-lin esperneava tentando se soltar. Quando já estavam bem afastados do chão ele a largou, recebendo um olhar indignado de quem não encontrava palavras para dizer como se sentia.

Se levantando em um pulo, Garo-lin precisou se agarrar na cabine, já que a mistura do choque e do seu enjoo faziam com que suas pernas não obedecessem.

— **O que pensa que está fazendo?!** – ela gritou inconformada.

— Explosões. – o Dragão disse simplesmente, puxando as rédeas e comandando a mombélula a parar no ar, em um leve descer e subir circular enquanto mantinha as asas em pleno movimento.

Ela espiou lá embaixo e viu os pequenos pontos luminosos que eram as lanternas, com o pessoal já reunido esperando pelo que eles prometeram fazer. Olhando para o ponto chamejante que se reduzira a fogueira, ela sentiu uma vertigem e as bordas de sua visão embaçaram.

Antes que seus joelhos batessem no chão, ela foi apanhada pelo Dragão. E, tão rápido quanto voltou a si, se afastou, o empurrando longe, tentando se recompor dignamente para mostrar que não precisava da ajuda dele.

— Eles estão esperando. — ele a lembrou que não tinha alternativa.

E isso era comprovado pelas vozes ansiosas vindas de lá de baixo. Conseguia ouvir as crianças gritando contentes e conseguia distinguir Kidari junto delas, as incentivando a pedir que começassem logo. Agora, não podia decepcioná-los. Não importava o fato de ter sido praticamente arrastada por ele para dentro daquela mombélula e de que até pouco tempo antes estiveram discutindo. Cumpriria o que prometera ao seu povo, e não teria outra opção senão ouvir as instruções daquele Dragão arrogante e obedecer.

— Sem a esfera, faça exatamente a mesma coisa, comprimindo as duas mãos, e mentalize. Primeiro chama, depois cor, tamanho, e então libere o seu almaki.

Acalmando-se mentalmente, ela respirou fundo e fez o que ele dissera.

Como sempre, sua primeira tentativa não dera certo. Ela conseguiu criar uma chama colorida, que apenas se dissolveu no ar quando ela afastou as mãos.

Esperando uma grosseria do seu mentor com a falha, como seria o normal, ela apenas o ouviu explicando:

— A esfera ensinou que o seu almaki pode ser contido dentro de limites. Sabendo que você pode impor esses limites, imagine uma esfera muito maior que a mombélula, e use esses limites para

moldar. – ele bateu suas mãos, e produziu uma chama verde, que se movimentou na sua frente formando uma espiral, e aumentou de tamanho conforme ele afastava as mãos. Então, lançando os braços para cima, ele fez à espiral ficar gigante e girar sobre eles cada vez mais rápido, até explodir em fagulhas coloridas, que chuviscaram em volta e se apagaram há alguns metros do chão.

A mombélula permaneceu estável mesmo com o forte clarão pouco acima dela, como se já estivesse acostumada a demonstrações de almakis, enquanto berros e exclamações de alegria vieram de lá de baixo, subindo até eles como uma massa de sons disforme. O coração de Garo-lin deu um pulo alegre ao ouvir aquilo, mas ela tentou permanecer inabalável, não querendo dar essa impressão de que alguma forma se contentara com algo que ele fizera.

— Me dê a sua mão. – ele pediu.

— Quê?

— Vamos fazer juntos uma vez e vai ficar mais fácil.

Diante de todas as suas possibilidades de fuga, que sempre terminavam com ela indo a um terrível encontro com o chão, Garo-lin não tinha melhor opção a não ser concordar e terminar logo com aquilo.

Uma vez que saísse da mombélula e tivesse os pés firmemente no solo, trataria de pensar em uma maneira de fazer o Dragão se arrepender de tudo o que tinha feito.

Então, estendeu a mão espalmada e juntou com a dele. Mesmo com a diferença visível entre as duas, esse fato não representava um empecilho de manejo, já que as mãos serviam apenas como uma forma prática e eficiente de se canalizar

o almaki do corpo. Não demorou para ela perceber que estava dando certo e que seu almaki formigava pelos seus dedos.

— O que quer fazer? Um tomate? – ele provocou rindo e, diante do olhar mortal que recebera, tratou de continuar. – Comece com algo mais simples. Uma bola. De que cor?

Ela pensou em uma que sua mãe iria gostar, e disse, fechando os olhos:

— Amarela.

— Visualize pequena, então a faça crescer conforme nos afastamos... Agora!

Ela fez isso e sabia que funcionara. Mesmo com os olhos fechados podia perceber a luz que se formava a sua frente e ia crescendo conforme afastava sua mão da dele.

— Jogue para o alto! – ele ordenou.

No mesmo instante em que fez o movimento ela abriu os olhos e viu a bola amarela crescer de forma assustadora e explodir em milhares de centelhas que flutuaram calmamente, como se fossem flocos de neve. E mais uma vez a vila irrompeu em gritos de alegria.

— Agora faça sozinha. – o Dragão mandou, enquanto sentava no banco do condutor e deixava todo o espaço da cabine somente para ela.

Maravilhada com aquela nova e divertida forma de manejar seu almaki, por um momento Garo-lin se esqueceu completamente de tudo. De que era uma anormal, uma vilashi com almaki, que vivia aprisionada e ignorada no Instituto, os momentos torturantes que passara na Fortaleza Dul'Maojin e sua fuga fracassada, a briga que tivera há pouco tempo com o Dragão de Fogo e a maneira como ele

a tratara como se fosse um saco de batatas. Naquele momento, só pensou em usar o poder que tinha da forma como sempre quis usar: para a sua vila e para as pessoas que eram importantes para ela. Por isso imaginou as mais variadas formatos e combinações de cores e se esmerou na finalização de cada explosão, buscando fazer o seguinte sempre melhor e maior que o anterior.

Na sua empolgação, não percebeu que estava prestes a romper o seu limite até o momento em que tudo o que conseguiu manejar foi um sopro de fogo azulado, que viveu apenas alguns instantes. Mesmo dali ela podia sentir a atmosfera repleta de expectativas que vinha de lá de baixo e não pôde esconder o desapontamento com as tentativas inúteis de tentar produzir uma última explosão para finalizar.

Então houve um clarão muito forte acima dela que fez seus pensamentos saírem daquele mundo isolado e prestar atenção em volta. Dul'Maojin manejara uma explosão, que estourou no céu e logo em seguida virou outras diversas explosões coloridas que ele conduzia como um mestre no assunto. Diante do cenário iluminado da cabine, onde o Dragão se destacava como uma silhueta escura em contraste com o seu almaki, os gritos dos vilashis ressoaram em seus ouvidos junto com aquela visão e um antigo ditado passou pela sua mente: *almakins de fogo são como o sol, se ousar enfrentá-los, acabaria se queimando.*

— Quando estiver nesse nível, poderá até aprender um Segredo de Fogo, vilashi.

Garo-lin, até o momento perdida na chocante realidade em que percebera estar, quase se engasgou ao ouvir a voz do seu

mentor bem perto dela. E tudo o que pôde fazer foi pronunciar algo que lembrava muito o miado de um gato.

Então, balançando a cabeça para espantar o choque que era inútil naquele momento, perguntou:

— Po-por que eu aprenderia um Segredo de Fogo?!

— Não é óbvio? – ele voltou para o assento do condutor. – Você está acima de todos os outros. – e com um movimento rápido de rédeas fez com que a mombélula descesse velozmente para o chão.

Assim que Garo-lin desceu da mombélula, foi cercada pelas pessoas que lhe diziam coisas uma por cima das outras, todas querendo contar o quanto gostaram do que ela havia feito. Sorrindo e tentando ouvir todos ao mesmo tempo, ela viu Garo-nan pedindo passagem e se espremendo, com muito esforço conseguindo chegar em frente dela, para perguntar:

— Está tudo bem, Garo-lin?

Mas antes que ela pudesse responder braços agarraram seu pescoço e a puxaram para trás, comprimindo-a de encontro a alguém e escondendo parcialmente seu rosto em um abraço estranho. Então, a voz do Dragão de Fogo soou bem perto da sua orelha, sibilando em tom de ameaça:

— Garo-lin é minha, vilashi. Que fique bem claro!

Capítulo 15

A esfera extra

— Não falei?

— Sim, era de se esperar.

— Mas, quem diria que seria tão logo assim?

— Ela já está na idade.

— Se estivesse aqui, talvez sim. Mas, não sabemos como são os costumes entre os almakins.

— Ela escolheu bem, não? Ele é um pouco assustador, mas parece ser um bom menino.

— Quem diria que a nossa Garo-lin traria para Godan um almakin de fogo!

— E um importante!

A conversa, recheada de risadas, foi interrompida por um violento correr de porta quando a protagonista, de olheiras enormes e cabelos desgrenhados, saía do quarto das irmãs gritando:

— **Não é nada disso!**

As mulheres estavam reunidas no tablado do pátio da sua casa, aproveitando a desculpa da tarefa matinal de separar ervas para criarem suas próprias suposições sobre os acontecimentos da noite passada. Entre elas estava Juri-lin, concentrada no que fazia e não demonstrando interesse no que acontecia a sua volta.

Sem conseguir dormir depois de tudo, Garo-lin não se lembrava quando perdeu para a exaustão e caiu no sono. Mas, parecia ter sido há pouco tempo, já que acordara com o falatório e demorara um bom tempo convencendo seu corpo a se levantar para dar um fim naquilo.

Vendo que a sua reação estourada deixara o grupo assombrado, ela tentou remediar a situação, dizendo:

— Não compreendam errado. – ela tentou amassar os cabelos armados. – Vocês viram o que aconteceu.

— E o que aconteceu, Garo-lin? – perguntou a mãe Godan, se mostrando muito interessada em saber a versão dela, prontamente deixado seu cesto de ervas de lado e fixando toda a sua atenção nela.

— Aconteceu... Que... – ela não conseguiu responder.

Afinal, o que havia acontecido? Ficara tão chocada com a reação do Dragão que todos os seus pensamentos desabavam por terra na mínima tentativa de remontá-los.

Não era novidade o Dragão de Fogo ser impulsivo e não pensar direito no que fazia antes de fazer. Ele muito menos se importava como as suas ações seriam interpretadas pelos outros. Mas, agarrá-la daquela forma e dizer aquilo para Garo-nan, como se ela fosse propriedade dele, já era demais. Acima de ser uma vilashi ou uma almakin, ela era ela mesma e não pertencia a ninguém.

— Não precisa esconder ou ficar envergonhada, filha. – disse sua mãe, lançando olhares significativos para as outras. – Sabíamos desde o começo.

— Sabiam do quê? – ela perguntou, com uma careta de descrença.

— Que naquele instituto onde só existem almakins era de se esperar que você arranjasse um marido almakin.

— **Mãe!** – ela demonstrou todo o seu horror diante de tal expectativa, piorada pelo fato de quem era o suposto marido.

— Sempre soube que meu Garo-nan não tinha chances. – fungou ressentida a senhora Godan, voltando para a sua cesta com uma expressão melancólica.

— Já falávamos sobre isso desde o ano passado, Garo-lin. – informou uma das mulheres, a mais velha. – Nossa Garo-lin já está na idade de pensar em ter uma família.

— O quê?! – ela quase se engasgou.

Sempre imaginara que as pessoas da sua vila falassem sobre como ela iria voltar apta a fazer alguma coisa útil para os vilashis. Que terminaria o Instituto e seria uma almakin com uma bagagem de mundo e que a aplicaria em maneiras de tornar a vida deles melhor. Nunca pensara que o principal assunto entre eles era se ela conquistaria ou não um partido almakin. Como se isso fosse simplesmente possível quando vilashis pertenciam a uma escala na sociedade muito perto de animais de carga. Até as mombélulas representavam um papel mais importante do que eles.

Entretanto, não poderia exatamente culpá-los por pensar daquela forma. Vivendo isolados e só recebendo alguma influência da liberal Rotas, eles não tinham noção de como os almakins desprezavam outros povos e, principalmente, os vilashis. Então, chegar àquela conclusão quando ela voltara com os Dragões não era totalmente inconcebível...

Mas, definitivamente não podia deixar as coisas assim!

Respirando fundo e reunindo toda a sua capacidade argumentativa, ela se sentou na borda do piso de madeira a começou a explicar da forma mais simples possível:

— Dul'Maojin é um Dragão. Alguém muito, muito, muito importante. Tudo o que ele está fazendo é cumprir com a sua obrigação de me ensinar, já que o Instituto o nomeou como meu mentor. Para isso, ele precisa que eu fique sempre por perto. Ontem ele ficou zangado porque eu me distraí e fiquei muito tempo com Garo-nan quando ainda deveria estar treinando. — ela concluiu, satisfeita com seu discurso, frisando em seus pensamentos que fora exatamente isso que acontecera.

— Para mim parecia mais que ele estava com ciúmes. — opinou uma das mulheres e as outras concordaram com acenos de cabeça.

— Eu vou dormir... — foi tudo o que a paciência de Garo-lin a deixou dizer antes de voltar para o quarto.

A conversa continuou na mesma animação de antes, agora acalorada pelas novas informações que ela trouxera. Então, lá dentro no quarto, ela apenas se sentou entre o amontoado de cobertas que dividira com as irmãs, cuidando para não pisar em uma adormecida Nana-lin, e abraçou seus joelhos, enterrando a cabeça nos braços. Queria ficar ali para sempre e nunca mais precisar sair.

Aos poucos, se convenceu de que deveria sim pensar no que acontecera na noite passada. Pois, uma hora ou outra teria que irremediavelmente sair e enfrentar, e seria melhor fazer isso tendo certezas.

Então, começou a reconstruir desde quando o Dragão a soltou.

Ele lhe entregara alguma coisa, falando algo sobre uma *russância* e que se ela perdesse estaria morta. Segurou o objeto inconscientemente na mão e não lembrava o que havia feito com ele. Depois se lembrou de ele ter falado com sua mãe, que olhou para ela preocupada e mandou que Mira-lin e Juri-lin a levassem para o tablado e lhe trouxessem coisas para comer. Realmente precisando repor suas energias devorou tudo sem nem ao menos parar para pensar o quanto estivera esperando para voltar a sentir aqueles sabores. Depois, as irmãs a trouxeram para casa e ficara se revirando ali naquele mesmo lugar, e enfim chegava ao ponto que estava agora.

Seus pensamentos foram interrompidos por um ruído da porta correndo e ela ouviu Juri-lin pedir:

— Posso entrar?

Garo-lin respondeu com um movimento indistinto da cabeça, que poderia ser tanto afirmativo quanto negativo. Interpretando como um sim, ela entrou com cuidado para não acordar a bebê, que ainda ressonava calmamente apesar da explosão da irmã mais velha ainda há pouco.

Sem muita vontade, Garo-lin olhou para ela e a viu carregando um copo, enquanto a encarava.

— Está tudo bem? – a menina perguntou preocupada.

A interrogada apenas desenterrou a cabeça dos braços com um suspiro, exibindo suas olheiras como resposta.

— Tome, vai ajudar. – a irmã se sentou perto dela, e lhe entregou o copo.

Agradecendo, Garo-lin aceitou de bom grado a oferta. E, enquanto ela tomava a mistura de chá e leite quente, Juri-lin

começou a dizer, com o cuidado de quem escolhia bem as palavras que estava usando:

— Você está em uma situação difícil entre os almakins?

Garo-lin a encarou surpresa, denunciando completamente a resposta.

Sabia que a sua irmã, desde pequena, não gostava muito de falar, mas sempre estava atenta a tudo. Mesmo que não dividisse sua opinião, ela sempre parecia formular seus próprios pensamentos e conclusões. De certo modo, ela lhe lembrava o Dragão Real com a sua maneira aparentemente distraída. Se houvesse alguém em toda a Godan capaz de perceber o que estava acontecendo, por mais que a verdade fosse escondida, era Juri-lin, mesmo sendo tão nova.

Então, não tendo nem ao menos ânimo para fingir que estava bem, Garo-lin achou que seria bom aliviar seus pensamentos os repartindo:

— Almakins não são como nós. Eles estão acima até mesmo do Governo Real e acham que têm o direito de mandar e desmandar em todos. Eles controlam tudo!... Aqueles dois estão no grupo dos piores. Quando entrei no Instituto eles já o dominavam. Lá ninguém pode fazer nada que seja contrário à vontade deles. Durante todos esses anos eu... Simplesmente... Fiquei lá, tentando aproveitar um pouco, mas nunca sendo bem-vinda, entende?

A menina apenas a encarou, sem deixar transparecer o que pensava sobre aquele desabafo.

— Então aconteceu um problema com Kidari e eu a ajudei, já que ninguém mais a ajudaria. Ela é uma boa pessoa, e estava perdida entre aqueles almakins arrogantes. O que eu poderia fazer?

Não pude ficar calada!... Depois disso os Dragões resolveram que eu seria uma vítima permanente, e acabei caindo na armadilha deles.

— Vir para cá faz parte da armadilha? – ela perguntou, encontrando um ponto que não consegui entender por si só.

Garo-lin precisou pensar na pergunta. Não teria como respondê-la sem contar exatamente tudo o que tinha acontecido. Então, começou a desfiar sua história, explicando para a irmã o que era uma Incumbência, o espirro, seu treinamento e como conseguira com que o Dragão de Fogo cumprisse sua promessa de trazê-la ali. Ao final, a garota pensou por um tempo e então perguntou:

— Sabe o prato de bolinhos de batata e docinhos de feijão que eu trouxe para você ontem à noite?

— Hum?

— Seu mentor pediu para trazer os melhores que tivessem. Para que eu enchesse uma jarra de suco e que cuidasse para que você comesse tudo e não tudo de uma vez.

Garo-lin piscou algumas vezes diante daquilo, fazendo a informação de algum modo se encaixar em sua cabeça.

— Se ele é tão terrível assim, e despreza vilashis como nós, por que veio até aqui e por quê se preocupa tanto com você?

A pergunta dita de forma tão certa a deixou sem ter nada com que responder. Como assim ele se preocupava com ela? Era algo impossível!

O terrível Dragão de Fogo só faria algo assim com uma intenção por trás, fosse qual fosse.

— É melhor cuidar bem disso, Garo-lin. – ela tirou uma corrente do pescoço, que tinha como pingente uma esfera de vidro, e entregou para a irmã.

Imediatamente Garo-lin a reconheceu como o objeto que Dul'Maojin havia lhe entregue com uma ordem expressa de não perdê-lo.

— Ela pode te ajudar. — a menina acrescentou, vendo que ela encarava a esfera com certa resistência.

Nana-lin começou a resmungar ao lado delas, mostrando que havia acordado e já exigia que alguém lhe desse atenção. Agindo rapidamente antes que a bebê percebesse que a estranha visitante estava ali com ela e começasse a chorar, Juri-lin a pegou no colo e a levou para a mãe, deixando uma Garo-lin pensativa para trás.

Como não tinha sossego estando em casa, Garo-lin esperou pela melhor oportunidade para sair sem ser percebida. Vestiu uma roupa vilashi de Mira-lin — pela primeira vez em muito tempo se sentindo confortável e se esgueirou pelos fundos —, na intenção de fugir para qualquer lugar onde pudesse ouvir seus próprios pensamentos.

Ela passou pelos limites de Godan e rumou para um bosque que ficava na parte contrária a entrada da vila. Lá seguiu por um carreiro já há tempos conhecido seu e logo chegou onde queria: uma pequena queda d'água onde as crianças se reuniam para brincar em dias muito quentes.

Era um dos lugares mais bonitos que ela conhecia, e sabia que a beleza estava justamente no fato de tudo aquilo não ter sido feito por vilashi ou almakin, mas pela própria natureza. Não chegava a ser uma cachoeira, mas a disposição de pedras criava uma represa

e mantinha um pequeno lago, de onde a água fugia aos poucos por mais um caminho e escorria pelos degraus de pedras.

Garo-lin apenas se sentou ali em uma pedra à margem, e ficou olhando distraidamente para o correr inquieto daquela água cristalina.

Era bom respirar aquele ar fresco, ver aquele cenário familiar, poder sentir novamente como era viver se preocupando somente com as pequenas coisas da vila. Não havia o esplendor da Capital de Fogo, a intensidade de Rotas ou a ostentação do Instituto Dul'Maojin com seus orgulhosos Portões Negros. Mesmo assim, Godan estava bem. A tormenta Nanfan com o período de ventos fortes não tardaria a passar, a colheita prometia ser boa para dali algum tempo e as pessoas estavam animadas. Parecia ser uma época mais feliz do que quando ela partira...

Diante disso tudo, uma pergunta soou sorrateira: será que não podia simplesmente ficar?

Por um momento, sua mente se perdeu com aquela possibilidade.

Não voltaria com os Dragões, ficaria. Não podiam obrigá-la a ir, e não estava dentro dos muros do Instituto para não poder sair...

Garo-lin riu com a própria ideia absurda. Seria bom, mas não era tão simples. O que diria para seus pais? Como explicaria que não queria mais ser uma almakin quando eles não conheciam o verdadeiro significado disso? Como lidaria o Dragão de Fogo, principalmente depois daquela declaração de posse da noite anterior?

Sabendo que não era tão fácil simplesmente agir como queria, ela pegou a esfera de vidro e segurou na frente de seu rosto,

rodando-a entre os dedos e admirando o efeito arredondado que ela dava ao reflexo da paisagem. Além de tudo, havia coisas que ela não podia simplesmente abandonar. Como deixaria Kidari? Ela seria estragada pelo seu mentor.

E havia outra pessoa que queria ver: daria tudo para que o Dragão Real estivesse ali. Mesmo com a sua maneira estranha de alguém alheio à realidade, de todos os Dragões ele parecia ser aquele que estava mais perto do resto do mundo. Com certeza, diante de todas as circunstâncias, ele apenas apareceria naquele momento e diria algo como...

— Está perdida?

Ela olhou em volta assustada. Podia jurar que ouvira a voz de Nu'lian Gillion e não era um eco de seus pensamentos. Então, percebeu uma sensação de molhado na palma de sua mão, onde segurava a esfera distraidamente, e a abriu. Ainda mais espantada, ela viu que havia algo dentro dela, algo muito parecido com cabelos dourados. Então, como era de se esperar em uma situação sobrenatural como aquela, sua reação foi exemplar:

— **Aaaaaaaaahhh!** – ela se levantou em um pulo e arrancou a corrente do pescoço tentando desesperadamente dar um fim na esfera.

— **Não, Garo!**

Mas era tarde demais. O grito em tom de pedido terminou de forma abafada e gorgolejante quando a esfera afundou na água do rio.

Porém, felizmente conseguiu que a racionalidade de Garo-lin voltasse e que ela se lembrasse das coisas que havia visto em Rotas. Seu conhecimento sobre objetos almakis e suas funcionalidades era

mínimo e, conseqüentemente, limitado. Aquele era um objeto de um dos maiores almagins do Domínio, e receberia uma bronca imensa se ele descobrisse que ela havia jogado no rio porque uma voz saía dela.

Então, mesmo temerosa, ela escorregou para a água gelada e começou a procurar entre as pedras, até encontrar o brilho prateado da corrente. Erguendo-a com cuidado, torcendo para que não tivesse quebrado, e foi com um misto de alívio e espanto que ela viu o rosto do Dragão Real intacto dentro da esfera.

— Olá. — disse ele, depois de concluir que ela não se assustaria novo.

— Me desculpe! — pediu, pegando a esfera com todo o cuidado na palma da mão, pensando que o dano que causasse ao objeto seria infligido também ao Dragão. — Você se machucou?

Sem conseguir conter-se diante da situação, ele riu. Se dando conta de como a sua pergunta fora tola, já que era impossível o Dragão Real estar realmente dentro daquela bolinha de vidro, ela sentiu que ficara vermelha até a raiz dos cabelos.

— Não me machuquei, Garo. — ele a tranquilizou, tentando parar de achar a situação engraçada. — Kris não contou como funciona essa esfera?

Ela se lembrou das circunstâncias que ganhou a dita esfera e como, definitivamente, não queria revelar aqueles detalhes justamente para ele.

Então, apenas resumiu com uma fórmula salvadora:

— Não disse. — e disfarçadamente voltou para as pedras, tirando suas botas encharcadas para que escorressem, e sentando onde havia sol para se secar.

Pacientemente, ele explicou como aquela forma de comunicação funcionava.

— Inacreditável! – foi tudo o que a sua fascinação lhe deixou expressar.

— Se não sabia disso, como me chamou? – ele perguntou em dúvida.

Ela perdeu a sensação das pedras por debaixo de seus pés. Como contaria ao Dragão que estava pensando nele?

— Eu... Eu... O rio! – ela encontrou uma saída e focou a esfera para a água, erroneamente pensando que ele podia ver a paisagem. – Você é o Dragão de Água e pensei que iria gostar deste lugar!

Poupando de dizer-lhe que não conseguia ver e que não adiantava ela virar a esfera de um lado para o outro em volta, ele tentou mudar de assunto:

— Como estão? Gostou de Rotas?

— Gostei! Gostei muito! Mas, agora não estamos em Rotas.

— Eu sei.

— Como?! – ela virou a esfera para seu rosto.

Em resposta ele apenas sorriu.

— Foi uma promessa! – ela tentou explicar a sua versão de tudo.

— Se eu me esforçasse ele-

— E você se esforçou, Garo. Em tão pouco tempo você fez o que Kris demorou mais de um ano para aprender.

Ela encarou-o, como se procurasse no rosto dele algo escrito dizendo que aquilo era verdade. Para confirmar se ouvira direito, ela perguntou:

— O Dragão de Fogo demorou um ano para manejar seu almaki?

— Bom, ele tinha cinco anos e sempre teve problemas em se concentrar.

Garo-lin achou melhor esquecer aqueles sublimes segundos na sua vida em que pensara que fizera algo de surpreendente em comparação com o Dragão de Fogo e ficou calada.

— E como está sendo visitar a sua vila? – ele perguntou, achando graça do aborrecimento dela, mas não querendo provocá-la mais.

— Muito bom! – ela exclamou, finalmente encontrando alguém para falar sobre isso.

Coisas boas haviam acontecido e ela sabia que poderia contá-las para o Dragão Real. Mesmo se ele realmente não a escutasse, pelo menos poderia falar sem se preocupar em receber comentários ofensivos da parte dele. Então desandou a narrar sobre as pessoas, seus irmãos, a nova ponte construída, sobre a festa que fizeram para os Dragões, sobre Kidari se divertindo e sobre seu mais novo controle, o manejo de explosões coloridas, e ele a ouviu tudo atentamente.

— Que bom que está se divertindo.

— Sim. – ela deu um suspiro. – Mas, precisamos voltar. O prazo da Incumbência está acabando e não sei exatamente como vou fazer um relatório.

— Kris pediu que fizesse um relatório?

Ela estranhou a pergunta e apenas respondeu com um aceno negativo.

— Então não se preocupe. – ele completou, como se o fato de ela não precisar apresentar um relatório obrigatório ao final da sua missão fosse algo sem importância alguma. – Aproveite mais esse pouco tempo com sua família. Terá que voltar para dois anos no Instituto e lá você fará outros tantos relatórios. – e completou diante do suspiro dela. – Não desanime, Garo. Não será tão difícil daqui por diante.

Bem que Garo-lin queria acreditar nisso, mas suas esperanças não tinham bases fortes para suportar essa expectativa.

— Até a volta, Garo.

— Nu’lian! – ela chamou de repente e logo em seguida se deu conta de que o chamara pelo nome.

Sem parecer se importar com esse detalhe, o Dragão a olhou esperando que continuasse. Então, ela respirou fundo e reuniu toda a coragem que tinha para dizer:

— Obrigada!

Ligeiramente surpreso com esse agradecimento, ele apenas respondeu:

— Eu que devo agradecer.

E então, sem muitas explicações, a imagem do rosto do Dragão se diluiu no que parecia água, e logo desapareceu, deixando a esfera completamente vazia.

Mais confiante depois daquela pequena conversa, sentindo que seria capaz de resolver qualquer problema de agora em diante, Garo-lin calçou suas botas, se pôs de pé e se espreguiçou, repetindo alto para que as palavras tivessem mais efeito:

— Não desanime Garo-lin! Não será tão difícil daqui por diante.

Mas, ao virar, se deparou com alguém a encarando logo no início das pedras. Um homem estava escorado em uma árvore, como se até aquele momento estivesse esperando que ela terminasse o que estava fazendo. Ao perceber que ela o havia notado, ele se endireitou e disse:

— Então você é mesmo a tal vilashi Garo-lin.

E nesse momento várias outras pessoas começaram a aparecer no entorno dela, saindo de esconderijos camuflados pelo jogo de luzes e sombras das copas de árvores.

Ela não sabia como eles haviam conseguido se aproximar tanto sem fazer ruídos em um lugar como aquele, onde qualquer graveto quebrado ressoava como um chicote pelas pedras. O fato era que ela estava cercada e não fazia a mínima ideia da intenção daquele grupo. Sem ter uma alternativa para fugir, se preparou para atacar a qualquer movimento hostil. Porém, eles foram muito mais rápidos. Uma rede caiu sobre ela e ao tentar olhar para cima para ver quem a tinha jogado algo bateu em sua cabeça.

Ela ainda sentiu seu corpo colidir pesadamente contra as pedras, antes de perder completamente a noção do que acontecia e tudo ficar escuro.

— Onde aquela inútil foi?! – Krission Dul'Maojin esbravejava enquanto andava de um lado para o outro no tablado no centro da vila Godan, sendo observado pelo Dragão de Raio, por Kidari e por um desconfortável Garo-nan.

— Ela deve ter saído com algum dos seus vinte irmãos. — deduziu Zawhart, em tom de reclamação.

Era visível que o Dragão de Raio não achava exatamente proveitoso estar ali quando podia usar aquele tempo para terminar as lições básicas de sua protegida e ensiná-la a manejar seu almaki decentemente. O fato de estar perdendo esse tempo justamente por causa da vilashi problemática não ajudava a reduzir seu estado de ânimo.

— Não está com os irmãos, o vilashi já verificou. — o Dragão de Fogo apontou sem delicadeza nenhuma para o mencionado, como se ele tivesse tanta importância quanto às pedras que calçavam o chão.

Agindo sabiamente, Garo-nan preferiu ignorar a forma rude como era tratado pelo Dul'Maojin e informou apenas para os outros dois:

— A mãe Colinpis falou com ela hoje de manhã, mas já não estava em casa perto do meio do dia. Também já procurei dentro da vila e pelas redondezas.

Enquanto Garo-nan informava, O Dragão de Fogo desistiu de andar de um lado para o outro e tentou novamente usar um método mais eficiente para encontrar sua protegida. Pegou a corrente com a esfera e concentrou-se, a apertando na mão. Mas, ao abrir a palma o interior da bolinha de vidro continuava vazio. Desde que exigira que Garo-lin voltasse de sua casa para o centro da vila — já que tinham que partir ainda naquele dia — e apenas recebera a notícia de que ela tinha desaparecido, ele tentava encontrá-la pela esfera sem sucesso.

— Eu acabo com aquela inútil! – o Dragão declarou diante de mais uma tentativa fracassada de comunicação. – Como aquela vilashi ousa não atender a um chamado do absoluto eu?!

— Kris, se ela não aparecer vamos apenas deixá-la aqui. – sugeriu o Dragão de Raio.

— *Ani!* – disse Kidari, horrorizada com a ideia.

— Quer ficar também? – ele pediu, sem um pinga de tom de brincadeira.

Mas a kodorin não teve tempo para terminar o seu engasgar de pavor. Um assovio estridente soou em cima deles, chamando suas atenções, e eles viram um grande pássaro negro de bico azul, que planou em círculos por alguns segundos e então desceu no centro do tablado.

Em sua pata havia uma tira de couro que prendia uma pequena bolsa do mesmo material.

— É um pássaro-mensageiro! – exclamou Garo-nan surpreso.

— É um enviado de um almakin da natureza. – Zawhart foi mais preciso.

Antes que qualquer um dos três se movesse, Kidari tomou a frente e correu até a ave, que permaneceu obedientemente parada.

— O que ela está fazendo? – perguntou o Dragão de Fogo, depois de ela ter ajoelhado na frente do animal e ficado parada daquela forma por alguns segundos. Então afagou a cabeça dele e despreendeu a bolsa das tiras. Assim que foi aliviada da sua carga, a ave bateu as asas e levantou voo, rapidamente, desaparecendo no céu.

Kidari abriu a bolsa e remexeu dentro dela, contando:

— Uma carta aqui e... – ela não terminou a frase, apenas se levantou assustada e voltou até eles, exibindo um punhado de cabelos mesclados nas mãos, recobertos por algo vermelho.

— S-angue. – ela falou com voz tremida.

— É de Garo-lin?! – disse Garo-nan, mas foi o Dragão de Fogo que agarrou a carta em primeiro e a leu.

Ele estreitou os olhos e algo pareceu faiscar em volta dele, e imediatamente usou seu tom de ordem:

— **Vinshu!** Espere aqui com a kodorin! Vilashi! Mostre-me onde fica esse lugar! – ele indicou o nome escrito na carta.

Capítulo 16

A proposta dos piratas do Vale das Pedras

Sentindo o corpo dolorido e frio, Garo-lin abriu os olhos com dificuldade, mas tudo o que viu foi escuridão. Logo ficou consciente de que estava jogada no chão e de que tinha as mãos e pés presos por cordas. Também havia algo pegajoso que escorrera pela sua cabeça e secara parcialmente, criando o que parecia ser uma casca em todo o lado direito do seu rosto. Pelo cheiro forte, ela logo o reconheceu como sangue e isso foi um passo para se lembrar do que havia lhe acontecido.

Respirando rápido e se controlando para ficar calma, ela percebeu que não estava realmente em um lugar escuro, mas que havia uma venda sobre seus olhos. A dor que pressionava o lado machucado da sua cabeça era tão intensa que não a deixava sentir o pano lhe cobrindo a visão.

Tentando ignorar o ferimento, já que esse não lhe ajudaria em nada, ela se concentrou nos ruídos e sensações a sua volta para descobrir onde estava. Parecia um lugar fechado com uma leve brisa, seca e gelada. Havia um barulho contínuo, repleto de batidas pesadas, que soavam descompassadas e de várias formas. No mais, provavelmente estava sozinha já que não havia movimento algum a sua volta. Se quem fizera isso com ela a estivesse vigiando, com certeza não estaria por perto. Confiante nessa dedução, lentamente

começou a mexer as mãos, tentando se livrar do que a prendia. Não podia arriscar manejar no escuro, não sem antes saber onde estava. Conseguindo se soltar, poderia tirar a venda e então ao menos ter esperanças em fugir.

Fugir do que exatamente não sabia. Mas, pela forma como pegaram, era bem claro que aquelas pessoas não tinham boas intenções, e não queria simplesmente esperar para descobrir quais eram.

De repente, ouviu som de passos se aproximando rápido, de pedras pequenas sendo amassadas, e logo uma conversa se tornou distinguível:

— Vindos de Sutoor. Alguma coisa também aconteceu em Rotas noite passada e temos informações precisas de que eles estavam na cidade. Na Capital Real tem um comentário circulando de que o Governo ainda não aceitou as propostas e que ela está agindo por conta própria.

— E o que fazemos com essa aí? – perguntou uma segunda voz, falando claramente sobre ela.

— Não deve ser grande coisa. – o outro riu, agora com os passos parando bem próximos. – Uma vilashi que tem almaki... Mas, o nosso informante disse que se estivéssemos com ela teríamos um trunfo contra o Dragão de Fogo. E se tivermos com ele, a Senhora da Capital de Fogo e sua herdeira não podem fazer nada.

— Mandou o pássaro-mensageiro?

— Sim, e ele pode chegar a qualquer momento.

— Mas, e se esse informante estiver errado? Por que estaríamos em vantagem contra o Dragão de Fogo com essa vilashi?

Garo-lin sentiu como se algo gelado lhe corresse pela espinha ao compreender a situação, e não pôde evitar um movimento involuntário com a perna, que bateu em algo e fez outro algo metálico cair com um estrondo, revelando totalmente sua situação de consciência.

Imediatamente os passos chegaram até ela e a puxaram pelo seu casaco, fazendo-a ficar de pé bruscamente. Ela soltou um gemido abafado, já que o movimento provocou uma pressão dolorida em sua cabeça que anulou toda a sua capacidade de ficar de pé.

— Então está acordada? – uma voz ameaçadora soou bem perto do seu rosto, e ela agora pôde a reconhecer como a do homem que havia visto por primeiro antes de ser pega. – Seria mais fácil se estivesse desacordada, mas podemos arranjar isso.

— Não. – ordenou a outra voz – Não terá utilidade se ela acabar morrendo.

— Quem são vocês? – ela perguntou, com uma voz falhada de quem ficara muito tempo com a boca fechada.

Mas não recebeu uma resposta, como se nem ao menos tivesse perguntado. Era exatamente o tipo de atitude que ela recebia no Instituto, o que lhe deu a certeza absoluta de que se tratavam almakins.

— A leve para fora. – disse aquele que falava como um líder – Mesmo com ela aqui não sabemos como o Dragão irá reagir. Vamos nos posicionar e esperar que ele chegue.

— **Ele não virá!** – ela gritou e, ao perceber que tinha a atenção deles, continuou. – Acham que o Dragão de Fogo virá até aqui só por minha causa? Ele não é estúpido a ponto de se arriscar

assim por... – ela hesitou, ao ter que admitir a verdade por mais doído que fosse se referir a si mesma daquela forma. – Por nada!

— *Hunf.* – fez o homem. – Veremos.

E a arrastaram sem esforço algum.

Depois de um bom tempo debatendo consigo mesmo, Garo-nan decidiu que o mais importante agora era encontrar Garo-lin, e deixou de lado tudo o que tinha contra o Dragão de Fogo para perguntar:

— Por que fizeram isso?

Krission Dul'Maojin se manteve concentrado em guiar a mombélula, como se não tivesse o escutado.

Achando que não deveria ter aberto a boca e esperado para descobrir por si mesmo, o vilashi apenas se movimentou para ficar no lugar mais afastado possível dentro da cabine. Por um momento se perguntou se era assim que a amiga vinha sendo tratada, e se era por isso que ela tinha tanto cuidado na presença dos Dragões.

— Quando chegarmos, você fica na mombélula. – falou o Dragão depois de um tempo, expondo um plano que até aquele momento parecia estar formulando na sua mente.

— Vou atrás de Garo-lin! – declarou Garo-nan determinado – Não posso simplesmente ficar enquanto ela-

— Você fica e garante que possam fugir! – Dul'Maojin falou mais alto para sobrepor a voz dele, usando um tom incondicional. – Garo-lin sabe como fazer a mombélula voar. Vocês devem fugir, entendeu? Eles querem o Dragão de Fogo, não vilashis.

Estranhando o modo como ele falara aquela última frase, como se estivesse se justificando, ele arriscou perguntar:

— Quem são eles?

— Não sei.

— O que querem?

— Não sei.

— Por que pegaram Garo-lin?

O Dragão não respondeu, e Garo-nan estava quase desistindo quando apenas recebeu outra pergunta:

— Não é óbvio?

E sem dizer mais nada, Dul'Maojin puxou as rédeas da mombélula, a fazendo empinar para baixo e aumentando a velocidade ao ponto de uma conversa não ser mais possível.

Quando teve a venda retirada dos olhos e os pés soltos para que pudesse andar por si mesma e parasse de tropeçar em pedras atrasando o caminho, Garo-lin sofreu o impacto da claridade repentina vinda de um céu sem nuvens. Para compensar, já que agora estava acordada, usaram o mesmo pano que lhe tapava a visão para amordaçá-la e obrigá-la a não mais dar a sua opinião sobre o que estava acontecendo.

Assim que se acostumou com a luz e pôde olhar em volta, reconheceu o lugar imediatamente.

Nunca o tinha visto, porém já estudara muito sobre as minas da região do Baixo Vale Interior, lugar que ficava na divisa entre uma grande extensão de terra árida assolada constantemente pelos

ventos vindos de Nanfan e a região deserta dos Pântanos Perdidos. Ali a paisagem era diferente do verde do Alto Vale Interior onde viviam os vilashis. Era mais seco, muito mais frio e com grandes regiões de pedreiras, onde duas ou três minas ainda tentavam resistir, mesmo com seu produto tendo uma qualidade muito inferior aos das Minas Gran'Otto. Aquela era uma dessas minas, que fora aberta ao lado do que poderia ter sido uma grande montanha de pedra, mas que agora estava reduzida a uma pedreira arruinada.

Diziam que antigamente aquela região já fora a mais rica de Almakia, e que dali viera toda a riqueza que abasteceu a rebelião contra o domínio dos manejadores-antepassados e que até hoje cerca o Governo Real. Porém, toda essa grande história se tornara um fantasma, que vagava desolado por entre os vales de pedras, buscando por algo que há muito deixara de existir. Os remanescentes daquela época e poucos ambiciosos que se aventuravam por aqueles lugares, sobreviviam em péssimas condições... Ou pelo menos era o que Garo-lin havia lido em um livro.

Apesar do cenário ser exatamente como a descrição e a atmosfera, pesada e fria como um lugar morto que insistia em viver de um passado que nunca iria voltar, as pessoas não pareciam exatamente poucas e muito menos miseráveis. A mina funcionava a todo o vapor, com grandes canos soltando baforadas de fumaças negras, e pelas imensas passagens nas pedras entravam carrinhos carregados que logo voltavam vazios. Esse fato deixou Garo-lin confusa, já que pelo pouco que ela conhecia sobre mineração, o processo era o contrário.

Todos trabalhavam incansavelmente, concentrados no que faziam como se estivessem obstinados em cumprir uma meta. Quando o pequeno grupo escoltando uma vilashi passou, nenhum deles pareceu se importar e continuaram com os olhares fixos e movimentos firmes.

Mesmo os observando por uma única vez, Garo-lin teve certeza de que não eram almakins: se fossem, não estariam fazendo aquele trabalho pesado. Mas, também não eram de qualquer povo que ela já tivesse visto. Completamente diferente das pessoas que estavam a sua volta agora, elas tinham a pele muito mais escura do que a de Sumerin Gran'Otto, puxando mais para o cinza, como se tivessem sido feitas da mesma fumaça que saiam pelos canos e das pedras que revestiam o chão. Entretanto, logo ela perdeu a visão dessa zona de trabalho ao ser empurrada para subir uma escada estreita e andar por um corredor de pedras, e a sua preocupação mais urgente não deixou com que a curiosidade sobre aquelas pessoas continuasse.

Aos dois homens que a retiraram de onde estava presa, se juntaram mais três, que permaneceram calados por todo o caminho, como se isso fosse especificamente o trabalho deles. Aquele que ela vira por primeiro, antes de receber a pancada na cabeça, segurava firmemente a corda que amarrava suas mãos e a forçava a andar. O outro, que parecia ser o líder deles, o maior de todos e com uma barba negra, caminhava na frente, abrindo caminho. No corredor de pedra ela analisou a situação atentamente e viu como seria fácil usar seu almaki para se livrar das cordas e no mesmo instante queimar aquele que a prendia e os que estavam atrás, ainda podendo atacar o líder. Mesmo com eles sabendo que estavam lidando com uma

almakin, era óbvio que a subestimavam e não poderiam nem ao menos imaginar que ela tivesse um poder desenvolvido em uma segunda ordem. Porém, seus machucados não permitiriam movimentos rápidos: a dor não a deixaria se concentrar e poderia desmaiar só de usar uma parte da sua energia para manejar a quantidade necessária de almaki em um ataque. Sob todas essas circunstâncias e somando isso ao fato de que não sabia o que eles pretendiam, tentar se rebelar seria estupidez.

— Não devemos chamar os outros também, chefe? — perguntou o que a segurava, e havia uma continuação clara para a pergunta que não foi dita, mas que ela quase pôde ouvir sendo pronunciada: afinal, é o Dragão de Fogo.

— Eles estão indo para Sutoor agora. E não se esqueça que almakins não agem como nós, eles têm um código de conduta. Ele não vai nos atacar e também temos a Pedra Escura ao nosso favor.

Garo-lin escutou aquele nome e olhou desconfiada para eles, como se pudesse encontrar algo em suas testas que dissesse o que era.

Mesmo não sabendo do que se tratava, a confiança que o líder parecia ter naquilo ao ponto de acreditar que somente mais quatro companheiros seria o suficiente para enfrentar o Dragão do Fogo, só poderia significar duas coisas: ou ele era extremamente burro ou sabia exatamente o que fazer. Das duas, preferia ter esperanças na primeira.

Logo chegaram a uma plataforma na pedreira, um buraco que parecia ter sido planejadamente escavado para ter aquela forma. Era uma área de terreno nivelado — de maneira que se podia andar por lá sem problemas —, de um plano mais elevado do que de

onde vieram e que permitia uma vista de toda a mina caso se arriscasse a andar perto da sua borda. Essa borda era íngreme como um precipício, repleto de rochas pontudas aos seus pés, o que alertava que qualquer queda seria fatal. Ao contrário do terreno pedregoso que havia nas áreas por onde passaram e onde aqueles trabalhadores cinzentos estavam, ali em cima o lugar era praticamente limpo a não ser por alguns imensos pedaços de rochas caídos, que foram empurradas para os lados e ficavam espalhadas de forma aleatória. Um paredão de pedras que circundava todo o local, como se uma mão gigante tivesse retirado um imenso pedaço de pedra dali e deixado um fenda disforme. Nele havia algumas construções provisórias e um amplo espaço aberto, grande o suficiente para... Uma mombélula! O pensamento óbvio veio à sua mente.

Aquelas minas ficavam bem ao sul de sua vila e não era um lugar fácil de chegar andando, já que se precisava passar por uma região de morros e colinas e a composição rochosa do cenário obviamente dificultava o caminho. A maneira mais eficiente e rápida de chegar seria com uma mombélula, e o Dragão de Fogo possuía uma. Se ele agisse conforme o planejando por aquelas pessoas, estando acima do solo em um meio de condução como aquele, por si só já era uma grande vantagem.

Atacar um almakin em uma dessas criaturas era impossível pela forma como elas se movimentavam. Então precisavam dar espaço para que ele pousasse e perdesse essa conveniência.

Pensando nisso, ela se deu conta de outra coisa: como chegara ali sem uma mombélula? Será que ela ficara desacordada durante toda uma viagem que podia levar dias ou aquele pessoal

tinha algum meio rápido onde não era necessário se importar com fatores geológicos?

— O pássaro já deve ter feito o seu trabalho. Vamos esperar. — disse o líder, com sua voz ecoando pelo lugar, e fez um sinal para que os outros assumissem lugares que pareciam já terem sido previamente definidos.

Ela foi levada para baixo de uma das construções, que era composta somente por duas escoras de madeira sustentando um telhado de placas de metal fino, empurrada para o chão de qualquer forma e amarrada firmemente em uma estaca.

— Não se mova. — advertiu o homem, rindo com a própria piada, já que mesmo que ela quisesse se mexer seria impossível, e então se afastou para conversar com o líder.

Agora, com a prisioneira devidamente posicionada, parecia que só restava esperar que o convidado chegasse para que a parte interessante pudesse começar.

Garo-lin tentou prestar atenção no que diziam, mas a distância, o eco, o vento e o latejar em sua cabeça atrapalhavam, fazendo com que as palavras fossem apenas um emaranhado de sons sem sentido. O aperto no corpo contra a estaca aumentava a dor que sentia, fazendo com que seus pensamentos se embaralhassem e se tornassem confusos.

Não conseguia imaginar um motivo para que aquelas pessoas quisessem o Dragão de Fogo e achassem que conseguiriam isso a usando. Na pequena conversação deles enquanto pensavam que ela ainda estava inconsciente, não encontrara nada óbvio. Eles não falavam como pessoas que quisessem se vingar por algo cometido pelos Dul'Maojin, de alguma forma extorquir a família ou

como alguém que quisesse cobrar algo usando medidas drásticas. Eles pareciam mais como...

— Piratas! — ela resmungou alto, mas com a voz completamente abafada pela mordança.

Ouvira sobre eles desde sempre. Em sua vila era um costume dizer para as crianças que se fossem muito longe poderiam ser pegas por um pirata, por isso Garo-lin sempre os imaginara como espécie de monstros malvados. Só no Instituto descobrira que realmente eles existiam, mas que não eram as criaturas horríveis que apareciam em seus pesadelos, e sim pessoas como ela. Porém, uma coisa era certa: eram ladrões desordeiros que não respeitavam limites e não seguiam lei alguma. Andavam em bandos formados principalmente de pessoas contra o Governo Real e agiam por conta própria, ou que simplesmente não tinham outra opção melhor na vida do que conseguir as coisas de forma desonesta. Também existiam almakins dentro desses grupos, aqueles que sempre estiveram abaixo dos outros, que nunca tiveram chances dentro do Instituto e estavam condicionados a viverem eternamente em uma terceira ordem. Eles atuavam, sobretudo, nos arredores das Capitais e em grandes cidades como Rotas. Nômades, se aproveitavam dos recursos de determinados lugares até o esgotarem e então partiam. Raramente atacavam as vilas de forma direta já que procuravam coisas de valores e o máximo que os vilashis possuíam eram suas casas e as pequenas hortas. Mas, durante as colheitas, eles tornavam os caminhos perigosos para quem viajava.

Se aquele grupo ouviu que almakins importantes estavam na vila Godan, era claro que viram ali uma oportunidade de conseguir algo.

Porém tratava-se de Krission Dul'Maojin. Atacar aquele que ditaria o rumo de Almakia era o mesmo que atacar a própria Almakia, e eles não teriam perdão onde quer que fossem. Mesmo que houvesse uma mínima possibilidade de o Dragão de Fogo vir atrás dela, ele com certeza seria impedido por Zawhart que colocaria bom senso na cabeça do amigo dizendo que ir atrás de piratas por causa de uma vilashi não fazia sentido algum.

Então, o que Garo-lin deveria fazer era aguardar que eles percebessem que ela não tinha utilidade alguma e, na melhor das hipóteses, a abandonarem para que sumisse da vista deles. Porém, sabia que eles não agiriam dessa forma, e mesmo que fosse alguém tão insignificante como eles dentro de Almakia, provavelmente a jogariam pela borda da plataforma sem pensar muito no assunto.

Previendo seu trágico final, ela recostou a cabeça dolorida na estaca e soltou um suspiro desanimado, lamentando a sua incrível má sorte... Pelo menos tivera a possibilidade de rever sua família antes de tudo, o que era um pensamento reconfortante.

Foi então que algo chamou a sua atenção:

— O quê?! – ela se deu conta de que algo estava diferente do normal nela mesma, e começou a balançar a cabeça para poder conferir.

Junto com uma pontada de dor, ela conseguiu ver que a parte direita de seus cabelos ainda estava precariamente presa conforme o costume em sua vila, todo para um lado só, como ela o arrumara naquela manhã antes de sair. Mas, a parte esquerda – onde levara a pancada – havia desaparecido, e não era por conta do machucado. Tinham sido cortados na altura de sua orelha, só

restando pontas que ela enxergava como vultos disformes pelo canto do olho.

— Inacreditável! – ela bufou, só podendo imaginar o estrago.

Não bastava terem lhe dado uma pancada na cabeça, a largarem inconsciente no chão frio, lhe arrastarem até ali aos puxões e a amarrarem como pretexto de isca. Precisavam destruir o que para ela representava a sua marca de origem. Junto com os olhos amarelos, os cabelos mesclados eram o que mostravam ao mundo que ela pertencia ao Vale Interior e que um poder almaki não podia mudar esse fato. Deixando de lado o que quer que fosse o real motivo para ela estar ali ou a possibilidade de ser morta por eles, Garo-lin começou formular as várias formas de fazer aqueles piratas pagarem pelo que haviam feito. Era uma vilashi com a força de uma almakin e pela primeira vez na vida sentiu que seria capaz de usar sua capacidade de uma forma cruel ao nível dos Dragões.

Seus pensamentos sinistros foram logo dissipados por um barulho familiar, que fez seu coração gelar. O inconfundível bater de asas da mombélula e a movimentação dos piratas indicaram que quem eles estavam esperando havia chego.

Sem acreditar, ela tentou olhar para o céu, para se convencer de que não era algo provocado pelo mal estado da sua cabeça, mas o coberto da construção não permitia que visse muita coisa além do paredão de pedra. Então, logo a mombélula alaranjada pousou ali perto deles, não na parte onde obviamente teria sido vantajoso para os piratas, e sim perto da borda da pedreira.

Mal a criatura tocou o solo, o Dragão de Fogo pulou de lá de dentro, e caminhou determinado até onde os homens aguardavam. Os três que haviam se juntado a eles depois tiraram algo que estava

preso aos seus cintos, e com movimentos rápidos, o que pareciam ser cilindros de metal se abriram e se transformaram em lanças, cada uma com um formato e lâmina distintas. Devidamente armados, eles ficaram em posição de ataque, somente aguardando o momento ou uma ordem. Os outros dois, apesar de também possuírem cilindros semelhantes, apenas cruzaram os braços, com uma confiança que deixava Garo-lin assustada.

Ao contrário deles, o Dragão não fez nada que indicasse que estava se preparando para atacar ou para se defender, mesmo com aquela demonstração clara da intenção do grupo. Ele apenas aproximou-se olhando fixamente para ela, como se essa concentração de alguma forma evitasse que ele explodisse aqueles homens em chamas, o que parecia ser exatamente a sua vontade. Mas, chegar até ela ignorando qualquer outra coisa não seria tão simples. Há alguns passos de distância de onde estava, os dois homens se colocaram no caminho dele e o obrigaram a parar, no mesmo instante em que os outros três se posicionaram atrás para que não pudesse recuar.

Vendo sua situação e achando graça, o Dragão perguntou:

— Pensam que podem me deter?

Por que ele viera? Por que o Dragão de Raio não o impedira? Ao invés de ficar pensando nas respostas, Garo-lin queria gritar que era uma armadilha, que ele não deveria ter vindo e que ela poderia muito bem se virar sozinha. Mas, mesmo se pudesse, sabia que seria o mesmo que gritar com uma das pedras a sua volta. Tanto o Dragão quanto os piratas não dariam a mínima atenção.

— Então o herdeiro Dul'Maojin veio mesmo. – comentou o líder dos piratas, como se estivesse tentando iniciar uma conversa

educadamente.

— Se a soltarem, posso fingir que isso não aconteceu. – ele contestou, mostrando que não se importava com as boas-vindas deles.

— Não sem antes acertarmos alguns detalhes.

O Dragão de Fogo não disse nada, apenas se manteve parado, e o líder considerou que isso significava que poderia continuar:

— A soltaremos se você fizer um acordo.

Muito longe de alguém que parecesse disposto a fazer um acordo, o Dragão respondeu da sua forma amigável de sempre:

— Pensa que o absoluto Krission Dul'Maojin fará acordo com tipos como vocês, idiotas?!

— Então devemos fazer com que pense melhor no assunto? – e ele acenou com a cabeça para o seu subordinado, que apenas fez um movimento rápido com as mãos.

Antes que Garo-lin pudesse reconhecer o gesto como um manejo, ela sentiu que algo deslizava sob sua cabeça e descia pelo seu rosto, se enroscando sutilmente pelo seu pescoço. Foi quando percebeu que do chão a toda a sua volta brotavam tentáculos viscosos do que parecia ser raízes cinzentas. Elas surgiam se remexendo por debaixo das pedras, como se estivesse comprimidas em pequenos buracos e agora tivessem vida própria para sair e obedecer ao seu mestre. Aquele que a sequestrara com certeza era um almakin de natureza e isso explicava a forma despercebida como antes ele conseguira se aproximar dela e até mesmo como ele conseguiria se mover rapidamente sem uma

mombélula: manejadores de almaki de natureza podem facilmente abrir caminhos e convencer animais selvagens a ajudá-los.

— Se não colaborar conosco a vilashi irá sofrer as consequências.

O Dragão olhou para Garo-lin, que mesmo com a ameaça de ser sufocada apenas com um pouco mais de aperto da planta, tentava balançar a cabeça em sinal negativo.

— O que querem? – ele cedeu, depois de calcular por alguns segundos.

— Garantias. Queremos que se junte a nós.

Ele não pareceu ter entendido a proposta, que soava fora de todo e qualquer contexto. Como assim o Herdeiro de Fogo se juntar aos piratas?

Era a mesma coisa que pedir que ele se tornasse um vilashi e fosse plantar batatas.

— Não pense que não sabemos o que está acontecendo em Almakia, Dragão de Fogo. Mesmo que se diga que as Fronteiras estão abertas, sabemos muito bem que isso é mentira. Sabemos que existe um plano e que o Governo Real está sendo manipulado por vocês. Houve uma reunião em Rotas e você esteve lá. Queremos informações!

— Não sei de reunião nenhuma! – Dul'Maojin declarou, e Garo-lin sabia que era verdade já que esteve com ele o tempo todo na cidade.

— Não tente nos enganar, Dragão! – o almakein de natureza, que não mantinha a pose firmemente calma como a do seu líder, ameaçou manejar mais a s raízes. – Por qual outro motivo estaria em uma vila que não fosse convencê-los de algo com essa

propaganda falsa do Instituto? A herdeira Dul'Maojin e aquele kodorin louco estão reunindo os almakins para algo grande e não vamos permitir que isso aconteça!

— Bohor! – advertiu o líder e o almakin se calou, de uma forma que dizia claramente que continuaria caso não respeitasse as ordens de quem devia.

— Do que estão falando? – disse o Dragão, como se aquilo não tivesse a mínima importância para ele. – O que eu faço ou deixo de fazer é assunto meu! Apenas devolvam minha protegida ou terei que pegá-la de volta!

O líder o encarou, como se o analisasse, e então declarou:

— Vocês estarão em desvantagem, Krission Dul'Maojin. Conhecemos a fraqueza de almakins como vocês e também temos nossos meios e aliados. O Domínio do Sul está disposto a nos ajudar. Equilíbrio é uma ilusão que vocês criaram, e não irá durar muito.

— Não existe equilíbrio quando vocês se proclamam as pessoas mais importantes do mundo! – o almakin de natureza não pôde ficar quieto – Não têm o direito de escolher os direitos dos outros!

Parecendo finalmente entender que eles não eram bandidos comuns, Dul'Maojin deu mais uma olhada para ela, verificando, e então perguntou:

— O que querem?

— É muito simples, Dragão de Fogo. – começou o líder, usando um tom que Garo-lin conhecia bem dos discursos de seus mestres no Instituto. – Nos encontramos em uma encruzilhada e as decisões tomadas agora podem definir o que será Almakia. Você é o futuro de Almakia. Está na hora de mudarmos o panorama do

Domínio, de nos tornarmos mais fortes, de deixarmos de lado a tradição das Famílias!

Garo-lin parou. Estava sofrendo algum tipo de efeito daquelas raízes estranhas ou aquelas palavras do pirata aos seus ouvidos pareciam ser aceitáveis e merecedoras de atenção?

— Nesse momento, uma rebelião não seria a melhor opção. — continuou o líder. — Mesmo com meios e aliados, a arma mais poderosa que podemos ter é o apoio dos Dragões. Com a influência de vocês juntamente com o que temos a oferecer, todos os outros Domínios serão subjugados... Por isso, queremos que você conheça nosso lado e nos escute.

— Acha que vou escutar alguém que fez isso? — ele apontou para Garo-lin e seu estado lamentável.

O almakin riu debochadamente e comentou:

— É apenas uma vilashi.

Aquela frase foi a faísca que fez com que toda a paciência e disposição do Dragão em resolver as coisas pacificamente desaparecessem e dessem lugar para seu almaki de primeira ordem agir.

Imediatamente todo o entorno dele, principalmente suas mãos, ficaram envoltas por chamas, muito diferentes de qualquer uma que Garo-lin conhecia. Não eram como as chamas alaranjadas do seu treinamento ou as coloridas e sem calor das explosões. Eram roxas e se moviam furiosamente, exalando um vapor que distorcia o ar em volta. Aquele era o verdadeiro almaki de um Dragão de Fogo prestes a atacar. Somente a visão deixava Garo-lin apavorada, já que tinha capacidade para medir o tanto de poder que ele estava usando e o estrago que aquilo poderia fazer. Mas, no mesmo instante, o

aperto em sua garganta se intensificou e ela não pensou em mais nada a não ser o desespero do ar faltando em seus pulmões.

— **Se atacar, quebrarei o pescoço dela!** – ameaçou o almakin de natureza.

E isso produziu efeito no Dragão, que respirou fundo e diminuiu seu almaki, até ele desaparecer. Quando as raízes se afrouxaram e Garo-lin tossiu se engasgando no seu desespero de voltar a respirar, o líder disse:

— Já que não está disposto a cooperar, Dragão, teremos que usar nossos próprios métodos. – então ele retirou de uma bolsa de couro que tinha presa ao seu cinto o que parecia ser uma corrente repleta de pedras negras – Se nos deixar prender suas mãos, soltaremos a vilashi. O que acha?

Pestanejando algumas vezes Garo-lin tentou compreender o nível de sandice daquela proposta. Prender um almakin seria um esforço nulo, já que isso não o impediria de usar o seu poder para atacar, e piratas não seriam tão estúpidos àquele ponto. Porém, o Dragão não parecia ter se atentado para isso, e realmente acreditara que estaria em vantagem aceitando a proposta.

— Então, soltem-na! – disse ele estendendo os braços.

Garo-lin tentou lhe dizer que não, mas com um gesto do almakin que as controlavam, as raízes começaram a remover seus tentáculos de cima dela e ainda soltaram a corda que a prendia na estaca, menos a que estava em suas mãos e a mordança. Ao mesmo instante o líder passava a corrente nas mãos do Dragão, que não parecia ter percebido que o trato não fora completamente cumprido na parte que se referia a ela. Porém, assim que as pontas da

corrente foram ligadas, algo pareceu acontecer com o Dragão, que apenas olhou confuso para a algema e disse em um tom urgente:

— Deixem-na ir agora!

— Foi uma péssima escolha para você. – anunciou o líder, dando-lhe um soco no rosto, que o fez cair para de lado. – Se não está conosco, teremos que eliminá-lo. O que pode fazer um Dragão sem seu almaki? – e então sinalizou para os outros homens que até aquele momento só observavam.

Facilmente, um deles agarrou Dul'Maojin pelos braços e o colocou de pé, enquanto os outros dois começaram a bater sem piedade.

— Seria bem mais simples se o tivéssemos como nosso aliado. – declarou o pirata barbudo, parecendo se deliciar com a cena rara de um Dragão sendo espancado por aqueles que almakins desconsideravam. – Mas, eliminar o maior dos Dragões terá um valor inestimável!

— **Aaannnf!** – Garo-lin deu um grito abafado, tentando ficar de pé, e tudo o que conseguiu foi cair novamente quando as raízes circularam suas pernas e a prenderam para que não fugisse.

Sem se importarem com ela, o grupo concentrava toda a sua atenção no grande feito que estavam realizando ao provar que mesmo o Dragão de Fogo de Almakia não era intocável. Por isso não perceberam que alguém mais se movimentava sorrateiramente por entre os pedregulhos, e logo chegou até Garo-lin, imediatamente cortando as raízes e as cordas que prendiam sua mão.

— Garo-nan! – ela murmurou assim que o amigo lhe tirou a mordaca, surpresa ao vê-lo. – Como...

— Vamos fugir! Rápido! – ele a puxou pelo braço.

— Não! – ela olhou desesperada para o Dragão que apanhava.

— É o plano dele! – o amigo a fez levantar com urgência.

Não conseguindo entender onde estava o plano naquilo, mas pensando que se Garo-nan estava ali deveria saber mais que ela, Garo-lin se deixou levar e correu com ele, circulando as pedras para poderem chegar à mombélula sem serem percebidos. Porém, quando estavam na escada retrátil, ela não pôde conter-se e olhou para trás, e o que viu deixou-a paralisada.

Dul'Maojin, o orgulhoso Dragão de Fogo, que impunha respeito no Instituto através do seu poder e atitudes rudes, estava de joelhos no chão, sem conseguir se defender, vertendo sangue, sendo chutado por pessoas que nem ao menos eram almakins e que riam satisfeitos com isso. Então, um pedido esquecido soou no fundo da sua cabeça: *zele pelos Dragões*. Apesar não entender daquela vez, agora ela conseguia encontrar um sentido para o que a herdeira Dul'Maojin queria dizer.

Olhando além do fato dos Dragões serem prepotentes e arrogantes, essa era a força deles. Por acreditarem que estavam acima de todos os outros, eles agiam de forma determinada sem se importar com as hostilidades do mundo, porque realmente sempre estiveram acima disso. Então, se era suposto que ninguém podia contra eles, por que aquele que ditaria o rumo de Almakia estava se deixando humilhar? *Não o deixe se perder*, Kandara Dul'Maojin lhe pedira. Da mesma maneira que Garo-lin era uma orgulhosa vilashi, naquele momento ela entendeu que também adquirira uma orgulhosa parte almakin, e não poderia aceitar aquilo calada. Então, algo borbulhou dentro dela e explodiu em um grito:

— **Você é idiota?!**

Os agressores olharam em volta ao perceberem que o grito veio do lado contrário ao que supostamente ela deveria estar, e então se deram conta de que a refém havia escapado.

— Garo-lin! – chamou Garo-nan desesperado, já na cabine da mombélula, pois acreditava que ela estava logo atrás dele.

Ela não o escutou. Tudo o que fez foi encarar o Dragão de Fogo, furiosa. Dul'Maojin levantou o rosto machucado e sangrando, respirando com dificuldade, nem de longe parecendo um Dragão que era,

— **Por que não reage?! Você é o Dragão de Fogo!** – Garo-lin tentou avançar, mas foi detida por Garo-nan que a conhecia suficientemente bem para entender que ela assumira o seu modo justiceira, e agarrou-a para que não fizesse uma besteira.

— Perdeu a cabeça?! – ele tentou impor bom senso nela.

— **O verdadeiro Dragão de Fogo nunca iria deixar que batessem nele dessa maneira!** – ela continuou gritando, ao mesmo tempo em que tentava se livrar do amigo que a impedia de ir até lá ela mesma chutar o Dragão. – **Eu não vou aceitar isso de quem quase me fez morrer afogada depois de ter levado um único soco! Levante agora mesmo Krission Dul'maojin e seja uma droga de um Dragão de Fogo de verdade!**

Espantados, talvez mais pelo fato de uma vilashi dar uma ordem direta e desrespeitosa para um Dragão do que ela tentar fugir, os piratas agressores olhavam dela para o seu líder sem saber o que fazer.

— **Fuja!** – o Dragão gritou, cuspidando sangue. – **Fuja e diga para Kandara que eles têm Pedras Escuras!**

— O quê? – ela fez uma careta de confusão.

Mas o que quer que fossem essas tais pedras, pareciam ser algo extremamente importante, que ela não deveria saber, o que exigiu medidas drásticas do líder:

— Matem! – ele ordenou para os homens das lanças e eles imediatamente largaram o Dragão de Fogo no chão, que caiu sem resistência alguma, e partiram para cima dela.

Garo-nan a puxou forte, mas mesmo que eles se movessem o mais rápido possível não conseguiriam subir as escadas antes de serem pegos, e então ela se preparou para atacar, disposta a pelo menos não facilitar.

— **Garo-lin!** – ela ouviu o Dragão berrando seu nome.

Uma explosão aconteceu bem diante dos seus olhos, fazendo os homens voarem para o alto, serem lançados por cima da mombélula e caírem pela borda da pedreira.

Assustada, quando a poeira baixou Garo-lin viu o buraco que se abrira no chão bem perto de seus pés. Dele seguia um pequeno rastro de pedras trituradas até as mãos do Dragão, que estavam espalmadas no solo, como se algo tivesse pulverizado um caminho. Este olhava diretamente para ela, arquejando, e quando pôde enxergá-la e confirmar que ela não fora atingida, desabou no chão completamente sem forças.

— Como ele... – o almakin de natureza começou a perguntar para o líder, mas estava perplexo demais para terminar.

Mesmo parecendo estar no mesmo estado, o líder pensou rápido e pegou a arma de um dos homens que se afastaram assustados, com uma intenção clara.

— **Nããão!** – Garo-lin correu no mesmo instante.

Ao erguer a lança para atacar o Dragão incapaz antes que ele tivesse tempo de se recuperar, o pirata foi atingido por uma bola de fogo que o arrastou velozmente até a parede da pedreira e explodiu assim que o corpo dele tocou nas pedras, provocando um desmoronamento. Antes que o almakein de natureza pudesse pensar em reagir, uma mão com uma lâmina flamejante surgiu no seu pescoço, juntamente com uma ameaça:

— Mexa um dedo e eu o enterro junto com ele!

Diante da expressão determinada da vilashi e não acreditando que aquele poder todo viera dela, ele deixou as mãos caírem ao lado do corpo, derrotado.

Capítulo 17

Fique sempre onde se possa ver

Garo-lin sabia que só conseguira usar aquele tanto de poder devido a algum erro sobrenatural que assolou Almakia naquele preciso instante, e que não teria a mesma sorte se tentasse novamente. Então, agindo rapidamente, esquecida da própria dor, com a ajuda de Garo-nan ela amarrou o atordoado almakin de natureza no mesmo lugar que ela estava antes e os dois juntos ergueram o Dragão de Fogo desmaiado para carregá-lo até a mombélula. Não pôde evitar passar perto do desabamento da pedreira e viu um dos braços do líder dos piratas saltado para fora. Sem querer pensar que ele estava esmagado ali embaixo e que fora ela mesma que provocara isso, apenas apressou seu passo para fugir o mais rápido possível. E não importava em ter que voar para ir o mais longe daquele lugar.

Concentrada nas rédeas e no caminho que tomava, ela deixou por conta de Garo-nan dar algum cuidado ao Dragão, que fora recostado na cabine. Mesmo estando muito machucado, ela não entendia como ele pudera perder todas as suas forças apenas com uma explosão. Aquela primeira reação que ele teve, antes de apanhar, mostrara o tamanho do seu poder, que com certeza não se reduziria a tão pouco mesmo que o almakin estivesse com todos os ossos despedaçados.

— Não sei dizer ao certo. — relatou Garo-nan. — Mas um braço está quebrado, tem um corte grande na testa, e não quero

nem imaginar o estrago que aqueles chutes fizeram.

— Precisamos do Dragão de Raio e rápido! – ela disse, batendo duas vezes as rédeas e aumentando a velocidade da mombélula, se segurando para manter o controle firme mesmo que suas pernas tremessem e a cabeça latejasse.

Com cuidado, Garo-nan tirou a corrente que prendia as mãos dele, e no mesmo instante o Dragão se movimentou e abriu os olhos.

— Ele acordou! – exclamou o vilashi e o ajudou a se apoiar melhor.

Dul'Maojin, por sua vez, tinha um olhar confuso, de quem tentava entender o que havia acontecido. Então, de repente, se lembrou e arriscou se levantar:

— O quê- – ele começou a perguntar, mas uma pontada de dor o fez desabar novamente.

— Não se mexa! – exigiu Garo-lin, usando toda a autoridade que ousava ter naquele momento.

— Você está bem?

Garo-lin olhou para o Dragão com um rosto irreconhecível, apertado um lado do corpo com uma careta de dor, e mesmo assim fazendo uma pergunta daquelas, quando era claro que era ele quem deveria estar sendo questionado sobre isso. Mas, tudo o que ela disse foi:

— Vou levar você para o Zawhart, não se preocupe.

— Piratas! – Kidari repetiu desnecessariamente a informação para o Dragão de Raio, como se assim pudesse despertar nele todo o pavor evidente que ela tinha daquelas pessoas. Obviamente, aquele grupo de bandidos também não tinha boa fama em Além-mar.

— Eles queriam fazer uma proposta? – perguntou o Dragão, ignorando a protegida e gesticulando para que ela continuasse o que estava fazendo.

Ao chegar à Vila Godan, conseguindo com que a mombélula pousasse sabiamente sozinha no mesmo lugar em que havia estado durante aqueles últimos dias, eles foram imediatamente recebidos pelo Dragão de Raio e por Kidari, parecendo terem ficado alertas durante todo aquele tempo, esperando. Assim que viu o estado do Dragão líder, Zawhart no mesmo instante começou a dar ordens, exigindo que fosse providenciado um lugar onde pudesse colocar os feridos. A mãe de Garo-nan foi rápida em correr as portas do quarto onde hospedara as visitas, e logo empilhou cobertas suficientes para formar algo parecido com as cômodas camas que existiam em uma realidade fora da vila. Por mais que os pisos das casas vilashis fossem forrados e confortáveis na opinião deles, a situação pedia algo melhor. E, no mesmo momento em que o Dragão fora cuidadosamente colocado lá, Zawhart expulsou toda a vila que se acumulava curiosa, principalmente os irmãos de Garo-lin que queriam a todo o custo ficar com ela. Só assim, com as portas fechadas, pôde iniciar seu trabalho, verificando cada ferimento do amigo enquanto Garo-lin recebia atenção emergencial de Kidari.

Apesar de considerar a kodorin sua amiga, Garo-lin não podia esconder que sentia mais medo em deixá-la usar seu almaki

de raio nos seus ferimentos do que com o fato de ter sido sequestrada por piratas, mesmo que aqueles fossem apenas os machucados superficiais. Mas, não podia exigir a atenção do Dragão de Raio, já que esse se ocupava dos ferimentos do amigo, muito piores do que os seus.

— Si-sim. – ela respondeu distraidamente, prestando atenção nas mãos de Kidari sobre os hematomas dos seus pulsos. – Eles falaram muitas coisas sobre o Dragão de Fogo se juntar a eles, sobre saberem da fraqueza almaki e sobre uma reunião em Rotas.

— Eles sabiam da reunião em Rotas? – isso pareceu o deixar surpreso – Droga! Como souberam?!

— Teve mesmo uma reunião em Rotas? – Garo-lin perguntou pasma, e tudo o que recebeu foi um olhar frio do Dragão que dizia claramente que ela não precisava saber sobre aquilo. Então, preferindo não interferir no humor dele enquanto manejava, ela simplesmente continuou contando. – Eles pareciam que não queriam realmente atacar a princípio. Achavam que Dul'Maojin iria escutar o que eles falavam... Mas, ele não escutou.

— Claro que eu não escutaria. – o Dragão de Fogo manifestou-se, apesar de sua voz sair fraca como alguém que estivesse falando dormindo.

— Se não o escutou, como terminou machucado assim?

Garo-lin avaliou se deveria ou não contar que fora para ela não ter o pescoço quebrado, mas Dul'Maojin murmurou algo para o amigo que a livrou dessa resposta.

— Pedras Escuras? – repetiu o Dragão de Raio. – Como eles têm Pedras Escuras, Kris?! Elas não existem!

— Se é sobre aquela corrente, ela está com o Garo-nan. — informou Garo-lin.

Vinshu Zawhart olhou bem para ela e então perguntou:

— Você tocou naquelas pedras, vilashi?

— Não. — ela concluiu, depois de pensar um pouco. — Ajudei a carregá-lo enquanto estava com elas, mas não me lembro de tocá-las.

— Não se sentiu mal enquanto estava perto delas?

Na verdade, no estado em que estava naquele momento, mesmo se tivesse sentido algo não seria capaz de identificar agora.

Diante do silêncio dela, o Dragão de Raio ordenou:

— Fique longe delas! Mande seu amigo enterrar em algum lugar bem fundo, de onde nunca mais possa ser tirada.

— Por quê? — ela perguntou, achando estranho o modo carregado como ele falara.

— Resumidamente, elas sugam almaki. E isso explica porque o Krission está nesse estado... — e então brigou com o amigo. — Como não percebeu que eram Pedras Escuras, Kris? Elas poderiam matá-lo!

— Elas não deveriam existir! — ele respondeu se defendendo, já mais recuperado e visivelmente voltando à sua maneira habitual.

— Não se mexa! — advertiu o Dragão de Raio. — Ou posso mudar a posição dos seus ossos!

Mesmo sabendo que isso não era possível, o Dragão de Fogo ficou calado até que o amigo terminasse. Contudo, mesmo um almaki poderoso de cura não foi o suficiente para deixá-lo completamente bem.

Pelo que parecia, a energia do Dragão estava tão reduzida que não haveria o suficiente em seu corpo para uma cura rápida. Ao final, Dul'Maojin precisou ter o braço e a cabeça enfaixados, e provavelmente teria que andar com algum apoio por algum tempo.

— Vai precisar ficar parado por pelo menos dois dias, Kris. Sem se movimentar! Ou seus ossos poderão romper-se novamente. — alertou Zawhart em tom de lamento, mais pelo fato de terem que ficar ali do que pelo estado de Dul'Maojin, do qual ele tinha certeza que se recuperaria se obedecesse o que ele prescrevia. E então ele se levantou e voltou a sua atenção para a outra paciente, liberando Kidari. — Cabeça, vilashi! — pediu, em tom de quem estava prestes a fazer um grande favor.

Não tendo a alternativa de poder recusar, ela se deixou tratar pelo Dragão, já que sabia que os efeitos do almaki de cura eram muito mais eficientes do que qualquer pomada ou atadura que se pudesse providenciar em sua vila.

— Preciso que me conte tudo, exatamente como aconteceu, vilashi. — ele lhe pediu, de forma mais baixa, para que o Dragão de Fogo não escutasse. — Preciso de detalhes para saber com que estamos lidando. Talvez seja perigoso para a sua vila ficarmos aqui, mas não posso obrigar Kris a viajar... Talvez seja melhor você falar diretamente com Kandara.

Quando o Dragão de Raio dissera que seria melhor falar diretamente com a herdeira Dul'Maojin, Garo-lin imaginou que isso aconteceria pela esfera. No momento, não pensara que ao saber da

situação do irmão ela viria direto à sua vila para vê-lo. Entretanto, era isso mesmo que ela estava fazendo, e chegaria ainda naquela madrugada, de onde quer que viesse.

Seguindo as orientações do Dragão de Raio, Garo-lin permaneceu no centro da vila, na casa de Garo-nan, onde os Dragões estavam hospedados. Como a casa de sua família ficava mais perto dos limites da fortaleza de troncos, seria melhor estar onde haveria mais pessoas e era mais perto da mombélula em caso de fuga imediata. E, como não sabiam exatamente quem eram aquele grupo de piratas, muito menos quantos eram, mais deles poderiam estar por perto.

Eles falaram sobre um informante, alguém que andava pelas vilas e repassava informações. Aquilo tudo a deixou assustada, já que ela basicamente representava um risco para todos de Godan, e nunca pensara dessa maneira. Mesmo querendo sair logo dali e levar o perigo para longe, não poderia fazer isso antes que o Dragão de Fogo se recuperasse a ponto de poder enfrentar uma viagem de mombélula.

Já que apagara depois do tratamento na cabeça e dormira durante a tarde lá estava ela, no tablado da vila, em frente à casa de Garo-nan, sem poder fechar os olhos ao pensar em tudo. Usando um pequeno e rústico copo de vidro, que não podia nem ao menos ser comparado a um verdadeiro porta-chamas, ela fazia algo que quisera fazer desde Rotas, mas que não tiveram tempo: ler o livro que ganhara.

Mesmo que não se pudesse concentrar direito nas palavras e a noite de lua velada não contribuía com a luminosidade, ela tentou procurar pelas páginas alguma referência sobre as Pedras Escuras.

Se aquilo era algo tão temível como a reação do Dragão de Raio sugeriu, deveria existir alguma menção sobre elas. Tinha certeza de que já havia lido todos os livros de História do Guarda-livros do Instituto, e nunca soubera que se podia simplesmente anular um poder almaki. Se existisse algo assim no mundo, não era suposto que todos os almakins devessem saber para se prevenirem? Segundo Zawhart, o Dragão de Fogo poderia ter morrido caso Garo-nan não tivesse o bom senso de tirar aquela corrente dele antes que fosse tarde demais.

— O que está fazendo aí no escuro, vilashi?

Garo-lin quase teve o almaki arrancado do corpo com o susto.

— Não pode se levantar! – ela disse, assim que viu o Dragão de Fogo vindo mancando teimosamente até ela. – Seus ossos vão-

— Eles vão ficar onde devem ficar. – o Dragão replicou, naquele seu tom absoluto de quem podia mandar até mesmo em seus próprios ossos. – O que está fazendo aqui no escuro? Esperando para ser raptada de novo?! – e se sentou com dificuldade do tablado, não conseguindo nem ao menos esconder que sabia perfeitamente que não estava em condições de ter caminhado até ali.

Pensando em formas de convencê-lo a voltar para dentro, Garo-lin ia dizer alguma coisa quando se deu conta do motivo para ele estar ali, e perguntou:

— Está preocupado?

Ele apenas olhou para um ponto indefinido do chão, demonstrando todo o seu mau humor com o fato de ela ter descoberto tão facilmente:

— Como eu não ficaria quando você deveria estar lá dentro tentando fazer essa cabeça melhorar, idiota!

— Como se a minha cabeça estivesse mais machucada que a sua!

Por um momento ela pensou o quanto aquela situação era improvável, e não pôde evitar de achar engraçado.

— Por que está rindo agora, vilashi? – ele inquiriu.

— Porque você é o Dragão de Fogo e eu sou uma vilashi, e estamos os dois com as cabeças enfaixadas.

Ele a encarou por um instante, alcançando o raciocínio dela, e o seguiu:

— Então, acrescente isso ao fato de estarmos no Vale Interior.

— Em uma das mais insignificantes vilas.

— No meio da noite nesse tablado tosco que vocês usam estranhamente para tudo.

— Depois de termos enfrentado piratas com almaki.

— Depois de eu quase ter morrido para te salvar.

Garo-lin o encarou, com todas as outras frases que tinha pensado fugindo da sua mente. Era exatamente aquilo que tinha acontecido. Mas, ele mesmo ter falado, dava um impacto muito maior para tudo.

— Vilashi! – o Dragão chamou convocando, já que ela ficou perdida com as palavras.

— Sim? – respondeu na sua reação automática de obedecer ao seu mentor.

— De agora em diante, fique sempre onde eu possa ver. – ele decretou.

— **Krission!** – o berro furioso do Dragão de Raio que veio de dentro da casa de Garo-nan não só foi alto o suficiente para fazer com que ela mais uma vez pulasse de susto, como para acordar a vila inteira.

Reclamando quando ele era obviamente o culpado de ter descumprido as ordens do amigo curador, Dul'Maojin levantou e se arrastou para a casa, onde o barulho das portas correndo indicava que Zawhart estava procurando por ele sem se importar em perturbar o sono de seus anfitriões.

— Volte para dentro. – ele ainda ordenou para a protegida quando chegara às escadas, e então gritou para dentro. – Estou aqui, Vin! Vai destruir a casa dos vilashis assim!

Ainda com o livro nas mãos e com o porta-chamas tremeluzindo ao seu lado, uma Garo-lin muda olhava para frente sem saber o que fazer, tendo o seu mundo completamente perturbado pelo Dragão de Fogo.

A manhã ainda ameaçava raiar quando Garo-lin ouviu Kidari avisando ao seu mentor que Kandara Dul'Maojin chegara na vila. E foi quase no mesmo instante que ela ouviu a porta do quarto em frente ao dela correr de forma violenta e a herdeira praticamente chorar:

— **Kriiiiis!**

— **Me larga!** – ele exigiu, com uma voz sufocada, o que deu a vilashi a certeza de que o Dragão estava sendo asfixiado por um abraço.

— **Tem noção de que você quase morreu, idiota?!**

— Mas não morri! **Aiiii! Não se bate em um doente, sua louca!**

— É melhor não fazer isso, Kandara. – alertou o Dragão de Raio, mas não parecendo alguém que realmente a estava impedindo de bater no irmão.

Em um pulo, Garo-lin ficou de pé, vestiu um casaco e calçou algo para sair no ar gelado. Rapidamente contornou o corredor de madeira em volta do pequeno pátio dos Godan e chegou ao quarto dos Dragões, parando na porta a tempo de ver a cena: Kandara segurando o irmão da mesma forma que fizera com ela naquela noite na Fortaleza Dul'Maojin, com Zawhart e Kidari ao lado, assistindo e esperando que o momento fraternal acabasse. Porém, ao passar pela porta, notou que havia mais alguém lá, e foi com espanto que recebeu os cumprimentos do único que parecia ter notado a sua presença:

— Olá, Garo. – disse o Dragão Real.

— Nu'lian! – ela exclamou, sorrindo surpresa e então ficou atrapalhada. – Co-como veio até aqui?

Ao perceber o que estava acontecendo, o Dragão de Fogo habilmente se livrou das garras da irmã e se levantou o mais rápido que podia, ficando entre o amigo e ela, ordenando:

— Vá dormir, vilashi!

— Eu já dormi. – ela replicou, perdendo todo o sorriso que exibia para o Dragão de Água.

— Não importa, sai daqui!

Ela estreitou os olhos o encarando, pronta para dizer palavras bem ditas para seu mentor, mas parou ao lembrar que

estava sendo observada por todos, forçando-se a voltar ao lugar que deveria estar diante das presenças ilustres dos Dragões, da herdeira Dul'Maojin e da Princesa de Kodo.

— HUUUUUM. – fez a herdeira, como se chegasse à conclusão de algo, sorrindo satisfeita.

— Vocês devem ter viajado a noite inteira! – exclamou Garo-lin de repente, se atentando para algo que quebrasse aquela situação. – Vou buscar algo para vocês comerem.

— Eles não estão com fome. – o Dragão de Fogo criou sua própria realidade onde se alimentar depois de uma noite de viagem fosse algo descartável.

— Estamos sim. Vá lá, Garo-lin. – a herdeira a liberou.

— Mas-

— Kris! – com um único gesto de ameaça ela calou o irmão, que se aborreceu e voltou mancando para as suas cobertas, sentando nelas de braços cruzados.

— Kidari, vá com ela. – pediu o Dragão de Raio, compreendendo que aquele seria o momento perfeito para que pudessem debater entre eles o que tinha acontecido.

Antes que a kodorin dissesse qualquer coisa, Garo-lin a puxou pelo braço e as duas saíram correndo a porta.

Sua mãe e Juri-lin estavam cedo na função de cozinhar junto com outras mulheres, em um lugar improvisado para essa tarefa. Com o alerta do Dragão de Raio, as pessoas da vila procuraram se manter dentro dos limites habitados, sempre acompanhados, e

assim eles colocaram em prática as medidas que adotavam em temporadas rigorosas, onde todos se uniam para enfrentar dificuldades. Também foram designadas rondas em turnos, para checar se estava tudo bem pelos limites cercados.

Quem vinha de fora da vila era avisado para voltar, e essa atitude seria tomada enquanto os Dragões estivessem ali, mesmo com quem já fosse conhecido.

Uma das características principais dos vilashis era contar histórias interessantes do que havia ouvido ou feito. De acordo com Garo-nan, provavelmente fora dessa maneira que praticamente todo o Vale Interior ficara sabendo das explosões coloridas e de quem as provocara, independente do tal informante ter estado na vila ou não. Diante desse fato, não seria difícil acontecer algo assim novamente, e por isso todo o cuidado em evitar que fofoqueiros entrassem era necessário. Vendo por esse lado, ter Kandara Dul'Maojin ali era um alívio.

Só agora Garo-lin se dera conta de algo: a herdeira trazia consigo uma atmosfera de proteção. Não sabia se isso era pelo fato de ser a irmã mais velha do Dragão de Fogo, aquela que podia ter sido a própria Dragão de Fogo, o que por si só já lhe dava um ar de poder inimaginável. O certo era que estando com ela ali, parecia que tudo se resolveria e que de alguma forma ninguém ousaria chegar perto deles com alguma intenção ruim.

Sabidamente, Garo-lin não apressou para que preparassem algo, e enquanto isso respondeu pacientemente todas as perguntas da mãe. O que tinha acontecido, se ela estava bem, como estava o Dragão de Fogo, quem eram aquelas pessoas... Apesar de não dar respostas completas, o pouco que contou foi o suficiente para causar

um falatório entre os vilashis reunidos, cada um dando a sua opinião sobre o fato e trazendo suas suspeitas. Quando as atenções já não eram mais totalmente sobre ela, mas sim sobre o assunto, Kidari encontrou uma oportunidade de conversar com a amiga como há tempos não fazia:

— Garo, eu muito preocupada. Um pássaro veio, com uma carta, cabelo com sangue, Krission chamou outro Garo e foram embora. Quando pedi Vinshu se era perigoso, não respondia. Vinshu também preocupado. Dizia que não devíamos ter vindo, que culpa era dele por ter deixado Krission ir.

— Não foi culpa de ninguém, Kidari. Foi uma série de acontecimentos que infelizmente terminaram nisso.

— Garo está melhor? – ela perguntou com o seu inconfundível sorriso aberto. – Kidari ajudou curar?

— Ajudou bastante! – Garo-lin mostrou os pulsos, onde não havia mais marca alguma de ferimento. – Kidari é uma ótima curadora... – e então ela se deu conta de algo e perguntou pasma. – Você aprendeu a manejar seu almaki para curar? Como? Quando? Como Zawhart permitiu isso?

— Ler livros é muito chato. – ela contou, desnecessariamente fazendo gestos de manejo de raio para ilustrar. – Kidari aprender olhando. Vinshu não pôde fazer nada quando descobriu. Ficou muito bravo, mas achou melhor mostrar a maneira certa para Kidari não fazer coisa errada.

— Mas, é um Segredo! – ela deu um suspiro.

Não podia reclamar da situação entre ela e o seu mentor já que a sua própria era algo parecido. Então, tentou buscar pelo lado bom daquilo e encontrando algo que merecia elogios:

— Você aprendeu a falar melhor.

— Vinshu lê para mim. – ela se lembrou de não repetir seu nome e acrescentou contente. – *Eu* gosto de ouvir Vinshu ler.

— Gosta?

— Gosto muito.

— Por que gosta de ouvir se não gosta de ler?

A pergunta pareceu mexer com as respostas que a kodorin tinha na cabeça, e ela não encontrou nenhuma adequada. Então, ela falou de forma simples:

— Gosto.

Por um momento Garo-lin percebeu como era fácil para a amiga achar algo bom em qualquer coisa mínima e ficar puramente feliz com aquilo.

— Garo?

— Hum?

— Posso dizer que gosto?

— E por que não dizer?

Kidari ficou em silêncio por um tempo, pensando, e então concluiu reafirmando com um tom de orgulho:

— Eu gosto!

— É o suficiente? – perguntou Juri-lin, colocando na frente delas uma travessa repleta dos melhores doces de feijão e tomates assados que ela sabia fazer, junto com uma jarra de suco de laranja.

— Não tem vinagre? – perguntou Kidari esperançosa e apenas recebeu um olhar de confusão da garota.

— Está ótimo, Juri-lin. – Garo-lin entregou uma das travessas para a amiga e pegou a outra, fazendo sinal para que a irmã ignorasse. – Obrigada.

— Boa sorte. — a irmã resumiu tudo o que pensava.

— Acha que podemos falar sobre isso com elas? — perguntou o Dragão de Raio, em tom de desconfiança. — Nunca falamos com ninguém de fora.

— Elas já estão envolvidas. — opinou o Dragão Real. — Mais do que deveriam.

— Agora não é momento de nos determos em questões preconceituosas, Vin. Sei que é mais difícil para você aceitar do que para os outros, talvez muito mais até que para o Kris, mas... Se não começarmos por nós mesmos, nunca irá parar. Esse imprevisto com esses piratas nos revelou mais do que descobrimos em um grande tempo. Eles têm a Pedra Escura, mas pelo jeito fazem apenas uma ideia geral de no que estão envolvidos e de com quem estão lidando

— E no que estão envolvidos, Kandara? Com quem estão lidando? — o Dragão de Fogo se manifestou, usando um tom de impaciência, que dizia claramente que já algum tempo ele vinha fazendo a mesma pergunta sem receber uma resposta satisfatória.

— Alguém que quer ir contra o Governo Real, Kris. Já falamos sobre isso: uma conspiração.

— Não, nunca falamos direito. Aliás, essa conspiração nunca ficou clara.

Zawhart e Gillion lançaram um olhar significativo para a herdeira, deixando a seu cargo resolver aquele problema.

— Kris, eu-

— Kandara! – ele interrompeu, usando seu tom autoritário do Instituto. – Não quero desculpas! Por que todos os outros Dragões sabem menos eu? Por que não posso saber? Acha que vou sair contado para todo mundo? Eu quase morri ontem e talvez não precisasse ter ficado nesse estado! Eu poderia ter evitado que isso acontecesse, se soubesse o que está acontecendo!

Ela olhou para o irmão, não podendo dizer nada contra já que aquilo era realmente verdade. Mas, ao mesmo tempo, sabia que não era tão simples dizer.

— Vai chegar o momento em que você vai saber, Kris. Não se preocupe. Sim, você sofreu ontem e isso poderia ser evitado, mas... Talvez, se você soubesse, isso já teria acontecido muito antes.

O Dragão encarou a irmã, insatisfeito, mas a conhecia ao ponto de saber que não conseguiria mais nada, por mais que insistisse no assunto. Porém, nem tudo podia ser deixado passar, e havia algo que ele considerava o mais importante:

— E quanto à vilashi? Ela não tem nada a ver com isso e olha o que aconteceu.

— Tem certeza disso, Krission? – Kandara perguntou de uma maneira carregada.

Por sua vez, o Dragão pareceu incapaz de responder, e permaneceu em um silêncio inquieto de quem estava discutindo consigo mesmo.

Os outros olharam para os irmãos esperando que alguma coisa fosse explicada, mas Kandara apenas sorriu.

— Kandara. – chamou o Dragão Real, e sinalizou a porta.

— Então... – a herdeira usou um tom mais alto. – Se elas quiserem parar de ficar ouvindo em frente à porta e entrar, podem

ficar a vontade para se reunirem conosco.

Garo-lin, do lado de fora do quarto, se retraiu e olhou para a careta de confusão de Kidari que dizia claramente o que passava pela cabeça dela naquele momento: como ela sabia?

Um tanto envergonhada, e nem pensando em usar a desculpa de que estava esperando o melhor momento para anunciar que trouxera a comida, ela correu a porta e entrou, sendo seguida pela kodorin. Depositaram as bandejas no centro ao alcance de todos e então se sentaram no chão fechando uma roda.

— Primeiro, temos que saber exatamente o que aconteceu. Garo-lin, pode nos contar?

Diante da atmosfera séria que encontrara ali, ela sabia que não poderia esconder detalhes e que isso só poderia atrapalhar ou fazer com que eles chegassem a conclusões erradas. Então, tentado se lembrar de tudo conforme acontecera enquanto o conteúdo das bandejas era esvaziado, ela contou o que tinha ocorrido na pedreira, desde o momento em que acordara até quando fugiram com a mombélula.

— Isso explica muita coisa. — a herdeira deu um suspiro, de quem parecia finalmente entender algo que há muito a fazia pensar.

— Então agora que você entendeu nos faça um favor e explique. — decretou o Dragão de Fogo.

Como não era apenas ele que a encarava com expectativa, mas também Garo-lin e Kidari, ela concordou:

— Sim, não podemos apenas deixar como se nada tivesse acontecido. Porém, temos que começar do princípio, e acho que o Nu'lian pode ser um melhor narrador do que eu. — ela disse,

passando a vez para o Dragão Real – Tem alguém por perto? – ela perguntou diretamente para o Dragão de água:

— Estão afastados e cada um em sua função, nenhuma atenção voltada para cá. – ele relatou, de forma clara e sem hesitar.

— Ótimo. Leve ela com você.

— Eu vou jun-

— Não! – a herdeira puxou o irmão que se levantava pelo braço machucado e o fez cair ao seu lado se torcendo em dor. – Você fica! E a Princesa e o Vinshu ficam aqui. Preciso falar com vocês.

Mesmo não entendo o porquê deveria se separar deles, Garolin ficou de pé assim que o Dragão Real se levantou e correu a porta para sair com ela. Ainda lançou uma última olhada para o grupo que ficaria ali e encontrou o Dragão de Fogo a encarando com uma expressão séria que fazia as palavras que ele dissera naquela madrugada percorrerem toda a sua mente: fique sempre onde eu possa ver. Não suportando nem ao menos pensar sobre isso, correu para acompanhar Gillion.

Capítulo 18

Aquele que irá ditar o rumo de Almakia

Não foi preciso que Garo-lin dissesse por onde o Dragão Real deveria ir. Como se conhecesse perfeitamente sua vila, ele andou na frente, a conduzindo. Estranhamente, ela viu nessa atitude um sentido para o título de Dragão de Água: como o representante natural do seu almaki, ele parecia saber por onde seguir sem precisar da ajuda de ninguém. Assim, eles foram até uma das extremidades da vila, no lado oposto ao caminho da sua casa, onde ficavam os pomares, agora com todas as árvores já se preparando para a temporada da Tormenta Nanfan.

Embaixo de uma mangueira, havia um tablado exatamente igual ao do centro, mas em uma proporção muito menor, mais parecido com os que tinham nas casas.

— É aqui que as crianças se reúnem para aprender em dias quentes. — ela explicou, correndo até lá e subindo em cima do piso de madeira, se sentando no meio, em um lugar específico. — Eu sempre ficava aqui quando minha mãe nos ensinava. Mira-lin, minha irmã, fica com as crianças agora. Na época das frutas, nós colhemos algumas para podemos comer enquanto escutamos.

— Então é um bom lugar. — ele comentou de forma simples, imitando-a e sentando na ponta do tablado que ficava de frente para

a árvore, assumindo o lugar de professor. – Isso não vai ser diferente de uma aula, apesar de eu não ser seu mentor.

— Mas eu preferia que fosse. – ela deixou escapar e logo em seguida tapou a boca arrependida.

Diante do constrangimento dela, ele riu e disse:

— acredite Garo. Eu não poderia ser um bom mentor, mesmo para você.

Já que havia aberto a boca uma vez, ela achou que podia suportar uma segunda:

— Acho que não teria como ser pior do que o Dragão de Fogo...

— Mesmo ele tendo enfrentado tantas coisas para salvá-la?

Garo-lin se afundou no seu desgosto e preferiu ficar quieta. Como ela poderia agora usar o fato de que, até antes das Incumbências, seu mentor era um dos principais motivos para que ela odiasse o Instituto e que depois se tornara seu tormento diário? Com apenas uma única atitude ele conseguira algo capaz de anular esses fatos no seu pensamento justo. E ainda, não fora apenas uma vez. Contando com aquele acidente no lago – que ela preferia esquecer – eram duas. E somando isso à disposição dele em ensiná-la a manejar almaki... Como poderia continuar o acusando de ser um ditador quando seus motivos se reduziam a egoísmo puro e vergonhoso do ponto de vista dos outros?

— Lembra que uma vez eu lhe perguntei por que não dava uma chance para Krission?

— Sim. Eu aceitei que ele me ensinasse.

— Na verdade, isso não envolvia apenas manejar... Parece que foi Kris quem entendeu antes.

— Como assim?

Ele respirou fundo, como se estivesse se preparando para começar uma longa história, e perguntou:

— Sabe por quê somos Dragões, Garo?

Já havia ouvido aquela pergunta, do Dragão de Fogo, em Rotas. Apesar de naquele dia ter dado uma resposta generalizada – a que todos sabiam – agora ela tinha uma visão mais ampla sobre o assunto graças ao seu livro de História. Aprendera que aquele título representava mesmo os seres poderosos de tempos antigos, que já não existiam mais: os dragões da lenda dos Tomates Gu-ren. Eram criaturas escamosas e aladas, que nas gravuras do seu livro pareciam uma mistura estranha de mombélulas e morcegos. Grandes, poderosos e com poderes semelhantes ao almakins, eles representavam perigo para os povos antigos por não terem a mesma capacidade de pensar que os humanos. Embora um ser humano não pudesse ser comparado em tamanho e força, a vantagem de se manejar almaki conscientemente, alcançando um potencial tão alto, lhes colocava em um mesmo patamar.

Mas, o tom que ele usara para perguntar a fez se sentir como se a questão envolvesse algo muito mais profundo do que a origem do título ou o conhecimento geral dos almakins. Mesmo assim, arriscou:

— Por que vocês irão ditar o rumo de Almakia?

— Sim, essa é a teoria. Algo que nos disseram que deveríamos fazer e que nunca tivemos certeza do que era. Por anos existiram pessoas que se destacaram dentro do Instituto, mas nunca houvera cinco de uma só vez. Mesmo que todos considerem isso

uma coincidência incrível, nós sabemos que não foi exatamente assim.

Garo-lin o encarou com uma careta de incompreensão, o que foi o suficiente para ele entender que deveria se explicar melhor:

— Se fosse para haver um Dragão no Instituto, seria Kris ou Vinshu. Tanto Benar, Sumerin ou eu não nos comparamos com eles. Porém, desde pequenos vivemos juntos e fomos instruídos para que nossos almakis se desenvolvessem acima do nível. Mesmo antes de termos idade para entrar no Instituto, já éramos guardiões de um Segredo de Família. – ele deu um tempo para ela e então perguntou – Isso parece coincidência?

— Parece mais como... Algo planejado.

— Exatamente. Mas, para chegar nessa parte, primeiro preciso que você saiba sobre coisas muito maiores do que uma Incumbência, níveis de almaki ou a Tabela de Poderes... – e nesse momento ele parou, como se chegasse a uma barreira que somente ele podia ver. – Gostaria de poder lhe dar uma opção entre ouvir ou não Garo-lin, mas infelizmente não posso. Talvez, desde o momento em que você ousou enfrentar Kris no Instituto, você já estava envolvida sem nos darmos conta.

Ela pensou por um momento. E se realmente existisse uma maneira de ficar sem saber de nada? De parar naquele instante e não mais se enterrar no que parecia algo muito além do que qualquer coisa que imaginava? Mas, mesmo diante da possibilidade de viver na ignorância, sentia com todo o seu almaki que não iria querer que fosse assim. Afinal, uma pessoa havia sido soterrada com uma explosão que ela causara. Mesmo que isso tivesse resultado de um gesto de defesa, não poderia simplesmente esquecer. Então,

muito consciente da faixa que envolvia seu ferimento na cabeça, agora quase curado, ela declarou:

— Eu sei.

Entendendo tudo o que ela queria dizer com aquela simples declaração, o Dragão começou a contar:

— Almakia não é apenas um Domínio com as suas limitações territoriais, Garo-lin. É a basicamente toda a concentração de almaki do mundo. Aqui, nessa terra mais antiga que os almakins ou qualquer outro povo, existe uma força que ainda não foi explicada. Talvez leve anos para que alguém a explique. Talvez você, eu ou qualquer Dragão não viva para saber a verdade. Prever o futuro não é algo simples ou fácil para ser um recurso com o qual podemos sempre contar. Porém, podemos aprender com o passado, e ficarmos parados quando um ciclo volta a se repetir não é uma escolha sensata.

“Devido à história conturbada dos manejadores-antepassados, nós criamos uma barreira que nos impede de aceitarmos o que é diferente. Mesmo não agindo de forma extrema como os antigos, os almakins são cruéis com os outros povos, e se acham no completo direito disso... Talvez você saiba mais do que qualquer um.”

— Até demais... — ela se deu conta de que pensara alto. — Desculpe-me! Pode continuar.

Como se não tivesse sido interrompido, ele prosseguiu:

— Ignorar e oprimir é uma mistura venenosa, que pode trazer resultados inesperados. As atitudes do Governo Real não são vistas com bons olhos pelos outros Domínios, e eles temem que isso possa desencadear novamente aqueles tempos antigos, em que os

almakins eram soberanos dominadores. Por isso, cada um deles têm uma ou duas ideias sobre como poderia agir caso isso acontecesse. Mesmo assim, eles sabem que não podem contra Almakia, não como ela se encontra agora, e se mostram amigáveis. Porém, se surgisse alguém que lhe apresentasse uma forma possível de conseguir conquistar nosso Domínio, eles não pensariam muito. Pode se contar nos dedos de uma só mão quantos governantes de Domínios são ponderados ao ponto de não colocar em risco seu povo em troca de tornar seus territórios e posses maiores.

— E surgiu alguém assim? – ela perguntou.

— Não só existe como essa pessoa já está agindo há alguns anos. O plano dela é muito simples: prometer poder em troca de ajuda, e no final ficar com tudo para si.

— Mas, como isso acontece e ninguém fala nada?!

— Não se trata de alguém que planeja sem pensar em cada detalhe. Ela é capaz de enxergar estratégias em tudo e astutamente fez uma proposta para cada Domínio importante, sem que eles soubessem que na verdade estão todos sendo manipulados uns contra os outros.

— Como vocês sabem disso?

— Kidari Chanboni.

— O que ela tem a ver com isso?!

— Kodo é o maior Domínio de Além-mar. Uma aliança entre ele e Almakia pode ser essencial caso os outros Domínios desistam de ajudar.

O fato de ela estar aqui indica que essa aliança já foi feita.

— Mas ela não...

— Ela não está consciente disso. Benar tem meios de descobrir as intenções de uma pessoa. Ele usou todas as suas estratégias de manipulação para tentar a fazer falar alguma coisa, mas ela realmente não sabe de nada.

Isso fez Garo-lin se sentir de alguma forma aliviada. Por um único momento pensou que a amiga poderia não ser realmente quem era.

— Ela escondeu o fato de ser uma princesa. – o Dragão continuou – Mas isso não a deixa sob suspeita. Provavelmente ela foi orientada a fazer isso para que não houvesse tanto alarde nos Domínios, não até tudo estar acertado. O fato só foi informado publicamente depois que saímos para a Incumbência.

— Mas, quem é essa pessoa que está agindo assim?

— Primeiro, sobre as Pedras Escuras.

“Mesmo que todos os Domínios se juntassem para atacar, não teriam chances contra os almakins treinados no Instituto. E mesmo que isso não ocorra somente a ideia os deixa apavorados. Agora, se houvesse uma forma de irem contra nossos poderes, não hesitariam em romper as boas relações conosco e atacar. E essa forma finalmente foi desenterrada. Por centenas de anos, as Pedras Escuras foram consideradas lendas, de um tempo em que Almakia ainda era jovem e não se tinha o conhecimento almaki que temos hoje. E ainda, trata-se de uma lenda que poucos conhecem, já que é muito melhor que ela seja mantida em segredo. Mas, já há algum tempo estão surgindo evidências de que elas poderiam ser reais e que alguém as descobrira. Agora, sabemos que é verdade e onde ela está sendo manipulada. As minas que você viu estão trabalhando nisso. Provavelmente não está sendo extraída de lá, já que por anos

incontáveis aquelas pedras foram remexidas e tudo o que se havia já foi tirado. Mas, aquela corrente mostra como pessoas sem almaki e sem conhecimento estão trabalhando nelas, o que deixa muita coisa clara para nós. Não podemos calcular ainda qual a quantidade dessa matéria existe e quem está com elas.

— Piratas? – ela perguntou, colocando a única suspeita que vinha a sua cabeça.

— Piratas não têm esse conhecimento. – ele explicou. – Pelo que você contou agora pouco, eles sabem que é algo que pode diminuir nosso almaki, e não que é algo que pode matar. Até mesmo eles sabem que as consequências em se eliminar o Dragão de Fogo de Almakia não poderiam ser previstas. Talvez tê-lo incapacitado, e o mantido como um refém permanente, mas não penso que fossem capazes de algo pior. Benar já esteve com os grupos de piratas e ele verificou.

Garo-lin pensou na intenção clara daqueles piratas, mas guardou suas opiniões para si, já que era obviamente a menos informada.

— O que aconteceu com vocês ontem é uma das informações mais preciosas que recebemos até hoje. Ela esclareceu vários fatos e nos deixa à um passo a frente: a pessoa por detrás disso planeja usar as Pedras Escuras contra os almakins.

Com essa última frase, algo ficou confuso na mente de Garo-lin:

— Mas... Se essa pessoa é alguém de dentro de Almakia, e pode agir entre o Governo e os Domínios, ela só pode ser...

— Almakin.

Várias outras perguntas se desdobraram ao mesmo tempo dentro da cabeça dela, e acabaram se juntando em uma só:

— Como?!

— Como um almakin quer destruir almakins? Acha que isso é impossível de acontecer?

— Não. – ela foi sincera.

— Como eu já disse, essa pessoa vê estratégias em tudo. Ela conseguiu facilmente criar uma teia que envolve a todos: Os Domínios, o Governo Real, os Dragões... Infelizmente, só pudemos nos dar conta disso depois de um tempo dentro do Instituto, quando recebemos oficialmente nossos títulos, e quando pela primeira vez tínhamos autoridade para agirmos por nós mesmos. Vinshu foi o primeiro a perceber que havia algo maior acontecendo. Quando Kandara conseguiu se aproximar e nos revelou coisas que nem imaginávamos que estava ocorrendo a nossa volta, foi que tomamos nossa decisão.

— Que decisão?

— De, realmente, sermos aqueles que ditarão o futuro de Almakia.

O efeito que aquela frase trouxe para a realidade de Garo-lin fora o mesmo de quando ela usou seu almaki para atacar o pirata que estava prestes a ferir mortalmente Dul'Maojin. Naquele momento, teve consciência de que fizera algo maior do que podia imaginar, e agora ela acabara de ouvir algo que ia além de tudo o que sabia, e que derrubava ao chão muito do que achava que era certo.

Como se soubesse exatamente sobre o que ela estava pensando, o Dragão disse:

— Entende por que eu não poderia ser o seu mentor, Garo?

Enquanto de um lado existe uma força tentando impor um destino para Almakia, e no outro uma que tenta impedi-los, no meio está Krission Dul'Maojin, alguém fundamental. Mas, sem que nenhum dos lados percebesse, uma insignificante vilashi surgira e ela sozinha pode decidir o futuro do Dragão de Fogo... O grandioso do que aconteceu não está em o Dragão de Fogo salvar uma insignificante vilashi dos piratas. Mas, desta mesma insignificante vilashi o salvar com seu próprio almaki e trazê-lo de volta em segurança.

Diante do espanto mudo dela, ele acrescentou em tom de ponto final:

— Talvez não seja fácil de aceitar, mas pode estar certa de uma coisa, Garo-lin: mesmo sem querer, você pode mudar o futuro daquele que irá ditar o rumo de Almakia.

Garo-lin não sabia se fora a sua reação chocada ou se aquilo era todo o necessário do qual Kandara Dul'Maojin falara antes de saírem, mas o fato era que o Dragão Real julgara que já havia dito o suficiente para ela. Apenas comentando que talvez fosse melhor voltar, mas que ela podia ficar caso achasse que fosse preciso, ele olhou em volta daquela forma aparentemente sem propósito, e se levantou, simplesmente saindo.

Mesmo se o Dragão tivesse dito que ela não poderia ficar ali, não sabia se conseguiria reunir raciocínio suficiente para fazer algo além daquilo. Toda sua mente agora estava preenchida e trabalhando somente no que tinha ouvido, e assim ela ficara mesmo

depois de se dar conta que o Dragão desaparecera e que estava completamente sozinha. Também não podia dizer o quanto ficara sentada daquela forma perdida, já que o passar do tempo parecia não ter muita importância no momento.

Como assim ela podia mudar o futuro daquele que irá ditar o rumo de Almakia?! Por mais que pensasse, não conseguia se ver fazendo nada grandioso assim. Tudo bem, de certa forma salvara o Dragão de Fogo. Será que se não tivesse agido imprudentemente com aqueles piratas e simplesmente seguido a ordem do seu mentor em fugir, poderia ter contribuído para que algo pior acontecesse? Diante de todo esse novo panorama que agora ela sabia existir, diante da importância que a decisão do Dragão de Fogo parecia ter nesse contexto, percebia que tinha feito algo de proporção imensa.

Mas, nem tudo havia sido esclarecido. Quem era a pessoa por detrás daquilo? Por que o Dragão de Fogo não sabia quem era? Ela o ouvira claramente dizer isso quando estava escutando pela porta do quarto. Escondendo esse fato dele, a Herdeira Dul'Maojin não estava de certa forma o controlando? Afinal, ela tinha influência sobre ele e poderia usar o fato de ser sua irmã para conseguir com que o Dragão ficasse do seu lado e a apoiasse em suas decisões.

Encontrando mais perguntas do que respostas, ela desabou deitada no tablado.

De certa forma, não podia deixar de culpar o Dragão Real por causar esse seu estado de completa desorientação. Por que ele a fizera enxergar algo como aquilo e simplesmente saiu sem terminar de contar tudo?

Então, algo entrou no seu foco de visão, e ela demorou alguns segundos para reconhecer a esfera que ganhara do seu

mentor na noite de fogos.

— Não deveria deixar isso em qualquer lugar.

Assustada, Garo-lin se ergueu em um pulo e se deparou com Kandara Dul'Maojin, a encarando como alguém que nunca se cansava de provocar aquele tipo de reação nos outros:

— Te assustei? – ela sentou ao seu lado do tablado, pegando sua mão e colocando a esfera dentro dela. – Nunca mais se esqueça disso!

Kris estava a ponto de colocar fogo na casa de seu amigo por que você não atendia o chamado dele.

— Ele não...

— Não se preocupe. Se Kris cumprisse metade das ameaças dele, provavelmente metade de Almakia estaria permanentemente em chamas...

Quando Nu'lian voltou sem você ele queria vir para cá, mas Vinshu foi mais esperto e disse que estava na hora de verificar suas condições para viajar. Por isso, sugiro que você use esse tempo agora para ficar com sua família antes de partirmos... – ela pareceu perceber que havia algo de diferente nela. – O que foi?

Vendo uma oportunidade de fazer as perguntas que necessitava para poder sair daquele labirinto de informações que tinha caído, ela começou:

— O Dragão de Água falou sobre várias coisas, mas...

— Ele não disse tudo.

— Não.

— Na verdade, ele disse tudo o que precisava dizer. – ela explicou. – Sei que ele nem sempre aparenta, mas Nu'lian tem um Segredo de Família que influencia em tudo o que faz. Pode não ser

tão poderoso quanto o do Kris ou tão útil quanto o dos outros, mas é algo muito importante e difícil de ser controlado, o que exige que aja de forma vaga às vezes. Vai chegar um momento em que ele pode decidir se vai lhe contar sobre isso ou não, mas uma coisa eu posso adiantar sem culpa: o Dragão Real sempre sabe exatamente o que falar. Se não contou tudo, foi porque já sabia da minha intenção de falar com você. E, do ponto de vista dele, seria melhor assim... Então, se eu contar sobre o meu papel dentro de tudo o que está acontecendo, você me escutaria?

A pergunta, feita em um tom de pedido justo por aquela que nunca imaginaria se rebaixando em pedir algo para ela, deixou Garolin sem saber o que responder. Mas vendo que a herdeira só falaria caso ela aceitasse, assentiu com um aceno de cabeça.

— Nu’lian deve ter contado que alguém está tramando para mudar a situação de Almakia. Também deve ter contado que eles, os Dragões, fazem parte disso tudo, não é?

— Falou. — ela conseguiu dizer.

— Fui aquela que descobriu esses planos. E para que você entenda os motivos para que eu, uma absoluta Dul’Maojin, agir de forma sorrateira, preciso falar sobre uma parte da minha vida que uma vez queriam me obrigar a esquecer.

“Aconteceu há algum tempo atrás, no meu último ano no Instituto, quando eu tinha mais ou menos a idade que Kris tem agora. Eu tinha o título de Dragão de Fogo, era respeitada e temida e adorava isso. Acredite, um Dul’Maojin não consegue viver sem saber que está acima dos outros, está no nosso sangue... E foi alguém bem parecido com você que me fez perceber que eu não era o centro do mundo.”

— Vilashi?

— Não. — ela riu. — Você é o primeiro caso de um vilashi no Instituto... Era um almakin de vento, desses com um almaki tão fraco que poderia simplesmente ser desconsiderado. Ele era mestiço como Nu'lian, mas sem a mesma sorte de ser parte Família Real e parte Família de Água. Ele era, simplesmente, insignificante!

Encontrando toda a semelhança, Garo-lin se limitou a continuar ouvindo.

— Ele tinha uma forma de agir que me irritava. Parecia não se importar com o que eu dizia, por mais que fosse cruel e por mais que a minha intenção fosse reduzi-lo a menos que um grão de pó. Ao invés de entender o lugar que deveria ter na minha presença, ele apenas sorria e continuava com o seu caminho, me ignorando. Um dia, quando já não suportava mais essa situação, o encontrei sozinho em um lugar do Instituto e o ameacei dizendo que se ele não falasse alguma coisa, o queimaria ali no mesmo instante.

Garo-lin podia imaginar perfeitamente a cena, sem precisar de detalhes.

— Mesmo sob essa ameaça, mais uma vez ele sorriu e pela primeira vez falou comigo. De uma maneira de quem não tinha nada a perder, ele disse: *tudo bem*. Fiquei com tanta raiva, que explodi uma ala inteira do Instituto... Sabe aquele lugar que está destruído até hoje?

Então essa era a história por trás das paredes queimadas do refúgio que usava para gritar quando achava que não conseguiria mais se segurar.

Porém, a surpresa que Garo-lin tivera em formular esse pensamento foi imediatamente varrida pelo que a herdeira contou

em seguida:

— Depois disso não demorei a me dar conta de que seria capaz de colocá-lo acima de todos os outros.

Garo-lin sentiu como se um buraco se abrisse por debaixo dela e todo o chão à sua volta desaparecesse. Aquela cena da noite das explosões, quando o Dragão de Fogo declarara que ela poderia aprender seu Segredo veio a sua mente. Ele havia dito aquelas mesmas palavras, quando ela perguntara o porquê: que ela estava acima de todos os outros.

Vendo que aquilo havia remexido nos pensamentos da vilashi e desconfiando do motivo, a herdeira continuou contando:

— Eu sempre procurava uma maneira de me encontrar com ele, e fazendo isso com cuidado para que parecesse uma coincidência. Ao contrário de Kris, não consigo ser tão verdadeira, e demorou mais um tempo para que eu agisse de uma forma que merecesse confiança. Quando finalmente já não éramos mais tão estranhos, e até mesmo conversávamos, ele desapareceu. Simplesmente sumiu. Procurei por todos os lugares até descobrir que ele havia sido expulso do Instituto e ninguém conseguia me explicar a causa. Então como Dragão de Fogo e filha da Diretora do Instituto, fui até minha mãe exigir que me contasse o que tinha acontecido. E sabe o que descobri? Que não só ele, mas toda sua família tinha sido banida de Almakia e que fora por minha causa. Porque não havia absurdo maior que a Dragão de Fogo se envolver com pessoas de um nível tão baixo como o dele. Foi nesse momento que algo fez sentido: que havia coisas mais importantes no mundo do que meu título. E desisti de ser a Dragão de Fogo.

Ela fez uma pausa, respirando um pouco, já que não parecia ser algo fácil de contar.

— Esse almakin expulso, nunca mais o viu?

— Sim, o vi. Assim que saí do Instituto comecei a viajar e o encontrei no Domínio do Oeste.

— E...

— Ele não se importava, Garo-lin, nunca se importou. Não podemos obrigar as pessoas a sentirem o que nós queremos que elas sintam. Eu o tinha colocado acima de todos os outros, mas ele aceitara trocar isso por uma vida melhor fora de Almakia, onde não era desprezado por uma Sociedade esnobe como a nossa... Quando voltei, despedaçada, a Senhora da Capital de Fogo tentou agir como uma mãe de verdade ao me dizer que ela já havia previsto isso. Foi quando percebi que estava sendo manipulada, que tudo o que eu era até então não passava de um plano bem armado. Foi quando deixei a Família de Fogo e decidi viver por mim mesma. O Governo Real não demorou para me oferecer um cargo de embaixadora, o que era uma forma perfeita para poder agir sem levantar suspeitas. E assim venho vivendo até hoje...

“Porém, o que mais me doeu, e que machuca até hoje, tem apenas um nome: Krission. Ele era pequeno, não entendia porque sua irmã que sempre estivera com ele estava indo embora. Para ele, eu o estava abandonando. Nossa mãe sempre se envolvia com seus assuntos e nunca tinha um tempo para nós. Foi muito difícil deixar meu irmão para trás, mas eu sabia que só assim poderia garantir uma chance de ele não ser engolido pelas ambições de outra pessoa. Só assim eu poderia construir uma fuga.

Por muito tempo tive medo de que ele se deixasse levar pelo título de Dragão, como eu me deixei. Tinha medo principalmente que isso tomasse todo o seu coração a ponto de se tornar irreversível. Mesmo que ele tivesse os amigos por perto, eles não poderiam o resgatar, mesmo com todo o meu esforço em revelar a verdade.

Depois de ter perdido as esperanças em mim, a Senhora da Capital de Fogo concentrou toda a sua atenção em Krission. Não queria que o mesmo erro acontecesse novamente, então esteve sempre atenta em dar todas as oportunidades para que ele fosse exatamente como ela queria. Por isso o Dragão de Fogo pode fazer o que quiser e essa liberdade se estende ao ponto de decidir o destino dos alunos dentro do Instituto. Existe forma melhor de fazer alguém pensar que pode tudo lhe dando controle absoluto? Ele nunca foi punido, por mais injusto que fosse o que estava fazendo... Até que alguém apareceu e o fez acordar da melhor forma possível! – ela imitou um gesto de soco no nariz, parando o punho bem em frente ao rosto de Garo-lin. – E depois do que você me contou hoje, finalmente eu posso pensar aliviada que meu irmão ainda tem chances de poder ser ele mesmo. – ela ficou de pé no tablado e espreguiçou-se, como se sentisse aliviada em ter contado tudo aquilo. – Nem nas mais remotas possibilidades poderia se pensar que uma vilashi faria toda a diferença! Que ela seria capaz de...

— Mudar o futuro daquele que irá ditar o rumo de Almakia... – Garo-lin murmurou, repetindo as palavras que já haviam lhe dito e sentindo um pavor imenso ao compreender todo o significado que elas carregavam.

— Exatamente! — exclamou a herdeira, ajoelhando na frente dela na tentativa de desfazer a diferença de altura, segurando a mão em que ela tinha a esfera. — Por isso, hoje vou repetir o que falei em nosso outro encontro: Garo-lin Colinpis, a vilashi que pode mudar o futuro daquele que irá ditar o rumo de Almakia, prometa que irá zelar pelos Dragões.

Que irá usar toda essa sua força para que meu irmão não se perca, para que ele não se deixe manipular e para que principalmente, possa enxergar o que há por detrás das intenções da Senhora da Capital de Fogo?

Garo-lin quase se engasgou diante daquilo tudo:

— A Se-senhora da Capi-pital de Fogo?

— Ela planeja dominar toda a Almakia, Garo-lin. Ela vê estratégias em tudo e não hesitou em usar seus próprios filhos como peões em seus propósitos egoístas.

Por um momento, o mundo de Garo-lin parou, e o motivo pelo qual o Dragão não estava ciente disso ficou claro. A pessoa que estava por trás desse plano ardiloso, manipulando tudo e todos, era aquela que no momento tinha um nível de poder dentro do Domínio maior com o do Governo Real: sua própria mãe.

— Acredito que só um coração pode tocar outro coração, e esse é o seu maior trunfo contra ela. Sei que estou retomando velhos hábitos em simplesmente exigir que me prometa isso, mas... — em um gesto rápido, ela largou a mão de Garo-lin e a puxou pela gola do seu casaco, e imediatamente uma chama em forma de lâmina surgiu abaixo do pescoço da vilashi, que arfou ao perceber que nem teria a mínima chance de se defender. — Meu irmão é muito importante para mim, tanto a ponto de querer ameaçá-la para que

me prometa. Porém, mesmo que você não diga sim ou não, apenas com o seu gesto de ontem fico tranquila. Existe alguém no mundo que seria capaz de salvar Krission Dul'Maojin, por mais estúpido, rude e violento que ele seja... – ela soltou as vestes e afastou lâmina de fogo de perto dela.

Garo-lin agarrou o pescoço, como se para conferir que ele estava intacto, e o movimento brusco fez a faixa na sua cabeça se soltar.

— Me desculpe, não tenho intenção alguma de te machucar. Pelo contrário, sou muito grata por tudo o que você fez. Mas... Não sou como a Senhora da Capital de Fogo, e minha consciência não estaria limpa se não lhe desse uma alternativa. Você está na sua vila, Garo-lin. Diante de tudo o que você soube hoje, se quiser ficar aqui, prometo que vou garantir a segurança da sua família, não importa o que aconteça, e que nunca mais você irá ver o meu irmão novamente... Você tem até a nossa partida para se decidir.

Então, ela reduziu a chama ao ponto de parecer uma lâmina pequena, e perguntou:

— Que tal aproveitarmos isso para dar um jeito nesse seu cabelo?

— Como assim você disse que ela pode ficar?! Não tem o direito de fazer isso, Kandara! Eu sou o mentor dela e eu digo se ela pode ir ou ficar!

— Sim, Kris, você é o mentor dela. – ela concordou diante dos esbravejos dele.

Estranhando aquela reação paciente da irmã – que geralmente não perderia a oportunidade para começar uma discussão onde ela com certeza sairia em vantagem – ele parou e a encarou, como se tivesse a capacidade de descobrir o que se passava na cabeça dela com aquele simples gesto determinado.

Depois de passar por mais um tratamento com Vinshu e de finalmente receber autorização para se movimentar livremente, Dul'Maojin saiu com a intenção certa de procurar por sua protegida que desaparecera desde a manhã. Porém foi impedido pela irmã, que o mandou se sentar com ela em frente à porta do quarto que estavam, enquanto os outros Dragões e a Princesa ficaram responsáveis em organizar as coisas para a viagem de volta. A desculpa que ela usara era de que precisava falar em particular com ele antes de partir. E, sem rodeios, lhe contou que dera a Garo-lin a opção de ficar. Como era previsível, a reação dele foi de total indignação por a irmã estar invadindo, sem escrúpulo algum, assuntos exclusivamente seus.

Porém, ao deixar de lado toda a fúria que sentia pela intromissão de Kandara, ele percebeu que algo não estava certo já que ela não se vangloriava do feito – como era de se esperar.

— Por que fez isso? – ele perguntou sério.

— Kris, você sabe o que vai acontecer quando nossa mãe descobrir o que você ensinou para ela?

— Não me importo se aquela velha descobrir! Ela não tem nada a ver com isso! Sou o Dragão de Fogo e posso decidir se um almakin do Instituto merece ou não se treinado por mim!

— Mesmo que esse almakin for uma vilashi?

Ele ficou quieto, denunciando claramente que sabia onde estava o problema.

— Está mesmo disposto a ir tão longe por causa dela?

— Não é obvio?

— Eu queria que tudo fosse fácil, Kris. – ela lamentou. – Sei que você está decidido, mas... Não pode obrigá-la a participar disso. Agora ela sabe do risco que está correndo, e se decidir que não vale à pena, temos que respeitar.

— Eu não vou deixar ninguém machucá-la, Kandara.

A herdeira sorriu orgulhosa para ele, e não se conteve ao abraçá-lo forte.

— Eeee! – ele protestou, sendo enterrado nos cabelos bagunçados dela.

— Seja sempre assim, Kris. – ela murmurou, sem se importar se ele tinha conseguido a ouvir ou não.

— A mombélula está pronta! – anunciou Zawhart, aparecendo na porta da casa.

— Aaaahaaa! – fez Kandara o soltando e esticando os braços para cima. – Queria poder ficar mais um pouco aqui. Esse ar calmo do Vale Interior é tão bom! Faz a gente pensar que não tem problema algum lá fora.

O Dragão de Fogo aproveitou a oportunidade para fugir da irmã e foi até o amigo, inquirindo:

— A vilashi apareceu?

— Um dos irmãos dela estava escondido dentro da cabine querendo ir junto, mas ela não.

Não parecendo nenhum um pouco contente com a resposta, ele saiu daquela forma de quem está impaciente e pronto para

descontar seu mau humor em qualquer coisa.

— Acha que Kris vai deixá-la ficar? – Zawhart perguntou com um suspiro para Kandara.

— Na verdade, não... Vamos, já perdemos tempo demais aqui.

Garo-lin, novamente fardada com suas vestes do Instituto Dul'Maojin, ajeitou melhor sua mochila nos ombros e encarou firmemente a pessoas a sua volta. Garo-nan, seus irmãos, seus pais e todos os vilashis de Godan estavam em volta da mombélula para se despedir, e teve que reunir toda a coragem e resolução que possuía para poder olhar para eles e dizer:

— Eu vou com eles.

Apesar de todos a olharem sorrindo, não sabiam da verdade por detrás daquelas palavras. Sempre estiveram certos de que ela não iria ficar, mas sim partir e terminar seus estudos. E entre eles, Garo-nan e Juri-lin eram os únicos que pareciam conscientes que aquela frase tinha um tom de decisão e não de afirmação.

— Garo! – exclamou Kidari de cima da cabine, pulando e acenando, como se tivessem se passado meses desde a última vez que haviam se visto, e não apenas algumas horas. Ao lado dela, o Dragão Real se debruçou na cabine, na sua típica pose de espectador.

Garo-lin olhou para a amiga e sorriu. Ela era um dos motivos pelo qual havia decidido ir. Não podia simplesmente ficar parada diante da possibilidade de alguém fazer mal para ela. Outro era o simples fato de não conseguir mais se ver como alguém capaz de

permanecer nos limites da vila, não quando conhecia o mundo lá fora e sabia que algo estava acontecendo. O outro era...

— **Vilashi!**

Apesar do susto, ela se virou para trás e permaneceu parada, com as mãos apertando a alça da mochila, aguardando que o Dragão de Fogo viesse pelo caminho que estava sendo aberto pelas pessoas e chegasse até ela. Então, quando ele parou à sua frente e a encarou furioso, provavelmente por sua protegida ter sumido durante todo o dia, tudo o que ela pôde dizer foi:

— Desculpa por ter demorado.

— O que fez com o seu cabelo, idiota?! – ele retrucou, arrancando um pedaço de pano que ela usava para tentar de alguma forma disfarçar. – Ficou pior do que já era!

Garo-lin engoliu uma resposta zangada, já que não podia fazer nada a respeito daquilo e teria que aceitar.

Inocentemente, acreditara que a herdeira Dul'Maojin sabia o que estava fazendo quando se ofereceu para ajeitar o estrago que os piratas haviam feito, mas ao invés disso ela só piorou a situação. Agora ela tinha um cabelo totalmente disforme, muito curto na nuca, de um lado cortado até a altura da orelha e do outro pendendo para frente, com algumas pontas que ficavam saltadas.

Mas o Dragão pareceu ter achado graça no fato e esquecido completamente qualquer bronca que estivera preparando lhe dar. Ele simplesmente deu a volta por ela e foi em direção à escada da mombélula dizendo:

— Se despeça logo dos seus pais e vamos embora de uma vez!

Capítulo 19

Segredo de Fogo

Garo-lin olhou pela janela e deu um grande suspiro: todas as suas aulas haviam perdido o sentido.

A voz do seu mestre de sala era apenas um som constante e sem forma que ela não podia evitar ouvir, e que naquele momento não fazia sentido algum. Ao seu lado, Kidari lia um livro do Dragão de Raio que não tinha relação alguma com a aula, e matinha uma expressão tão concentrada que Garo-lin pensava que mesmo um espirro seu pudesse passar despercebido pela kodorin. Seu gato de asas também reassumira o seu lugar de guarda – e agora, com a revelação de quem era Kidari Chanboni para o resto do Instituto, ele podia permanecer ao lado da dona todo o tempo. Porém, a única coisa que ele fazia era dormir.

Diante da nova visão que tinha sobre a realidade de Almakia, Garo-lin conseguia perceber coisas que antes não faziam diferença por simplesmente não ter fundamento algum contra elas. Agora, cada discurso, cada explicação, cada abordagem se mostrava direcionada, com o propósito certo de alienar os estudantes, de podar seus pensamentos e mantê-los sempre nas medidas previstas. Então, sem poder agir da forma que queria – que era sair daquela sala e ir para o seu refúgio – ela permanecia ali entediada, apenas esperando que o tempo passasse depressa.

Quando saiu da sua vila, Garo-lin acreditava que estavam voltando para a Fortaleza, mas só ficou sabendo que voltariam direto

para o Instituto quando já voavam na direção dele. Foi quando percebeu também que Kandara Dul'Maojin não estava com eles. O Dragão Real explicou que ela partira sozinha com as mimbélulas com que vieram, já que não tinha intenção alguma de passar perto da Capital de Fogo naquele momento. Também ficou sabendo que os outros dois Dragões faltantes tinha ido cada um para a sua Capital, a pedido da herdeira, e que também retornariam direto para o Instituto.

Não sabendo exatamente o que pensar sobre voltar para o Instituto depois de tudo o que ocorreu naquele pouco tempo, ela queria muito poder perguntar para o seu mentor o que aconteceria dali por diante.

Ele não é mais meu mentor, ela frisou em seus pensamentos.

Ao voltarem para o Instituto, era certo que a Incumbência havia acabado. Eles não teriam mais a ligação de mentor e protegida, mas isso não anulava o seu treinamento com Dragão de Fogo e ela não sabia como lidar com a situação uma vez passando pelos Portões Negros.

Porém, não teve coragem de perguntar qualquer coisa, já que só o fato de estarem no Instituto parecia novamente cercar Dragões com aquele ar de majestosos que havia se desgastado com o período de convivência.

Uma vez que chegaram à Capital de Fogo e pousaram dentro das propriedades Dul'Maojin, já não era mais possível para ela ser algo além do que uma almakin inferior de terceira ordem. Durante todo aquele dia as aulas forma suspensas e o Instituto viveu de recepcionar seus Dragões, sem se preocuparem com suas alunas de quinto nível que voltaram sem nem mesmo uma desculpa sobre uma

tarefa que não cumpriram. Até mesmo o Dragão Real se distanciara e agia como se nada tivesse acontecido.

E assim Kidari e ela permaneceram, tendo que descobrir por elas mesmas o que teriam que fazer, e voltando à normalidade da vida de estudantes.

Mesmo achando que não deveria ser dessa maneira, Garo-lin tinha que se manter calada. Não poderia simplesmente cercar o Dragão de Fogo quando ele ia passando pela fila do refeitório e perguntar por que de repente ele mudara de atitude. Ainda, havia duas situações que não podia evitar e que se tornaram a sua dor de cabeça diária na última semana.

A principal delas era que agora os almakins sabiam quem era Kidari.

As mesmas alunas que no primeiro dia de aula da kodorin a haviam tratado tão mal, agora se debruçavam em volta da Princesa de Kodo, prontas para atender a qualquer desejo que ela expressasse, encantadas em ter na sala alguém da nobreza. Se tornando parte do alto escalão do Instituto Dul'Maojin, era evidente que ela não podia ter relação alguma com uma certa vilashi. Kidari não dava ouvidos às insinuações que lhe faziam a respeito de Garo-lin, mas elas nem se importavam se a própria mencionada estava junto ao falarem. A irritação que sentia com isso era tanta que às vezes tinha que se controlar para não queimá-las. O que não seria sensato, já que sabia que revelar sua condição de poder para seus professores seria como acender um fogo que não poderia ser apagado.

Agregado a isso vinha o segundo problema, que era a mágoa mal contida dessas mesmas alunas, e de praticamente todos os

outros do Instituto, em Garo-lin ter sido a protegida do Dragão de Fogo. Até mesmo seus mestres pareciam inconformados com a ideia, e hora ou outra não hesitavam em falar em alto e bom som que achavam o fato ultrajante.

— Cheiro queimado. – comentou Kidari, cortando o fio de pensamento da amiga.

Garo-lin olhou em volta e percebeu que os outros alunos também sentiram e que começaram a procurar em volta pelo que estava causando aquilo. E então percebeu que havia mesmo um cheiro de queimado e que vinha de bem perto dela.

— Fumaça! – exclamou a Princesa, apontando para as vestes da amiga, e foi quando Garo-lin lembrou assustada que tinha a esfera que ganhara no bolso.

Pensando rápido, ela ficou de pé empurrando sua cadeira e anunciou para o professor, que naquele momento percebia que havia uma movimentação estranha na sua aula:

— Vou ao banheiro! – e saiu correndo, sem nem ao menos esperar uma permissão.

Depois de percorrer alguns corredores para ficar longe das salas de aula, ela verificou se não havia ninguém por perto e retirou a esfera do bolso. Mesmo com o cheiro e a fumaça, a sensação quente da bolinha de vidro não queimava na sua mão. Era como se ela estivesse produzindo chamas de almaki, como da vez em que Dragão de Fogo a ajudara com as explosões coloridas. E assim que olhou para ela, Garo-lin viu a miniatura do mesmo Dragão já rosnando para ela:

— Por que demorou idiota?!

— Eu estava estudando! – ela retrucou, já que a forma como ele falara e a presença irreal dele permitia que ela tivesse uma reação mais intolerante.

— Então pare de estudar e venha para a Sala dos Dragões imediatamente! – ordenou, e desapareceu logo em seguida.

— Quem ele pensa que...

Garo-lin trincou os dentes e se controlou para não gritar o que pensava sobre aquilo ali no corredor.

Depois de ter uma semana agindo como se ela não existisse, ele simplesmente brotava naquela esfera e lhe dava uma ordem?!

Com o pensamento fixo em dar uma resposta bem dada ao Dragão, marchou em direção à sala, já que sabia que lá não haveria outras testemunhas além dos próprios Dragões e que não precisaria mais ser – exatamente – educada na frente deles.

— Por que demorou tanto, inútil?!

Garo-lin ficou parada na porta, decidindo se ignorava aquela recepção ou reduzia o número de Dragões no mundo.

— Não se preocupe Garo-lin. – informou a Dragão de Metal, que escrevia em um caderno, tomando notas de um livro, inacreditavelmente parecendo estudar. – Ele só quer usar você como desculpa para fugir.

Ao reparar que não era somente ela, mas todos os outros Dragões pareciam estar estudando, ela compreendeu sobre que ela estava falando. Sfairul praticamente dormia em cima de um livro aberto, com a cabeça virada para a parede para tentar disfarçar essa

situação. O Dragão Real não parecia estar lendo, e sim apenas observando um único ponto na página enquanto sua mente vagava por um mundo desconhecido. Zawhart tinha duas pilhas de livro à sua frente e estava tão concentrado no que fazia que não parecia ter notado a presença dela ali.

— Vamos! – O Dragão de Fogo a pegou pela gola das vestes e a arrastou para fora.

— O quê...

— Vamos!

Esperando que, se obedecesse, ele pelo menos lhe explicasse o que estava acontecendo e o motivo por tê-la chamado, ela se deixou levar.

Porém, depois de percorrerem alguns corredores sem rumo certo, teve que perguntar:

— Para onde estamos indo?

— Para um lugar onde não tenha ninguém.

— Por quê?

— Para continuar seu treinamento.

— Mas, por quê? Não precisa mais-

— Porque o absoluto eu quer!

Ela soltou um suspiro zangado, concluindo que realmente não dava para descobrir algo dele enquanto o pensamento do Dragão estava fixo em fazer algo. Então, deslizou habilmente e escapou das suas garras, parando no meio do caminho e dizendo determinada:

— Se quer um lugar aonde ninguém vai, sei de um. Mas tem que prometer que vai responder minhas perguntas!

— Como pode o herdeiro do Instituto Dul'Maojin não conhecer todas as partes da sua propriedade?

— E que diferença faz se eu conheço cada canto daqui? – perguntou o Dragão, enquanto analisava o lugar deteriorado.

Garo-lin já sabia a alguns anos que seu refúgio não era frequentado por ninguém mais do que animais rastejantes, insetos e aranhas, mas nunca imaginou que ele também fosse ignorado pelos próprios donos. Talvez fora exatamente por isso que ela sempre gostara daquele canto esquecido.

— Tudo está desmoronando. – ele informou desnecessariamente, já que era visível. — Precisa ser demolido.

— Não!

A resposta foi mais rápida do que o sentido de prudência de Garo-lin, e ela recebeu um olhar torto de Dul'Maojin, que perguntou:

— Por que eu não deveria demolir se sou o proprietário e posso fazer o que quiser com minha propriedade?

Sem graça, ela tentou buscar uma resposta que soasse aceitável e inteligente, mas nada lhe ocorreu.

— Gosto daqui. – foi o melhor que conseguiu pensar, se escorando na lateral da janela. – É quieto.

— Por acaso foi você quem espirrou? – ele indicou as paredes queimadas, como alguém que estivesse procurando pelo culpado.

— Já estava assim quando cheguei. – Garo-lin respondeu, sem mentir, mas não dizendo tudo.

Não sabia se ele conhecia a história da irmã naquele lugar, mas não era um assunto que deveria se meter, então preferiu não dizer nada. E, agindo rápido, antes que o Dragão encontrasse outro motivo para não lhe dar oportunidade falar, indagou:

— Vai responder as minhas perguntas?

Ele fez apenas um gesto para prosseguir, não parecendo dar ouvidos ao que ela falava e achando que os musgos acumulados na parede merecessem mais sua atenção.

Mesmo assim, não houve nada para ouvir: de repente, todas as perguntas que vieram à mente de Garo-lin pareceram estúpidas e de certa forma constrangedoras.

O que iria perguntar? Por que ele a ignorou durante uma semana e só agora a chamara usando o pretexto de que precisava treiná-la para fugir dos estudos? Por que exatamente falar com o Dragão de Fogo? Não seria mais sensato falar com o Dragão Real de quem ela sabia que teria uma resposta e a ouviria? Não podia evitar: ela também aos poucos retomava a sua postura de antes das Incumbências. E isso a fazia sentir que era uma coisa muito errada estar ali com Krission Dul'Maojin, como se não houvesse problema algum.

— Só pelo fato de sermos Dragões não significa que nunca estudamos. – ele disse, adivinhando parcialmente os pensamentos dela.

— Se estudam, por que me usou como desculpa para fugir?
– ela agarrou a oportunidade para desfazer aquele silêncio constrangedor que ela mesma criara.

— Não foi desculpa!

— A Dragão de Metal disse que-

— Eu terminei tudo. – ele contou, cruzando os braços e se escorando na parede, demonstrando todo o seu mau humor por ela não acreditar nele e o forçando a admitir que era uma espécie de bom aluno.

— Demorei uma semana, mas terminei.

Aquilo a deixou sem argumentos:

— Uma semana inteira estudando?

— Claro que foi uma semana! Não foi esse o tempo em que não usei a esfera? Foi uma semana! Se tivesse terminado antes teria chamado antes!

Mais uma vez, a reação dele deixou Garo-lin sem saber o que pensar. Lembrou-se do que Kandara havia dito sobre o irmão, que, ao contrário dela, ele era verdadeiro, mesmo sendo a sua maneira.

Durante aquele período da Incumbência, apesar de todas as provocações, uma coisa não podia negar: seu mentor nunca havia mentido. Talvez, falasse muitas coisas que não devia ou que acreditava serem verdadeiras, mas não a enganou nenhuma única vez. Então, ele dizer que realmente a teria chamado antes se não estivesse ocupado – e não que simplesmente esquecera ou lembrara que ela não tinha importância alguma – fazia todos os seus pensamentos daquela semana, desabarem por terra.

— O que foi? – ele perguntou percebendo o estado de desorientação dela. – Por acaso está se apaixonando por mim para ficar me olhando com essa cara de boba?

— Nãããão! – foi tudo o que a indignação dela deixou dizer, e para não sair perdendo acrescentou. – Como se fosse possível!

— Sim, uma vilashi não deve sonhar tão alto. – ele concordou.

— Inacreditável! – ela se virou se retirando, pensando onde iria cavar um buraco para se enterrar depois de ter sido obrigada a ouvir aquilo.

— Espera, Garo-lin!

Ela parou. Mesmo com todo o seu almaki gritando que deveria ir logo embora dali, o fato de o Dragão de Fogo a chamar pelo nome, como se ela fosse alguém no mesmo nível que ele, tinha um efeito tão forte nela quanto um espirro descontrolado.

— Eu disse que iria continuar seu treinamento. – ele usou um tom de voz mais sério, como se para convencê-la de que não iria mais continuar com a brincadeira.

— Realmente pretende fazer com que meu almaki seja de primeira ordem? – ela se virou questionando, com as mãos na cintura, em uma pose típica das mães da vila Godan. – Mesmo dentro dos Portões Negros vai continuar indo contra o que é certo?

— E o que é certo, vilashi? – ele a desafiou. – Se comecei, vou terminar! Não me interessa o que os outros pensam! Sou o Dragão de Fogo e você é minha protegida e vou terminar de treiná-la! Agora, volte!

— Não sou mais sua protegida... – ela resmungou, obedecendo e se aproximando sem vontade, já que não parecia importar para o Dragão se ele era seu responsável oficialmente ou não.

Ao ter a atenção dela, ele começou a explicar, contando nos dedos:

— Você aprendeu a liberar seu almaki conforme sua vontade. É capaz de produzir uma chama que não vive de apenas um

momento. Sabe manejar em cores e formas para produzir explosões... E conseguiu usar uma bola de fogo para atacar.

— Sim. – ela concordou, não entendo porque ele checava tudo aquilo.

— Para alguém como você, até que não foi tão ruim... Realmente sou um bom mentor. – ele pareceu satisfeito com esse caminho do seu pensamento.

Garo-lin se limitou a dar um suspiro de quem achava melhor não contestar, o Dragão continuou:

— Mas só isso não é tudo que se pode fazer com um almaki de fogo. Criar formas e cores como você fez com as explosões é simples. As chamas não têm calor e são apenas bonitas e fáceis de fazer. Não temos intenções maiores para elas. Agora, se você quiser as usar para atacar, ela precisa ser capaz de atacar. Precisa ter força e *coincidência* suficientes.

— Coincidência? – ela não entendeu a palavra fora do contexto.

O Dragão, percebendo que não falara certo, tentou procurar uma forma melhor de se explicar, mas tudo o que conseguiu dizer foi:

— Você entendeu!

— Consistência? – Garo-lin tentou.

— Isso! Precisa ter força e *concsidência* suficientes!

Deixando de lado a graça em ver o Dragão de Fogo se atrapalhando e confuso com suas próprias absolutas palavras, ela lembrou-se do que havia feito na pedreira.

Usar um almaki de primeira ordem para atacar agora tinha um significado muito mais amplo. Fazendo isso poderia machucar

peessoas, como fizera com o pirata. Poderia ter sido uma reação extrema em um momento decisivo, mas para ela não era a melhor solução possível. Usar seu almaki dessa maneira poderia ser normal para o Dragão de Fogo ou para os almakins, e eles eram o que eram justamente por terem esse trunfo.

Entretanto, essa forma de pensamento ia contra todos os princípios do seu povo. Talvez fosse por esses mesmos princípios herdados que perderam suas raízes e se tornaram vilashis, obrigados a viver de forma nômade até poderem se assentar em terras de Almakia. Mas, também era esses princípios que os deixavam viver daquela forma tranquila e a dar valor às coisas pequenas que passavam longe da atenção dos almakins.

Porém, entre ser perigosa com seus espirros descontrolados e entre ser perigosa com a capacidade de planejar destruição com seu almaki, ela preferia se controlar. Ao menos assim poderia tomar decisões antes de provocar algo pior da qual se arrependeria pelo resto da vida. Nunca tinha provocado danos sérios a alguém com seus espirros, mas agora tinha noção do que poderia fazer.

Pensando rapidamente em todos esses pontos, realmente o melhor era continuar aceitando o treinamento do Dragão, já que ele lhe oferecia essa oportunidade mesmo não sendo sua obrigação.

— E para a chama ser capaz de atacar. — ele continuou confiante, como se a sua confusão não tivesse acontecido. — É necessário que ela condense tanta energia ao ponto de ser mais sólida do que o que está atacando.

Isso a fez lembrar-se do pedido da herdeira de Fogo e da forma como ela a ameaçara, e a pergunta acabou escapando:

— Como uma arma?

Ele a encarou em dúvida e ela percebeu que não fora boa ideia ter falado com tanta certeza. Para que o Dragão não a obrigasse a contar como sabia, não havia outra maneira se não continuar, tentando soar o mais inocente possível:

— Assim, uma chama, mais ou menos dessa forma. – ela fez mímica. – Que pode cortar como se fosse de verdade... – mas a sua voz foi sumindo diante da expressão dele.

— Algo assim, feito com almaki pode mais do que machucar, vilashi... Você viu alguém fazendo uma arma de fogo

— Não, exatamente...

— É venenoso. – ele contou, e havia um tom de sinistro na sua voz. – Almakis concentrados estão ligados ao que sentimos. Se causarmos um ferimento, com uma intenção muito forte, não existe cura. O ferimento irá consumir a pessoa.

— Eu-eu nunca ouvi falar que um almaki pode ser venenoso.

Ela olhou de relance para a parte do seu cabelo chamuscado que insistia em cair na frente do seu rosto, e ficou preocupada. Agora ciente do risco que tinha corrido ao ter o pescoço ameaçado pela Herdeira de Fogo, um pavor atrasado a fez pensar nas possibilidades de haver um pouco desse efeito de veneno rastejando pela sua cabeça. Não deixando sua imaginação a levar para conclusões improváveis, tentou afastar aqueles pensamentos e decidiu não revelar sobre a ameaça para o Dragão, já que isso implicaria em ter que contar exatamente qual fora essa ameaça:

— Depois daquela vez que criou a mombélula para meu irmão, comecei a pensar se haveria outras maneiras parecidas de se usar o almaki.

Mesmo não tendo perdido a desconfiança diante da resposta sem muita ligação dela, Dul'Maojin pelo menos se convencera de que não era preciso mais explicações. Então, pulou direto e sem aviso para a demonstração, batendo as palmas das mãos e abrindo, fazendo com esse gesto surgir chamas que instantaneamente se uniam e se condensavam, criando o que parecia uma lança. Garo-lin deu um pulo para trás instintivamente, mesmo não havendo perigo para ela. O ar aquecido em volta, consequência da concentração de almaki, já era um motivo suficiente para se manter afastada.

Aquilo podia não ser uma lança de verdade, mas as chamas eram tão controladas que conseguiam dar a impressão daquela forma. Talvez alguém que não tivesse visto o Dragão a manejando não saberia dizer ao certo que era feito de almaki. E pela forma como ele segurava, era claro que havia um peso e que poderia causar dano mesmo, não só por queimaduras.

Então, com um gesto rápido, ele a usou para bater na parede onde uma vez o Shion de Kidari usara como ninho. Sem resistir ao impacto, ela finalmente ruiu por inteira, levantando uma nuvem de poeira de pedra e espalhando pedaços por todos os lados.

Tossindo e se afastando para não ser atingida, Garo-lin nem teve tempo de perceber o que era o estrondo que ouvira e que o chão cedia sob seus pés. No mesmo instante o Dragão a agarrou e correu para as escadas, descendo por elas a tempo. Logo em seguida todo aquele andar desabou junto com a parede, só aguentando de pé as pedras que tinham o apoio das plantas que as cobriam.

— Um almaki controlado pode ser muito útil. — ele informou colocando-a no chão e admirando o estrago que tinha causado.

— Para destruir coisas?! – ela perguntou ainda não acreditando no que o Dragão havia feito com o seu refúgio.

— Sou o Dragão de Fogo! – ele se defendeu. – Acha que eu não teria que destruir alguma coisa para mostrar um Segredo de Família?

E mais uma vez Garo-lin teve a sensação do chão sumindo por debaixo de seus pés, apesar dele estar bem ali.

— Um... Um Segredo de Família?

— O Segredo de Fogo está em conseguir usar seu almaki para conjurar coisas, como se elas surgissem do nada. Não é como uma simples labareda de fogo que parece uma arma e exige muito treino, mesmo na primeira ordem. Não é algo que você conseguiria fazer sem desmaiar na primeira tentativa... Destruir uma parede que já estava caindo não é nada. Posso fazer muito mais do que isso, mas com certeza você ficaria *azumbrada*.

Garo-lin o encarou por um tempo, tentando decifrar o que o Dragão queria dizer com aquilo. Ao perceber que algo não estava certo no que pensava ter sido uma grande frase, ele tentou a fazer se preocupar com outra coisa:

— Não pense que estou ensinando isso para você, vilashi!

— Como se eu pudesse aprender um Segredo de Fogo... – ela resmungou em resposta.

E ele realmente estava certo. Aprender algo como aquilo estava muito além de suas possibilidades. De repente a ideia de o porquê era um Segredo de Família ficou claro para ela. Só mesmo aqueles que já nasceram como um Dul'Maojin poderiam dedicar seu almaki para algo tão poderoso. O mesmo deveria acontecer com os outros Dragões. Se fosse tão simples manejar um Segredo, e todos

os almakins inferiores conseguissem chegar facilmente àquele nível apenas se dedicando a um treinamento puxado, o que seria de Almakia? Com certeza haveria mais Dragões de Fogo, que poderiam ser tão convencidos e cruéis como o existente.

Os pensamentos de Garo-lin pararam e ela encarou o Dragão.

Convencido ele era, sem sombra de dúvidas. Mas, agora dizer que ele era cruel soava mais como uma impressão errada.

— O que foi? Ficou zangada? – ele perguntou preocupado.

Se dando conta de que o estava encarando abertamente, ela disfarçou e olhou para a sua frente, sugerindo que era exatamente aquilo.

Seu refúgio agora se constituía de uma construção arruinada com apenas duas paredes sobreviventes e uma escada que levava a lugar nenhum. Ela pegou uma pedra que havia rolado até perto do seu pé e a jogou nos escombros com um suspiro.

— Mando reconstruírem. – ele declarou, ao entender que de alguma forma ela gostava mesmo daquele lugar.

— Não vai ser a mesma coisa.

— Sumerin faz ser exatamente o que era. Com as paredes chamuscadas, os musgos, tudo igual.

— Não precisa...

— Droga esqueci. – o Dragão resmungou de repente, brigando consigo mesmo. – Vilashi! Vamos comer!

— O quê?! – ela não entendeu exatamente como ele conseguia mudar de atitude, tão rápido.

— Tem noção do que é ficar estudando por horas?! Se Vinshu me trouxer mais algum livro queimo ele! – ele a empurrou

para que ela andasse de uma vez e não apenas ficasse ali parada como se estivesse esperando aquele lugar criar vida e se reconstruir por conta.

Garo-lin nunca quis tanto na vida sair correndo, pular os Portões Negros e desaparecer.

Sim, tinha a sua frente os melhores pratos servidos em toda a Capital de Fogo, estava sentada na cadeira mais confortável que podia existir e até a taça na sua frente parecia ter sido feita do material mais puro e transparente que existia no mundo. Mas o deslumbramento com tudo isso era facilmente bloqueado pelo fato de estar em Almakia, na Capital de Fogo, dentro do Instituto Dul'Maojin, na Sala dos Dragões almoçando com os próprios Dragões. Não saber exatamente o que deveria fazer estando entre eles ali era apavorante, tanto quanto as possibilidades deliciosas que se estendiam diante de seus olhos.

— Gostoso! – disse Kidari contente, enquanto mastigava com vontade um pedaço de carne de frango que ela acabara de regar com seu suco de laranja salgado.

Dando um sorriso para a kodorin, que ao contrário se sentia completamente a vontade – a ponto de pensar que o Dragão de Raio não se importaria se ela colocasse sal no seu suco – Garo-lin espiou de relance pela mesa. Com um susto, seus olhos se encontraram com os de Nu'lian Gillion, que parecia observá-la desde que o Dragão Líder a forçara a sentar-se na mesa contra a sua vontade. Ao ver que tinha sido flagrado, ele simplesmente fez um

gesto para que ela se servisse, mas manteve um olhar carregado que a deixava inquieta. Então, ainda não confiante, ela pegou uma colherada de qualquer coisa e colocou no seu prato, não tendo a intenção de realmente comer.

Seu estômago revirava só de pensar no que havia acontecido há pouco tempo atrás, quando ela precisou passar entre uma multidão de alunos que a encararam como se ela fosse maior criminosa de toda Almakia. E isso não podia exatamente ser negado, dado como tudo aconteceu.

Quando o Dragão de Fogo anunciara que estava com fome e da sua forma delicada a arrastara mais uma vez junto com ele, Garo-lin se esquecera completamente que naquele horário as aulas da manhã já teriam sido encerradas para que os aprendizes pudessem almoçar. Somente quando passaram pelo portal do prédio principal, de onde só era possível apenas um caminho até a Sala dos Dragões, ela se deu conta de que teriam que enfrentar a os alunos que passavam que seguiam para o refeitório. Ela tentou parar imediatamente, mas tudo o que conseguiu foi que o Dragão segurasse mais forte seu pulso, demonstrando sua total falta de bom senso.

Como ele poderia passar entre toda uma nova geração de almakins que o admiravam carregando consigo uma vilashi?

Sem ter como se esconder, correr ou sumir no ar ela foi obrigada a enfrentar todos aqueles olhares chocados e praticamente ouvir a pergunta que brotava na cabeça de cada um deles: o que aquela vilashi está fazendo com o nosso Dragão de Fogo?! Ninguém iria reparar no fato de que quem estava sendo forçada a alguma coisa era ela. Por isso o sentimento de estar fazendo algo

completamente fora da lei a assolava como se realmente fosse sua culpa.

Agora sentar ali com todos os outros Dragões, como se estivesse no mesmo patamar que Kidari, era praticamente como pedir para ser chutada sem piedade para fora de Almakia.

Encarando seu prato ela deu um discreto suspiro de desânimo e espiou para a janela de vidro, onde era possível enxergar o salão lá embaixo através de uma fresta na cortina fechada. Mesmo podendo ver apenas relances do que estava acontecendo, imaginava os alunos se aglomerando e conversando entre eles sobre a melhor forma de acabar com ela.

— Está testando minha paciência?! Desde quando isso é bom?

A bronca do Dragão de Raio, provavelmente acabando de descobrir o favor da Princesa no seu suco, a fez parar de imaginar que não sobreviveria a mais um dia diante da fúria dos alunos de Instituto e transferir sua atenção para a mesa.

— Prefere vinagre? – ela perguntou, procurando em volta.

Foi quando Garo-lin percebeu que seu prato estava sendo preenchido sem que tivesse notado.

— Coma. – disse o Dragão de Fogo, despejando mais do que o necessário de cada travessa no seu prato, formando uma montanha que ela nunca terminaria de comer.

Pronto, Garo-lin pensou, mais um crime para a sua condenação: o Dragão de Fogo estava servindo o seu prato.

— Kris, acho que ela não vai conseguir comer tudo isso. – alertou Gran'Otto.

— Claro que vai. – ele colocou um garfo na frente do rosto de Garo-lin, lhe dando uma inconfundível ordem para que comesse logo.

— Está seguindo o exemplo da Princesa? – perguntou Sfairul, apontando para Shion que ressonava tranquilamente logo atrás da cadeira da sua dona com um prato repleto e frango com suco salgado.

— Eei! – protestou Garo-lin, entendendo a indireta de ser chamada de bichinho de estimação.

— Eu acho que não é esse o caso, Benar. – cantarolou a Dragão de Metal, com um tom de quem já havia entendido.

— Mesmo assim é o que ele faz parecer. – ele deu os ombros. Dul'Maojin limitou-se a continuar mastigando, deixando claro que não fazia a mínima ideia do que eles estavam falando.

— Não foi bom. – comentou o Dragão Real, falando baixo, como se não quisesse dizer aquilo, mas que fosse algo inevitável.

— O suco? – perguntou Kidari, se encolhendo e encarando a todos com um olhar de quem pedia perdão.

— Trazer a Garo aqui para cima não foi bom Kris. – ele se explicou melhor, deixando claro com que estava falando.

— Por quê? – o Dragão líder perguntou, já que não via nada de mal naquilo – Ela foi minha protegida até semana passada.

O Dragão Real não continuou o assunto, mas aquele alerta fora o suficiente para que Garo-lin entendesse sobre o que ele estava falando.

Desde que conversara com Kandara sobre o Dragão de Água, ela passara a notar que sempre havia várias coisas por detrás das

palavras simples que ele falava. Então se ele dizia que não era bom, era porque realmente não era bom, e isso a fez tremer.

Talvez, o pior de tudo não estava no fato de se aproximar dos ditadores do Instituto como ela nunca imaginou que um dia poderia se aproximar. As consequências disso agora pareciam muito mais aterradoras e lhe davam mais medo do que o simples fato de estar se deixando levar para perto daquele grupo poderoso.

Capítulo 20

Medo de Dragões

A estação do ar gelado havia começado sorrateiramente naquela semana. As noites aos poucos se tornaram mais frias do que normalmente eram, e os dias exibiam tons mais serenos. Porém, naquela noite do dia em que Garo-lin almoçara com os Dragões, o frio se anunciou de vez, exigindo que as lareiras dos prédios iniciassem suas atividades. Mesmo o Instituto Dul'Maojin ficando na Capital de Fogo, nem mesmo almakins poderosos conseguiam ir contra os ciclos do ano, e aquela colina em especial parecia ser um dos pontos mais frios de Almakia.

Por viver em uma região que recebia todos os anos os ventos da Tormenta Nanfan – que carregavam o ar glacial do sul – Garo-lin estava acostumada com nevascas e sabia lidar com isso. Contudo, ninguém parecia ser capaz de esquentar aquelas paredes de pedras do Instituto uma vez que esfriavam, e ela sentia que seria capaz de fazer qualquer coisa para estar em uma das casas de chão forrado da vila Godan, que mesmo precárias eram muito mais eficientes em reter calor.

E além do ar gelado a sua volta, havia uma coisa que fazia a vilashi se sentir gelada por dentro também: os olhares frios que a seguiam onde quer que fosse. Bem como dissera o Dragão Real, não fora uma boa ideia que os alunos do Instituto a vissem andando com o Dragão de Fogo, mesmo depois da Incumbência. Agora, tanto nas

salas quantos nos corredores, ela era perseguida por uma inevitável atmosfera pesada.

Mesmo apavorada com a ideia de que pudessem se vingar por ela estar tão próxima aos Dragões, nada aconteceu quando voltou temerosa para as aulas da tarde da primeira vez que almoçou com eles. Ligou isso ao fato de estar com Kidari, uma pessoa a quem os almakins queriam causar uma boa impressão, o que a fazia se sentir um pouco aliviada. Inclusive à noite, quando cada uma ia para uma direção, também não pressentiu ameaça. Porém, sempre tinha a impressão incomoda de que com certeza uma sombra estava lá, aguardando, só esperando um bom momento para se revelar.

E então, poucos dias depois, houve o momento perfeito.

A manhã viera com uma cerração que encobriu toda a colina, tornando impossível de se ver um caminho por onde andar. Era preciso inspecionar bem o chão e deduzir o lugar em que estava, sempre atentando para não se chocar com uma parede ou alguém. Garo-lin não se deixou abater por ter se atrasado naquele dia, já que não ouvira um único barulho no dormitório que a despertasse, como normalmente acontecia.

Ela se vestiu rapidamente com todos os agasalhos necessários para enfrentar o frio, puxou o capuz do seu grosso casaco do uniforme do Instituto, abraçou bem seus livros e rumou para suas primeiras aulas.

Concentrada em andar pelos lugares certos, foi com um susto que ela sentiu alguém a empurrar e a fazer cair para frente. Antes de poder se levantar para ver quem fora o responsável por despejar seus livros no chão úmido, a puxaram pelos cabelos e a forçaram a segui-los, com seus protestos se perdendo pelas brumas.

Foi arrastada até o refeitório, sem que os agressores dissessem uma palavra, e lá foi largada bruscamente no chão. Queimando de raiva por ter sido tratada daquela forma, ela finalmente pôde erguer a cabeça ao ser solta, e se viu no meio de uma roda de alunos que a encaravam com desprezo. Diante daquilo, ela se retraiu em defesa, já que não sabia o que esperar deles. Então, uma aluna do sexto nível, almakin de vento, colega de sala dos Dragões, se colocou na frente dela, de braços cruzados, em uma típica pose de quem era porta voz do grupo.

— O que pensa que está fazendo, vilashi? – ela perguntou, com um tom que não escondia a sua repulsa por ter que se obrigar a falar com alguém tão inferior. – Como ousa se aproximar dos Dragões? Só porque partiu com o Dragão de Fogo para uma Incumbência não significa que se tornou alguma coisa!

Vários protestos irromperam dos outros alunos, cada qual demonstrando sua indignação diante do fato, mas logo cessaram quando a aluna porta voz levantou as mãos pedindo silêncio.

Garo-lin olhou para os lados, analisando. Não havia como fugir daquele cerco. Ela nem ao menos conseguiu enxergar através das fileiras de alunos que a rodeavam, e não podia ter uma noção de quantos deles estavam ali. Provavelmente todos estavam, já que nenhum almakin perderia o espetáculo de ver alguém sendo humilhado.

— Fique longe deles, vilashi! – exigiu a aluna. – Ou iremos tomar providências quanto a você!

Como não havia meios de fugir, a não ser que usasse seu almaki – e a ideia era um tanto tentadora – Garo-lin resolveu que pelo menos não iria ficar só ouvindo calada:

— Por que preciso obedecer às ordens de vocês? São alunos como eu!

— *Hunf!* E pensa que isso se resume apenas a uma ordem? – a aluna riu, e foi acompanhada por todos.

Então, diante do olhar carregado que a vilashi lhe lançava, ela fez um gesto rápido com as mãos.

Um vento forte começou a percorrer em volta do corpo de Garo-lin, tirando-a do chão e prendendo seus braços no ar em algo invisível.

— Não percebe o quanto é fraca? Acha que pode contra almakins como nós? Coloque-se no seu lugar! – e a soltou de repente, fazendo com que ela despencasse, não podendo se defender do impacto contra o chão.

Garo-lin sentiu algo sair do lugar no pulso e um choque fez todo o seu corpo paralisar, enquanto a dor começava sem piedade alguma.

Respirando o máximo de ar que podia para tentar não gritar, ela se controlou, segurando a mão machucada com cuidado. Com um sorriso de desdém, a aluna deu espaço para outros três colegas, que se juntaram a ela e manejaram água em volta de Garo-lin, criando um redemoinho de tempestade. Mesmo com a mão machucada, ela tentou proteger o rosto para não se afogar com os respingos que vinham incessantemente de todas as direções. Antes que ela ficasse sem ar, a água e o vento cessaram, mais uma vez a

jogando no chão, e ela pôde ouvir as gargalhadas dos alunos a sua volta.

Pingando água, tremendo de dor e de frio, Garo-lin reuniu toda a sua força que tinha para ficar de pé, e encarou os alunos sem dizer nada.

Não iria dar a eles o gosto de se resignar, não quando sabia que estava sendo injustiçada. Porém, por mostrar essa resistência e não parecer ter entendido o recado, a aluna deu um suspiro de quem até o momento estava sendo boazinha, e falou:

— Não vale à pena gastarmos nosso almaki com ela. Essa vilashi não merece tanto. – então fez sinal para outro aluno de nível inferior, que avançou segurando um bastão, usado entre as turmas avançadas para treinar defesa, com uma intenção muito clara.

Sabendo que não poderia fugir, Garo-lin fechou os olhos e esperou pelo pior.

— **Garo!** – o grito assustado percorreu todo o refeitório e fez com que ela espiasse a tempo de ver o aluno parar a meio movimento de acertá-la.

Kidari correu o mais rápido que pôde assim que percebeu o que estava acontecendo. Shion voou na sua frente, mergulhando entre os alunos e os fazendo se afastar, abrindo caminho para que a princesa pudesse chegar até a amiga. Sem perder tempo, a kodorin ajoelhou-se de braços abertos à frente dela, se colocando como escudo, pronta para defendê-la de qualquer coisa.

— **O que pensar fazendo?!** – ela berrou para os alunos, com o gato de asas pousando ao seu lado e rosnado ameaçadoramente em uma posição de ataque.

Sem poder continuar, já que a Princesa não parecia disposta a sair dali, os alunos se dispersaram satisfeitos com o que já tinham feito, achando que era o suficiente para que a vilashi entendesse o que queriam.

— Garo. — Kidari chorou, vendo o estado dela.

— Tudo bem. — disse Garo-lin com uma voz fraca, se levantando devagar — Vamos sair daqui.

Atendendo ao pedido, ela tirou seu casaco e o colocou sobre a amiga, ajudando-a a ficar de pé e a andar para fora do refeitório.

Aquela era a terceira vez que Garo-lin recebia tratamento de cura almaki em tão pouco tempo. Mesmo que Kidari não fosse uma guardiã desse Segredo e não pudesse ser comparada com o Dragão de Raio, pelo menos o inchaço no seu pulso havia diminuído e seus joelhos — que só depois ela notara que haviam se machucado com a queda — não pareciam estar tão ruins.

Mesmo tendo trocado a roupa molhada por secas e se enrolado em dois cobertores felpudos na frente da lareira do quarto de Kidari, ela continuava tremendo. Sabia muito bem que as consequências daquele banho gelado poderiam ser uma série de espirros que não conseguiria evitar. Entretanto, no momento, seus espirros pareciam ser o menor dos seus problemas.

— Como poder fazer isso com Garo? — Kidari perguntou, enquanto ainda trabalhava em seu pulso, deixando todo o seu tom chocado transparecer.

Garo-lin não conseguia responder. Sentia que até seus ossos estavam gelados, o que fazia seus machucados resistirem ao tratamento.

— Porta meu quarto fechada. — a kodorin contou, de alguma forma se lamentando já que agora sabia o motivo daquilo. — Trancaram! Shion conseguiu abrir.

Garo-lin permaneceu quieta, apenas encarando as chamas da lareira. Tudo havia sido premeditado e o seu pressentimento não era apenas um medo criado por ela.

— Dragões saíram. — continuou Kidari, cessando seu almaki ciente de que só poderia chegar ali com o que sabia. — Desde ontem à noite, Kidari foi fazer pergunta para Vinshu, mas Vinshu e outros Dragões foram para a cidade.

Então era isso. Agora fazia sentido o motivo dos alunos só terem se manifestado contra ela naquele dia e daquela forma: haviam aproveitado que os Dragões não estavam para intimidá-la, já que seria indelicado fazer isso na frente deles.

Mesmo sendo à maneira extrema dos almakins, o aviso a tinha colocado no seu devido lugar.

Até aquele ano vivera razoavelmente bem. Era ignorada e tratada como uma das pedras das construções, mas pelo menos a deixavam viver ali. Como conseguiria resistir a mais dois anos no

Instituto se agressões como aquela ou piores comesçassem a complementar seus dias? Mesmo que a culpa por estar perto dos Dragões manchando a sua reputação não fosse necessariamente dela, agora era mais do que evidente que tinha ido muito além e precisava se arrastar para onde lhe convinha estar naquele ninho de almakins.

Os alunos podiam não ter coragem de tomar aquelas atitudes se os Dragões estivessem por perto, mas eles nunca estariam sempre por perto.

E, mesmo assim, não havia garantia nenhuma de que eles iriam intervir caso algo acontecesse. Afinal, eles eram os Dragões de Almakia e não precisavam dever coisa alguma para uma vilashi.

Com esses pensamentos pessimistas revoando pela sua cabeça, Kidari a fez voltar para o presente, dizendo:

— Se Krission estar aqui eles vão ver! Quando Dragões voltar eu-

— Não, Kidari.

— Mas...

— Eles não precisam saber. – Garo-lin fungou com dignidade.
– Foi bom isso ter acontecido.

— Como assim? – a Princesa perguntou confusa.

— Eles estão certos. Tudo bem para você ficar com eles. Mesmo que não queira ser reconhecida por isso aqui você, é a Princesa de Kodo e uma convidada ilustre em Almakia. É praticamente um dever dos Dragões, tratá-la bem. Mas eu não sou nada, e aos poucos me envolvi estupidamente nas circunstâncias. O que aconteceu hoje foi bom para me lembrar de que eu estar no Instituto é apenas um favor e que não posso exigir mais do que já tenho.

— Mas Dragões bons com Garo. Dragão Real amigo, não?

— Não amigo Kidari. Nenhum deles entraria correndo no refeitório e ficaria do meu lado como você fez.

— Dragão de Fogo salvar você dos piratas!

— Sim, mas... — Garo-lin pensou por um momento e disse, não só para a kodorin como para si mesma. — Era a obrigação dele como meu mentor, e isso já acabou.

Ela se levantou ainda agarrada aos cobertores, e foi até o seu casaco que estava pendurado na frente da lareira. Pegou algo no bolso e voltou para frente de Kidari, pedindo:

— Me faz um favor, Kidari. — ela abriu a mão e a esfera de vidro pendeu presa a sua corrente. — Devolve isso ao Dragão de Fogo quando ele voltar... E, diga também que não vou ficar onde ele possa me ver.

O edifício central da Capital de Fogo, propriedade dos Dul'Maojin considerado o coração daquela cidade, era também o prédio da concentração de poder do lugar mais importante do Domínio. De ali eram tomadas grandes decisões que influenciavam toda a Almakia, onde grandes representantes da Família de Fogo coordenavam as ações que durante séculos moldaram todo o povo almakin. Agora, quem estava no comando era Kronar Dul'Maojin, conhecida como a Senhora da Capital de Fogo e Diretora do Instituto Dul'Maojin.

No seu pomposo escritório, ela assinava papéis com ordens e verificava os relatórios de informações sobre seus negócios, quando seu assistente principal passou pelas grandes portas abertas, anunciando:

— O Dragão de Fogo, senhora.

Com apenas um gesto dizendo para que prosseguisse, ela liberou a entrada do seu filho, não dando mais do que essa atenção para o fato. Com uma reverência, o assistente indicou que o Dragão poderia entrar coisa que ele fez nem se preocupando em agradecer ou de algum modo agindo formalmente como toda a atmosfera do lugar parecia exigir.

— O que foi agora? – ele perguntou de forma aborrecida.

— Sente-se. – a Diretora indicou uma poltrona em frente a sua mesa.

— Preciso voltar logo e estudar!

Ela deixou de dar atenção para seus papéis e olhou diretamente para o filho, por cima dos seus óculos de lentes finas, com aquele sorriso velado que não deixava transparecer seus pensamentos.

O Dragão de Fogo se mexeu incomodado no lugar diante do olhar que dizia que aquilo não fora um pedido, e então se sentou com um ar de impaciência.

Demorou ainda um tempo até que ela terminasse de ler o que estava lendo e então colocar o trabalho de lado, tirando seus óculos e olhando para ele, que fingia estar mais interessado no lustre do teto.

— Como foi a Incumbência? – ela perguntou com uma voz suave, aumentando o sorriso a ponto de ele parecer real.

— Terminou. – ele informou vagamente, sem vontade alguma.

— Lembra da condição que lhe dei para que pudesse sair do Instituto?

— Lembro. – o Dragão cruzou os braços, mostrando que ela chegara à parte que não queria ouvir.

— Então, já que realizei uma vontade sua, irá realizar uma minha.

Ele fixou seu olhar no chão, o que tornava mais fácil admitir aquilo:

— Nunca quebro uma promessa.

— Que bom. – a Diretora sorriu, satisfeita. – Mas não foi para isso que o chamei aqui hoje, Krission. Essa promessa terá seu tempo. Fui informada pelos mestres que você está tendo uma ideia errada sobre o fato de ser um mentor. Essa tarefa, como você mesmo disse, terminou a partir do momento em que retornou para Instituto. Não precisa continuar com aquela vilashi.

Ele se endireitou na poltrona, mostrando que não havia gostado do que ela falara. Mas antes que pudesse protestar, a Diretora continuou:

— Lembre-se de que concordei em deixá-lo ser mentor de uma vilashi para passar uma boa impressão para o Governo Real. Já cumpriu esse papel e não precisa mais continuar com ele. Portanto, volte a ignorá-la. Garanto que essa menina nunca terá uma glória maior na vida, e para o bem dela é preciso deixar claro que acabou... Certo?

O Dragão a encarou por um tempo, como se procurasse por algo que pudesse rebater o argumento dela. Sem encontrar nada, apenas repetiu, concordando sem entusiasmo:

— Certo.

— E como está a Princesa de Kodo?

— Por que não nos contou antes que ela era a princesa? — ele perguntou, lembrando de algo que poderia usar para de alguma forma acusar a mãe.

— Ela quis assim. — informou. — Alegou qualquer coisa sobre fazer amigos primeiro, mas isso não importa agora. A Princesa está com você?

— Sim. Ela está com os Dragões.

A Diretora se recostou na sua poltrona, e por um momento deixou que a sua figura de poderosa Senhora da Capital de Fogo transparecesse o quanto estava cansada, com o seu sorriso se desfazendo em um breve suspiro. Mas, rapidamente se recuperou e pediu, usando um tom de quem não dava opção alguma:

— A mantenha sempre por perto. Deve ter percebido que ela não é uma garota muito esperta, e o Rei de Kodo nos pediu para cuidarmos bem dela. Nossas boas relações com Além-mar dependem de como a tratarmos.

— Vinshu está cuidando dela.

— Não! Você deve cuidar, Krission! O menino Zawhart ter sido o mentor foi apenas pelo inconveniente do almaki dela não ser de fogo. Mas agora isso não faz diferença. Dentro do Instituto você pode ficar ao lado dela independente dessa questão.

— Por que eu deveria ficar...

— Apenas me obedeça! E no futuro irá me agradecer. Agora pode voltar.

Como era alguém que havia aprendido que quando a Senhora da Capital de Fogo dava um assunto por encerrado não adiantaria insistir, o Dragão se levantou e inclinou a cabeça, se despedindo sem palavras.

Antes mesmo de ele sair com passos pesados de quem se mostrava insatisfeito por algo, a Diretora Dul'Maojin já retomara seu trabalho com seus relatórios, como se este não tivesse sido interrompido.

— Deseja alguma coisa, Diretora? – perguntou o assistente, entrando assim que o herdeiro saía, e se colocando a frente da mesa.

— Investigue o que está acontecendo no Instituto e me informe.

— ela lhe estendeu um papel assinado que lhe dava autorização para o trabalho.

— Sim, senhora. – o assistente pegou o papel, fez uma reverência e saiu.

Deixando a cargo de Kidari informar para seus mestres de sala de que não compareceria a nenhuma das classes devido a um resfriado, Garo-lin ficou o dia inteiro no seu quarto embaixo das cobertas. Ali não havia uma lareira acesa, mas era melhor se recolher no seu canto do que abusar da sua amizade com a Princesa, o que poderia ser mais uma acusação contra ela dentro do Instituto.

Então, sem nada para fazer e não se esperar quieta que o resfriado não se tornasse real, ela dedicou todo o tempo em pensar.

Precisava esclarecer alguns pensamentos, para não cair novamente na armadilha de ignorá-los. E, dentre tudo o que lhe

vinha na cabeça, uma pergunta soava acima de todas as outras: onde havia ido parar o medo que ela tinha dos Dragões?

Tantos anos em que fugira deles e que se calava diante das injustiças do grupo poderiam simplesmente ser encobertos com alguns dias em que ficara em meio deles?

Os Dragões de Almakia eram um grupo assustador dos maiores nomes dentro da nova geração de almakins, aqueles que ditariam o rumo do Domínio. Achavam-se no direito de agir como bem entendessem e não precisavam dar satisfações sobre o que faziam para ninguém. Por que exatamente ela se deixara chegar tão perto de pessoas assim?

Lembrou-se do velho ditado que ouvira entre seu povo quando era pequena e que por um curto período de tempo a fez pensar que era importante: um almakin de fogo é como o sol, se chegar perto demais pode se queimar.

— Eu deveria ter me lembrado disso desde o começo... — resmungou se virando na sua cama, movendo o braço do pulso enfaixado com cuidado.

Mesmo estando determinada a voltar para seu antigo pensamento sobre eles tinha que admitir que agora já não era tão fácil.

Como esquecer sobre a verdade por detrás do fato de haver cinco Dragões? Que havia algo acontecendo em Almakia e que eles estavam envolvidos contra a vontade? Que toda aquela imagem de grandiosos que eles tinham no Instituto era algo planejado por alguém? E sobre a própria Herdeira de Fogo, um dos maiores nomes dentro do Domínio, ter pessoalmente pedido para ela zelar por eles?

E ainda, como negar a amizade que existia entre eles? Muito além de serem almakins que representavam todo o orgulho do Instituto, Garo-lin descobrira nesse tempo que os Dragões eram feitos da mesma substância que qualquer um. Não se podia ignorar o fato de serem grandiosos dentro da Sociedade de Almakia, mas também respiravam o mesmo ar que todo mundo. Cresceram e estavam sempre juntos, e Garo-lin podia reconhecer neles uma ligação forte, exatamente como a que ela tinha com Garo-nan.

Ela lembrou no tempo em que ficaram na Fortaleza Dul'Maojin e tentou afastar as lembranças maiores, aquelas dela sendo tratada como uma escrava. Havia acontecido momentos em que ela pôde conferir de perto como era a relação entre os Dragões, que não era sustentada apenas pela fama que tinham em comum.

O Dragão Real e a herdeira Gran'Otto pareciam muito próximos. Mesmo ela sendo a única garota do grupo, e se aproveitando desse fato para que os amigos fizessem o que ela queria, era incrível ver como ela cuidava dos quatro, e principalmente de Nu'lian – como se o Dragão fosse seu irmão menor, apesar de terem a mesma idade. Talvez isso fosse relacionado aos almakins deles, onde a pedra é capaz de dar um novo rumo para a água. Garo-lin já tinha tido aquela impressão confirmada por Kandara, de que o Dragão Real não podia exatamente controlar seu almaki, e a Dragão de Metal deveria ter consciência disso e o ajudá-lo.

Benar Sfairul, o Herdeiro da Capital de Vento, apesar de ter um tamanho que assustava, se revelara o mais sensato entre eles. Ao contrário de Dul'Maojin e Zawhart, ele não parecia ter problema algum com o fato de estar perto de uma vilashi. Exatamente como

alguém que crescera em uma região de fronteiras, em que se convivia e se lidava com as mais diferentes pessoas, ele não a tratava como era de se esperar de um Dragão. Dele Garo-lin teve uma impressão quase certa de que não faria metade das injustiças que o vira fazendo se não estivesse com os amigos. Que se agisse por conta, suas atitudes seriam muito mais ponderadas.

O Dragão de Raio conseguia sem esforço algum ser muito mais mal humorado do que Dul'Maojin. Isso se devia principalmente por que, ao contrário do Dragão de Fogo, ele parecia sempre encontrar um motivo suficiente bom para justificar esse seu modo de ser. Durante todo o tempo na Fortaleza Dul'Maojin, Garo-lin temia que essa personalidade – que sempre pendia para o negativo – fosse de alguma forma afetar Kidari, um oposto total dele. Porém, depois do encontro com os piratas na pedreira, Zawhart não desgrudou do amigo ferido, o monitorando a todo o momento e se revelando alguém totalmente confiável. Em cada bronca que ele dava, havia um inconfundível tom de preocupação, que com certeza não se resumia apenas à conveniência de ser útil para aquele que era o líder dentro do grupo.

Dul'Maojin fora o que mais excedera suas expectativas ao se propor ensinar suas técnicas de almaki para ela. Mesmo não perdendo a oportunidade para manter seu objetivo inicial de atormentá-la, ela não podia negar que só depois do treinamento com ele é que realmente se tornara uma almakin. Já não era capaz de usar seu almaki somente para fazer o que o Instituto achava que era o suficiente que ela fizesse. Não havia como negar que ele fora um bom mentor... Entretanto, a maneira impulsiva dele ser, dizendo e fazendo coisas da sua maneira sem pensar na condição dos

outros, foi o que a colocara naquela situação. Por mais que ele tivesse superado toda a impressão que ela tinha, se mostrado um ditador em que se podia confiar suas atitudes o faziam ser insuportável.

Garo-lin deu um grande suspiro. Não podia deixar de sentir um pouco de inveja desse novo lado que descobrira nos Dragões depois de ter passado tantos anos sozinha no Instituto, sem ter nem ao menos um colega para conversar. Ver como eles eram unidos não era um fato para se suspirar com esse sentimento?

— É isso! – ela se levantou de repente, mas logo em seguida voltou a cair no travesseiro, grunhindo de dor.

Era justamente por isso que se deixara ficar ao lado deles: a amizade. Em sua inconsciência estava tão fascinada por essa nova face que os Dragões apresentavam que não percebeu o quanto se aproximou para ver mais de perto.

— Tem que ser... – falou para o teto do seu quarto, como se assim pudesse se convencer totalmente.

Entender isso, entretanto era desvendar apenas um dos nós. Ainda restavam outras questões importantes, que deveriam ser colocadas em uma balança e comparadas com o que havia acontecido naquele dia.

Uma delas era a promessa forçada da Herdeira de Fogo, da qual ela não tinha como fugir, e que também não poderia ser usada como desculpa diante dos almakins. A outra – que a preocupava mais porque existia ali dentro dos Portões Negros – era o fato de o Dragão de Fogo pensar que estava tudo bem a ter por perto, como um bichinho de estimação.

Entregar a esfera, para que Kidari a devolvesse seria apenas uma solução momentânea. Com certeza Dul'Maojin ficaria irritado com a devolução, e viria atrás dela exigindo uma explicação decente sobre isso. Se ele viesse, contaria sobre o que os alunos fizeram? Era claro que não podia! Eram problemas seus e deveria resolvê-los por si mesma.

E desde quando precisava dar satisfações para o Dragão de Fogo?

Só por que ele havia sido seu mentor?

— Só porque ele disse que me colocava acima de todos os outros... — ela ergueu a mão enfaixada diante de seus olhos, se perdendo nos pensamentos.

Sentindo que iria explodir se continuasse, ajeitou-se nas cobertas com a intenção de dormir e esquecer tudo por um tempo, resmungando:

— Poderia ter vivido uma vida inteira sem ouvir isso...

Capítulo 21

Um pedaço de Almakia

Mesmo que fosse ignorada pelos seus mestres de sala, mais de uma falta Garo-lin não seria simplesmente deixada de lado por eles. Então, ainda com o braço enfaixado, mas sem um nariz entupido, ela se armou com toda a coragem que tinha e rumou para as aulas do dia seguinte.

Quando entrou na sua sala, recebeu vários olhares superiores, que repetiam claramente a ameaça do dia anterior. Dentre todos eles, ela preferiu dar atenção somente para um olhar feliz que encontrou: o de Kidari. A Princesa tentava ao máximo controlar o seu contentamento em vê-la para não pular e arrastar sua mesa junto, conseguindo com isso só fazer mais alarde sobre a vilashi ter aparecido. Então, sentando ao lado dela e a acalmando, Garo-lin pegou um dos livros que ganhara em Rotas e começou a cumprir seu papel de aluna, mesmo que apenas figurativamente.

Havia tomado uma grande decisão na noite anterior: não se envolveria. Apesar de tudo o que acontecera durante sua Incumbência, ao avaliar as consequências de se envolver, concluiu que seria esmagada. E não só ela! Tinha a consciência de ser a representante de todo um povo dentro do Instituto, o que ela fizesse

ou decidisse repercutiria como algo feito ou decidido por todos os vilashis.

Sendo a única entre eles que enxergava além da linha do Vale Interior, não podia deliberadamente correr em direção a algo que sabia não suportar.

Então, agora, mais do que nunca, apenas queria terminar seus dias no Instituto tranquilamente e voltar para Godan. E se o lugar em que nascera fosse envolvido pelas ondas do que resultaria aquele conflito entre os poderes de Almakia, decidiria pelo bem dos seus. Era por eles que precisa olhar, e não por Dragões que tinham um Domínio inteiro para buscar apoio.

Completamente convencida disso, iria dedicar seus dias a estudar por conta. Já aprendera a lidar com seu almaki muito além do que poderia ser possível. Então, agora, reavaliaria seus conceitos sobre Almakia segundo essa nova visão que Kandara Dul'Maojin havia lhe dado. Seria eternamente grata a ela e, assim que pudessem conversar novamente, explicaria porque não iria cumprir sua promessa. Ela podia ser a irmã do Dragão de Fogo, mas já provara que era mais racional que ele, e entenderia.

— Garo? – Kidari a chamou baixinho.

— Hum?

— Shion ajudar.

— O quê?

— Shion retribuir Garo por aquela vez. – ela pensou um pouco e falou devagar, para usar as palavras da forma correta. – Ele vai cuidar dos alunos e não deixará a maltratarem de novo. Você pode ficar com a esfera do Krission. – ela abriu a mão e lhe mostrou a esfera de vidro.

Garo-lin espiou para o gato de asas deitado em cima de um armário no fundo da sala, nem um pouco atento ao que acontecia a sua volta. Mesmo não achando que ele pudesse realmente a ajudar, ela deu um sorriso para a amiga reconhecendo nisso um gesto de apoio dela:

— Obrigada, Kidari. Mas não vou ficar com a esfera. Já me decidi e não volto atrás.

Mordendo os lábios e franzindo a testa, uma maneira kodorin de mostrar insatisfação por não ter alcançado seu objetivo, a princesa não insistiu no assunto, deixando a amiga vilashi continuar com a leitura do seu livro.

Garo-lin descobrira da pior forma que não adiantava simplesmente tomar uma decisão e esperar que isso resolvesse o seu problema com os alunos do Instituto. Uma vez que eles romperam aquele limite de tolerância e perceberam que não havia consequência alguma em maltratar a vilashi, atormentá-la revelou-se um divertido passatempo.

Não precisavam usar seus almakis, bastava colocar um pé no caminho, empurrar quando passavam correndo, jogar mochila e livros pela janela do Guarda-livros, fazer comentários maldosos, entre várias outras coisas que experimentavam na mínima oportunidade. Até mesmo os alunos menores dos primeiros níveis arranjavam os mais diversos meios de aprontar e culpar a vilashi pelo mau feito. Um almakin do segundo nível colocara fogo em uma das salas de aula e contara para os mestres que havia sido Garo-lin.

Nem o fato óbvio de que ela estava na sua própria sala durante o acontecido a salvara de levar uma advertência.

Nos três dias seguintes, Garo-lin teve que lidar com diversas acusações e punições injustas, e mesmo assim deveria ficar calada. Não tinha como insistir na sua inocência quando havia tantas testemunhas mais confiáveis aos olhos dos mestres a apontando como responsável.

Kidari, por mais que tentasse ajudar, não era um exemplo de defensora. Facilmente ficava sem argumentos, e os alunos já sabiam como enganá-la e a deixarem confusa com suas próprias palavras. O gato disse que ajudaria, retribuindo o favor que ela fizera quando ele fora pego pelos Dragões; porém nenhuma situação extrema como do primeiro dia aconteceu, e ele não parecia muito preocupado em defendê-la de tombos, empurrões e acusações verbais.

Cansada como nunca estivera e sem enxergar uma saída, tudo o que Garo-lin conseguia pensar era que, se não se importasse, logo eles cansariam e a brincadeira perderia a graça. Mas era bem difícil se conter, principalmente quando alguém batia embaixo da sua bandeja no refeitório e fazia com que toda a sua comida explodisse no seu rosto.

— Por que fez isso?! – Kidari avançou para pegar os meninos que saíram correndo rindo do que aprontaram.

— Deixa Kidari. – Garo-lin a segurou.

— Tem que parar! – a Princesa disse indignada, como se tivesse chegado ao limite do seu deixar.

— Pegou outro prato. – Garo-lin tentava a convencer de que estava tudo bem, enquanto removia os pedacinhos dos alimentos

que estavam na frente dos seus olhos e os que deslizavam por seu cabelo.

Inchando as bochechas, coisa que Garo-lin descobrira ser o modo dos kodorins agirem quando estavam bravos, a princesa a empurrou até uma mesa vazia e a fez sentar, colocando seu prato na frente dela, dizendo:

— Shion! Fique aqui e não deixe ninguém vir! Kidari vai pegar outro prato! – e se afastou pisando duro.

Garo-lin não pôde evitar sorrir com aquilo. Nunca a tinha visto tão zangada e por duas vezes a impedira de defendê-la dando choques nos alunos.

— Por que simplesmente não os queima? – perguntou Shion, que obedecera a dona e agora desempenhava o papel de sentinela ao seu lado.

— Porque assim eu estaria descendo no nível deles, ao achar que tudo pode ser resolvido dessa forma.

— Você é mais forte do que qualquer um deles. – continuou o gato, fixando o olhar em um grupo de meninas que olhavam naquela direção e riam cochichando entre si. – Se mostrar o que pode fazer, nenhum deles irá se atrever a machucá-la de novo.

Garo-lin não tinha como negar que era verdade. Mesmo não podendo participar, sempre que possível ela assistia às aulas práticas dos alunos acima do terceiro nível. Com o que aprendera durante sua Incumbência e com a sua agilidade de vilashi, podia tranquilamente surpreender qualquer um deles. Porém, por mais que isso parecesse uma ótima alternativa, mostrar que podia manejar seu almaki em um nível superior implicaria em revelar como conseguira chegar àquele ponto.

Mesmo tendo decidido que não ajudaria os Dragões, não iria para um lado extremo contando para todos sobre o que tinha passado. Então, o melhor de tudo era deixar com que os alunos continuassem a vendo como eles a viam: uma inútil vilashi manejadora de fogo de terceira ordem.

Kidari voltou com um novo prato e se sentou na frente dela, lhe dando a chance de escapar de dar uma resposta para o gato.

— Come! – a Princesa bufou, apontando para o prato intocado na frente da amiga. – Garo também aluna do Instituto! Não podem continuar assim! Os mestres...

— Eles não vão fazer nada, Kidari. Ou pensa que eles não vêem o que acontece?

— Mas... É cruel, Garo! – ela quase chorou.

— Não se preocupe. Logo eles não vão achar mais tão interessante me torturar.

— Acredita nisso, vilashi? – perguntou uma voz sarcástica vinda de trás dela.

Shion estava concentrado na mesa das meninas que cochichavam, mas no mesmo instante se voltara para o outro lado e encarou de forma feroz a aluna da sala delas que se aproximava. Era a mesma almaki que no primeiro dia de Kidari no Instituto a tratara mal por a Princesa ter sentado no seu lugar, e que agora sempre fazia questão de lhe reservar a melhor mesa, mesmo se essa intenção não fosse aceita.

— Acha que se ficar quietinha tudo vai se resolver? – ela riu.
– Não conte com isso, princesa! Por que não vem conosco? – ela indicou uma mesa, onde outras colegas do quinto nível acenaram

sorridentes. –Não precisa se misturar com ela. O que pensarão de Vossa Alteza se souberem com quem anda dentro do Instituto?

Kidari não escondeu sua careta. Declaradamente não gostava que usassem formalidades com ela e já avisara sobre isso desde que voltara da Incumbência. Ela contara para Garo-lin que a sua única exigência quando foi convidada a vir para Almakia era de que a não a tratassem pela sua posição, e que tinha a intenção de saber como era viver sem ser reconhecida como a filha do Rei de Kodo. Porém, devido às circunstâncias, aquilo parecia ter lhe incomodado muito mais do que o normal.

— *Ani!* – ela se pôs de pé e bateu as mãos na mesa. – Peça desculpas para Garo-lin, agora!

Um silêncio se instaurou aos poucos no refeitório, enquanto a notícia do que estava acontecendo se espalhava pelo local. Em questão de instantes todas as atenções estavam voltadas para aquele canto. Sem se importar com a reação da kodorin, a aluna continuou como se explicasse para uma criança teimosa que ela estava errada:

— Princesa, sei que é difícil para você por ter vindo de Além-mar e não entender nossos costumes. Um vilashi com almaki. – e apontou com desprezo para Garo-lin. – É algo anormal que temos que tolerar em nosso meio por caridade. Apesar da presença dela aqui durante todos esses anos não ser de forma alguma agradável, fomos bons o suficiente para deixar que ficasse. Mas ela se atreveu a chegar perto dos Dragões, e isso não podemos permitir! Vossa alteza sendo quem é não deveria estar com vilashis.

— E o que ter ruim vilashis?! Eles alegres e pessoas boas! Fazem comida gostosa e não olham para você com nojo como

almakis fazem! Eles...

— **Kidari!** – Garo-lin tentou impedi-la de continuar falando, mas aquele pouco fora o suficiente para que a aluna entendesse o que não deveria ter entendido.

Então ela olhou para Garo-lin, com uma fúria que os almakins só demonstravam em casos onde sua excelência era posta em jogo, e a acusou:

— Você levou a Princesa de Kodo para **um lugar de vilashis?!**

— São muito melhores do que vocês! – Kidari explodiu, e isso deixou todos os alunos espantados. Não pelo fato dela ter subido na mesa para gritar e deixar bem claro que o que dizia era para todos, mas sim pela princesa de Kodo estar deliberadamente contra eles em favor de uma única e insignificante vilashi. – **Vilashis são muito melhores que almakins!**

Nem mesmo Shion foi rápido o bastante para perceber o movimento a tempo de proteger a sua dona. Uma rajada de vento a atingiu em cheio no peito e a jogou contra a parede de pedra. Kidari deslizou para o chão atordoada e no mesmo instante Garo-lin correu para ela, pulando por cima das mesas e chutando os pratos sem se importar se estava atingindo alguém.

— Kidari! – ela pegou o rosto da amiga e a forçou a olhar para frente.

Não era a mesma coisa que acontecera com ela. Kidari não tinha a mesma resistência, e aquele fora um ataque forte que a pegara de surpresa.

Shion investia contra alguém ao fundo e também era atacado. Porém, mesmo sendo sua missão proteger a Princesa, ele

não podia simplesmente fazer o que desejava contra quem ousou agredir sua dona, e logo voltou para perto dela, protegendo-a com as asas abertas enquanto rosnava para os alunos.

Com aquilo, todo o autocontrole que Garo-lin havia reunido desde o dia em que fora ameaçada se trancou em um lugar bem fundo da sua mente e cedeu todo o espaço para a raiva, que carregou consigo tudo o que sofrera calada até aquele ponto. Então ficou de pé e se voltou para os alunos, gritando:

— Vocês são idiotas?! Pensam que são os donos do mundo?! Pensam que podem tratar as pessoas com lixo se elas não estão a sua altura?!

— Cala a boca, Vilashi! – um aluno tomou a frente, um almakin truculento de almaki de metal, pelo menos três vezes maior do que ela, fato que por si só já a deveria fazer encolher.

Mas Garo-lin não se moveu e o encarou corajosamente:

— Já me calei por muito tempo! Por anos fico calada enquanto vejo vocês se vangloriando que são os melhores e que Almakia são vocês! Só um idiota estufa o peito e diz que é melhor que os outros por um motivo assim!

Ela fora longe demais e conseguira provocar todos os alunos.

Muitos vieram até a frente e se juntaram ao almakin de metal, e um disse:

— Se ela diz que nos achamos os melhores por causa de nosso almaki mostre para ela que não precisamos dele para nos livrar de vermes!

— Vamos aniquilar a vilashi! – urrou outro, dando socos no ar e incentivando os colegas. – Aniquilar! Aniquilar! Aniquilar!

— **Aniquilar! Aniquilar! Aniquilar! Aniquilar!** – continuou o coro de alunos, fazendo as paredes do refeitório tremerem.

Sabendo o que deveria fazer, e vendo como era fácil, o aluno avançou, pronto para pegar a mirrada vilashi pelo pescoço e acabar rapidamente com o incômodo do Instituto.

Garo-lin respirou fundo e se concentrou. Naquele momento não revelar seu almaki evoluído não fazia sentido algum e ela sentia que podia colocar fogo no refeitório inteiro. Porém, assim que as chamas envolveram suas mãos o chão a sua frente explodiu, fazendo pedaços de pedra voarem por todos os lados e afugentando os alunos, que tentaram se proteger causando uma confusão.

— **O que está acontecendo aqui?!** – uma voz ecoou por todo o refeitório.

— Os Dragões! – alguém gritou, e como se essa palavra tivesse o poder para tanto, eles começaram a se organizar, voltados para a porta.

Garo-lin perdeu sua concentração e seu almaki se dissipou.

Um caminho foi aberto e Dul'Maojin e os Dragões vieram até ela, parando em frente ao buraco que havia sido aberto. O Dragão de Fogo a encarou, e mais de mil respostas para a pergunta dele surgiram em sua mente. Entretanto, antes que ela pudesse separar qualquer uma ele se voltou para os alunos e inquiriu com um tom ameaçador:

— O que está acontecendo?!

Enquanto os alunos se entreolhavam, perdidos por a bronca parecer ser direcionada para eles, Zawhart pulou até onde Kidari estava e a princesa abriu um sorriso enorme ao vê-lo se aproximar.

— Usaram almaki. – o Dragão de Raio informou para o líder, assim que ele pegou a mão estendida da princesa.

— Não se pode usar almaki contra alunos dentro dos Portões Negros! – disse Dul'Maojin. – O que estavam fazendo?

— Foi a vilashi que começou! – acusou uma aluna e foi seguida por outros que afirmaram a mesma coisa.

— Você começou isso, vilashi? – ele perguntou para Garo-lin levantando uma sobrancelha, como se estivesse conferindo por mera casualidade.

— Eu...

— É claro que ela não seria idiota de brigar com todos vocês! – o Dragão a interrompeu, pulando pelo buraco que havia feito no chão e seguindo até onde ela estava, pegando em seu pulso machucado.

Garo-lin segurou os dentes bem fechados para não gritar de dor, mas a careta e o movimento involuntário do braço que fez a denunciou.

Ele puxou a manga das suas vestes e viu o braço enfaixado, percebendo que não era simplesmente uma confusão recente.

— Quando fizeram isso? – o Dragão sussurrou a pergunta de forma que ficasse só entre eles.

Ao invés de responder, ela olhou para o chão. Tinha tomado a decisão de não mais se envolver com os Dragões e iria mantê-la.

Vendo que não teria uma resposta, Dul'Maojin ordenou:

— Benar, Sumerin! Descubram quem começou com isso e façam com que nunca mais aconteça! Vinshu, Nu'lian, cuidem da princesa! – então pegou a mão não machucada de Garo-lin e a puxou. – Você, venha comigo!

— Me larga! – Garo-lin pediu tentando se soltar do Dragão, quando estavam longe o suficiente do refeitório e dos alunos.

— Não!

— Só vai piorar as coisas!

Mas ele não lhe deu ouvidos e continuou andando, seguindo para a Sala dos Dragões. Assim que entrou e a largou em um dos confortáveis sofás, fechou a porta com força e perguntou:

— Como vou piorar as coisas, idiota? Por que não me chamou pela esfera?!

— Não tenho mais ela!

— O que fez com ela?!

— Joguei fora!

— Jogou...

A raiva que ele estava sentindo pareceu chegar ao máximo, o impedindo até mesmo de falar.

Sem avisou algum, levantou a mão e arremessou uma bola de fogo na lareira, que explodiu em chamas vivas e chamuscou o tapete e as cortinas que estavam por perto.

Garo-lin olhou para aquelas chamas assustada. Sabia que o Dragão ficaria furioso ao descobrir que ela não estava com a esfera, mas não que ficaria descontroladamente furioso.

Respirando e tentando se acalmar, ele pareceu ordenar seus pensamentos e então disse:

— Vou descobrir de uma forma ou outra, vilashi. Mas estou lhe dando a oportunidade de me dar a sua versão. Aproveite!

Era verdade e isso ela não podia negar. Nesse exato momento o Dragão de Vento estaria usando suas habilidades para saber o que acontecera e Kidari com certeza já teria contado tudo o que sabia para o Dragão de Raio. Mesmo que não quisesse dizer, aquela poderia ser a melhor maneira de dar um ponto final para o assunto. Então, escolhendo as palavras que usaria, ela começou:

— Eles não aceitaram o fato de uma vilashi ser a protegida do Dragão de Fogo. Também não aceitam o fato da Princesa de Kodo estar tão próxima de mim e de eu estar perto dos Dragões. — ela o encarou. — Não era óbvio que isso aconteceria?

O Dragão cruzou os braços, processando aquela informação como se fosse a primeira vez que estivesse vendo a situação por aquele ângulo.

Então chegou a uma conclusão e declarou:

— Vou acabar com todos eles!

— Não! — Garo-lin pulou do sofá e agarrou as vestes dele para impedi-lo de sair. — Não faça coisas estúpidas assim! Já não foi bom ter me tirado de lá! Deveria simplesmente colocar toda a culpa em mim! Tudo iria se resolver!

— Não diga coisas idiotas! Como a culpa ia ser sua?!

Definitivamente o Dragão não iria entender a intenção dela daquela forma. Se não quisesse perder seu tempo, teria que dizer claramente:

— Por favor, Dragão de Fogo, volte a me ignorar.

Ele a encarou por um tempo, e Garo-lin sem perceber apertou mais forte as dobras do tecido que segurava nas mãos.

— Posso conseguir qualquer coisa que você queira, vilashi. Mas isso é impossível.

Garo-lin soltou as vestes dele, dando um passo para trás irritada.

Será que ele não poderia ter um pouco de bom senso e entender que todos aqueles problemas vinham diretamente por causa dessa forma dele pensar?

— Aqui. – ele tirou algo do bolso e estendeu a mão da frente dela, fazendo um gesto impaciente para que ela pegasse.

Desconfiada, Garo-lin não se mexeu.

— Apenas pegue droga! – ele puxou a mão dela e colocou o objeto na sua palma.

— O que é isso? – ela perguntou, encarando um pingente com uma pequena pedra branca com o formato de gota, que parecia brilhar independente de ter uma luz para refletir.

— É seu.

— Uma pedra? – ela teve que perguntar, já que não via nada demais naquilo.

— Não é simplesmente uma pedra! – ele pareceu aborrecido por ela o obrigar a explicar. – É uma estrela! Almaki puro do céu!

Garo-lin já havia ouvido sobre aquilo, mas não imaginava que fossem reais.

Diziam que há muito tempo atrás uma estrela havia caído em Almakia e que se quebrara em vários pedaços, capazes de emitir uma luz.

Tanto almakins como pessoas de outros povos acreditaram que aquelas pedras eram almaki puro vindo do céu e que quem as possuísse teria um poder imenso. Porém, o único poder que elas tinham era o de provocar disputas e guerras. Era uma história triste e bonita, contada de diversas formas tanto em livros sobre Almakia

quanto em poesias e romances, sempre pendendo para o lado fantasioso que lhe rendia a fama de lenda.

— Você gosta de histórias, então pensei que gostaria de algo antigo.

— Está... Está me dando um pedaço da História de Almakia? — ela perguntou descrente, sendo atingida de repente por todo o peso que aquele pedacinho de pedra tinha.

— É um pedaço de Almakia. — ele a corrigiu. — Todos nós somos um pedaço de Almakia! Mesmo que você diga que somos diferentes vilashi, está errada. Todos nós nascemos nesse Domínio... E se olhar por esse lado, você não é diferente dos Dragões.

Ela encarou a pedra, que cintilou mais forte por um momento.

Nunca havia pensado daquela maneira. Podia descender de um povo de fora de Almakia, mas seus pais, seus irmãos e ela nasceram dentro do Domínio e sua família vivia daquelas terras. As diferenças quem as criavam e as mantinham, eram eles mesmos.

— A coloquei acima de todos os outros e você ser uma vilashi ou o que for não tem importância alguma! Gosto de você mesmo assim!

Garo-lin olhou-o e não pôde esconder sua expressão de surpresa.

— O-o quê?

— Vou chamar Vinshu para cuidar desse seu braço. — Não saia daí!

E quando o Dragão saiu Garo-lin desabou no sofá, levando consigo todas as decisões que havia tomado durante aqueles dias.

Não demorou muito para que o silêncio da Sala dos Dragões fosse quebrado pelas vozes animadas de seus donos. Que entraram comentando sobre o ocorrido como se tivesse sido um grande e divertido acontecimento do dia.

— Aí está a vilashi! – o Dragão de Vento exclamou assim que a viu encolhida no sofá, em sua tentativa frustrada de se fundir com a mobília e desaparecer, e questionou curioso. – Como se sente sendo o centro das atenções do Instituto?

Kidari, seguida de perto por Shion, entrou correndo na sala e se pôs ao lado dela, sem abrir a boca. Era visível que ela se sentia culpada por ter revelado tudo sobre os últimos dias, e agia daquela forma ao seu lado lhe implorando silenciosamente que não fosse repreendida.

— O que teria acontecido se demorássemos mais alguns segundos para chegar? – perguntou Gran’Otto, para ninguém em especial. – Ou melhor, o que aconteceria se Kris não estivesse doente de vontade de dar a ela a Pedra da Estrela?

— Eu não estava! – o Dragão se defendeu em uma reação exagerada – Acha que eu viria correndo para cá só para dar para a vilashi aquela pedra idiota?!

— E não veio? – perguntou o Dragão Real.

Dul’Maojin não respondeu, já que não podia rebater o amigo pelo conhecido fato de ele sempre falar a verdade. Ao invés de insistir e demonstrar seu mau humor natural, o Dragão Líder se limitou a dar ordens, uma maneira mais fácil de mudar a situação:

— Vinshu! Cure o braço dela!

Revirando os olhos, o Dragão de Raio obedeceu. À sua maneira, de quem estava prestando mais um imenso favor para ela, Zawhart pegou seu braço sem pedir permissão ou que de alguma forma representasse estar lidando com outro ser humano. Desenfaixou o curativo precário de Kidari – que prendeu o ar esperando algum comentário dele – e iniciou seu trabalho, comentando:

— Teve muita sorte, vilashi. Não pretendíamos voltar hoje.

Ela não respondeu. Não sabia direito o que fazer e ainda estava chocada com o que acontecera antes, com tudo. Por mais que não quisesse admitir, não poderia negar o sentimento de alívio que tinha naquele momento em ter todos reunidos à sua volta. Recebendo aquele tratamento amigável dos Dragões, podia respirar sem aquela sensação de que a qualquer momento alguém apareceria as suas costas lhe dizendo que não podia consumir o ar dos almakins. A presença deles ali, rindo e brincando com aquela situação que lhe tirara o sono durante aqueles dias, representava o fim de um tormento, mas o que ressoava incomodamente na sua cabeça eram as palavras do Dragão de Fogo.

Sabendo que ficar olhando para o nada, tentando se decidir pelo que fosse melhor fazer, não era apropriado, ela afastou aqueles pensamentos e tentou prestar atenção no que era concreto à sua frente:

— Está bem? – ela perguntou para Kidari.

— Não foi nada. – a princesa a tranquilizou, abrindo os braços e um sorriso para de alguma forma mostrar que era verdade.
– Vinshu cuidou de eu, não é Shion?

O gato se limitou a balançar as orelhas, enquanto o referido fingiu não ter ouvido o erro na intenção de elogio encoberto dela.

— Que bom. — disse Garo-lin, e lançou um olhar disfarçado para Dul'Maojin, que fingiu estar interessado no estrago da cortina chamuscada.

Depois de ter deixado a sala dos Dragões e ser escoltada por Kidari e Shion até seu quarto, Garo-lin ainda se sentia solta, como se tivesse perdido o seu encaixe no mundo. Começar a procurá-lo onde quer que ele estivesse, era uma tarefa que exigia isolamento e não conseguiria isso estando cercada por Dragões.

Então, finalmente sozinha no seu quarto, ela se deixou cair na sua cama e a promessa que ouvira há pouco tempo soou em seus pensamentos como se estivesse sendo dita naquele momento: nenhum aluno mais irá importuná-la. E, mesmo isso sendo pronunciado e garantido pelo Dragão de Fogo, os outros também haviam concordado, tornando aquela uma promessa dos Dragões.

Garo-lin não conseguia enxergar em que ponto exatamente acontecera, mas, de alguma forma, os Herdeiros das Grandes Famílias a tratavam como se fosse normal a terem por perto, como se há muito tempo aquela convivência já estivesse acontecendo, como se ela fosse...

— Inacreditável Garo-lin! — ela se jogou para trás e riu.

Até mesmo em pensamento a ideia de ser amiga dos Dragões soava ridícula.

Gosto de você mesmo assim.

Garo-lin pegou o travesseiro e cobriu a cabeça para soltar um grito abafado. Como ele ousara falar daquela forma, abalando toda a sua estrutura?

Podia suportar o fato de o Dragão de Fogo falando que a aceitava mesmo ela sendo uma vilashi. Mas dizer, daquela forma tão abertamente, que gostava dela, já era demais. Onde, quando e exatamente como isso acontecera?!

Ela empurrou o travesseiro e recuperou o ar. Então ergueu a mão e deixou cair dela a corrente prateada com a esfera de vidro e agora com o pingente que ganhara e que penderam acima do seu rosto.

O Pedaco de Almakia, como Dul'Maojin o havia chamado, cintilava de forma quase imperceptível e exigia um pouco de concentração para que pudesse perceber o efeito de pulsar minúsculo que ela emanava. Realmente era como aquela pedrinha estivesse impregnada de almaki puro, que não se desgastava e mantinha aquela interminável jornada através da forma de gota. O Dragão de Fogo não falara mais nada a respeito daquilo. Apenas lhe entregara a esfera de vidro antes de sair e dessa vez usando uma forma melhor para lhe advertir que não a perdesse, dizendo que se a chamasse e não estivesse com a esfera, queimaria as duas. Era uma ameaça muito pior de que aquela que ouvira dos alunos, mas que não provocava o mesmo efeito. Mesmo que fosse um tom agressivo, ao invés de deixá-la com medo, essa ameaça lhe dava a certeza absoluta de que ele sempre atenderia a um chamado dela pela esfera, mesmo que ela fosse uma vilashi.

Batidas na porta a fizeram dar um pulo de susto e a olhar na direção dela. Quando voltaram a bater, ela levantou apressada da

cama e correu atender. Tinha certeza de que era Kidari, já que ela era a única que batia na porta do seu quarto em todo o tempo que estivera nele. Porém, ao abri-la se deparou com três de seus mestres de sala, encarando-a de uma forma severa. Tendo um mau pressentimento que lhe atravessou a espinha com um choque gelado, Garo-lin pediu reunindo toda a educação que possuía em uma única palavra:

— Sim?

Um deles, a mestra responsável pelo ensino da Tabela Elementar, lhe entregou uma carta oficial do Instituto e declarou:

— Garo-lin Colinpis, a partir de hoje você não é mais uma aprendiz do Instituto Dul'Maojin. Recolha seus pertences e nos siga. Você deve atravessar os Portões Negros ainda essa noite.

PARTE III

Sorrir como nós mesmos

Vou mudar esse eu que não voa.

*Darei o primeiro passo
quantas vezes for necessário.*

Hatenai Sora - Arashi

Capítulo 22

Voltando a ser vilashi

Garo-lin correu com tudo o que tinha, não se importando com o ar frio que cortava seu rosto ou com os tropeços e tombos que levava por não olhar direito o caminho que tomava. O que a movia era algo muito maior do que ela. Algo que precisava ser libertado, e só havia uma forma de fazê-lo.

Atravessando o portão da entrada da vila Godan, desviando do caminho da ponte, cruzando o campo de pasto alto, usando pés e mãos para subir o morro e deslizando pela grama molhada, ela conseguiu chegar onde queria. Então parou ofegante, encarando a paisagem que se abria diante de seus olhos.

Nunca o Vale Interior lhe pareceu tão real como agora, se estendendo com um conjunto de morros e plantações que se perdia de vista, sendo recortado pelo rio Yue e manchado de bosques que estavam perdendo a cor pela chegada dos tempos frios. Reunindo todo o ar que seus pulmões suportavam carregar, ela inspirou profundamente e gritou com todas as suas forças. Seu grito voou e se dissipou na imensidão, com pequenos ecos sendo carregado para longe pelo vento. Então riu como há tempos não ria, sem motivo algum.

Há anos não se sentia daquela maneira. Estava totalmente livre. Não precisava andar se escondendo, não precisava mais ter medo e viver às sombras de alunos arrogantes, não tinha horários para cumprir e não teria que ouvir seus tediosos mestres recitando

ensinamentos vagos. Poderia se esquecer de toda a Tabela Elementar que ela nunca iria lhe fazer falta. Principalmente, não devia obediência para almakin algum.

Ela respirou fundo mais uma vez e usou as mãos para ampliar o que dizia:

— Está ouvindo Almakia?! Garo-lin Colinpis não é mais uma almakin idiota! Vou ser eu mesma de agora em diante!

De alguma forma, conseguira se agarrar em um sentimento único dentro dela que tornou possível sair do buraco de desânimo onde estava, e poder gritar assim era um alívio.

Mesmo já fazendo vários dias desde que sua vida se tornara algo escuro e indefinido, só agora podendo olhar para trás pela claridade que tinha a sua frente, conseguia perceber que tudo realmente aconteceu. Não fora um pesadelo do qual não podia acordar, uma situação surreal em que ficara presa. Fora banida do Instituto Dul'Maojin e todo o mundo à sua volta se despedaçara com isso.

Na sua última noite na Capital de Fogo, o choque de ter sido expulsa, daquela forma, sem um motivo específico, a deixara completamente atordoada. Lembrava de ter segurado firmemente a carta oficial que recebera do Instituto durante todo o trajeto que fizera de lá até sua vila. Nela havia a assinatura da Diretora e uma simples e formal mensagem:

Informamos através desta que por motivo excepcionais a permanência da aluna Garo-lin Colinpis no Instituto Dul'Maojin está revogada, bem como sua permissão para atravessar os Portões Negros. Solicitamos sua saída imediata.

Não dizia nada sobre os tais motivos excepcionais que exigiam sua saída, embora vários motivos passassem pela sua cabeça. Afinal, sempre houvera mais razões para que ela fosse expulsa do que para que ficasse.

Na pressa, já que bem como dizia a carta sua saída deveria ser imediata ela reuniu os poucos pertences, que poderiam ser considerados puramente seus e não cedidos pelo Instituto, e abandonou seu uniforme o trocando pelas roupas normais que se usava nas cidades. Então lançou um último olhar ao lugar que fora seu quarto durante aqueles anos e com um suspiro seguiu seus mestres, que a escoltaram até os Portões Negros.

Lá, lhe entregaram uma mochila, caridosamente com suprimentos de viagem e uma ordem para o expresso levá-la da Capital de Fogo até Rotas. Também precisou assinar uma declaração, em que afirmava que não usaria seu almaki sem autorização sob a pena de ser detida e punida conforme as leis dos almakins e do Governo Real. E então partiu no meio da noite, sem poder falar com ninguém e com ordens diretas de não fazê-lo. Desceu pelo caminho da colina sozinha, agarrando-se a sua mochila e a bolsa que ganhara como se esse gesto fosse capaz de prendê-la em um lugar seguro, e se concentrou em chegar à estação, a qual conhecia somente a localização.

A viagem até Rotas demorara exatamente dois dias. Partir fora muito mais rápido do que a primeira vez que viajara para a Capital de Fogo. Durante o tempo em que esteve no Instituto, houvera um grande avanço em questões de mobilidade dentro de Almakia, onde estradas foram ampliadas e novos caminhos foram

abertos. Com isso, viajar para quem não contava com uma mombélula, e dependia dos transportes expressos puxados por cavalos ou por trilhos, tinha se tornado mais rápido, embora não menos desconfortável e desgastante.

Depois, ao desembarcar em Rotas, totalmente desorientada, conseguir um transporte para Godan era uma ideia que simplesmente não conseguia se fixar na sua mente. No estado em que estava, onde todas as suas certezas tinham de repente sido tiradas dela, mesmo andar por aquele lugar onde tudo era muito objetivo, parecia algo impossível de se fazer.

Com muita sorte, esbarrara em um grupo de vilashis de alguma vila do oeste, que se reuniam na estação para voltar para casa depois de descarregarem o que tinham trazido para a cidade e comprarem suas encomendas. Uma mulher, que lembrava muito a mãe Godan, notou o ar atrapalhado dela e imediatamente perguntou:

— Está perdida, querida?

Garo-lin apenas balançou a cabeça negativamente e desenterrou as palavras roucas de dentro de si:

— Estou voltando para Godan.

Mesmo evitando olhar diretamente para ela, Garo-lin sabia que era impossível esconder o desolamento que emanava. Isso foi o suficiente para que aquela mulher a classificá-la como uma filha fugitiva de casa, que veio em busca de algo melhor e se arrependera. Então, sem muitas perguntas, e honrando a característica de povo solidário dos vilashis, imediatamente ela conseguiu convencer o resto do grupo a lhe dar uma carona. Não

passariam perto da sua vila, mas poderiam deixá-la em um lugar de onde a caminhada não seria demorada.

Assim, sentada atrás de uma carroça sacolegante, entre pessoas estranhas e faladeiras, Garo-lin deixou para trás o último lugar que a ligava com o mundo sofisticado de Almakia. Logo a paisagem de construções foi trocada pela das florestas e das plantações, onde o máximo que se havia de civilização eram rústicas casinhas de vilarejos e vilas de vilashis.

E depois de agradecer e se despedir deles, e andar o resto do caminho, seguindo uma trilha da que se lembrava vagamente – em qual não se importaria de se perder – ela chegou aos limites de Godan. O sol estava se pondo e os fogos já estavam sendo acesos dentro das casas na vila.

O vento frio que soprava ainda manso era apenas um anúncio dos ventos fortes que logo viriam e trariam consigo a neve. Aquela altura, a colheita já estava sendo feita e levada para Rotas, e a parte reservada para a vila bem como os grãos e brotos para o próximo ano seriam estocados no armazém comunitário, e lá ficariam protegidos esperando até que fossem necessários.

Na noite em que chegou, Garo-lin tentou caminhar sem chamar a atenção, apesar de isso não ser necessário, já que os caminhos pareciam estar desertos com todos abrigados dentro de suas próprias casas. Era normal isso acontecer tanto pelo horário avançado quanto pelo frio, e ela agradecia imensamente aos seus antepassados por terem deixado como legado esse rotina caseira ao seu povo. Só assim conseguira escapar da enxurrada de perguntas que a soterraria caso alguém a visse chegando como se fosse uma

forasteira, trazendo consigo apenas uma mochila e toda a sua consternação.

Desviando o tablado e passando por trás da grande árvore do centro, longe da casa de Garo-nan, rumou para a casa da sua família.

No caminho, finalmente pensamentos sobre o que poderia falar e o que poderia fazer para explicar a sua situação começaram a açoitá-la sem piedade. Por mais que quisesse chegar àquele lugar familiar, como se fosse uma ilha segura entre um mar confuso, o que diria? Apenas entregaria a carta para seus pais que a leriam com dificuldade e, assim como ela, não entenderiam o significado da palavra excepcionais. Ou inventaria uma história, usando os fatos reais, dizendo que os alunos do Instituto se revoltaram ao saber que trouxera os Dragões para o Vale Interior e exigiram sua expulsão? Independente do que a fizera sair pelos Portões Negros, nenhuma das teorias que surgiam em sua cabeça, pareciam ser suficientemente aceitáveis para ser usada como desculpa diante deles.

Assim que tirou os olhos do chão e avistou sua casa ao longe, mesmo ela sendo uma forma escura que se fundia ao cenário de sombras da noite, pôde ver que havia alguém que a observava desde o portão. Antes de distinguir quem era a figura saiu correndo na direção dela.

— **Garo-lin!**

— Mãe?

Ao reconhecê-la, Garo-lin correu também. Não era uma sensação boa como a que tivera há algum tempo atrás quando

voltara para Godan, mas de alguma forma era bom ter alguém correndo ao seu encontro.

Quando, abraçou a mãe de modo apertado, tudo o que conseguiu dizer foi:

— Não posso mais voltar, mãe. — e ficou com todo o resto entalado em sua garganta.

— Tudo bem, filha. — disse a mãe Colinpis passando a mão pelo cabelo dela — Está em casa agora.

Está em casa agora.

Aquela frase conseguira reunir dentro de Garo-lin todo o peso do significado de realmente estar ali, e tornara os primeiros dias os mais difíceis da sua vida.

Não houve perguntas.

Seus irmãos foram orientados a não incomodá-la, e sua mãe disse que ela poderia ficar o tempo que fosse necessário no quarto. Mesmo se não tivesse essa possibilidade, não sabia se conseguiria fazer algo diferente do que se entocar em suas cobertas e ficar vegetando enquanto esperava que as coisas se resolvessem sozinhas. Houvera algumas visitas, e por vezes ela ouviu vozes conhecidas da vila que iam perguntar por ela. Garo-nan ia todos os dias, mas respeitava o que a mãe Colinpis dissera sobre deixá-la, e só conferia se houvera mudança.

Porém, aquela situação não era a sua forma de agir, embora realmente precisasse parar para respirar e entender que sua vida no Instituto tinha acabado, chegara o momento em que ela percebeu que não podia mais se deixar afundar. Então, quando Nana-lin entrara no quarto correndo, indiferente com a sua presença, como se ela fosse mais um dos travesseiros ou cobertas, fora o momento

em que houve um estalo e a pergunta reboou por sua mente: até quando vai ficar se lamentando, Garo-lin?

E, finalmente, depois de passada uma semana da sua expulsão, ela saiu correndo de casa e subiu no morro mais alto das redondezas para gritar e jogar para fora todos aqueles sentimentos ruins que a mantiveram presa dentro de si mesma.

— **Eu volteeeeeei!** — ela jogou os punhos para cima e olhou para o céu, se deixando envolver por aquela sensação boa.

Agora sim poderia retornar para a sua vila e encarar todos de frente. Contar a verdade sobre o Instituto Dul'Maojin, sobre como era tratada e sobre tudo o que passara até ser expulsa. Então retomaria a sua vida de vilashi e ignoraria seu poder almaki. Não precisaria dele ali. Não precisava de mais nada que a prendesse ao seu passado.

Certa disso, ela pegou algo no bolso e se preparou para lançá-lo para bem longe, onde nunca mais o veria... Mas, hesitou.

O sorriso que tinha até aquele momento estampado no rosto desapareceu como em um lampejo, e ela desistiu. Com um suspiro, se largou no chão e deixou que a esfera de vidro e o pingente em forma de gota pendessem da corrente na sua frente, e ficasse balançando.

Mesmo com a sua imensa vontade de esquecer tudo, havia coisas que não podiam simplesmente desaparecer.

Pensar em Kidari, em como ela teria reagido quando soube que a amiga não estava mais dentro dos Portões Negros, doía de uma forma intensa. A garota não era mais aquela kodarin desorientada de quando a viu pela primeira vez e estava muito bem protegida pela sua posição, porém, será que nunca mais a veria?

O Pedaco de Almakia reluziu, refletindo o brilho fraco do sol no vidro delicado da esfera.

Quando estava no expresso a caminho de Rotas, Garo-lin tivera a ilusão de que a qualquer momento aquela esfera começaria a esquentar e a soltar fumaça, e a miniatura do Dragão de Fogo surgiria perguntando algo da sua forma grossa, como: *onde pensa que está indo, idiota?! Volte aqui imediatamente!* Mas esse chamado nunca aconteceu.

Mesmo que você diga que somos diferentes vilashi, está errada... Coloquei-a acima de todos os outros e você ser uma vilashi ou não, não tem importância alguma! Gosto de você mesmo assim.

Garo-lin passou a mão pelo rosto e demorou um tempo para perceber que estava chorando.

Não chorara quando saíra do Instituto ou na sua volta repleta de incertezas, nem quando abraçara sua mãe ou nos dias que ficara sem sair de um canto escuro. Agora, lembrando daquelas palavras dita por aquele que poderia ser considerado o único responsável por todos os seus problemas, as lágrimas brotavam de seus olhos sem a menor dificuldade.

Ela abraçou os joelhos e enterrou a cabeça em seus braços, murmurando consigo mesma:

— Não diga essas coisas se não vai cumpri-las, Dragão idiota!

Não foi preciso insistir no convite para que Garo-lin aceitasse ajudar Mira-lin com as crianças.

Como foi bem observado por Garo-nan, ela tinha um conhecimento imenso sobre Almakia e os outros Domínios, mais do que qualquer um já teve em Godan. E por que não ampliar a visão de mundo dos pequenos?

Assim ela recheou seus dias contando histórias sobre como tudo funcionava no Domínio, sobre como eram os almakins, as Capitais, o Governo Real. Com desenhos de mapas rabiscados no chão, ela mostrava para seus alunos e para todos os interessados, que dia após dia se aglomeravam em volta para escutar e aprender também, como era a geografia, as fronteiras e o que havia além delas. Apesar de poder ler nos rostinhos atentos a sua frente que tudo para eles soava como uma fantasia e que a ouviam como se fosse uma irmã mais velha que criava contos elaborados, não fazia diferença. Porque, falando sobre tudo o que sabia, sentia que de alguma forma podia retribuir todas as esperanças que as pessoas da vila haviam depositado nela quando partira para a Capital de Fogo. E assim se sentia melhor em ter fracassado.

Aos poucos, retomar uma vida que tinha aprendido a esquecer era mais natural do que o processo que enfrentara em tentar agir como uma almakin.

Em um dia particularmente frio, Garo-nan viera participar da aula para ao final dela informar que aquela seria a última, já que a Tormenta Nanfan poderia começar a soprar dentro poucos dias e eles deveriam ajudar com os preparativos. Nessa época, todos ajudavam inclusive as crianças, para que aprendessem desde cedo como enfrentar aquele momento difícil.

Depois de as crianças terem debandando em uma grande algazarra, determinadas a aproveitar até o último momento fora de

casa para brincarem, ele observou Garo-lin marcar uma página no seu livro de capa de couro preto e perguntou o que deveria ser a pergunta de todos:

— Está tudo bem?

— Hum-hum. – ela respondeu de forma vaga.

Sentia-se melhor, era verdade, mas ainda não estava exatamente tudo bem. Porém, Garo-nan era uma daquelas pessoas que a conhecia muito bem, e conseguiria ver o que estava acontecendo mesmo que ela dissesse sem problemas com um grande sorriso.

— É um livro bem grande, não? – ele comentou, tentando buscar algum assunto aleatório para criar uma conversa.

— Eu ganhei. – ela respondeu a pergunta implícita sobre como ela o conseguira.

Ali estava outra lembrança da qual coagitara se desfazer, mas não conseguia.

— Garo-lin?

— Hum?

— É bom ver você sorrindo como nós de novo.

Confusa, ela o encarou. Ele precisou se concentrar em um ponto no chão para poder se explicar.

— Quando você veio da outra vez, estava diferente. Era como se...

Como se você não fosse mais a Garo-lin. Eu disse para mim mesmo que era óbvio, haviam se passados anos e as pessoas mudam, mas... Eu tive medo de que você nunca mais sorrisse como nós mesmos.

Ela entendeu exatamente o que ele queria dizer. Aquela era uma forma do seu povo expressar o sentimento de ser verdadeiro. Vilashis eram sinceros com seus sorrisos, e isso refletia o que se era por dentro, o que se era de verdade. Durante os anos no Instituto Garo-lin não percebera em que ponto aquilo acontecera: quando precisamente havia se esquecido de como sorrir como ela mesma?

Ouvir seu amigo de infância confirmando o que não conseguia distinguir naquela época, e mostrando como havia um lado bom na sua situação atual, a deixara mais animada.

Então, mesmo que não fosse com um grande sorriso, ela pôde olhar para ele e responder sinceramente:

- Sem problemas, Garo-nan. Estou melhor.
- Preparada para voltar a enfrentar o Nanfan?
- Ansiosa! – ela riu, e pela primeira vez em dias sentiu que seu ânimo podia ser totalmente restaurado.

A Tormenta Nanfan veio, como sempre trazendo um frio impiedoso que obrigava as famílias vilashis a permanecerem dentro de suas casas por dias, em uma noite sem fim. Os ventos uivavam e arrastavam consigo tudo o que não estivesse devidamente preparado para suportá-los.

A tormenta era um fenômeno que assolava principalmente o Vale Interior, uma vez por ano e o qual os vilashis haviam aprendido a enfrentar. Eles chegavam somente até as Florestas Ancestrais, onde aquele cinturão de proteção das árvores gigantes o fazia

retroceder e rumar para o oeste, abrindo caminho para que a neve viesse e mudasse todo o cenário.

Em questão de poucos dias lagos e rios congelavam e tudo recebia uma cobertura branca gelada. Apesar de ser um período relativamente curto, se comparado com o tempo de calor e o de chuva que tornavam aquelas terras tão férteis para o plantio, nem sempre ele passava sem deixar algum prejuízo. E naquele ano ele trouxe algo muito pior do que matar árvores de frutas ou destruir alguma casa da vila.

Quando finalmente os ventos passaram e a vila Godan começava a despertar, se preparando para iniciar o que culminaria em uma nova colheita, visitantes indesejáveis passaram pelo portal da vila e invadiram seu interior sem dificuldades. Um grupo de piratas armados conseguiu facilmente render os homens que retomavam suas funções de guarda na fortaleza de troncos e ordenaram que todos em Godan se reunissem no centro da vila.

Garo-lin pensou se aqueles poderiam ser os mesmos piratas que a haviam sequestrado. Vieram em busca de vingança, mas não eram eles. Ao constatar isso, ela também pensou na possibilidade de usar seu almaki para atacá-los, mas isso seria uma estupidez. Não pensaria duas vezes em passar por cima da declaração que assinara dizendo que nunca mais iria usar seu almaki se fosse para defender algum dos seus.

Entretanto, era apenas uma e não sabia quantos almakins poderiam estar no grupo. Atacá-los sem um plano ou sem uma certeza de que conseguiria enfrentá-los era o mesmo que condenar a vila inteira. Então simplesmente se juntou aos outros obedecendo

à ordem que eles haviam dado. Esperaria e ouviria, e do que acontecesse decidiria o que fazer.

Sua primeira surpresa foi que eles não agiam como os piratas bandidos dos quais tinham fama. Pareciam muito bem organizados, como se fossem um grupo delegado para uma missão. Quando receberam a confirmação de que todos estavam ali, chamaram o pai de Garo-nan, o líder da vila, à frente e lhe entregaram uma carta. Mesmo adoentado e andando com dificuldade pela idade, o pai Godan obedeceu, ciente de que, naquele momento, ainda era o líder da vila.

Com um sorriso satisfeito de quem percebera o estado de fraqueza do vilashi, o representante dos invasores anunciou para que todos pudessem ouvir:

— De agora em diante esta vila e todos vocês nos pertencem!

Achando que havia ouvido muito errado o que ele dissera, Garo-lin olhou em volta e somente encontrou olhares assustados, que diziam ter ouvido exatamente a mesma coisa. Como assim eles pertenciam aos piratas?

Pai Godan, abismado, abriu a carta e leu. Então, apenas se voltou para os outros, dizendo claramente com um olhar alarmado que aquilo era verdade.

Um murmúrio geral irrompeu entre os vilashis e logo um berro ordenou que todos se calassem. Então o pirata que havia falado apontou para o armazém onde estavam as sementes, brotos e o que eles haviam negociado em Rotas antes dos ventos e disse:

— Carreguem tudo agora!

— O que vamos fazer sem comida? – perguntou uma senhora já de idade, a responsável pelos estoques no armazém, apertando as mãos uma na outra, não escondendo a sua preocupação. – Temos mais crianças e velhos na vila do que em qualquer outro tempo. Como vamos sobreviver assim?

— Nossas hortas não vão ser o suficiente para alimentar toda a vila. – disse um homem. – E até que elas voltem a produzir alguma coisa já não teremos nada.

— Nosso estoque de óleo foi levado. Como poderemos ir para Rotas comprar mais se não temos nada para vender?

— Por que o Governo Real fez isso conosco?!

Aquela era a pergunta que assombrava todos os moradores de Godan. Onde estava o Governo Real?

O Vale Interior havia sido dado aos vilashis a troco de um tributo anual, que era cobrado em Rotas quando eles levavam o que produziam. Havia funcionado assim há anos, desde que seus primeiros antepassados entraram em Almakia. Como de repente o Governo Real passara o Vale Interior para ser administrado por um grupo de piratas? E como simplesmente faziam isso, como se vilashis fosse algo que viesse junto às terras dadas?

Mesmo que eles fossem um grupo que nem de longe lembrasse os bandidos que eles conheciam, era apenas uma forma organizada de lhes roubar. Tinham um documento com o carimbo do Governo Real que lhes dava autorização para fazer o que bem entendessem. Mas Garo-lin tinha sérias dúvidas quanto à legitimidade do documento.

Como Garo-nan lhe explicara, sendo verdadeiro ou não, era arriscado contestar. Se não fosse, correriam o risco de enfrentar um grupo que não tinha escrúpulos em usar a imagem da maior autoridade de Almakia. Caso fosse, estavam correndo o risco de infligir uma ordem oficial e sofreriam as consequências.

— Consequências maiores de que passar fome e entregar tudo o que temos nas mãos deles? – ela perguntou perplexa, não conseguindo aceitar de maneira alguma aquela situação.

Mas o que poderiam fazer?

Depois dos piratas levarem tudo o que tinham no armazém comunitário, com a promessa de que voltariam daqui alguns dias para mostrar como seria a nova ordem, eles deixaram apenas dois do grupo para montarem guarda no portão da vila. Diante da pouca vigilância deles na área interna, os vilashis se reuniram para debaterem o que deveriam fazer. Conforme informações que vieram de fora, de pessoas que haviam atravessado a ponte para visitar seus parentes e conseguiram voltar depois de serem minuciosamente interrogados pelos piratas de guarda, Godan não era a única naquela situação. Eles haviam começado pelas vilas do oeste, e estavam usando o rio Yue para levar o que pilhavam. Em alguns lugares houve uma oposição que fora violentamente derrubada, mas a maioria agia de forma sensata e obedeciam, sabendo que não tinha condições de resistir.

Usando a casa dos Godan ao invés do tablado central, onde poderiam conversar sem chamar a atenção dos piratas que estavam de guarda, algumas pessoas foram convocadas para tentar encontrar uma solução, e Garo-lin estava entre elas, assim como seu pai, Chari-lin e Mira-lin também.

— Acho que antes de tudo, deveríamos confirmar se isso realmente aconteceu. – opinou Garo-nan.

— Como assim? – perguntou o pai Godan.

— Acho que devemos ir até Rotas e saber o que está acontecendo.

— Mas eles não vão nos deixar sair. – disse Chari-lin.

— Precisamos tentar. Só precisamos que alguém vá até lá. – ele explicou sua ideia. – Se for confirmado que isso é uma armação dos piratas, essa pessoa pode pedir ajuda. Se for verdade, podemos pelo mesmo ter uma chance de colocar o que estamos passando e pedirmos providências.

Garo-lin se segurou para não soltar um grunhido de descrença. Será que eles não haviam entendido quando ela explicara que não podiam contar com o restante de Almakia?

Alcançando o pensamento dela, Garo-nan continuou:

— Sei que o que levamos até Rotas vai para toda a Almakia.

Quem o leva até lá, se são piratas ou vilashis, não faz a mínima diferença entre eles. Mas, caso não possamos produzir, não haverá o que levar para a cidade e não existe um equilíbrio. Com certeza esses piratas têm noção disso.

Surpresa, ela entendeu a amplitude do que ele dizia. O motivo porque os almakins não se livraram dos vilashis já que os consideravam indesejáveis, era porque tinham consciência de que a realidade era totalmente ao contrário do que queriam que fosse. Se o Vale Interior deixasse de produzir o alimento básico, toda a orgulhosa Sociedade Almakin não se sustentaria. Do que adiantavam riqueza e poder quando não havia alimento? Ela conhecia a boa vida dos almakins, e sabia que eles não saberiam viver sem a fartura de

que estavam acostumados, e não saberiam nem por onde começar a recuperá-la se de repente a perdessem. Tirar os meios para que os vilashis pudessem continuar com seu trabalho era o mesmo que condenar toda a Almakia a parar. A não ser que...

— Acha que eles seriam capazes de fazer isso para nos obrigar a sair do Vale Interior? – perguntou para ele incrédula, e todos ali presentes fizeram silêncio e a encararam.

— Você os conhece melhor do que nós, Garo-lin. Acha que sim?

Ela não precisou responder, porque a resposta era clara em sua expressão.

Subitamente, todo um plano perfeito do ponto de vista dos esnobes almakins surgiu em sua mente: não deixaria meios de subexistência para os vilashis e os obrigariam a procurar refugio em outra parte, cedendo espaço para que outros mais aceitáveis tomassem seu lugar.

Algo borbulhou dentro dela, liberando toda aquela raiva há muito contida contra aqueles que controlavam Almakia, despertando o seu senso de justiça que havia sido fortemente abalado dentro do Instituto.

— Iria para Rotas por nós, Garo-lin? – perguntou o pai Godan com uma voz fraca, sem conseguir esconder seu tom de expectativa. – Além de você entender sobre o mundo lá fora mais do que qualquer um de nós, você tem meios de se defender.

Mesmo que a atmosfera tivesse sido preenchida com o ar esperançoso de todos os presentes, isso não era necessário para influenciar em sua decisão.

— Eu vou. — ela afirmou ciente de que era a única que poderia sair de Godan com chances de trazer alguma resposta, satisfatória ou não.

Capítulo 23

Uma ponta da conspiração

Com roupas emprestadas de Chari-lin – para parecer mais um menino vilashi curioso do que uma fugitiva suspeita –, Garo-lin enfrentou o frio da noite e seguiu escondida para uma das extremidades da fortaleza da vila. Era um lugar bem conhecido seu e de praticamente todos os que foram criança ali, onde havia uma abertura perto do chão em que se podia passar se fosse pequeno o suficiente. Garo-lin, apesar de não ser mais tão pequena a ponto de passar sem dificuldades, não havia crescido muito e conseguiu se arrastar para fora sem chamar atenção. Uma vez fora dos limites da vila, ela olhou cuidadosamente em volta para verificar se não havia sido vista por alguém e, diante do silêncio, puxou sua mochila pelo buraco e correu pelas sombras.

Apesar da pior parte do período da Tormenta Nanfan já ter passado a neve ainda permaneceria por algum tempo, até que o frio cedesse espaço para ares mais quentes. Andar não era fácil para quem se desacostumara com aquele cenário congelado, mas sua disposição em dar o melhor de si era o que a guiava para achar passagens por entre aqueles lugares inacessíveis.

Esgueirou-se pelo mesmo bosque em que havia sido sequestrada, pisando com cuidado, pelo medo que aquele lugar a fazia ter agora. Pulou pelo riacho e escalou pelas pedras, se embrenhando cada vez mais fundo pelas árvores. Quando estava

suficientemente longe para não ser vista, fez algo que esperava nunca mais fazer: manejou uma chama de almaki para obter luz.

Por um momento ela aguardou ali parada, com a ideia absurda de que um dos seus mestres iria surgir na sua frente e acusá-la de quebrar seu juramento de nunca mais usar seu almaki. Porém, era óbvio que aquilo não iria acontecer. No momento havia coisas mais preocupantes do que o fato de ela estar quebrando um juramento que fizera antes de passar pelos Portões Negros.

Seu pai lhe explicara sobre um desvio que poderia pegar passando pelas plantações, onde no máximo em dois dias de caminhada chegaria a uma das grandes estradas que levavam até Rotas. Ali, já quase fora da região do Vale Interior, ela poderia conseguir uma carona para chegar à cidade. As pessoas de Godan clandestinamente juntaram os poucos pertences valiosos que tinham e lhe entregaram, para o caso de precisar de recursos para cumprir sua missão nesse ponto. Mesmo sabendo que muito daquelas coisas estavam nas famílias há anos, Garo-lin aceitou a ajuda somente pelo fato delas representarem para eles uma esperança de que nada de mal acontecesse. Como só haveria chances reais de alcançar a cidade, indo sozinha, sem levantar suspeitas, aquela fora a forma que eles encontraram de poder auxiliá-la. Porém, ela tinha decidido que se caso se encontrasse em uma situação em que necessitasse, usaria primeiro o que ela mesma tinha: a esfera e o seu Pedaco de Almakia. Mesmo não tendo conseguido se desfazer deles, agora poderiam ser úteis e não teria arrependimentos.

Entretanto, não tinha exatamente ideia de pedir uma carona.

Assim que alcançou a estrada e ficou um tempo escondida às margens, observando o movimento, percebeu que havia outra

maneira.

Aquela era a estrada que ligava Rotas aos Vales Altos, onde ficava a Capital Real, e o movimento era intenso, tanto de carroças, comboios, mimbélulas e mesmo viajantes a pé. Não havia trilhos para um expresso como na estrada que ligava a Capital de Fogo, pela qual ela tinha vindo. Os trilhos da Capital Real também eram ligados a Capital de Fogo, não diretamente com Rotas, um caminho preferido pelos viajantes importantes. Aquela estrada era mais uma rota comercial, e por isso o que mais passavam eram carregamentos, nos dois sentidos.

Vendo uma oportunidade, ela aguardou até que estivesse escurecendo e esperou que um comboio grande passasse. Quando um deles apareceu, ela entrou na estrada, andando disfarçadamente como um dos caminhantes, o seguindo de perto. Ao ter certeza de que ninguém estava olhando, pulou na carroceria alta de madeira e subiu com toda a agilidade do seu tamanho, passando por debaixo da lona que a cobria e escorregando para dentro da carga, encontrando um espaço vazio entre caixotes em que pôde se acomodar. Imediatamente ficou atenta para ouvir a movimentação lá fora, mas não houve nada que demonstrasse que havia sido vista. Porém, no mesmo instante um cheiro forte atingiu seu nariz e ela se torceu em uma careta, já que não conseguia movimentar os braços para cobrir o rosto. Era um carregamento de alho, e o ar estava impregnado. Então, arranjando um modo de abrir uma fresta na lona que fosse o suficiente para poder respirar um pouco melhor, começou a torcer para que Rotas não estivesse muito longe, e que sair dali não fosse tão difícil.

— O que é isso?!

Garo-lin acordou assustada e olhou em volta, se deparando com o rosto carrancudo de um homem que a encarava como se não estivesse acreditando na sua ousadia.

— Um vilashi?! – ele perguntou mais surpreso ainda.

Mesmo que estivesse usando um gorro que lhe cobria os cabelos, seus olhos amarelos a denunciavam totalmente.

Então, sem pensar muito, Garo-lin pulou do seu esconderijo e forçou seu corpo adormecido correr o máximo que podia, se misturando na multidão de Rotas e logo desaparecendo de vista. Quando achou que estava segura, virou em um beco e escondeu-se atrás de grandes latões de lixo, sem fôlego e se dobrando com os músculos doloridos.

Cansada dos dias que andara a pé, acabou dormindo sem perceber, mesmo naquela posição desconfortável dentro da carroceria. Por sorte o responsável pelo comboio se espantara tanto em encontrá-la ali que exclamara alto o suficiente para despertá-la.

Quando conseguira voltar a respirar novamente, deixou-se escorregar pela parede e sentou no chão, tirando a mochila das costas e conferindo se tudo estava ali. Felizmente não havia deixado nada cair na sua corrida. Então pegou um pãozinho de batata velho e duro do embrulho que Juri-lin havia feito para ela. Apesar de na hora ter dito à irmã que não precisava, que se arranjaría com comida e que guardasse aquilo para eles, a irmã fora mais convincente alegando que nunca se perdoaria se ela desmaiasse de fome e nunca conseguisse chegar. Agora, com seu estômago

urrando como nunca esteve sentia-se imensamente agradecida, e o pãozinho lhe parecia a coisa mais saborosa do mundo. Ainda havia mais três deles, que trataria de guardar para uma situação de emergência. Naquela cidade tão grande e movimentada, conseguiria alguma coisa. O mais importante era cumprir sua missão.

Pegou um papel onde Garo-nan havia rabiscado um mapa para ela. Tudo o que deveria fazer era conseguir chegar ao centro de Rotas, no mosaico que apontava para todas as direções. Uma vez lá não havia como se enganar até chegar o prédio do departamento do Governo Real, onde os vilashis pagavam seu tributo todos os anos. Se havia um lugar onde poderia saber o que estava acontecendo era ali.

O único problema seria chegar ao centro de Rotas.

Na vez em que estivera na cidade com o Dragão de Fogo, ele a guiara pelas ruas estreitas, pegando atalhos que para ele, não pareciam nada complicados. Para ela sozinha, sem saber nem ao menos por quais das várias entradas havia passado, era como estar ali pela primeira vez.

Então, sem muita certeza, saiu do beco segurando firmemente o papel nas mãos e seguindo pela direção contrária a que viera correndo. Se não achasse o canal, teria que perguntar para alguém como chegar nele, coisa que não queria precisar fazer.

Por um bom tempo andou sem sucesso algum. Quando passou pela quinta vez na frente da mesma loja de panelas e outros utensílios de metal, resolveu que era hora de pedir informação.

Usando uma voz rouca para que seu disfarce de menino fosse mais crível, ela se aproximou de um atendente da loja que ajeitava os produtos em uma banca de amostra e perguntou:

— Moço, pode me dizer como faço para chegar até ponte, que leva ao centro da cidade?

Ele a encarou momentaneamente e então olhou para os dois lados da rua e respondeu de forma rude:

— O que está fazendo aqui?! Não queremos problemas! Vá embora!

Não entendendo a reação dele, mas não querendo provocá-lo de alguma forma, ela se afastou. Ainda deu uma última olhada para trás, a tempo de ver o atendente cochichando com um companheiro que saiu para ver o que tinha acontecido, e pela maneira como olharam para ela, sentiu que havia problemas. Então, apressando o passo, sumiu rapidamente por entre as pessoas e não se arriscou a pedir informações novamente.

Já era perto do meio do dia quando finalmente encontrou o canal e seguiu por ele até reconhecer, ainda longe, a placa da livraria por onde havia passado da outra vez. Não resistiu dar uma olhada pela vitrine e conferir que o dono da loja estava lá por trás do seu balcão, exatamente como naquele dia. Dando um sorriso involuntário, se preparou para continuar seu caminho quando viu de relance a palavra vilashi escrita em grandes letras em um cartaz afixado na parede logo ao lado da vitrine. Se aproximando, ela leu:

Por ordem do Governo Real, vilashis estão permanentemente proibidos de circular pelas cidades do Domínio. Qualquer pessoa de Rotas que comercializar com algum vilashi estará infringindo a lei, e sofrerá repreensões. As denúncias contra vilashis na cidade devem ser dirigidas aos sentinelas de Rotas.

O que significava aquilo?!

De repente a sua missão de chegar até o prédio do Governo Real ficou totalmente sem sentido. Aquele cartaz dizia que o próprio Governo Real proibia a entrada de vilashis em Rotas. Claramente não haveria ajuda.

Entendendo a reação do condutor do comboio quando a descobrira e do atendente da loja, Garo-lin olhou em volta assustada e tratou de imediatamente esconder melhor o seu cabelo por debaixo do gorro e manter os olhos no chão. Então saiu apressada, se encolhendo e tentando mais do que nunca não ser percebida pelas pessoas que passavam. Precisava procurar um lugar para se esconder. Ou precisava sair da cidade... Mas, ir para onde? Ela agarrou as alças da mochila e começou a pensar rápido em todas as possibilidades que tinha.

— Ei, você!... Do gorro com a mochila! Garo-lin sentiu o coração gelar ao ouvir a voz chamando-a em um tom de ordem, e sem olhar para trás começou a correr. Foi descoberta e precisava fugir. Como poderia ajudar sua vila sendo presa?

— Pare agora mesmo! – ela ouviu a voz gritar, já um pouco mais afastada.

Se desviando das pessoas e as empurrando para poder abrir caminho, Garo-lin entrou por todas as esquinas e caminhos que encontrava na sua frente, esperando que com isso despistassem quem quer que fosse que a seguia. Quando conseguiu sair em uma ruela menos movimentada, ela olhou para trás sem deixar de correr, verificando que ninguém a seguia. Foi quando trombou com alguém e caiu no chão, e o impacto fez com que o gorro fosse arrancado da sua cabeça e revelasse seus cabelos mesclados mal cortados.

— Ora, ora, vejam o que temos aqui! – disse a pessoa com quem trombara, soando satisfeito. – Parece que mais uma desinformada está vagando por Rotas.

Mesmo que soubesse que deveria levantar e fugir correndo, Garo-lin não se mexeu assim que olhou para cima. A pessoa que estava a sua frente tinha os cabelos verdes e a pele cor de areia, exatamente como Kidari, e isso a deixou sem reação.

— Ele foi por lá! – ouviu alguém a denunciar.

— Vou tirá-la daqui, vilashi! – murmurou o kodorin, agarrando o seu braço e a puxando consigo.

— Então sua vila é uma das vítimas dos piratas que estão no Vale Interior. – comentou o kodorin, depositando na sua frente uma caneca com leite quente e um prato com bolinhos.

— Sim, senhor. – Garo-lin respondeu, olhando para a caneca e o prato com vontade, mas ainda com receio de aceitá-los.

Ela deu mais uma olhada em volta e não acreditou que um lugar tão bagunçado como aquele pudesse existir. Não havia um espaço que não estivesse ocupado por objetos estranhos, papéis, latas e potes de vidros empoeirados. Pilhas de livros e jornais velhos se erguiam de qualquer maneira a todo o redor, móveis quebrados estavam jogados em um canto. Havia recortes de figuras e pedaços de notícias afixados em uma das paredes e vários trechos haviam sido assinalados e marcados. Ela estava sentada em um banco capenga, que balançava com o mínimo movimento, diante de uma mesa toda lascada, e ele em um caixote na sua frente.

O kodorin, que se apresentara como Kinaito, a ajudara a fugir entrando em uma loja de tecidos e a levando para os fundos, onde havia um emaranhado de tiras de amostras dispostas como uma cortina. Puxando uma corda em um canto, ouve um estalo e o barulho de algo se movendo. Sem explicar para ela o que estava acontecendo, ele a empurrou para a cortina, onde se abriu uma passagem com um corredor fracamente iluminado com portachamas. Após descerem uma escadaria, eles saíram em uma pequena área circundada pelas paredes dos prédios fora da visão de qualquer janela, com apenas uma porta meio camuflada a sua frente. Fora assim que ela chegara naquele lugar bagunçado e ficara sabendo quem era a pessoa que a resgatara, imediatamente começando a responder as perguntas que ele fazia.

— Você não foi a primeira vilashi a vir para Rotas acreditando que assim poderia resolver os problemas da sua vila, menina. — ele contou. — Mas, nem todos tiveram a sorte de trombar comigo enquanto eu saía para comprar bolinhos.

— O-o que aconteceu com eles?

Ele encolheu os ombros e abriu as mãos, em um gesto que indicava que não fazia ideia:

— Alguns foram levados para fora da cidade, outros presos, outros ninguém sabe...

— Por que estão fazendo isso?

— É uma boa pergunta, mas acho que você não entenderia. Desculpe-me, mas é uma situação que está além da compreensão de vocês. Tudo o que você precisa saber é que nem todos concordam com o que está acontecendo, e que estamos tentando

mudar essa situação. Portanto, volte para a sua vila e resistam o máximo possível.

Era perfeitamente compreensível que ele a subestimasse, já que seu caso era único entre os vilashis. Então, tentando encontrar um meio de dizer que mais ou menos podia imaginar o que estava acontecendo, sem denunciar que era uma nascida com almaki, ela tentou perguntar:

— São os almakins que estão fazendo isso?

O kodorin a encarou e dessa vez deixou de lado aquele modo de agir dissimulado, o trocando por um ar mais sério.

— O que sabe sobre o que os almakins estão fazendo, vilashi? – ele retrucou a pergunta, visivelmente tentando a avaliar.

Garo-lin enxergou que talvez ali houvesse uma maneira de conseguir as informações que primeiramente viera buscar. Só precisava falar o suficiente para descobrir um pouco mais. Então, pensando em cada palavra, ela disse:

— Sei que eles não olham com bons olhos quem está abaixo deles. Que são arrogantes e pensam que Almakia pertence somente àqueles que têm um poder almaki. Sei que os vilashis são completamente desconsiderados por eles e se isso aconteceu conosco com certeza eles têm algo a ver.

Kinaito bateu os dedos na mesa em um ritmo concentrado, olhando fixamente para um ponto da parede, como se estivesse calculando.

— É você sabe alguma coisa. – ele concluiu. – O ponto é: como sabe?

Percebendo que ele também não diria coisas exatas se não tivesse mais informações sobre ela e que poderiam ficar ali naquele

jogo de perguntas por um bom tempo, decidiu que teria que fazer um acordo, e para isso precisava lhe dizer o que sabia.

— Eu estive entre almakins por um bom tempo, sei muitas coisas sobre eles. Mas não posso simplesmente lhe contar o que me foi confiado quando não sei quem você é. Como pode perceber o lado do qual faço parte é bem óbvio. Estou em desvantagem aqui.

Ele riu, achando muita graça na maneira como ela falava.

— Quantos anos você tem de verdade para ser a vilashi mais esperta que já vi?

— Dezessete. – ela disse esperando que isso de alguma forma, ajudasse com as suposições dele, já que para os padrões da sua vila ela já era alguém adulta o suficiente para ter deveres e responsabilidades.

Ele balançou a cabeça negativamente e deu um suspiro:

— Você é muito nova para se envolver com isso, vilashi. Olha, se quiser eu consigo arranjar uma forma para que volte à sua vila. E se aceitar um conselho, o melhor que pode fazer é esperar lá e ajudar seus iguais a resistirem da melhor forma que puderem.

— É a Senhora da Capital de Fogo, não é? – ela resolveu ser direta.

A pergunta o surpreendera e o deixara transtornado.

— Como-como sabe sobre isso, vilashi? – e então a pergunta imediatamente se tornou outra mais profunda. – Quem é você?

Vendo que conseguira abalar toda a confiança e ultrapassar suas expectativas sobre ela, Garo-lin resolveu se apresentar usando o título que não podia negar possuir:

— Meu nome é Garo-lin Colinpis, ex-aluna do Instituto Dul'Maojin, manejadora de fogo de terceira ordem.

— Garo-lin?! – ele arregalou os olhos. – Aquela Garo-lin?!
— Como assim? – foi a vez dela ficar transtornada.
— Você não deveria estar morta?!
— O quê?! – ela quase se engasgou.
— Eeh?! – ele exclamou de uma forma esganiçada, que imediatamente a fez lembrar da vez em que Kidari descobrira que os sucos eram adoçados e não salgados.

— Mas Kandara disse que...

— Kandara?!

— Kandara Dul'Maojin me contou que houve uma explosão no Instituto. Que não conseguiram descobrir o culpado!

— Uma explosão? – ela entendia cada vez menos.

Ele se levantou do caixote e começou a andar de um lado para o outro, falando frases soltas e gesticulando muito rápido. Sem conseguir prestar atenção nele pelo peso que aquela revelação exercia em sua cabeça, Garo-lin tentou pará-lo perguntando:

— Com licença, como assim eu morri?

— Então foi isso! – o kodorin não a ouviu. – Ela pensou exatamente em tudo! Não em tudo evidentemente, já que você está aqui na minha frente. – ele estendeu as mãos para ela, indicando-a com um grande sorriso de quem não conseguia conter a felicidade por uma grande descoberta. – Garo-lin Colinpis! Você não morreu!

— É claro que não! Que história é essa?!

— Acho que existe alguém muito melhor do que eu para lhe contar tudo o que aconteceu. Mas, primeiro, temos que dar um jeito nesse seu disfarce fajuto... Coma esse bolinhos que logo eu volto! – e ele correu para a porta, parando antes de abri-la e lançando mais

um olhar como se para confirmar que ela estava realmente ali, exclamando:

— Está viva! – e então saiu.

Garo-lin encarou os bolinhos na sua frente sem conseguir formular um pensamento que resumisse o estado em que se encontrava.

— Como assim eu morri? – ela perguntou para a caneca de leite, confusa.

Eles pararam diante de um grande prédio, parcialmente construído, onde almakins de metal manejavam concentrados em finalizar seu trabalho.

Garo-lin nunca havia visto de perto como eram feitas as construções com almakis, e entendeu porque aqueles almakins com essa capacidade ganharam tanto prestígio nos últimos tempos. Por mais capaz que uma pessoa normal fosse, não conseguiria construir com a precisão de alguém que manejava diretamente os materiais de construção, e nem conseguiria ao mesmo tempo obter detalhes tão bem feitos.

Mas ela não teve tempo para se admirar com o que via. O kodorin a empurrou disfarçadamente por uma entrada e ela tropeçou nas barras do vestido que usava.

Segundo ele, que voltara com os braços carregados de tecidos e a amarrara com uma combinação bizarra de todos eles, ela poderia se passar por uma senhora kodorin sem problemas algum. Além de estar coberta da cabeça aos pés, como dissera ser o

costume em Kodo das mulheres já de idade, elas também usavam um véu que cobrira o rosto com um pano semitransparente para se protegerem do sol forte. Essa era justamente a vantagem do disfarce: escondia seus olhos e não atrapalhava sua visão.

O kodorin ainda a orientou a andar devagar e a não falar com ninguém. Assim, eles seguiram pelas ruas com ele a conduzindo, e contando sorridente para pessoas desinteressadas que ela era a sua mãe visitando o Domínio. Podia não ser um disfarce ideal, mas funcionava melhor que o de menino, e as pessoas não pareciam ligar para os dois kodorins andando pela rua.

— Espere aqui. — ele pediu, e saiu para dentro da obra, onde cumprimentou o almakin que parecia ser o responsável.

Eles conversaram por um tempo e no fim o homem lhe indicou uma direção e gesticulou sobre o caminho que deveria tomar. Kinaito agradeceu e voltou até ela, pegando-a pelo braço e saindo sorridente, como se estivesse fazendo a coisa mais normal do mundo ao levar sua mãe para passear pela construção.

— Aonde estamos indo? — Garo-lin não resistiu perguntar quando subiram por uma escadaria e entraram em um amplo corredor já terminado.

— Vamos procurar pela mestra dos acabamentos.

Um grupo virou a esquina e veio na direção deles.

— O salão do segundo andar é ali, não é? — o kodorin perguntou, para disfarçar, e ao invés de desconfiarem os trabalhadores apenas afirmaram que sim.

Quando chegaram ao mencionado salão, o queixo de Garo-lin caiu. Não fazia ideia do que estava sendo construído ali, mas definitivamente aquilo teria as mesmas proporções do Instituto

Dul'Maojin. Godan inteira caberia naquele lugar. Então ela avistou alguém ao fundo, manejando o que parecia ser mármore.

— Dragão de Metal! – chamou Kinaito, fazendo a reverência formal por estar se referindo a alguém importante.

Mesmo ouvindo claramente quem era e a vendo se virar para eles, Garo-lin não podia acreditar. Nunca imaginara que chegaria a ver aquela cena totalmente fora do contexto: a mimada Dragão de Metal trabalhando.

Sabia que os Gran'Otto eram uma família que lidava com minérios e construções, mas nunca imaginou que a princesa deles movimentaria seu poderoso almaki fazendo coisas como aquelas. Muito diferente da pompa que exibia no Instituto, ali ela usava a mesma roupa que todos os outros trabalhadores, e até se atrevia a desmanchar suas tranças perfeitas com um capacete de proteção.

— Kinaito? – ela perguntou, largando o pesado material que manjava com um estrondo no chão, levantando poeira, e veio até eles. – O que está fazendo aqui?

— Tenho uma surpresa para você. – ele indicou Garo-lin ao seu lado, mas era óbvio que o disfarce não a deixaria reconhecer quem era, e então perguntou. – Tem algum lugar com porta?

Entendendo o tom confidencial que ele usava, a Dragão indicou uma sala lateral, onde as portas de metal já haviam sido postas.

Ao entrarem na sala e verificar que não havia ninguém, o kodorin a ajudou a tirar o véu, e a expressão que a Dragão de Metal fez ao vê-la deixou bem claro que se tratava de uma pessoa que ela nunca mais esperava ver de novo.

— Garo-lin?! Como?

— Também quero saber. — disse Kinaito, cruzando os braços e esperando ouvir as peças que faltavam para desvendar o mistério do reaparecimento da vilashi.

— Mas... — Gran'Otto chegou bem perto dela e pegou seu rosto nas mãos, conferindo bem os olhos amarelos, com se para ter certeza de que era real e não algo construído. — Você-você está viva!

— Como assim eu morri? — Garo-lin exigiu, no seu desespero em saber o que tinha acontecido.

— O dormitório pegou fogo! — ela exclamou, jogando as mãos para os lados e demonstrando seu total estado de perplexidade. — Todas nos saímos correndo para fora, e a princesa estava desesperada porque não a encontrava. Os mestres disseram que você tinha ficado louca e que colocara fogo no seu próprio quarto e que devia ter fugido!

— Eu fui expulsa! — Garo-lin se defendeu, não conseguindo acreditar na história absurda que ouvia. — Me levaram até os Portões Negros e voltei para a minha vila!

— Mas eles a procuraram, dizendo que deveria ser encontrada e punida. Então, quando estavam removendo os escombros do dormitório, disseram que acharam um corpo e que era seu.

— Não era eu!

— Obviamente. Mas... — ela começou a dar pequenos passos em volta, como se o movimento a ajudasse a pensar e a entender. — Todos pareciam satisfeitos em pensar que esse fora o fim da vilashi que tentou queimar todas as alunas almakins, entende? Então você tinha morrido... — ela parou e toda a sua surpresa e incredulidade se

transformaram em um sorriso. – Eles não vão acreditar! Espera até os outros saberem!

E começou a contar exatamente o que havia acontecido.

Na madrugada em que Garo-lin fora expulsa do Instituto, um fogo misterioso começou no dormitório das meninas a partir da entrada, onde ficava o quarto dela, e se espalhou rapidamente. Foi contido antes que qualquer aluna saísse ferida, mas é claro que o fato de haver uma vilashi lá só foi percebido devido às exigências da Princesa de Kodo em procurá-la. Como o potencial destrutivo de seus espirros era conhecido pelos Dragões, o fato de ter começado um incêndio não era de se duvidar.

Por isso, eles nunca cogitaram que pudesse ter havido algo antes do dito incêndio, como ela ter sido expulsa. Só procuraram desvendar o que tinha acontecido a partir desse fato. Como era de se esperar já que ela não estava lá, a única resposta parecia ser a versão que o Instituto dera.

Garo-lin podia ver claramente como o plano era perfeito. Os mestres haviam se livrado dela antes e mandado para sua vila sem que ninguém soubesse. Provocar um incêndio e culpá-la depois disso teria sido a parte mais fácil, e parece que nem ao menos se importaram com o impacto que isso poderia ter nas outras alunas do dormitório, colocando todas em risco. O estado de choque dela ao ter sido expulsa fora essencial, porque assim ela simplesmente se foi, sem reclamar, e não teria coragem de voltar. Diante desse novo panorama, pôde ver o quanto ficara presa somente a sua casca de autoproteção e não percebera que obedientemente seguia um plano deles.

Conseguindo entender e ligando vários pontos, havia uma coisa que a assustara:

— Mas, se acharam um corpo... Quem?

— Bom, disseram que acharam um corpo. O dormitório foi isolado e não nos deixaram chegar perto. Segundo o que nos foi informado, eles haviam tomado todas as providências necessárias quanto a isso e só depois de tudo resolvido é que nos revelaram o que tinha acontecido com você. E então foi posto uma pedra sobre o assunto no Instituto. — ela fez um gesto de manejo do seu almaki. — A princesa chorou por dias sem parar e nós não conseguíamos consolá-la. Tivemos que levá-la para a Capital Real por um tempo e aos poucos Vin conseguiu convencê-la que ninguém podia ter evitado o que aconteceu.

Garo-lin olhou para o chão repleto de poeira, concentrada. Era claro que tinha muitos furos nessa história. O principal deles era como os Dragões reagiram. Naquele mesmo dia não tinham feito aquela promessa em consenso de que ninguém mais iria importuná-la?

Como se adivinhasse os pensamentos dela, Gran'Otto explicou:

— Nu'lian, Benar e eu investigamos por um tempo, para descobrir se alguém havia posto fogo no dormitório. Sabíamos que você tinha capacidade para tanto, mas não acreditávamos que teria morrido queimada com seu próprio almaki. Um almakin se destruir assim é estupidez! Mas, Benar não conseguiu sondar nenhum culpado, e Nu'lian dizia que tinha certeza que não fora você, que aquelas chamas não eram seu almaki. Porém, acho que nosso erro

foi justamente partir do incêndio. Se tivéssemos imaginado a hipótese de algo antes disso, talvez...

De tudo o que ouvira, havia algo fundamental que Garo-lin queria saber, mas que em momento algum foi dito pela Dragão. Então, reunindo toda a coragem que tinha, ela perguntou, como que quisesse apenas verificar:

— E o Dragão de Fogo?

Uma sombra pairou pelo rosto de Gran'Otto, que ficou séria como Garo-lin nunca a tinha visto antes.

— Kris saiu do Instituto logo depois que tudo aconteceu. A Diretora o convocou para a Capital, e não pudemos mais vê-lo. Ele não responde aos nossos chamados pela esfera e está incomunicável. No Instituto os mestres apenas disseram que o Dragão de Fogo está assumindo seu lugar em Almakia e que não há necessidades de continuar com seus estudos.

— Como assim? – Garo-lin perguntou espantada, pois sempre imagina os Dragões como sendo uma unidade, inseparáveis.

A Dragão lançou um olhar para o kodorin, que apenas ouvira até aquele momento, e então ele contou o que sabia:

— Como vocês sabem, Kandara não é exatamente bem-vinda à casa dos Dul'Maojin, que só não declaram abertamente que não a aceitam para manter as aparências. Ela também perdeu o pouco contato que tinha com o irmão nesse tempo, e agora mesmo está na Capital de Fogo tentando descobrir alguma coisa... Precisamos avisá-la de você está aqui!

— Eu preciso avisar os outros! – Gran'Otto procurou pelos bolsos das vestes padrões da construção que estava usando até encontrar sua esfera.

— Espera! – Garo-lin pediu, tanto para eles quanto para si mesma. – A minha vila...

A almakin e o kodorin se entreolharam, e com um aceno de cabeça afirmativo dela, ele falou:

— Quanto a isso, não há nada que podemos fazer agora, Garo-lin.

— Mas... – a decepção dela, misturada com um tom de quem se via sem saída, transpareceram na sua voz.

— Vamos para a Capital de Fogo! – disse a Dragão, como se tivesse tido uma ideia. — Se você conseguir mostrar para o Kris que está viva, ele vai mover o Domínio inteiro para ajudar!

Garo-lin tentou dizer que não queria depender do Dragão de Fogo, e principalmente que não queria vê-lo. Porém, se dissesse isso estaria levando em conta somente a sua vontade, e recusando uma chance que ela não podia negar ser real para a sua vila. Então apenas ficou calada, enquanto a outra pedia para o kodorin:

— Vou avisar meu pai que não posso mais ajudá-lo e preciso voltar para o Instituto. Vou pedir a mombélula emprestada. Vem junto?

— Qualquer coisa que queria, absoluta Dragão de Metal. – ele fez uma reverência, concordando.

Capítulo 24

Aquela que estava perto do Dragão

— Garo-lin!

Sem poder evitar ser atacada pela herdeira Dul'Maojin assim que a viu, Garo-lin só se deixou ser sufocada pelo abraço típico dela. Mas dessa vez o aperto durou pouco, já que Kandara precisava agarrar seu rosto e quase erguê-la do chão, verificando se tudo estava no lugar certo, enquanto perguntava afobada no mesmo espanto demonstrado pelos outros antes:

— Você está viva?! O que aconteceu?! Onde estava?! Como escapou do fogo?!

— *Pfuiexpfufa*. – ela conseguiu pronunciar, tento as bochechas exprimidas pela herdeira.

— O quê?

— Ela foi expulsa, Kandara. – Kinaito traduziu pacientemente.
– Se a soltar ela vai conseguir explicar de forma que você entenda.

— Ah, sim. – ela a soltou. – Explique-se, vilashi.

Chegar até a Capital de Fogo em uma mombélula não era nada comparado com a viagem pelo expresso. Apesar do seu desconforto com o voo, era imensamente mais rápido. Quando saíram de Rotas, faltava pouco para o sol se por, e só demorou algumas horas para avistarem a iluminada Capital de Fogo no horizonte, com a Colina do Instituto se destacando como um farol repleto de pequenas luzes disformes.

Fazendo jus ao seu nome e fama, a Capital mais importante dos almakins era capaz de brilhar com todo o seu esplendor mesmo nas noites mais escuras.

Porém eles não chegaram muito perto do centro e pousaram na periferia, em um lugar que até parecia distorcido do padrão da orgulhosa Capital, onde provavelmente viviam as pessoas mais simples que cuidavam da manutenção básica da cidade e de pequenos comércios.

Alertada pela Dragão de Metal através da esfera para esperá-los, a herdeira Dul'Maojin já aguardava onde haviam combinado: um grande pátio de um antigo armazém, que parecia abandonado à primeira vista.

Os muros altos ajudaram a esconder a mombélula, antes que o barulho de suas asas despertassem o interesse dos moradores à volta. Quando os viajantes desembarcaram, Kandara foi a primeira do grupo que correu até eles.

No total havia cinco pessoas com ela, e nenhuma era conhecida de Garo-lin. Duas mulheres e três homens, e todos pareciam ser almakins, com aquele ar arrogante típico que emanava deles e que ela reconheceria logo com um primeiro olhar.

— Não é melhor entrarmos, Kandara? – sugeriu o kodorin, de maneira educada, mostrando saber perfeitamente contornar o estilo impulsivo dos Dul'Maojin sem ofendê-los.

— Claro, vamos entrar. – ela concordou, fazendo sinal para que eles a seguissem.

As pessoas reunidas fizeram uma reverência para Sumerin Gran'Otto, que agradeceu com uma aceno de cabeça, e Kinaito os cumprimentou. Sem saber como agir, Garo-lin apenas o seguiu como

se fosse uma sombra, cumprimentando aqueles estranhos com um gesto contido.

Para a surpresa dela, que com seu modo de pensar vilashi esperava encontrar dentro daquele armazém pilhas e mais pilhas de alguma coisa qualquer, tudo não passava de um vazio enorme com alguns poucos caixotes espalhados em um canto. Um total desperdício de espaço que não deixava de despertar nela um sentimento de revolta: se os almakins podiam ter um lugar inútil como aquele, por que os vilashis não poderiam continuar com aquelas poucas terras e aproveitá-las?

Assim que as portas foram fechadas, Kandara manejou fogo em um porta-chamas que pegara na parede ao lado e iluminou o caminho, os conduzindo para frente. Seguiram por um corredor lateral e desceram por alguns lances de escadas, ficando abaixo do solo. Logo entraram em outro lugar amplo que poderia competir facilmente com o esconderijo de Kinaito em Rotas, perdendo somente pelo quesito organização da bagunça, já que ali ela parecia seguir certa ordem. Todo o caminho estava abarrotado de estantes com garrafas de bebidas vazias, encardidas e poeirentas, com teias de aranha brotando por todos os lados, entulhos amontoados e cacos de vidros espalhados pelo chão.

— Cuidado onde pisa. — Kandara a alertou, indicando o chão.
— Temos que manter as coisas o mais desagradáveis possível para visitantes indesejados.

Entendendo a lógica, ela passou a cuidar mais por onde caminhava, aliviada por ter deixado seu disfarce de mãe kodorin guardado na mombélula e voltado às suas roupas vilashi, que lhe deixavam se movimentar livremente.

Depois de andarem por um labirinto de estantes, foi possível avistar um lugar iluminado, e logo chegaram a um espaço razoavelmente habitável, onde havia uma mesa grande de madeira com bancos e mais porta-chamas. Ali estavam mais duas mulheres, uma de idade bem avançada, que pararam de analisar um grande mapa de Almakia estendido na mesa assim que eles chegaram.

Imediatamente após pendurar o porta-chamas que carregava em uma das estantes, Kandara pegou Garo-lin pelos ombros e a empurrou para frente, a exibindo:

— Esta é a vilashi, So-ren!

A senhora de idade lhe lançou um olhar avaliador dos pés a cabeça, e Garo-lin sentiu-se extremamente incomodada.

Ela lembrava muito seus mestres do Instituto, com aquele ar superior de que era uma almakin que viveu muito, mas parecendo incontavelmente mais cruel.

— Não é incrível?! – perguntou a herdeira feliz, apertando as bochechas dela. – Essa coisinha foi capaz de atravessar as escamas espinhosas do Dragão de Fogo!

— Ela não estava morta? – a senhora pediu, simplesmente.

— É o que vamos descobrir agora mesmo!

E Garo-lin foi obrigada a sentar-se à mesa e a contar o que acontecera na noite que havia sido expulsa. Como todos ali pareciam estar cientes da versão do incêndio no Instituto e da sua suposta morte, eles fizeram suas próprias conclusões sem precisar que ela contasse todos os detalhes.

— Exatamente como era de se esperar! – Kandara bateu as mãos na mesa. – Ela sabia que todos ficariam em cima do incêndio tentando descobrir o que aconteceu de verdade. E essa é a prova

decisiva de que todos os mestres do Instituto seguem fielmente suas ordens. Aquela velha de-

— Kandara! – alertou a senhora diante da exaltação da herdeira, conseguindo seu imediato silêncio e com que ela se sentasse comportadamente no seu lugar à mesa.

Garo-lin assistiu a cena rápida e não entendeu como a Herdeira Dul'Maojin conseguiu ser calada com apenas um chamado daquela estranha. Mas, não teve tempo para formular teorias a respeito.

Seu estado de atordoamento foi cortado pela outra mulher que já estava na sala quando chegaram, quando começou a relatar:

— Recebemos informações sobre as situações de todas as fronteiras. Apesar de desde o começo, agirmos na certeza de que tudo aconteceria entre o planalto Maojin e os Vales Altos Rochosos, mantendo o centro das atenções na Capital de Fogo e na Capital Real, pequenos eventos ocorriam nas fronteiras do sul. Agora eles estão se expandindo de uma forma organizada e com o apoio do Governo Real, o que lhes garante uma fachada legalizada. Almakia ainda não está ciente do cerco que está sendo montado.

— Os vilashis estão cientes. – informou Kinaito, indicando a representante dos mencionados. – Garo-lin poderia nos contar exatamente o que está acontecendo.

Ela engoliu em seco. Mesmo tendo toda a vontade do mundo em poder usar suas forças em defender seu povo, não era exatamente simples falar na frente de almakins desconhecidos que, apesar de estarem do mesmo lado que ela, claramente a viam como alguém inferior. Então, mantendo o olhar fixo no mapa de Almakia

estendido na sua frente, ela começou, se forçando a pronunciar bem as palavras:

— Piratas nos cercaram. Primeiro levaram tudo que tínhamos armazenado embora e agora não nos deixam sair. Temos um pouco de alimento dentro da nossa vila, mas não é o suficiente para todos e não temos mais recursos para uma próxima colheita. Tivemos que entregar para eles nosso estoque de óleo, os animais e até as ferramentas que usávamos. E, depois de enfrentar a Tormenta Nanfan, nossas hortas estão congeladas.

— Já ouvi sobre isso. – comentou um dos almakins, não falando diretamente para ela, mas para os outros ao seu lado. – É um tempo de ventos fortes e neve que deixa todo o Vale Interior isolado. É por isso que aquela região não é habitada por almakins.

— Seria divertido ver almakins plantando... – comentou Kinaito aleatoriamente com um pequeno sorriso de quem provocava, e Kandara conteve uma risada a tempo de não ser percebida pelos mais velhos.

Os almakins o olharam com desprezo, deixando bem claro que apenas toleravam a presença dele ali, e Garo-lin entendeu rapidamente porque ele dizia aqueles pensamentos em voz alta sem medo. O kodorin não estava no mesmo patamar que Kidari e, se não fosse pela curiosa relação que parecia ter com a herdeira Dul'Maojin, era evidente que ele nem ao menos teria entrado em Almakia. A aversão dele também era clara, e o tom de ousadia que usava demonstrava a consciência que de aquelas palavras eram um desafio explícito para que os almakins o pulverizassem.

Por um momento, ela desejou ter toda aquela coragem para agir da mesma forma. Talvez metade de seus problemas poderiam

estar resolvidos se não estivesse tão condicionada a se conter diante de almakins.

— Desculpa, So-ren. – ele pediu, evidenciando que havia ao menos uma pessoa que ele respeitava a ponto de se redimir pelo comentário.

— Não é hora para isso, Kinaito. – disse a senhora almakin, lançando um olhar feio para ele e logo em seguida para Kandara. – É bom que esteja aqui. Precisamos de você para discutirmos o que vamos fazer de agora em diante.

— É hora de reunirmos os Dragões. – opinou o outro homem do grupo. – Já que não temos o apoio do Dragão de Fogo, temos que pelo menos-

— É claro que vamos ter o apoio do Dragão de Fogo! – Kandara o cortou – Assim que o Krission souber que Garo-lin está aqui ele virá.

— Não!

Todos olharam para a pequena vilashi que se encolhia, arrependida de ter deixado que seu desespero agisse ao entender que planos Kandara formulava para ela. Para a herdeira, Garo-lin era uma isca perfeita para atrair o irmão, não importando se ela concordava com isso ou se de alguma forma quisesse ver o Dragão. Estava determinada a só se aproximar novamente dos herdeiros, principalmente do Dragão de Fogo, caso fosse extremamente necessário para ajudar os vilashis.

Então, se encolhendo e sem saber o que falar diante daquele silêncio onde ela podia sentir pensamentos preconceituosos pairando no ar, tudo o que fez foi resmungar algo indefinível.

— Eu vou conversar com ela. — declarou Kandara, se levantando do seu lugar.

— Não, Kandara. — disse em tom de comando a velha senhora. — Vai ser minha responsabilidade daqui por diante.

Garo-lin sentiu suas pernas tremerem e o fato da senhora se levantar e vir andando com o apoio de uma bengala até ela não ajudou em nada.

— Vai criar raízes nesse banco, vilashi? — ela perguntou de forma impaciente, batendo a bengala no chão e fazendo sinal para que ela se levantasse. — Me siga!

Lançando um último olhar desesperado para a herdeira Dul'Maojin, que apenas lhe retribuiu com um sorriso de quem pensava que estava a deixando em boas mãos, Garo-lin não teve outra opção a não ser seguir a mulher.

Ao conduzi-la até o último andar do armazém, onde havia uma plataforma diante de uma grande janela de vidro encardido, que permitia uma visão difusa das luzes da Capital, a senhora almakin virou para ela de repente e disse:

— Kandara falou muito bem sobre você.

Garo-lin ouviu aquelas palavras, ditas de uma forma que não sugeriam nada, e mais uma vez sentiu-se sendo avaliada.

— Mas, não pense que a opinião dela consiga influenciar a minha. — a senhora almakin continuou: — Kandara é uma menina inocente que costuma confiar nos olhos das pessoas não importando

em que rosto estejam. Não vivo há tanto tempo para ser enganada por uma vilashi!

— Desculpa. Não quero enganar ninguém. – Garo-lin pediu, sendo educada e não rebatendo aquelas acusações da desconhecida.

Por mais que lhe fosse natural não esperar atitudes polidas de almakins para com ela, não havia necessidade de comprar briga com alguém que via pela primeira vez na vida, principalmente naquela situação. Além do mais, a senhora tinha idade suficiente para ser considerada sua avó, ou seja, tinha idade suficiente para que seus princípios a acorrentassem e a fizesse ter respeito mesmo diante do pior insulto possível.

Entretanto, ao contrário das vovós vilashis que circulavam por Godan, aquela não tinha nada que lhe fizesse lembrar de doces e histórias aconchegantes em noites frias. Ela tinha um modo de olhar sombrio, como se tivesse o dom de ler todas as coisas ruins que se passavam pela cabeça das pessoas. E isso também se refletia no rosto dela, com olheiras profundas e a testa muito mais enrugada do que seria natural pela velhice. Fora isso, era evidente que se tratava de uma almakin, já que mesmo com as costas curvadas, mantinha o mesmo ar arrogante dos outros mais jovens que ficaram para trás.

— Não quer enganar ninguém, é? – ela encarou-a desconfiada. – Então como conseguiu enganar o Dragão de Fogo?

Diante da pergunta que soara muito mais como uma acusação,

Garolin respirou fundo e respondeu com firmeza:

— Se tive alguma intenção com o Dragão de Fogo era a de me manter o mais afastada possível dele.

— E por que queria se manter afastada dele? – ela replicou rapidamente.

— Porque-

— Isso é apenas o que você diz! Garanto que planejou tudo para conseguir chegar perto dele!

— Não!

— Todos querem estar perto do Dragão de Fogo!

— Eu não queria!

— E por que não, vilashi? Por que não iria querer estar perto do Dragão de Fogo?

— Porque ele é um almakin idiota e orgulhoso! – ela soltou de uma vez, e em seguida paralisou, esperando no mínimo uma bengalada para lhe fazer lembrar de seu lugar em Almakia.

Mas, ao invés da reação agressiva, a senhora ponderou, e então fez mais uma pergunta:

— E por que pensa que ele é um idiota orgulhoso?

Dessa vez Garo-lin não respondeu, apenas a encarou.

— Porque ele é. – a senhora respondeu por ela, com um suspiro. — Krission Dul'Maojin é um orgulhoso malcriado! Kandara estava certa, afinal. – e mesmo com a pouca luz que entrava pela janela, Garo-lin pôde ver um sorriso satisfeito se formar naquele rosto enrugado. – Parece que nosso Krission conseguiu.

— Nosso? – ela perguntou incerta, já que ela reconhecia aquele modo de falar, mas nunca o ouvira fora da sua vila.

— Posso não ter herdado os olhos amarelos do meu pai, mas lhe garanto que meu cabelo um dia já foi muito parecido com esse

seu vilashi. Tanto ao ponto de me tratarem como uma estrangeira.

— Co-como assim?

— Meu nome é So-ren Dul'Maojin, pequena Garo-lin, uma das poucas mestiças das Famílias de Almakia e a única não totalmente almakin que já ousou ficar perto de um Dragão de Fogo. Até você aparecer.

Sem saber como reagir diante daquilo, Garo-lin apenas a encarou deixando a boca se entreabrir em um engasgar mudo.

— Vive mesmo aqui, vovó? – perguntou Garo-lin preocupada, olhando para o cômodo apertado, que era ocupado em sua grande parte por uma cama e uma mesa baixa muito parecida com a que tinha na sua casa na vila Godan.

— Procure um lugar e sente. – ela disse ao invés de uma resposta, apontando para uma das pontas da mesa, enquanto começava a revirar habilmente no armário em busca dos utensílios necessários. – Você deve estar cansada e com fome. Pode ficar aqui essa noite.

— Mas, e a senhora?

Ela apenas soltou um sopro e deu um tapa no ar, dizendo para que não se importasse com detalhes como aquele:

— Quem precisa ter energias para poder continuar com uma missão é você e não uma velha como eu, vilashi. Já fiz minha parte, cabe a você continuar. – ela colocou uma panela em cima de um fogão a lenha simples e então se concentrou nos pedaços de madeira. Logo pequenas chamas começaram devagar e então

ficaram vivas e crepitantes. – Ainda sei alguns truques. – ela mostrou orgulhosa o que havia feito.

— É uma almakin de fogo? – Garo-lin perguntou curiosa.

— Almakin de fogo, terceira ordem. – ela recitou. – Também frequentei o Instituto por um tempo...

Achando que era um bom momento para perguntar, Garo-lin arriscou:

— A senhora... É mesmo uma Dul'Maojin?

— Minha mãe era uma Dul'Maojin. – ela abriu a tampa da panela para conferir seu conteúdo que estava esquentando, e contou como se não fosse nada de extraordinário. – Sou um dos mais bem guardados segredos da Família de Fogo. Minha mãe, a irmã da mãe da Senhora da Capital de Fogo, fugiu da Capital quando era nova. Para que a tradição dos Dul'Maojin não fosse manchada, ela foi encontrada e trazida de volta. – a senhora riu, e veio se sentar junto com ela na mesa, se abaixando com dificuldade, mas parecendo muito mais a vontade em sentar no chão como os vilashis faziam – Mas o mal já estava feito, e eu vim junto com ela.

— Então seu pai era um vilashi? – Garo-lin perguntou, sabendo que estava sendo controlada pela sua curiosidade e não podendo resistir.

— Foi o que minha mãe me contou. Não o conheci, e tudo o que ele me deixou de lembrança foi um nome vilashi. Talvez não tenham feito com ele algo tão elaborado quanto a sua morte, mas o fato é que minha mãe nunca mais o encontrou. Felizmente, para os Dul'Maojin, essa história não ficou conhecida e meus traços de vilashi não eram o suficiente para me denunciar como uma mestiça... Minha mãe não viveu muito tempo para poder me fazer

compreender minha situação, e eu era desconsiderada pelos meus avós. Então, simplesmente odiava os vilashis mais do que tudo, acreditando que eles eram responsáveis por eu não poder ser uma herdeira Dul'Maojin de verdade. Com o meu nível inferior, apesar de fazer parte da Família do Fogo, vivi unicamente em tentar agradá-los, para de alguma forma conseguir fazer parte deles. Então, quando Kronar nasceu da forma correta e conseguiu ser a Dragão de Fogo, eu me tornei apenas uma sombra entre eles. A única coisa que me sustentava era meu nome de família, que de alguma forma me dava à segurança de sempre ter um lugar para ficar, mesmo que não fosse reconhecida.

Garo-lin tentou processar aquela história. Então, aquela senhora enrugada na sua frente poderia muito bem ter sido a Senhora da Capital de Fogo se não fosse pelo fato de ser uma mestiça?

Praticamente confirmando a suspeita de que ela tinha uma habilidade especial de saber o que se passava dentro da cabeça das pessoas, a senhora comentou:

— Sabendo que nunca poderia ocupar o lugar de herdeira Dul'Maojin, sempre estive ao lado de Kronar, a ajudando no que fosse possível. Quando ela passou de Dragão para Senhora da Capital de Fogo, assumi todas as responsabilidades dela que não estavam ligadas a administração da Capital ou ao Instituto. Ou seja, quem sempre cuidou de Kandara e Krission fui eu.

Agora fazia todo o sentido do porque a impetuosa herdeira Dul'Maojin ficava calada com o mínimo gesto de repreensão da senhora e de porque Kinaito a respeitava.

— Kandara sempre foi uma menina intensa. Era uma réplica perfeita da mãe e parecia ter herdado a mesma vontade de comandar. Desde pequena sabia que era importante e exigia respeito de todos. Quando ela se tornou a Dragão de Fogo, era como se tivesse recebido uma autorização para que todos os seus desejos fossem ordens supremas. Ao mesmo tempo, ela se prendia ao irmão e o mimava, dando uma liberdade insolente para o menino que desde que nascera era imperioso. Cuidei deles até entrarem para o Instituto, porém nunca ousei me colocar no lugar da mãe ausente. Por isso, apesar da diferença de idade, aqueles dois sempre tiveram uma ligação muito forte para preencher esse espaço vazio. Já que sabiam desde muito cedo que só poderiam contar um com o outro.

“Quando Kandara abandonou o título de Dragão e saiu de casa, Krission ficou perdido por um tempo. E Kronar pareceu perceber que deveria se preocupar mais com o filho, ou poderia perder aquele que se tornara seu único herdeiro. Foi quando ela viu a possibilidade de fortalecer a relação do filho com os outros herdeiros das Grandes Famílias. Eles já eram amigos. Afinal, tinham a mesma idade e conviviam socialmente desde sempre. Mas, colocar esse grupo junto e torná-los unidos, de forma que todos os vissem e admirassem, foi o fator decisivo para que houvesse cinco Dragões no Instituto Dul'Maojin. Uma vez que essa fama foi consolidada e eles criaram seu próprio império dentro dos Portões Negros, Kronar pensava que o futuro de Almakia pertenceria a Krission, enquanto ela estenderia o seu interesse aos outros Domínios...

Porém, parece que mesmo a poderosa Senhora da Capital de Fogo não é capaz de ter controle absoluto sob seus planos. Bem,

como disse Kandara, uma coisinha como você apareceu para interferir.”

— Eu-

— Sim, não teve intenção e é claro que você não teve! Como poderia ter?!

A tampa da panela começou a estremecer, indicando que a sopa estava fervendo, e a senhora fez menção de se levantar da mesa.

— Eu pego!

Garo-lin se colocou de pé imediatamente e foi para o fogão.

Mal colocou a panela na mesa, correu para pegar potes e talheres. Estava sendo educada, mas principalmente precisava se movimentar para que tudo o que tinha ouvido se ajustasse a sua realidade. Então, voltando a se sentar no seu lugar e olhando fixamente para o pote vazio a sua frente, ela precisou perguntar:

— Por que me contou tudo isso?

— Porque você disse *não* há algum tempo atrás.

Garo-lin pensou sobre qual *não* ela estava se referindo.

Percebendo que havia informação demais dentro da cabeça da vilashi e que ela não conseguia se ordenar, a senhora tentou ajudar:

— Posso ter vivido vários anos remoendo o fato de nascido uma mestiça, mas essa consciência de o que eu era também serviu para que visse além. Ao invés de me tornar uma orgulhosa Dul'Maojin, sou alguém que aprendeu a ver por trás de todas as fachadas da Família de Fogo. Toda a vaidade, ambição e arrogância deles se concentraram perigosamente em Kronar, que se tornou alguém com poder e influência em Almakia como ninguém antes

jamais teve, e ela quer mais. Ela é capaz de tudo para colocar o nome dos Dul'Maojin acima de tudo, sem escrúpulos. E ao mesmo tempo é alguém muito inteligente que pensa em todas as possibilidades e sempre está preparada.

“Entretanto, conhecendo minha prima e vendo você aqui na minha frente agora, compreendo algumas coisas e talvez possa desvendar uma parte dos planos dela... Não seria muito mais simples ter matado a vilashi que estava interferindo do que criar toda aquela cena de incêndio no Instituto?”

Garo-lin ponderou.

De fato, agora via que ser expulsa não era a pior coisa que poderia ter acontecido. Que diferença faria dar um fim definitivo para a vilashi de verdade? Então, permaneceu na expectativa de saber o que a senhora havia desvendado, mas esperou pacientemente que a ela lhe servisse a sopa e aos poucos ela foi desfiando sua teoria:

— Apesar de não ser difícil conseguir com que esse serviço fosse feito... Porém, mesmo a mínima possibilidade de alguém descobrir que a Senhora da Capital de Fogo estaria por trás do triste fim da única almakin vilashi de Almakia conseguiria trincar sua imagem. E ela não pode correr esse risco. Sua imagem perfeita é o que lhe garante as portas abertas em outros Domínios, para que possa sutilmente tecer suas teias. A expulsar do Instituto era uma maneira muito mais simples e menos arriscada.

— Então... – Garo-lin seguiu o raciocínio dela. – Por que ela criou toda essa história de que eu havia morrido?

— Não é óbvio, vilashi? – ela largou a concha com que serviu a sopa de forma impaciente dentro da panela, deixando bem claro

que, apesar de tudo, ela era mesmo uma Dul'Maojin. – Para poder ter seu herdeiro novamente! Ela sempre achou que teria o filho sob controle dentro do Instituto, e as atitudes dele, dentro dos Portões Negros, sempre a deixou despreocupada em relação a não cometer o mesmo erro que Kandara. Ela sempre teve o cuidado de lembrá-lo do motivo pelo qual a querida irmã fora embora de casa: por ter se envolvido com pessoas inferiores. Por isso, desde sempre, os Dragões receberam liberdade para agir dentro do Instituto como bem entendesse. Eles são o produto dos planos de Kronar Dul'Maojin, e ela garantia que eles se sentissem a vontade com isso... Mas então, algo de errado aconteceu e você apareceu. Uma pequena pedra no caminho de Kronar, que precisou ser rapidamente removida. – ela pareceu se lembrar de algo e perguntou cortando o assunto. – Onde está a Pedra da Estrela?

Mesmo não entendendo de imediato, Garo-lin rapidamente colocou a mão no bolso onde estava a corrente e pegou o Pedaco de Almakia, com cuidado para não tocar na esfera de vidro.

— Quando ela soube que o filho havia pegado uma das relíquias da Família de Fogo e que a entregara nas mãos de uma vilashi, percebeu que precisava agir rápido. Expulsá-la do Instituto seria o mais fácil, mas precisava garantir que Krission não fosse atrás de você. Como matá-la de verdade, apesar de mais eficiente, era muito arriscado para a sua reputação, inventar uma morte falsa seria perfeito. Mesmo que depois tudo fosse descoberto, seria fácil atribuir a culpa aos mestres do Instituto que a obedecem cegamente. E, no tempo em que tudo acontecesse conforme planejara, ela trataria de colocar juízo na cabeça do filho. Garo-lin olhou para a esfera de vidro ao lado do seu pote de sopa que

esfriava intocada, e a pedra branca em forma de gota reluziu da sua maneira fraca.

— Não sei como você se sente em relação a isso vilashi, mas não se esqueça que fui eu quem cuidou de Krission desde que ele nasceu. Posso não ter sido uma mãe para ele, mas o considero como um filho que nunca tive. Ao vê-lo com o olhar perdido, como se alguma coisa tivesse se quebrado dentro dele, percebi que Kandara estava certa e você realmente é importante. Independente de tudo o que você sabe sobre os planos da Senhora da Capital de Fogo e da situação da sua vila, acho que está na hora de colocar seus sentimentos em ordem, porque os do Dragão de Fogo estão bem claros. – ela deu um grande suspiro e se levantou do seu lugar, apoiando-se na bengala. – Fique aqui esta noite e pense sobre isso, é a única forma de você ajudar a resolver algo no momento. Amanhã, Kandara com certeza terá uma solução para lhe dar.

E sem dizer mais nada, ela saiu, fechando a porta e deixando uma Garo-lin atordoadada para trás.

Capítulo 25

Garo-lin contra a Senhora da Capital de Fogo

A luz fraca do sol fez com que lentamente Garo-lin ficasse consciente de que já era de manhã. Ao perceber o corpo dolorido ela abriu os olhos e viu que havia dormido ali mesmo no chão, apenas com as costas apoiadas na cama.

Não comera, não conseguira pensar e muito menos lidar com tudo o que So-ren Dul'Maojin havia lhe contado. O cansaço misturado com o fardo de informações que recebera em um único dia foram o suficiente para fazer com que sua mente instantaneamente se apagasse e deixasse que seu corpo trabalhasse em descansar da forma que necessitasse.

Porém, acordar daquela maneira, agora sem o peso das coisas ditas na noite anterior que a esmagavam, fizera com que algo ficasse bem claro. O motivo de estar ali era exclusivamente um: sua vila. Daria prioridade apenas a isso e deveria avisar Kandara e todas aquelas outras pessoas qual seria a sua posição.

Então, pegou a esfera de vidro, enfiou-na de qualquer maneira dentro da sua mochila, colocou essa no ombro e saiu logo em seguida, decidida.

O pequeno quarto da senhora Dul'Maojin ficava no sótão do armazém que agora, com a luz do dia, já não parecia tão amedrontador quanto fora na noite passada. Conseguiu reconhecer

o caminho que deveria seguir facilmente e ao descer as escadas manejou uma chama de almaki para poder enxergar onde pisava. Porém, ao chegar perto das últimas estantes do seu caminho, ouviu vozes carregadas, que discutiam, e parou para prestar atenção. Então ouviu Kandara dizendo:

— E até quando teremos que esperar?! Quando já for tarde demais?!

— Não é seguro! – disse um dos almakins. – Temos que confiar no Dragão de Vento e conseguir o apoio dos piratas das montanhas. Só eles conseguirão se infiltrar e nos trazer informações sobre as Pedras Negras. Se nos metermos no Vale Interior agora, teremos que revelar quem somos. E não podemos simplesmente agir sabendo que eles têm algo tão perigoso que nos deixa indefesos.

— E enquanto isso vão deixar as vilas serem destruídas?! Só vão agir quando os piratas estiverem chegando às Capitais?!

— Não podemos fazer nada, Kandara. – tentou explicar outra mulher, tentando acalmá-la.

— Benar! É realmente isso?! – a herdeira exigiu saber.

— Meu pai está apoiando sua mãe, Kandara. – o Dragão de Vento usou um tom de quem pedia desculpa. – Se eu não agir com cuidado, eles irão descobrir e então não teremos chances alguma.

A herdeira parou por um tempo, respirando de forma furiosa, dando a entender que estava pensando muito rápido.

— Temos que contar para Garo-lin. – comentou a Dragão de Metal. – Ela veio até aqui esperando que nós a ajudássemos.

— O que aconteceu? Todos os olhares se voltaram para aquela que entrava carregando uma pequena chama de almaki na

mão, e que os encarava como alguém que previa que algo ruim havia acontecido.

— O que aconteceu?! – ela exigiu saber.

— Você está sendo caçada. – informou o Dragão Real e Garo-lin por um breve momento ficou espantada ao percebê-lo ao lado dos amigos.

— Minha mãe descobriu que você veio para a Capital de Fogo. – contou Kandara. – Ela não sabe onde você está, mas sabe que saiu da sua vila e que foi até Rotas. Ela deve ter dado ordens para vasculhar a cidade inteira, e como não a encontraram só existe um lugar para onde você pode ter ido.

— Como sabem disso? – ela perguntou, sentindo que havia muito mais por trás daquilo.

— Fomos avisados um pouco antes de o sol nascer, pelas esferas. – explicou a Dragão. – Foi decretado uma nova ordem em Rotas: será punida a vila do vilashi que for encontrado fora dos seus limites.

Não era preciso pensar muito para entender que aquilo era uma ameaça direcionada exclusivamente para ela: ou ia embora ou Godan seria punida. Era tão fácil lidar com vilashis.

Garo-lin apertou a mão que segurava a chama e a fez desaparecer.

Então deu as costas para todos e saiu correndo.

— **Garo-lin!** – Kandara tentou correr atrás dela, mas foi impedida pelo Dragão Real que se colocou no seu caminho. – Mas ela-

— Ela precisa fazer isso. – ele explicou sua atitude de forma simples.

Mesmo não sabendo se movimentar pela Capital de Fogo, ali havia uma ordem que a deixava segura da direção que estava tomando. Diferente do caos de ruas e desvios que havia em Rotas, a grande cidade tinha amplas ruas principais que levavam à um único lugar: o centro, onde ela encontraria o que procurava. Do alto da colina era possível ver a monumental construção que era o coração da Capital, e que só perdia em grandeza para o próprio Instituto.

Porém, nada preparara Garo-lin para o que ela encontraria quando chegasse perto desse prédio histórico, considerado o núcleo do poder dos almakins. As largas janelas que refletiam luz, as estátuas de antigos e importantes manejadores heróis dispostas por toda a fachada, as colunas que sustentavam um portal intimidador com o símbolo da Família de Fogo. Tudo isso fizeram a vilashi parar e fraquejar.

Com uma pressão esmagadora, pensamentos que diziam claramente que ela não era nada para estar pisando naquele lugar quase a fizeram dar meia-volta. Porém, havia algo borbulhando dentro dela que a enchia de coragem. Então, balançando a cabeça para espantar aqueles pensamentos e tirando o seu gorro para que seus cabelos pudessem dizer claramente quem ela era, Garo-lin marchou escadaria acima e entrou.

Atravessou o grande saguão de piso de mármore escuro, sem se deixar atemorizar pela sensação de estar invadindo um lugar sagrado de almakins. Apesar de ser somente a entrada do prédio,

uma vilashi como ela não podia evitar a se impressionar pela riqueza esbanjada na decoração.

Tentando não prestar atenção nisso, ela andou com seus passos firmes ecoando até um balcão onde havia uma moça e uma senhora formalmente vestidas, claramente na função de recepcionar e orientar visitantes. Então pediu, soando da forma mais intransigente possível:

— Quero ver a Senhora da Capital de Fogo!

A almakin mais nova lhe lançou o familiar olhar de aversão ao reconhecê-la como uma vilashi, e deu um sorrisinho de descrença, dizendo:

— A Senhora da Capital de Fogo é uma pessoa muito importante. Não é tão fácil assim falar com ela. – e então fez um sinal para dois homens de vestes negras, que se aproximaram com a intenção clara de a chutarem para fora.

Uma comichão em sua mão direita a instruiu rapidamente do que deveria fazer e, sem pensar muito, Garo-lin criou uma bola de fogo e a jogou em direção a uma mesa onde haviam vários jornais a disposição. No mesmo instante em que ela explodiu uma das confortáveis poltronas para espera, as chamas se espalharam pelos tapetes e outros móveis à volta. As pessoas gritavam apavoradas por não saberem o que estava acontecendo e os almakins de preto olharam-a abobados, sem saber o que fazer diante da vilashi que demonstrara aquele nível de poder almaki. Então Garo-lin olhou para as duas que se encolhiam atrás do balcão para se proteger e pediu novamente, sendo mais específica:

— Diga a Senhora da Capital de Fogo que quem está aqui é a falecida Garo-lin Colinpis e que quero falar com ela!

Ao passar pela grande e pesada porta de madeira, que por si só já dava uma amostra do que se encontraria lá dentro, Garo-lin não pôde evitar se impressionar e se esqueceu de tudo o que tinha visto desde a entrada. Pela primeira vez em sua vida a ostentação do Instituto pareceu algo simples e normal ao ser comparado com o que aquele lugar apresentava. Somente ali, naquela sala, devia estar reunida uma amostra de todas as riquezas acumuladas durante centenas de anos pela família Dul'Maojin. E, rodeada por toda aquela atmosfera opulenta, sentada atrás de uma mesa de mármore no que mais parecia um trono de veludo negro, estava a presença mais amedrontadora que ela já sentira na vida.

Foi com um afundar no peito que Garo-lin reconheceu naqueles olhos a mesma crueldade que ela enxergara no Dragão de Fogo durante seus anos no Instituto. Ao mesmo tempo, ela sabia que eles não eram apenas a origem da semelhança, como também de onde o Dragão tirara todo o exemplo para agir da forma intolerante como ele era. O sorriso amável conseguia camuflar o olhar carregado para os desavisados. E se Garo-lin não tivesse tanta experiência em reconhecer onde deveria procurar a verdade nas expressões dos Dul'Maojin, poderia facilmente ser enganada.

O que o Dragão Real lhe contara aquele dia na sua vila, e que fora reafirmado por Kandara e So-ren, ressoara em sua mente com um sentido concreto agora: a Senhora da Capital de Fogo era uma pessoa que via estratégias em tudo, e não hesitaria em usar seus próprios filhos para alcançar seus interesses. Kandara e Krission

Dul'Maojin foram criados para fazerem exatamente o que a mãe queria para eles, mesmo que isso significasse queimar seres inferiores como ela.

A Diretora Dul'Maojin, Senhora da Capital de Fogo, a encarou por cima de seus óculos de lentes finas e delicadas, deixando bem claro que não estava exatamente satisfeita com aquela reunião forçada e que tinha coisas mais importantes para fazer.

— Aos poucos ou finalmente? – a Diretora perguntou, mostrando que havia imaginado a possibilidade de ela aparecer ali exatamente como estava fazendo.

Apesar de sentir uma sensação de que ela tinha tudo controlado, Garo-lin não se deixou abalar. Aliando toda a coragem que encontrara em si com a consciência clara de que aquela mulher era capaz de incendiar sua vila inteira por motivos egoístas, ela respirou fundo e disse:

— Acabe com o cerco contra as vilas! Não importa para os vilashis se você tem ambição de controlar Almakia e os outros Domínios! Não temos poder para nos opor e não somos uma ameaça!

Muito tranquilamente, a almakin fechou o livro onde registrava anotações, organizou os documentos que estava verificando, largou sua caneta, retirou os óculos e os segurou nas mãos, olhando-a atentamente como se avaliasse as palavras ditas.

— Acha que considero as vilas uma ameaça? – ela perguntou por fim – Deveria ter se mantido humildemente no seu lugar, vilashi. – continuou, soando como alguém que não podia fazer nada a respeito. – Passar pelos Portões Negros já foi uma honra desmedida

entregue em suas mãos impróprias. Envolver-se com o Dragão de Fogo foi a pior afronta que você pôde fazer para a nós, almakins!

Garo-lin a encarou entendendo perfeitamente onde ela queria chegar e pensou melhor nas palavras que deveria usar. Mesmo estando decidida a defender sua vila, não podia simplesmente entregar pistas sobre o que a herdeira Dul'Maojin estava fazendo. Era evidente que a Diretora não conseguia ter uma noção de tudo o que ela sabia e que o crime pelo qual poderia acusá-la era somente um: fazer o Dragão de Fogo a defender diante de toda uma nova geração de almakins. Isso fora o cúmulo de tudo para a Senhora da Capital de Fogo, um escândalo sem precedentes, algo que não estava em seus planos. Se a Sociedade Almaki soubesse que o Herdeiro de Fogo fora contra todas as tradições da sua Família e se rebaixara ao ponto de defender uma vilashi, o Instituto e os orgulhosos almakins teriam a sua honra manchada. Uma vilashi conseguiria de alguma forma impensável com que a reputação secular dos Dul'Maojin desabasse.

E claramente, quem fora enganado e manipulado em toda essa história era o Dragão de Fogo. Isso era motivo suficiente para que todas as vilas fossem esmagadas sem piedade.

— Quer dizer que está fazendo isso por causa de algo que eu fiz?

— Se as vilas não existissem você não existiria, e não haveria problemas.

O sorriso cruel que ela estampou no rosto, e o olhar que dizia declaradamente que não se importava se seus irmãos e as outras crianças das vilas morressem de fome ou pelas mãos dos

piratas, fez aquele borbulhar dentro dela se intensificar de uma forma alarmante.

Era tão fácil assim para ela brincar com a vida de inocentes?

Bastava sentar atrás naquela mesa majestosa e agir como as consequências das suas atitudes fossem aceitáveis?

Percebendo que o silêncio dela era causado por uma avalanche de sentimentos que se condensavam, a diretora viu uma oportunidade perfeita e começou a desfiar sua teia:

— Há uma maneira muito fácil de resolvermos isso. – ela informou, mantendo toda aquela tranquilidade que só quem tem certeza de que está sob o controle da situação pode ter. – Podemos fazer um acordo aqui, nós duas.

— Um acordo? – Garo-lin conseguiu perguntar, sem esconder o tom de quem não acredita.

— Sabe que tenho influências, Garo-lin Colinpis. Infelizmente é com essa mesma influência que pessoas detestáveis como você conseguem entrar no Instituto. Da mesma forma, posso conseguir facilmente com que você e sua numerosa família vivam bem fora do Domínio de Almakia. Nunca mais terão que se preocupar com fome, ventos gelados ou com o que quer que seja que vocês vilashis se preocupam. Eu, Kronar Dul'Maojin, antiga Dragão, Diretora do Instituto Dul'Maojin e Senhora da Capital de Fogo posso garantir isso facilmente... Tudo o que peço em troca é que você me prometa uma coisa: irá se esquecer que um dia foi uma almakin e nunca mais irá se aproximar do meu filho.

Aquelas palavras atravessaram Garo-lin como se estivessem impregnadas de chamas de almaki. Como assim esquecer que era uma almakin? Todos aqueles anos que enfrentara calada dentro dos

muros do Instituto não podiam simplesmente desaparecer conforme a vontade dela. Todo o sofrimento que a sua vila estava passando não poderia ser facilmente ignorado.

O borbulhar atingiu um nível insuportável e ela apertou os punhos com força. Então, para evitar que seu almaki explodisse, ela transportou toda a sua indignação para palavras:

— Você é idiota?! Pensa que pode manipular só por que é uma droga de Dul'maojin e se sente superior a todos?! Não passa de uma criança pensando que o mundo é um jogo em suas mãos! Fique sabendo, grande Senhora da Capital de Fogo, que a absoluta Garo-lin Colinpis não tem medo de você e que se eu quiser posso até mesmo aprender o seu Segredo de Fogo!

— Quem você pensa que é para falar comigo dessa maneira insolente?! — ela se pôs de pé de forma violenta, arrastando sua cadeira e se desfazendo da sua máscara com o sorriso amável por completo.

— Não vivo para ser humilhada por pessoas como você! — Garo-lin gritou e ao mesmo tempo fez, sem movimento algum, a lareira ao lado da mesa da Diretora explodir em chamas vivas, assim como todos os porta-chamas espalhados pela sala, provocando aquele mesmo efeito de distorção no ar que o Dragão de Fogo havia usado contra os piratas.

Mesmo tendo se surpreendido com o nível de poder que ela deixava escapar junto com suas palavras e a maneira anormal como fizera, a diretora tentou se mostrar inabalável, estreitando os olhos para ela:

— Então não temos um acordo, vilashi.

— **Nunca!**

— Guarde bem essas suas palavras e se arrependa delas no futuro!

Sem aguentar mais ficar na presença dela, e sabendo que mais um pouco não conseguiria conter seu almaki, Garo-lin se virou e saiu, tendo plena consciência de acabara de fazer algo inimaginável, que mudaria totalmente o rumo da sua vida.

Tremendo da cabeça aos pés e não conseguindo pensar em nada ordenadamente, Garo-lin vagou pelas ruas desconhecidas da Capital de Fogo sem prestar atenção por onde andava. Tudo o que queria era ir o mais longe possível e se afastar das pessoas que passavam sem se darem conta de quem ela era ou do que tinha feito.

A princípio estava furiosa e nem um pouco preocupada com a direção que deveria seguir. Mas, depois de ter respirado bastante e ter colocado os nervos no lugar, toda aquela fúria de momentos antes ia tomando consciência e se misturando com arrependimento e temor. Uma sensação de insegurança a assolou e seus passos diminuíram. Foi quando percebeu que o céu estava escuro, se preparando para uma das tempestades inconstantes que aconteciam naquela região de Almakia, e se deu conta de que não fazia a mínima noção de onde estava ou como chegara ali.

Parecia ser um lugar dos limites da Capital de Fogo, como aquele em que pousara com a mombélula na noite anterior. Porém, ele era cercado por construções antigas e de aspecto abandonado,

que se erguiam de forma assustadora a sua volta e não lhe davam visão alguma da Colina para poder se orientar. Também não havia ninguém nas ruas, e aquilo era apavorante.

— Aaargh! – ela chutou a parede do muro ao seu lado e deitou a testa nele, como se o frio dali pudesse entrar na sua cabeça e ajudá-la a pensar no que fazer.

Um estrondo vindo de um beco logo a sua frente a fez ficar em posição de ataque, com a ideia imediata de que havia sido seguida pela Diretora Dul'Maojin. Mandar alguém dar um jeito naquela vilashi insignificante que atrapalhava seus planos não seria nada para aquela que tinha todo o poder de Almakia em suas mãos. E ela já estava oficialmente morta mesmo.

Felizmente, era apenas um gato que se espantara com ela e encontrara uma oportunidade de fugir correndo, derrubando algumas latas empilhadas no processo de pular por cima do muro da rua oposta. Agora, tremendo ainda mais com o susto, e percebendo cada sombra e mínimo movimento da rua com os sentidos aguçados pela sensação de perigo, ela não pôde dar mais nenhum passo. Tudo o que fez foi sentar ali mesmo, na beira da rua, e se encolher. Precisava parar e colocar tudo dentro dela em ordem ou ficaria acorrentada de forma permanente naquele estado de desorientação.

Não lembrava exatamente qual era a sua intenção inicial ao entrar no coração da Capital para falar com a Senhora da Capital de Fogo. Ingenuamente pensou que se conversasse e a fizesse ver que não era uma ameaça, ela colocaria um fim ao cerco contra os vilashis. Já não sabia explicar de onde tirara toda aquela coragem para gritar daquela maneira e muito menos como conseguira sair de lá sem uma única queimadura.

Havia praticamente assinado a sua sentença de morte ao perder o controle. Não deveria ter se deixado levar pela emoção, deveria ter conseguido um acordo, por mais impossível que pudesse parecer e então...

— E então me afastar como se nada tivesse acontecido? — ela murmurou, olhando fixamente para o chão.

Como se nada tivesse acontecido...

A ideia ressoou na cabeça de Garo-lin, deixando-a chocada.

Esquecer seria uma atitude tão egoísta quanto a que fora acusada pela Diretora Dul'Maojin.

No mesmo instante ela balançou a cabeça na tentativa de parar toda aquela enxurrada de pensamentos. Precisava refletir em tudo desde o começo, e não importava se estava no meio de uma rua deserta em algum ponto perdido da Capital de Fogo. Precisava voltar aos Portões Negros e tudo o que eles representavam na sua vida.

Desde que entrara para o Instituto Dul'Maojin, tomara consciência de que seus mestres apenas cumpriam formalidades, nem um pouco preocupados com ela como pessoa. Se adaptar e aprender a viver em um lugar completamente diferente da sua calorosa vila, onde todos se conheciam e se tratavam bem como uma grande família, fora muito difícil. Isso criara nela uma casca de proteção que só percebera que possuía há pouco tempo. Depois, ao conhecer Kidari e pela primeira vez dentro daqueles muros voltar a ser a verdadeira Garo-lin com alguém, era como se libertar de uma prisão. Quando teve seu mundo desabado ao enfrentar os odiosos Dragões, nem imaginava que com isso descobriria que eles eram feitos de muito mais do que o puro orgulho de Almakia. Que, em

verdade eram um grupo de amigos, que cresceram juntos e tinha seus próprios problemas diante do título que carregavam desde muito cedo.

Como esquecer que Sumerin Gran'Otto era capaz de se desfazer de todas as suas vestes pomposas de Dragão de Metal para se juntar a almagins inferiores em uma construção simplesmente por adorar o que fazia? Como esquecer que Benar Sfairul estava se arriscando entre os Piratas das Montanhas, indo contra seu próprio pai, para ajudar a acabar com o cerco contra os vilashis? Como esquecer que Vinshu Zawhart a curou tantas vezes com seu Segredo de Família? Como perder aquela visão que ela tinha do Dragão Real sorrindo gentilmente para ela? E, o pensamento que a esmagava: como se afastar do Dragão de Fogo, o almagin que ousou enfrentar todas as certezas absolutas que tinha para encará-la como uma igual?

Ela se lembrou do soco que dera em Krission Dul'Maojin. Como toda aquela raiva que sentia contra ele naquele momento a fez agir de forma imprudente e que mesmo assim ele a salvara do lago ao invés de simplesmente deixar morrer afogada como castigo pela ousadia. Como ele lhe ensinara a evoluir seu almaki. Mesmo não sendo um mentor paciente, fez por ela o que nenhum de seus mestres no Instituto ousaram fazer.

Quando estiveram em Rotas, em um dia que parecia totalmente fora da sua realidade, ele a conduziu por aquelas ruas mostrando coisas que nunca esperava conhecer na vida. Do seu jeito teimoso, lhe deu aquele livro que ela nunca largava e estava sempre dentro da sua mochila.

Também a levou para a sua vila e deixou de lado todo o seu ar supremo de Dragão de Fogo para se juntar à vilashis em uma comemoração. E, além disso, teve as explosões coloridas que fizeram juntos, onde pela primeira vez ela pôde se orgulhar de ser uma almakin.

Manejar fogos coloridos só foi possível por causa dele. Depois, quando aconteceu aquele incidente com os piratas, ele fora atrás dela, sem duvidar um momento sequer se estava fazendo o certo. Pela primeira vez na vida se deixou ferir por aqueles que aprendeu a ignorar, e tudo por causa dela. Garo-lin se lembrou do resultado de tudo isso: o pedido dele para que ficasse sempre onde ele pudesse ver. E então a compreensão de que a esfera que ganhara servia para esse propósito.

De como ele a salvara dos alunos do Instituto, os enfrentando sem medo algum e perdendo a admiração deles sem hesitar. Sem nem ao mesmo pensar que essa atitude, mais do que todas as outras que tivera até então com ela, pudesse colocar em risco toda a sua reputação de Dragão de Fogo.

Do Pedaco de Almakia, a forma que ele encontrara para dizer que eles tinham algo em comum...

Mesmo assim, ele ainda era o Dragão de Fogo: impulsivo, orgulhoso e idiota.

Não importava se a herdeira Dul'Maojin, os Dragões e So-ren lhe diziam que ela era aquela que poderia mudar o futuro daquele que ditaria os rumos de Almakia. Um Dragão não podia valer por toda a sua família, sua vila e os vilashis. Todo o sofrimento deles não podia ser justificado por uma mudança de atitude de uma única

pessoa. Seria aceitável tornar o Domínio um lugar melhor com o sofrimento de tantos?

— Definitivamente *não*. — ela murmurou, frisando mentalmente que nunca se perdoaria se deixasse isso acontecer.

Agora, Garo-lin se dava conta de que tivera uma oportunidade perfeita para colocar as coisas em ordem. Bastava ter engolido aquela raiva que borbulhava dentro de si, não ter gritado aquelas coisas e aceitado a proposta da mãe do Dragão. Se não tivesse sido tão obsessiva com a ideia de estar sendo manipulada, poderia ter enxergado que aquela realmente era a maneira perfeita de resolver todos os problemas. Desde o mais básico — ela ser uma almakin inútil dentro do Domínio — ao cerco de sua vila.

Poderia ter negociado. Poderia ter pedido uma oportunidade de convencer todos os vilashis a saírem de Almakia. Ela conseguiria isso facilmente se tivesse o apoio da Senhora da Capital de Fogo. Os vilashis não mereciam estar entre os conflitos e disputas dos almakins, sendo abatidos por eles.

Era simples! A única coisa que ela teria que fazer em troca de conseguir tirar todos os vilashis do Vale Interior para que não se envolvessem em algo do qual eram inocentes, seria apenas esquecer e voltar a viver normalmente em outro lugar. Esquecer que era uma almakin, esquecer do Instituto, esquecer dos Dragões, esquecer Krission Dul'Maojin e tudo o que ele tinha feito para ela.

— **Garo-lin!**

Ela congelou ao ouvir aquela voz e o eco dela chamando-a.

Levantou em um pulo e olhou para as esquinas desertas. Logo pôde identificar de que lugar vinha os passos corridos que

ouvia, e não demorou para que quem tinha gritado aparecesse diante dela.

No começo da rua, ofegante e decomposto como nunca estivera antes, estava Krission Dul'Maojin, parecendo ter corrido por toda a Almakia para chegar até ali.

— Te encontrei! – ele disse, sorrindo aliviado.

Garo-lin sentiu o peito apertar e imediatamente todos os seus pensamentos de momentos atrás pareceram absurdos e completamente sem sentido.

Porque, de todas as coisas ruins que haviam acontecido naquele tempo em que havia se jogado em um buraco de desânimo, somados à opressão na sua vila, ver o Dragão de Fogo assim, aparecendo repentinamente, fazia-a ter um pressentimento de que tudo poderia acabar bem se ficasse ao lado dele. E sem se dar conta, seus olhos se encheram de lágrimas.

Quando Dul'Maojin percebeu que a vilashi chorava, deixou de recuperar o fôlego e correu até ela, abraçando-a:

— Não importa o que aconteceu, Garo-lin! Eu não vou deixar que... – ele não terminou porque percebeu que ela não ouvia.

Garo-lin apenas o apertava com força, enterrando o rosto no casaco dele, chorando tudo o que tinha contido até agora para poder se fazer de forte.

Capítulo 26

O rumo que devemos seguir

— Como sabia que eu estava aqui? – Garo-lin perguntou, depois de finalmente conseguir controlar o seu choro.

— Tem certeza que está bem? – o Dragão perguntou preocupado, não sabendo o que fazer caso ela começasse a chorar mais uma vez.

— *Hum.* – ela afirmou fungando.

Garo-lin não sabia explicar direito o que a induzira a se agarrar nele daquela maneira e chorar sem controle. Só estava imensamente grata por toda aquela sensação de aprisionamento ter passado junto com as lágrimas, e agora se sentia aliviada de uma forma que há tempos não lembrava como era estar.

Assim que um raio riscou os céus e o vento úmido da chuva que começava veio soprando, o Dragão a puxou para debaixo de um coberto de um dos prédios fechados, resmungando algo sobre ela se molhar e espirros.

— Nu’lian me avisou. – ele contou, apontando para a esfera que trazia consigo no pescoço. – Eu a tinha largado em um lugar, e de repente todo o meu quarto estava inundado. Ele falou que se eu demorasse mais um pouco ele teria inundado todos os andares para conseguir chamar minha atenção. Ele me contou sobre você e de onde achava que você tinha ido. Então fui correndo para lá e na entrada ouvi as pessoas comentando sobre uma vilashi que invadira

exigindo falar com a Senhora da Capital de Fogo e que havia saído derrubando tudo.

— Mas... Como me achou aqui? Não faço nem ideia de que lugar é esse.

Ele olhou sem jeito para o chão e tentou explicar:

— *Rusnância*.

— O quê?

— Isso! – ele pegou a esfera e se mostrou um pouco irritado em ter que explicar. – Sou capaz de sentir seu almaki com isso!

Ela apenas o encarou sem saber o que dizer.

— Quando... Quando eu achei que... Por causa daquele incêndio... Eu não consegui sentir, então...

Ressonância, a ideia veio clara na cabeça de Garo-lin. Era assim que aquela esfera funcionava. Precisava haver comunicação por duas vias, e uma pessoa precisava reconhecer o almaki da outra.

Ela pensou nos dias que passara viajando e de como nem conseguia lembrar direito do que havia acontecido, como se durante todo aquele tempo tivesse ficado inconsciente e uma força misteriosa se responsabilizara em levar seu corpo de volta para Godan. Mesmo se o Dragão tivesse tentado a contatar, por mais que ela às vezes se lembrasse da esfera, seria inútil diante da total falta de vontade própria que sua dona emanava, que praticamente enterrara seu poder depois de ser expulsa.

Agora ali, andando furiosa pelas ruas, emanando almaki daquela forma estranha como se tudo o que acumulara durante esse tempo viesse à tona, é claro que a sua esfera sofreria influência mesmo estando bem guardada.

— Você está viva! – ele disse sorrindo, como se fosse a melhor coisa que já houvesse acontecido.

Garo-lin sentiu que todo o chão por debaixo de seus pés sumia diante daquele sorriso e por um momento o barulho da chuva pareceu algo muito distante.

— É claro que estou viva. – ela resmungou, tentando voltar ao seu estado normal e ignorando que de repente respirar se tornara mais difícil.

— Sempre estive!

E foi a vez dela de contar o que havia acontecido.

Diferente das outras vezes em que contara sobre sua expulsão, dessa vez Garo-lin se concentrou em contar de forma detalhada, como se isso pudesse fazer o tempo passar mais devagar e ela pudesse prender por mais um pouco aquela sensação de alívio que o Dragão trouxera.

Enquanto a chuva começava de maneira torrencial, quase abafando a sua voz, ela falou sobre os piratas cercando a sua vila, sobre como conseguira sair e ir até Rotas atrás de ajuda. De como encontrara Kinaito e que ele e a Dragão de Metal a trouxeram até Kandara... Porém, parou nessa parte. Dizer mais do que isso implicava em contar ao Dragão que sabia sobre os planos da Senhora da Capital de Fogo. Mas, como nada lhe ocorreu para disfarçar a situação, o seu silêncio repentino foi o suficiente para que Dul'Maojin desconfiasse de que ela estava escondendo alguma coisa.

— Não vou mais voltar. – declarou sério.

— Voltar para onde?

— Para o Instituto, para casa.

— Co-como assim?

— Foi minha mãe que fez isso, não foi? O incêndio, sua expulsão, os problemas em sua vila... Por que outra razão uma vilashi iria até a Senhora da Capital de Fogo explodindo coisas pelo caminho?

— É... Eu explodi. – ela concordou sem poder evitar agora imaginar a cena e pensar no quanto era bizarro ver uma vilashi destruindo o saguão de entrada do prédio mais importante da Capital de Fogo. – Vou ser banida de Almakia por isso.

— Acha que só por isso?

— Eu acho que explodi a lareira do escritório da sua mãe também... E os porta-chamas dela.

— É, os porta-chamas eram feitos de cristal... Mas, você fez algo muito pior!

— O que é pior do que ter chamado a Senhora da Capital de Fogo de idiota?

— Você socou o meu nariz, não lembra?! Quantas vezes já me chamou de idiota também? E eu fiquei bem ferido daquela vez que precisei ir atrás de você por causa dos piratas! Se Garo-lin Colinpis deve ser expulsa de Almakia, cabe a pessoa mais prejudicada por ela fazer isso, ou seja, o absoluto eu!

Ela sorriu, se escorando na parede atrás de si. Por terrível que a sua situação estivesse com a Senhora da Capital de Fogo, as acusações do Dragão de Fogo eram ainda piores.

— E como se não fosse o suficiente, essa vilashi agora está fazendo o absoluto Dragão de Fogo largar o seu título.

O sorriso de Garo-lin desapareceu.

— Agora eu sei porquê Kandara saiu de casa. – ele a imitou escorando as costas na parede. – Não preciso dos Dul'Maojin, posso

muito bem ser só o Krission. Chega de ser o Herdeiro, o Guardião de um Segredo e o Dragão de Fogo!

— Não pode ser fácil assim desistir. – disse Garo-lin, chocada.

— Por que essa cara de espanto? É tão difícil de acreditar que eu posso largar tudo isso?

— É que... Você é o Dragão de Fogo.

E sempre fora. Imaginar ele fora desse contexto era como imaginar um dia sem sol.

— Então, de agora em diante, é bom começar a rever seus *direitos*.

— ...conceitos?

Ele a encarou confuso e então entendeu que ela o estava corrigindo.

— Você entendeu o que eu quis dizer!

Se segurando para não rir do embaraço dele por conseguir quebrar todo o efeito do que ele pensava ter sido um grande discurso, ela tentou o fazer voltar à realidade:

— Não é simples assim. Você não pode chegar e dizer que não é mais o Dragão de Fogo e esperar que todos aceitem.

Dul'Maojin olhou para a chuva por um tempo. Era claro que ele sabia que realmente não era fácil, mas gostaria muito que fosse.

— Sabe... – Garo-lin começou. – Nunca gostei de vocês como Dragões. Eram grandes demais e esmagavam os outros. Eu era aquela que estava lá embaixo, na pior das situações. Ainda assim, esses mesmos Dragões parecem ter aprendido tanto quanto eu que quem cria as diferenças somos nós... Um Dragão sábio me ensinou isso.

— Ah, é? E que é esse Dragão sábio? O Nu'lian?

— Um arrogante e metido a besta chamado Krission Dul'Maojin, conhece?

— Ah, *esse* Dragão.

— Eu posso não ter entendido daquela vez, mas agora eu vejo. Se os Dragões são aqueles que irão ditar o rumo de Almakia, vamos estar muito melhor seguindo o rumo de Dragões que pensam que somos todos iguais... Agora, se Almakia perder o seu Dragão de Fogo, qual rumo vamos seguir?

— E um Dragão deve pensar em Almakia e não apenas em si. — ele recitou. — Kandara me disse isso... Só que, pelo menos uma vez, eu queria pensar mais em mim do que em Almakia.

Garo-lin escutou aquele desabafo como um eco de algo dentro de si mesma. Alguma vez, por mais breve que seja, já pensara nela sem algum tipo de ligação com a sua vila?

A chuva parou, de forma tão rápida como havia começado. Com isso também veio à lembrança de Garo-lin que, por mais que quisesse parar o tempo, ele não podia ser contido.

— O que pretende fazer agora? — perguntou, sem muita certeza sobre o que ela própria deveria fazer.

Ele encolheu os ombros em uma resposta negativa:

— Ficar aqui sem ter que voltar seria bom.

— Mas precisamos voltar. — ela foi racional. — É melhor enfrentarmos os problemas do que deixar que se acumulem. Não quero mais fazer isso.

— Então, acho que precisamos falar com Kandara.

— Seria um começo.

— Por onde que se volta?

— Não sei. Não moro aqui.

O Dragão olhou de um lado para o outro da rua, como se agora reparasse que não sabia onde estava, e inquiriu:

— Como veio para um lugar que não conhecia, idiota?!

— Como alguém que nasceu aqui não sabe onde está?!

— Não preciso conhecer cada canto inútil dessa cidade!

— Eu nunca tinha vindo nessa cidade antes e consegui chegar muito bem ao centro, e sozinha!

— Qualquer um consegue chegar ao centro sozinho! Não se vanglorie por pouca coisa, vilashi!

Garo-lin estreitou os olhos, ajeitou a mochila no ombro e saiu de debaixo do coberto enfrentando os poucos pingos perdidos de chuva que ainda insistiam em cair.

— Ei, aonde você vai?! – Dul'Maojin correu atrás dela.

— Se consegui chegar aqui sozinha posso muito bem sair sozinha sem depender de Dragão nenhum!

— Vamos por esse caminho! – ele agarrou a mão dela e a puxou consigo para o lado contrário ao que estava indo.

— Me solta! – ela exigiu, mas se deixou levar.

Mesmo sabendo que nunca admitiria isso ao Dragão, discutir com ele daquela maneira era a melhor coisa que lhe acontecera desde que fora expulsa do Instituto.

Depois de andarem um bom tempo sem saberem para onde iam e não conseguirem se esconder de mais uma pancada de chuva, Garo-lin finalmente decidiu que deveriam pedir informações. Para

isso vestiu seu gorro e tratou de olhar para o chão enquanto falava com as pessoas. Descrevendo como era o armazém, pedindo em um comércio ou outro, logo ela conseguiu avistar os grandes muros e o portão de ferro de correr pelo qual tinha saído naquela manhã. Assim, ela e o Dragão conseguiram chegar em segurança até o esconderijo de Kandara e So-ren, mas não foram recepcionados com uma saudação calorosa e apertada como era de se esperar da herdeira Dul'Maojin.

Mal abriira o portão, Kandara os puxou para dentro, verificando pelo arredor se alguém os vira entrando. Então trancou a porta e os fez correr para dentro do armazém sem dizer nada. Somente lá dentro, os levando para os fundos, no que parecia ter sido uma sala de processamento e que fora adaptada para uma cozinha improvisada, é que ela respirou aliviada e abraçou os dois com força, murmurando:

— Que bom que conseguiram voltar!

— O que aconteceu? – Garo-lin perguntou preocupada, mas não recebeu uma resposta.

Kandara se afastou, como alguém que por um momento havia parado o que estava fazendo e precisasse voltar urgentemente a ele, e no mesmo instante os Dragões apareceram. De repente, uma massa compacta de cabelos verdes cobriu toda a visão de Garo-lin.

— **Gaaaaaaro!** – quase chorou Kidari, a abraçando forte. – **Não morrer!**

— Não a aperte assim, kodorin! – So-ren apareceu na cozinha dando a bronca e indo direto para o fogão a lenha ao fundo, fazendo o fogo que quase se apagava aumentar de repente.

— So-ren?! – perguntou Dragão surpreso. – Não estava na Capital Real?

— Estou onde Kandara está. – ela respondeu simplesmente, deixando bem claro que não queria falar sobre isso e que tinha muita coisa para fazer.

— Solte-a, princesa. – pediu o Dragão de Raio que entrara logo depois dela, pacientemente puxando-a para que se desagarrasse da amiga.

Mesmo relutante, ela a soltou, mas ficou ao seu lado segurando discretamente um pedaço de sua roupa para garantir que a amiga não voltasse a desaparecer.

— Sumerin e Benar nos explicaram o que aconteceu. – Zawhart contou para o Dragão líder. – Chegamos da Capital Real logo no começo da manhã depois que Nu'lian nos avisou o que estava acontecendo. Ele também disse que a vilashi o traria de volta, mas não acreditei que fosse realmente possível. – então perguntou diretamente para a mencionada, com um tom de total descrença – Como conseguiu enfrentar a Senhora da Capital de Fogo?

— A deixe pelo menos tirar a roupa molhada, menino de raio! – ralhou So-ren, empurrando Garo-lin e o Dragão de Fogo para um banco perto do fogão a lenha, onde algo já borbulhava dentro de uma panela de ferro, e cobrindo a cabeça dos dois com toalhas que pegara em um armário.

— Usou o seu Segredo? – Dul'Maojin perguntou preocupado para Nu'lian.

Garo-lin olhou de um para o outro e percebeu o mesmo olhar carregado do Dragão de Fogo nos outros Dragões. Pelo pouco que sabia sobre o Segredo do Dragão Real, o que já era demais para

alguém como ela saber, era que ele tinha essa capacidade de ter a certeza das coisas.

Como, exatamente, Nu'lian Gillion sabia disso, não podia nem imaginar. Porém, o modo de agir deles mostrava que o que o amigo fizera não foi simplesmente dizer o que ia acontecer com certeza, mas algo muito maior.

E, apesar da sua grande vontade de descobrir mais sobre aquilo, ficou calada guardando para si todas as perguntas para fazê-las em um momento oportuno. Um dia, ela-

— *Atchiiin!*

Todos lançaram olhares assustados para Garo-lin.

— Desculpe-me. – ela fungou, esfregando o nariz e tentando retomar o fio do seu pensamento. Então olhou em volta, percebendo algo estranho – Não destruí nada?

— Ela não destruiu nada! – o Dragão de Fogo repetiu surpreso, indicando-a para os amigos, como se fosse alguma criatura rara.

— Eu-eu estava pensando e... – ela não conseguiu terminar, incerta sobre o que dizer.

— Já fez um grande estrago por hoje, vilashi. – Dul'Maojin esfregou a toalha que ela tinha na cabeça. – Se quiser destruir as coisas com espirros precisa comer.

— Não quero destruir mais coisas! – ela tentou o parar.

— É. Parece que ela não só trouxe o Kris de volta, como finalmente resolveu aceitá-lo. – a Dragão de Metal comentou sorridente para os outros, diante da cena dos dois.

— Nã-não é nada-

— Como se o absoluto eu precisasse ser aceito. — ele replicou, passando um braço a volta do pescoço dela e a puxando bruscamente para perto de si.

Mesmo não estando exatamente contente com o modo do Dragão se exhibir para os amigos usando-a daquela forma, dessa vez Garo-lin o deixou. Estar ali, com Kidari e os Dragões reunidos, rindo por uma coisa pequena como aquela, parecia ser algo que todos estavam precisando e que já algum tempo não faziam.

Mas, ao ver o sorriso velado do Dragão Real e percebendo que seus olhos azuis não refletiam o mesmo que seu rosto, teve uma sensação ruim, como se algo pesado tivesse cravado em seu peito.

— Eu não disse, Shion! — exclamava Kidari para o seu gato, como se ela finalmente tivesse conseguido reunir provas suficiente para mostrar a ele algo que há tempos vinha tentando provar. — Garo está bem! Todo o tempo eu *sabo* disso!

Mas o gato apenas se limitou a lhe dar as costas e a voar para o lugar mais alto possível que havia ali, e então se enroscar em suas asas, definitivamente se escondendo.

— O que ele tem? — Garo-lin perguntou baixinho para a princesa, vendo que o modo como ele agia estava além do seu desinteresse habitual, já que ele parecia estender isso até mesmo para Kidari.

— Com ciúmes. — ela deu um grande suspiro e se sentou na cama de So-ren.

Garo-lin estava apenas terminando de tomar a sopa fumegante quando Kandara voltou até onde estavam e convocou os Dragões para uma reunião. Sem saber direito o que fazer, ela ficou quieta no banco, observando, mas o Dragão de Fogo segurou a sua mão e estava prestes a levá-la junto quando foi impedido por Soren:

— A vilashi e a princesa ficam. – ela foi imperiosa, o forçando a se soltar dela.

Então logo depois a senhora mandou as duas subirem e esperarem no pequeno quarto, até que fossem chamadas.

Mais uma vez Garo-lin teve um pressentimento ruim, que se juntou à todas as outras impressões anteriores de que algo errado estava acontecendo, e ficou calada. Sabia que não iria ter nenhuma resposta agora, mas com certeza faria o Dragão de Fogo contar-lhe assim que pudesse.

— Como assim com ciúmes? – ela perguntou para a amiga já que pensava que a única coisa que o gato sabia fazer além de respirar e ser esnobe, era proteger a Princesa de Kodo.

— Eu contei que gosto, mas ele não gosta que eu goste.

— Como assim?

— Shion disse que não posso fazer isso. Que ninguém vai gostar de saber e que não é certo.

— Não é certo? Espera. Do quê exatamente você gosta?

— Lembra Garo disse que quando gostamos temos que falar?

Garo-lin lembrou vagamente de uma conversa que tivera com a princesa na sua vila, e que parecia ter acontecido há anos atrás:

— Acho que sim.

— Kidari disse que gosta.

— Gosta de o quê?

— Do Vinshu.

— Gosta do... O quê?! – Garo-lin não conseguiu entender e tentou descobrir se ela estava usando as palavras de forma errada. – Como assim gosta? Gosta de gostar?

A kodorin a olhou com uma expressão confusa e não soube responder.

— O que exatamente você falou para o Dragão de Raio, Kidari?

— Kidari gosta quando Vinshu lê. Vinshu é muito inteligente. Sabe o que se deve fazer e fala coisas certas. – ela contou de uma forma feliz, com um tom de orgulho e olhos brilhando.

Garo-lin simplesmente a encarou, vendo a forma encantada como ela falava sobre o Dragão, não conseguindo fazer aquela novidade se encaixar na sua realidade.

— Você não tinha medo dele? – ela perguntou por fim, depois de revisar toda a situação de mentor e protegida dos dois e não conseguindo encontrar lógica no fato.

— Ainda ter medo dele... Mas... Medo também é gostar.

Garo-lin olhou para o gato, que havia disfarçadamente tapado as orelhas, como se quisesse evitar ouvir aquela conversa.

— Kidari gosta do Vinshu, igual Garo-lin gosta do Krission.

— Eu não gosto dele! – ela negou rápido, reagindo como uma acusada.

Kidari riu e contou:

— Vinshu fez rosto assim igual Garo quando eu contei que gosto.

— E o que ele disse? – ela puxou o assunto, para disfarçar o seu embaraço com a afirmação anterior da amiga.

— Ele fez ficar assustado e depois disse que eu não saber o que estava falando.

— Então ele ignorou. – Garo-lin concluiu, sabendo que esse era exatamente o modo como o Dragão de Raio agiria diante daquilo.

Kidari pareceu magoada com isso, dito de forma tão direta e certa. Porém, também demonstrou que era algo no que já havia pensado e chegado a uma conclusão:

— Mas Kidari disse que gosta e ele já saber... E ele não dizer não.

Havia um inconfundível tom de esperança na voz dela, que Garo-lin não teve coragem de extinguir. Talvez o que Shion estivesse sentindo, não era exatamente ciúmes, mas o mesmo que ela: a total incapacidade de fazer a princesa enxergar que era impossível.

Mesmo conhecendo a kodorin há pouco tempo, Garo-lin sabia que ela era verdadeira em falar o que sentia e não guardava só para si o que pensava. Ela tinha o *sorrir como nós mesmos* dos vilashi, da forma mais natural que já vira. Agora, esse não era exatamente o problema. Se Kidari gostasse tanto de alguém, quem era ela para ir contra?

Entretanto, na outra parte desse gostar estava o frio Dragão de Raio, o total oposto dela. Apesar de ele agir de forma paciente com a Princesa de Kodo, Garo-lin sabia que isso era somente devido ao fato de ela ser importante. Caso não fosse, ele continuaria agindo como se a kodorin apenas ocupasse espaço no mundo, exatamente como ele fazia quando fora nomeado mentor dela. Se Kidari o

fizesse chegar ao máximo da sua irritação, o que não era difícil conforme a personalidade dela, Garo-lin tinha medo do quanto ele poderia ser cruel e do tamanho da ferida que causaria.

— Kidari...

— *De?*

— Nada. – ela desistiu de continuar, com um suspiro.

— É verdade que Garo foi até a Diretora do Instituto?

— Fui.

— O que aconteceu?

Garo-lin contou para ela exatamente o que acontecera. Kidari não era um Dragão e não tinha nada que a ligasse com a Senhora da Capital de Fogo. Então, ao invés de ficar horrorizada com as coisas que ela teve audácia de dizer para a Diretora, a kodorin riu com vontade. E a vendo rir, ela se deixou enganar um pouco, pensando que realmente fora uma cena engraçada, e que não teria grandes repercussões na sua vida... Mas, não era tão fácil e logo seu riso desapareceu.

— Ela vai me matar de verdade agora, Kidari. – contou o que pensava – Antes ela não tinha nada diretamente contra mim, e se fizesse algo teria que dar explicações aceitáveis depois. Mas, agora eu não só a insultei como a desafiei. Não precisa de mais motivos do que isso para acabar comigo.

— Garo não tem sossego... – a princesa comentou.

— Acho que desde o meu primeiro espirro nunca tive.

— Krission vai proteger! – ela tentou lhe mostrar que havia algo ao que se agarrar.

Aquela afirmação a deixou chocada. Não havia como negar que era exatamente isso, que o Dragão iria tentar fazer, mas...

Alguém a protegendo? Sempre estivera sozinha e não sabia se iria suportar que alguém a protegesse. Quando ele a defendeu dos alunos no Instituto a situação era outra, já que os Dragões voltaram de repente.

Junto com esse pensamento, veio-lhe à mente aquela promessa antiga que tinha feito a Kandara. Em que ela pediu que cuidasse do irmão e não o deixasse se perder... Será que era nisso que a herdeira havia pensado? Ela se tornar a pessoa que ele devesse proteger?

— O que isso?

Uma movimentação e vozes alteradas começaram no andar de baixo e Shion se levantou no mesmo instante e voou até a dona, olhando fixamente para a porta. Logo passos apressados foram ouvidos, vindo naquela direção e Garo-lin ficou de pé não sabendo o que esperar.

— Temos que sair daqui! – Kandara abriu a porta com violência. — **Agora!**

O plano da herdeira Dul'Maojin era simples. Haveria uma mombélula onde estariam Garo-lin, Kidari, Kinaito, So-ren, e os Dragões de Raio, Metal e Água. Os outros partiriam em mimbélulas tomando várias direções. Sumerin Gran'Otto, a melhor condutora do grupo, deveria guiar a sua mombélula como se estivessem voltando para Rotas, e no meio do caminho mudar o curso para a região antes dos Altos Vales Rochosos, nas ruínas perto dos cânions. Seria um caminho mais longo, mas serviria para despistar perseguidores.

Segundo o que fora lhe explicado rapidamente antes de saírem, a fúria de saber que seu herdeiro havia fugido para ir atrás da vilashi que a insultara era tanta, que Kronar Dul'Maojin movimentara toda a Capital para localizá-los. Não fora difícil já que, enquanto Garo-lin pedia informações para tentar voltar até o esconderijo, não se atentara para o fato de que mesmo estando disfarçada, o Dragão de Fogo não era exatamente um perito nessa área. Apesar de ele não ter aberto a boca em nenhum momento ou mesmo se aproximado, as pessoas sabiam reconhecer um Dul'Maojin. E como no momento só havia um Dul'Maojin da idade dele, não era difícil perceber que só poderiam estar diante do Dragão de Fogo.

Kinaito contara depois na mombélula que eles não tinham a intenção de ficar ali mais um dia mesmo, e que a grande sorte fora que Kandara também tinha informantes espalhados pela cidade que lhe avisaram do que estava acontecendo imediatamente. Mesmo assim, Garo-lin se sentia culpada pelo seu descuido. Afinal, todos eles estavam tentando ajudá-la e tudo o que ela fez foi denunciar onde grupo estava na Capital de Fogo. E apesar de Kandara, os Dragões ou mesmo So-ren e o kodorin não a culparem, ela não podia dizer o mesmo dos outros almakins que estavam com eles. Pôde perceber isso quando o Dragão Real veio até ela antes que pudesse subir na mombélula e decretou da sua forma delicada:

— Se tentar se culpar por isso acabo com você, vilashi! – e então pediu para o Dragão Real, mesmo que a contragosto. – Cuide dela enquanto eu não estiver por perto.

Nu'lian apenas concordou com um aceno de cabeça e a ajudou a subir na mombélula. E então antes que o sol se pusesse

por completo todos partiram.

Apesar de se sentir irritada por receber uma ordem daquela forma do Dragão de Fogo, Garo-lin também estava preocupada com o fato de terem que se separar. Aquela sensação de alívio de quando o encontrara pela manhã desaparecera e cedia espaço para que somente aquele pressentimento ruim ficasse. E foi quando ela se deu conta de que aquilo não poderia ser uma simples fuga por terem sido descobertos.

Quando já estavam longe da claridade da Capital de Fogo, encontrando uma oportunidade, resolveu perguntar para o único que ela sabia que não esconderia a realidade:

— O que exatamente aconteceu, Nu'lian?

Shion voltou suas orelhas para eles, mesmo mantendo os olhos fixos para a frente escura, farejando o ar.

O Dragão olhou a volta por um momento, como se avaliasse as várias situações que poderiam acontecer caso ele lhe dissesse, e então contou de forma simples:

— Estamos tomando um rumo.

Capítulo 27

O preço a se pagar

Mesmo redescobrimo mais uma vez toda a aversão que tinha em voar em uma mombélulas – de forma intensificada por não conseguir enxergar o caminho que seguiam –, Garo-lin se esforçou ao máximo para não se deixar levar pelos protestos do seu corpo e poder ficar atenta. Sentada ao fundo da cabine, mais afastada dos outros, ela prestava a máxima atenção ao que o Dragão Real lhe contava.

Ainda parecia difícil para ela compreender como as coisas haviam corrido em Almakia naquele tempo em que ficara na sua vila. E, ao mesmo tempo, tudo se encaixava tornando possível montar um panorama com as peças que já tinha em mãos. Agora, era capaz de entender a frustração que Kandara sentia a ponto de perder totalmente a sua vitalidade de uma hora para a outra: sua mãe conseguira pensar à sua frente, e os deixaram quase sem saídas.

O Dragão disse que não era como se eles quisessem esconder o que estava acontecendo, mas sim que o fato de ela estar viva era uma novidade com a qual não contavam e que isso os obrigava a repensar algumas certezas. Ele contou que Kandara havia planejado lhe expor tudo naquele dia de manhã, mas que a sua saída repentina para encontrar a Senhora da Capital de Fogo e o seu retorno com o Dragão foram o estopim que a obrigara agir rápido. Claro que o fato da vilashi ter trazido o irmão dela de volta fora algo decisivo, um trunfo com o qual a Diretora Dul'Maojin não contava.

Mais do que ter o apoio dos Dragões, o que precisavam era ter todo o poder que somente o Dragão de Fogo poderia exercer em Almakia. Poder esse que a própria Diretora tinha cultivado e que via como certo nos seus planos. Exatamente como Kandara já havia percebido – desde que encontra com o irmão durante a incumbência na Fortaleza –, Garo-lin era um fator desconhecido pela mãe. Quando percebeu que havia algo errado e começou a monitorar os passos do filho, já era tarde demais. E mudar os sentimentos de uma pessoa não era tão simples quanto dar uma ordem, mesmo para a Senhora da Capital de Fogo. Então, ela tentou se livrar da vilashi de uma forma que também não causasse uma revolta no filho.

Ao saber sobre o incêndio e suas consequências, o Dragão de Fogo não só ficara chocado ao ponto de poder ser facilmente manipulado, como estava em um estado em que não podia ser atingido pelos chamados dos amigos. Assim, ela pôde dar continuidade ao seu plano, agindo através dos piratas que receberam autorização para comandarem as vilas. Ela tinha certeza que nenhum vilashi ousaria ir contra ela, e que os piratas cuidariam dos eventuais empecilhos. Mais uma vez, não contou que aquela vilashi em especial conseguiria passar pelo cerco e chegar a Rotas para procurar ajuda. E, ao saber que ela estava na Capital de Fogo, talvez achasse que conseguiria acabar pacificamente com esse obstáculo a subornando, como já fizera uma vez em um caso semelhante. Entretanto, o que recebeu foi uma enxurrada de insultos que a fizeram descobrir que, talvez, aquela vilashi não pudesse ser tão desconsiderada. E quando soube que o seu herdeiro fora atrás dela, definitivamente, fora a última gota.

Nisso tudo, Garo-lin enxergava um imenso buraco que remetia até antes de ela estar envolvida. Muitas vezes na fala dele, o Dragão Real a fez entender que de algum modo, a Senhora da Capital de Fogo sabia com quem estava lidando durante o tempo todo. Então, não teria sido muito mais fácil eliminar todos os problemas pela raiz parando Kandara ao invés de deixá-la agir livremente? Para responder essa pergunta, Nu'lian deu apenas um sorriso, e ela imediatamente soube o que ele iria falar: que ela ainda não compreendia todas as nuances de se estar lidando com aquela que via possibilidades em tudo. Então, tentando expandir a sua visão, explicou:

— Dentre todos nós Dragões, Vinshu é o mais inteligente. Porém, tudo o que ele sabe não é nada se compararmos com a inteligência da mãe do Kris. Ela não só formula estratégias assim que se depara com as situações, como consegue determinar vários pontos de vistas para as suas ações. Kandara é uma herdeira Dul'Maojin, mesmo que ela tenha resolvido seguir seus próprios passos. Tomar uma atitude contra sua própria herdeira é perigoso, e isso poderia dividir opiniões. E no momento, para poder agir de forma absoluta, ela precisa tomar cuidado para sempre ser bem vista em Almakia. É muito mais fácil frustrar as tentativas dela, deixando com que a própria Kandara consiga uma má fama e perca a sua força e vontade.

Diante de tudo isso, Garo-lin se sentiu extremamente cansada como nunca estivera na vida. Era muito difícil, não importava de que ângulo olhasse. Então, com um suspiro, ela falou em um murmúrio, de forma que só o Dragão pudesse ouvir:

— Sinceramente, não sei como me deixei vir parar aqui.

— Na verdade, é bem simples. Qualquer caminho que você tomasse terminaria aqui.

A certeza com que ele dizia aquilo chegava a assustar, como se ela estivesse condenada a ficar presa eternamente.

— O que pode acontecer conosco, Nu'lian? – ela perguntou desanimada.

— Quer que eu preveja?

Ela o encarou, processando aquele pedido, que parecia ser muito mais profundo do que aparentava. E então perguntou, com um tom de desconfiança:

— Pode mesmo prever?

— É um Segredo da Família de Água. – ele encolheu os ombros como se fizesse pouco caso – Não é algo simples, mas às vezes preciso fazer.

— Por que não é simples? – ela estranhou, já que sempre teve a ideia de que manejar um Segredo era algo extremamente fácil para um Guardião, assim como o Dragão de Fogo havia lhe mostrado no Instituto.

— Diferente de todos os outros Segredos de Família, o Segredo de Água é o único que não pode ser ensinado. Nascemos com ele. Talvez, o certo fosse considerar como Segredo não a nossa capacidade de poder prever o futuro, mas sim a de saber controlá-la. Aquele que não consegue aprender isso a tempo, nem sempre tem uma boa sorte... Não é algo simples pelo mesmo fato de haver tão poucos representantes da Família da Água. Nós podemos sim prever o que pode acontecer com certa precisão. Porém, cada vislumbre contemplado é trocado por nosso tempo de vida.

— Co-como assim? – ela o interrompeu, espantada.

— É um preço a se pagar. — ele pegou uma mecha de cabelos brancos entre os fios dourados.

Pela primeira vez Garo-lin reparou que o esbranquiçado nos cabelos dele não era algo natural, semelhante às suas mesclas. Eram realmente fios brancos, como das pessoas idosas. De perto se podia ver claramente que ele tinha cabelos dourados, vindo do seu sangue real, mas os fios brancos predominavam. E, se a ligação que ela fizera de que esses fios brancos estavam diretamente ligados ao preço a se pagar e a preocupação que os Dragões tinham quando ele falava suas certezas, o fato de haver mais branco do que dourado era assustador.

Entendo, mas não conseguindo acreditar, ela perguntou:

— Quer dizer que... Seu Segredo Almaki o faz morrer um pouco?

— Basicamente. Uma hora ou outra nos esgotamos.

— Isso é terrível! — ela ficou abismada com essa nova forma de ver um poder almaki, muito longe de ser algo invejável de se possuir.

— Prever o futuro é perigoso, Garo-lin. Não é algo natural. E, se não fosse por esse detalhe, os almakins de água que soubessem manejar seu almaki para esse fim poderiam tornar o mundo um caos, prevendo deliberadamente qualquer coisa. Pode parecer terrível, mas é uma forma de manter um equilíbrio.

Agora várias coisas sobre o Dragão de Água pareciam fazer sentido. Desde o seu mais básico pensamento sobre ele: o fato dele sorrir como alguém que ainda estava aprendendo a fazer isso. Realmente deveria ser complicado sorrir como ele mesmo sabendo

que seu próprio poder almaki o corroía por dentro, como uma doença incurável.

— Você... Você usou o Segredo... Hoje...? – ela se lembrou do que o Dragão de Fogo havia contado e como o amigo sabia onde ela estaria.

Soava aterrador para ela pensar que ele sacrificara seu tempo de vida para saber daquilo.

— Era uma dívida. – vendo a incompreensão estampada no rosto dela, ele explicou melhor. – Os Dragões conhecem o meu Segredo, porém nunca me pediram para usá-lo, porque sabem sobre as consequências. Na noite do incêndio, no estado em que estava, Kris chegou muito perto de me pedir isso, para saber realmente tinha acontecido. Mas ele não pediu. Talvez, se eu tivesse atendido aquele pedido silencioso do amigo que mais estimo, ele saberia que você estava viva e várias coisas podiam ter sido diferentes.

Apesar de não achar certo ou justo, Garo-lin entendia o que ele estava dizendo. Se estivesse no lugar dele, provavelmente pensaria da mesma maneira.

— Por... Por que está me contando sobre o seu Segredo de Família?

— Porque todos os meus amigos sabem. E você faz parte dos Dragões agora.

Garo-lin, chocada, o encarou. Talvez, se quem tivesse dito isso tivesse sido o Dragão de Fogo, não teria tido essa reação. Porém, quem o havia dito era o próprio Dragão Real, e aquelas palavras a atingiram tão profundamente como se estivesse impregnada de poder almaki.

— Desculpe atrapalhar a conversa de vocês dois, mas chegamos – Kinaito informou, tirando-a completamente do seu estado de paralisia.

Mesmo que a mombélula voasse pela escuridão, tendo apenas a luz fraca que seus olhos emitiam para saber onde estava indo, Garo-lin sentiu a inconfundível sensação de que estava mergulhando em direção ao solo e se segurou firme.

Zawhart e Sfairul ficaram vigilantes, cada um cuidando de um lado da criatura, enquanto Gran’Otto guiava os arreios habilmente e os colocava no chão.

— Onde estamos? – Kidari perguntou para ela em um sussurro.

— Não sei. – Garo-lin respondeu, já que a única coisa que sabia era que aquele não era um dos poucos lugares em que já havia estado em Almakia. – Vamos esperar e...

Ela não terminou o que estava falando. De repente, o Dragão Real ficou de pé ao seu lado, atento.

— O que-

— **Protejam-se!** – ele alertou, e no mesmo instante a mombélula foi atingida por uma bola de fogo.

A criatura soltou um zumbido alto e então tombou para o lado, derrubando a cabine que caiu pesadamente no chão e se partiu em pedaços com o impacto.

Garo-lin rolou para fora e bateu no que parecia uma pedra, e logo se protegeu das lascas da madeira da cabine que voaram a sua volta. Apesar do impacto dolorido, se arrastou rapidamente em busca de Kidari.

— Tudo bem? – perguntou apressada ao encontrá-la.

— Mão. – a kodorin conseguiu dizer, apertando uma mão na outra e Garo-lin sentiu o inconfundível cheiro de sangue.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o Dragão de Vento orientou em um sussurro gritado:

— Para trás! – e puxou Kinaito e So-ren para o lado da mombélula, ficando entre os escombros da cabine, onde poderiam estar parcialmente protegidos.

Garo-lin ajudou Kidari a se levantar e correu com ela para lá.

Imediatamente a princesa se agarrou à Zawhart, que olhava em volta, como se estivesse forçando seus olhos a enxergar no escuro.

Sabendo que Shion cuidaria da dona para que nada de ruim lhe acontecesse caso o Dragão não pudesse protegê-la, Garo-lin ficou em posição de ataque junto com os Dragões. Se estavam lidando com almakins de fogo, ela não poderia apenas ficar assistindo.

— Como nos descobriram?! – a Dragão de Metal perguntou desorientada, verificando que sua mombélula não resistira àquele ferimento.

Como se fosse uma resposta a sua pergunta, várias chamas se acenderam a volta deles, iluminando o lugar.

Era uma das antigas construções de Almakia, dos tempos em que ainda existiam castelos de pedras, e que agora só podiam ser encontrados na Região Dos Vales Altos, nos cânions que demarcavam os limites do Domínio dos almakins com os do sul. Porém, o lugar em que estavam não era importante. Tudo o que Garo-lin via era que tinham pousado no que parecia uma ruína em grande campo aberto, e que estavam completamente cercados.

— São piratas? – ela perguntou para Sfairul, de quem estava mais próxima.

— Provavelmente. – ele respondeu. – Mas, não era para estarem aqui.

— Ora, veja só! – um dos piratas atravessou o cerco, para ser oportuna-voz. – Parece que agora reunimos o bando inteiro.

E então acenou para a sua direita, onde havia as ruínas, e de trás delas outros tantos piratas surgiram. O coração de Garo-lin gelou no mesmo instante. Todos os almakins que haviam partido nas mimbélulas estavam com eles, com as mãos amarradas por cordas. O Dragão de Fogo e sua irmã vinham à frente, sendo forçados a andarem pelos piratas que os seguravam.

À primeira vista ela não entendeu como aquilo era possível, mas logo se deu conta de algo: todos os que os seguravam presos tinham os braços envoltos com braceletes cravejados daquelas Pedras Escuras e as usavam para ameaçá-los.

Aqueles braceletes eram ao mesmo tempo iguais e diferentes do que ela tinha visto na pedreira daquela vez. Além de não ser apenas uma corrente com as pedras, eles se pareciam muito mais com uma espécie de armadura, feita exclusivamente para ser usada naquele fim. As pedras eram muito mais arredondadas e reluzentes, como se tivesse sido bem trabalhadas e orgulhosamente polidas.

— Tem noção do que estão fazendo?! – rosou Krission. – Somos Dragões, idiotas!

Houve uma explosão de risadas do grupo de piratas, que fizeram comentários zombeteiros entre si.

— Então acho que pegamos as presas certas. Não é, rapazes? – comentou aquele que falara antes, que parecia estar no

comando e houve mais gargalhadas.

— O que querem? – Kandara foi mais cautelosa que o irmão, mas os encarava da mesma forma carregada que dizia claramente que nunca fora tão insultada na vida e que o torraria na mínima oportunidade.

— De vocês não queremos nada. – ele respondeu, como se não ligasse a mínima para o fato de estar tratando daquela forma a elite de Almakia, e então ordenou. – Criatura! Relate onde estamos.

— Shion!

Garo-lin ouviu o grito engasgado de Kidari e mesmo assim só acreditou quando o viu voar por entre os piratas e pousar ao lado daquele que o chamara.

Como se estivesse habituado àquelas pessoas e soubesse exatamente o que fazer, Shion sentou ao lado deles e ficou imóvel, se concentrando. Então abriu os olhos amarelos e de repente eles ficaram desfocados e escureceram, enquanto ele se mantinha imóvel sem nem ao menos respirar e o seu pingente de vidro começou a brilhar com fios de luz. Tendo a sensação de que pisava em um degrau em falso, Garo-lin se lembrou de já ter visto algo exatamente igual a isso acontecer, quando o gato fora pego pelos Dragões no campo. Os olhos de Kidari ficaram daquela mesma maneira, e ela soube exatamente onde o seu amigo estava.

— Ressonância. – ela ouviu Kinaito murmurar de algum ponto atrás dela, não soando de uma forma animadora.

— Vamos nos organizar até que eles cheguem! – o comandante orientou, falando com cada grupo dos piratas. – Prendem-no e fiquem de vigia! Deixe os inúteis juntos e separe os Dragões. Quero um portador da Pedra de cada lado deles!

Por inúteis, eles queriam dizer especificamente Garo-lin, Kinaito, So-ren e os outros almakins que estavam com Kandara. Por não ter um almaki, o kodorin foi o mais bem-amarrado, para evitar que fugisse. Já ao lado das duas almakins de fogo dois piratas ficaram de guarda, com aqueles braceletes de Pedras Escuras.

Agora, perto delas Garo-lin podia entender porque era tão fácil para eles controlarem o Dragão de Fogo e Kandara. Mesmo não estando em contato direto com as pedras, ela podia sentir uma espécie de magnetismo que elas emanavam, como se fossem capazes de atrair partículas de almaki do seu corpo e transportá-las para dentro delas, em um trabalho de formiguinha. Subitamente ela lembrou-se da vez em que o Dragão de Raio lhe perguntara se não havia sentido algo estranho ao ficar próxima das Pedras Escuras e entendeu o que ele queria dizer.

Apesar de ser quase imperceptível, havia aquela sensação e o pressentimento que a qualquer momento elas pudessem atacar, como se fosse um monstro vivo. Era o suficiente para que o seu almaki desencorajasse qualquer movimento brusco. Mesmo para um almakin tão poderoso quanto Kandara ou o Dragão de Fogo, lutar contra aquela força invisível exigiria uma reação imensa, como explodir tudo a sua volta, e isso implicaria em ferir a todos sem se importar se fosse inimigo ou amigo.

Obviamente, os piratas que carregavam os braceletes não eram almakins, e era possível enxergar em cada uma das suas faces

a satisfação por estarem subjulgando àqueles que sempre estiveram além deles em tudo.

As ruínas eram mesmo abandonadas. Repletas de musgos, mato crescido de muito tempo e pedras desgastadas e corroídas. Porém, havia uma grande parte de um antigo pátio calçado que se mantinha limpo o suficiente para que uma espécie de acampamento fosse montado.

Acendendo uma fogueira para iluminar o local, os piratas almakins ficavam afastados, nas partes mais altas, cumprindo a missão de vigiar para permanecerem afastados dos que carregavam as pedras. Assim como haviam sido ordenados, eles prenderam os Dragões separadamente, em espécies de jaulas com grades de pedra.

As jaulas haviam sido criadas por almakins de metal, que manejaram todos os minérios que foram encontrados no chão e ao redor e criaram aquelas prisões. Ao contrário do trabalho que a Dragão de Metal fazia, elas eram grotescas e mal acabadas, com lados afiados que poderiam cortar somente ao toque. Não havia tranca ou uma forma de abrir para que se pudesse sair de lá de dentro. Uma fuga só seria possível quebrando as pedras, o que não era exatamente fácil por eles estarem sendo guardados por, pelo menos, quatro portadores de Pedras Escuras cada uma. Os herdeiros Dul'Maojin eram vigiados por seis deles.

Garo-lin tentou contar quantos piratas havia ali no total.

Mas, como todos usavam uma roupa padrão e seus rostos eram praticamente indistinguíveis na escuridão, ela desistiu quando percebeu que já havia contado quatro vezes o almakin de fogo

responsável pela fogueira. Então ela procurou por Kidari, que estava na jaula menos protegida.

A princesa parecia arrasada, tanto pelo efeito das pedras como por ter descoberto a traição daquele que ela mais confiava. Seu rosto estava molhado e ela se balançava lentamente, abraçando os próprios braços.

— É minha culpa. – Kinaito disse bem próximo da orelha dela, de forma que soasse tão baixo que os piratas em volta da jaula deles não entendessem.

Garo-lin se sobressaltou e isso chamou a atenção de uns dos piratas, que lhe lançou um olhar feio e levantou os braços, exibindo os braceletes. Sentindo que de repente seus joelhos ficaram fracos, Garo-lin deu um passo para trás agindo defensivamente.

— O gato. – o kodorin se explicou melhor. – Foi minha culpa nos encontrarem. Eu deveria ter desconfiado do gato da princesa. Ele não é um Rajin... Eu comecei isso em Kodo.

— O que você começou?

— As pesquisas. Eu era um dos Pesquisadores Reais. Nós estudávamos... Possibilidades.

— Quietos! – ordenou um dos piratas, batendo nas grades de pedra.

Kinaito se calou, mas mesmo assim era possível compreender como a culpa que ele sentia não parecia ser recente. Como não era influenciado pela presença das Pedras Escuras, ele se sentou no chão e ficou ali, simplesmente desolado.

Ao seu lado, também sentada e usando sua bengala como apoio, So-ren parecia ser a mais afetada de todos. Sua idade avançada não facilitava, e ela parecia estar a ponto de desmaiar.

Garo-lin ficou preocupada: o quanto a senhora poderia aguentar com aquela exposição a algo tão nocivo para almakins? Ela própria já se sentia tonta e fraca.

Sem saber o que fazer, olhou em direção das outras celas, e seu peito se apertou ao encontrar o olhar do Dragão de Fogo. Apesar de ele não abrir a boca, ela sabia dizer que o Dragão estava furioso, muito mais de quando o vira liberar seu poder almaki na pedreira. Se houvesse uma possibilidade – por menor que fosse – de escapar do perigo daqueles braceletes, não queria nem imaginar o estrago que ele poderia fazer.

— Estão chegando! – anunciou um dos almakins que estava de vigia.

Logo Garo-lin ouviu o zunido de uma mombélula e não demorou muito para que os olhos azuis da criatura se tornassem visíveis no céu escuro.

Ela pousou na região do campo, lugar do qual não se tinha visão de onde estavam. Não demorou muito para que uma comissão de almakins irrompesse pela calçada de pedras, e no meio deles a Senhora da Capital de Fogo era a figura mais evidente. Ela se aproximou da jaula onde estavam os filhos, em uma atitude que para Garo-lin lembrou muito o de alguém que apenas verificava um produto que lhe chamara atenção em uma venda sem ter intenção alguma de realmente adquiri-lo, e então disse:

— Bom trabalho. Serão generosamente recompensados por isso. Agora levem-os para as mombélulas.

— E quanto aos outros, Senhora? – perguntou o comandante deles, usando um tom humilde totalmente contrário a personalidade que demonstrara quando os capturaram.

Ela lançou um olhar para a jaula que ele indicava – a maior em que estavam os inúteis – e declarou:

— Não me importo com eles. Façam o que quiserem.

O pirata deu um sorrisinho, como alguém que já havia pensado em várias maneiras de aproveitar aqueles reféns e só estivesse esperando uma autorização para colocar seus planos em prática.

— O que quer, velha?! – pediu o Dragão de Fogo. – Deixe-os em paz e iremos de boa vontade!

— Acha que está em condições de me propor algo, Krission? – ela sibilou para o filho. – Nunca pensei que você me causaria tanto desapontamento como a imprestável da sua irmã!

Kandara respondeu ao insulto com um olhar irado, mas não falou nada, demonstrando ter experiência e saber que enfrentar a mãe naquele momento não levaria a nada. Ela apenas respirou fundo e apertou os punhos, se segurando.

— Eles e a princesa vão comigo. – a Senhora orientou os almakins da sua comissão. – Levem os outros Dragões para a Capital Real.

— Sim, senhora. – um respondeu e todos fizeram uma reverência, saindo logo em seguida para cumprir o as ordens.

— Não vou voltar com você! – esbravejou o Dragão de Fogo. – Não quero fazer parte disso!

— Você irá fazer o que eu quiser que você faça, Krission! Por bem ou por mal!

Tudo aconteceu muito rápido. Enquanto mãe e filho discutiam no mesmo tom, houve uma série de explosões de almakis.

Kandara foi a primeira que enxergou uma oportunidade quando os Portadores de Pedras se afastaram para os almakins poderem se aproximar e cumprir suas ordens. A intenção deles parecia apenas estar por perto para garantir um escoltamento mais digno de almakins importantes.

Porém, os portadores não sabiam direito como agir e deram alguns passos para trás, ficando a uma distância razoável para que a herdeira conseguisse usar seu almaki e explodisse sua jaula. Seguindo o exemplo dela rapidamente os outros Dragões agiram, e apenas com um movimento firme dos punhos da Dragão de Metal no chão ela conseguiu transformar todas as pedras em volta em farelos, inclusive as ruínas.

Então, uma série de ataques de poderes almakis começaram dos dois lados. Garo-lin apenas teve tempo de ver o Dragão de Raio correr em direção a princesa e imediatamente soube o que tinha que fazer.

Libertando Kinaito – queimando suas cordas – e com a ajuda dele, ela pegou So-ren e a ergueu, e os dois a carregaram para longe. Quando piratas se aproximaram tentando detê-los, usou chamas e os acertou antes que eles pudessem se aproximar o suficiente para atacá-los com almaki ou com as Pedras Escuras.

— As mombélulas! – disse Kinaito, indicando as duas criaturas que agora podiam ser vistas pousadas no campo.

Essa também pareceu ser a ideia de todos os outros, que se movimentavam de forma a conseguirem chegar naquele único meio de fuga. Tendo como adversários os Dragões, mesmo que os piratas estivessem em um número muito maior, era bem óbvio o qual lado era mais forte. Assim, formando uma estratégia de ataque, que

mantinha longe os piratas e, ao mesmo tempo, criava espaço para que pudessem chegar nas mombélulas, em questão de segundos Garo-lin e Kinaito conseguiram colocar a senhora em segurança dentro de uma cabine.

Deixando So-ren com o kodorin, Garo-lin logo voltou para as escadas e ajudou Kidari a subir, pegando-a das mãos de Zawhart que pôde ajudar no ataque dali de cima sem se preocupar em protegê-la. Sabiamente, os outros quatro almakins do grupo de Kandara subiram na outra mombélula, para que não houvesse meio de serem seguidos depois. Os Dragões de Água e de Metal subiram logo em seguida, e somente os herdeiros Dul'Maojin e o Dragão de Vento continuaram no chão para conseguirem tempo suficiente para que todos estivessem em segurança dentro das cabines.

Foi quando Garo-lin teve um vislumbre do combate que acontecia logo diante das mombélulas. Enquanto o Dragão de Fogo e de Vento lutavam contra piratas e almakins, a Senhora da Capital de Fogo e a filha travavam um duelo de fogo. E não era preciso ser um especialista para notar que as coisas estavam bem equilibradas, já que o que uma tinha de experiência a outra tinha de força jovem.

Quando o Dragão de Fogo conseguiu atingir um último pirata que tentava se aproximar usando os braceletes como escudo, ele olhou à volta e verificou tudo o que estava acontecendo. Sfairul já subia pelas escadas, e as asas das mombélulas já estavam rodando.

- Kandara! – ele chamou.
- **Vão, Kris!** – a irmã ordenou.
- **Não vou sem você!**
- **Suba na droga da mombé-**

E, da mesma forma que antes tudo acontecera muito rápido, agora Garo-lin conseguiu registrar cada segundo como se tudo estivesse acontecendo sob uma força de retardamento.

Ao perceber que estava sozinha, a Senhora da Capital de Fogo manejou uma grande bola de chamas e a lançou, obrigando a filha a movimentar-se para evitar o ataque. Nesse mesmo instante, ela retirou o que parecia ser um pequeno estojo comprido de dentro das vestes, e o abriu ao meio. Apesar da escuridão, foi possível ver que ela o segurava pela parte branca, enquanto a outra ponta era negra e que tinha a forma de uma lâmina, e lançou-a em um movimento rápido logo depois da bola de fogo.

— **Kandara!** – o Dragão de Fogo gritou e correu, mas não a tempo.

A irmã foi atingida no peito e apenas emitiu um som arquejado, de quem perdia todo o ar dos pulmões, e seus joelhos cederam.

O Dragão conseguiu pegá-la a tempo, antes que ela tombasse no chão e rapidamente retirou o objeto, percebendo do que se tratava e tendo o cuidado de pegá-lo pelo cabo branco.

— **O que fez?!** – ele berrou para a mãe, jogando a lâmina de Pedra Escura para longe, e tentando estacar o sangramento que manchava a frente das vestes de Kandara.

Em nenhum momento a Senhora da Capital de Fogo se mexeu, e apenas assistiu a cena, impassível.

Sem saber direito que força a impulsionou, Garo-lin se jogou para a borda da cabine e gritou:

— **Krission!**

— **Vão!** – ele ordenou.

E, diante do olhar suplicante do Dragão de Fogo, Garo-lin perdeu totalmente a noção do que estava acontecendo. Viu como em um sonho Kidari passar por ela gritando, sendo carregada pelo seu gato guardião em direção ao chão, e o Dragão de Raio tentar inutilmente agarrá-la, pendendo para fora da cabine. O Dragão de Vento agarrou o amigo e o puxou de volta, ao mesmo tempo em que alguém a puxava. E ao cair no chão da cabine quando a mombélula alçou voo, a voz do Dragão Real soou bem perto da sua orelha:

— Não podemos fazer nada, Garo-lin!

E aquelas palavras ecoaram em sua cabeça sem encontrar um lugar para se fixarem, enquanto tudo o que ela via eram as luzes das estrelas no céu se transformarem em borrões pelas lágrimas que dominaram seus olhos.

Capítulo 28

Para Além-mar

Garo-lin vivera aqueles dois dias que se passaram em um estado indefinível.

Uma hora ouvira o Dragão Real comentar que era como se ela tivesse perdido todas as certezas e que precisaria de um tempo para retomar. Porém, ao ouvir essa frase algo voltou a se mover dentro dela, e não suportou mais ficar daquele jeito. Afinal, já tinha passado por um momento de depressão e não se deixaria arrastar novamente.

Sim, havia acontecido algo irreparável. Mas, ela devia se lembrar de suas ligações com o mundo e que sua missão estava longe de ser concluída. Sua vila ainda estava cercada por piratas e uma providência deveria ser tomada quanto a isso.

Conseguindo reunir sua força de vontade, Garo-lin saiu da toca que criara no lugar onde estavam e foi até a janela, puxando as cortinas com força, obrigando os raios de sol a iluminarem todo o quarto rapidamente. Esse também foi o primeiro vislumbre que ela teve da Capital Real, com seus claros prédios antigos e elaborados palácios, e do mar azul que se estendia no horizonte. Então, respirou fundo aquela nova brisa fresca que passava pela janela aberta e decidiu que deveria fazer alguma coisa.

Mesmo não falando durante aquele tempo, ela era capaz de ouvir tudo o que acontecia, já que estavam todos em uma casa modesta da cidade, esperando, e os Dragões não pareciam estar

habituaados a circular em pouco espaço. Entretanto, o que exatamente estavam esperando ela não sabia. Não sabia também como haviam conseguido aquela casa, já que todas as lembranças da noite em que chegaram eram imagens borradas e indistintas que não conseguia lembrar de forma apropriada, como se fizessem parte de um sonho onde apenas se deixara levar. Mas, era óbvio que estavam se escondendo.

Ao entrar na cozinha de forma quieta, e olhar para os que estavam reunidos ali, constatou uma coisa: apesar de ela parecer a que estava em pior estado, havia um desolamento geral pairando por todo ar.

— Está melhor? – foi tudo o que Nu’lian perguntou, ao vê-la parada na porta contemplando os Dragões sentados à mesa, cada um mais calado que o outro.

— Hum. – ela respondeu, de forma vaga, se sentando no primeiro lugar vazio que viu à mesa.

O Dragão Real e o de Vento estavam sentados na mesa também.

A Dragão de Metal escolhera um banco em um canto, onde se debruçava sobre um pequeno armário e se entretinha arrumando suas tranças que haviam se afrouxado. Kinaito estava sentado perto da janela, espiando e movimentando os dedos de forma constante na borda de madeira. Mesmo que ele apenas parecesse estar contemplando a paisagem, Garo-lin podia afirmar com certeza que seus pensamentos corriam freneticamente de um lado para o outro dentro da sua cabeça, a ponto que ele fora o único a não perceber que a vilashi havia saído do quarto.

Depois de um tempo de silêncio, ela resolveu perguntar por quem sabia que estava ali, mas que não a via:

— Onde está So-ren?

— Saiu para comprar provisões... Ela é a única de nós que não se destaca.

O que era a mais pura verdade. Longe de ser reconhecida como uma Dul'Maojin, ela era apenas uma senhora de cabelos brancos que passaria despercebida no movimento da cidade.

Garo-lin não sabia qual havia sido o destino dos outros almakins que estavam com eles naquela noite. Mas, se eles fossem prudentes também estariam escondidos. Era arriscado demais andar pelas ruas de Almakia depois de terem escapado por tão pouco das garras da Senhora da Capital de Fogo. O lado forte agora era totalmente dela. Não importava se aqueles ali à sua volta fossem os Dragões. Havia perdido sua orientadora e seu líder estava com o inimigo. Isso deteriorara a confiança de todos eles.

A única coisa que poderiam fazer agora era aguardar por informações, e então decidir o que poderia ser feito.

Quando a porta se abriu e So-ren entrou mancando com sua nova – mas totalmente gasta e torta – bengala, substituta da que havia perdido na fuga, Kinaito foi o primeiro a ficar de pé, como se já previsse o que a senhora trazia consigo.

— Finalmente saíram notícias no jornal! – ela largou uma pesada sacola de qualquer forma no chão e estendeu o papel amassado em cima da mesa, para que todos pudessem ler. – E receio que sejam as piores possíveis...

Rapidamente, Garo-lin se debruçou para ver o que dizia o texto emoldurado por uma imagem da Senhora da Capital de Fogo

com Krission ao seu lado, ambos com roupas sem cores.

O luto da Família de Fogo

Em declaração oficial, A Senhora da Capital de Fogo, Kronar Dul'Maojin, expôs hoje os acontecimentos que levaram à morte da Herdeira da Família de Fogo, Kandara Dul'Maojin. Com muito pesar, nos revelou uma grande conspiração que acontecia de forma sutil a nossa volta e com a qual ela vinha lutando silenciosamente, para evitar que uma crise de desconfiança se alastrasse em nossa Sociedade.

Em seu discurso comovente diante da multidão que aguardava na praça do edifício Dul'Maojin na Capital de Fogo, suas palavras demonstraram que apesar do sentimento de perda, ela não irá deixar os acontecimentos abalarem a sua nobre missão como a representante dos almakins em Almakia:

"Minha filha desistira do seu título de Dragão e se afastara das funções de primeira herdeira da Família do Fogo por ter ambições que não condiziam com atitudes dignas de almakins. Ao se rebelar contra a Sociedade Almaki que não lhe permitiria alcançar seus objetivos, ela se envolveu com pessoas baixas que a influenciaram a ter esse destino. Infelizmente, antes de ser apunhalada por aqueles que a envenenaram contra a própria Família, ela conseguira também convencer os Dragões a se rebelarem, os iludindo sobre uma soberania utópica em nosso Domínio. Assim, minha filha encontrou seu fim sendo traída por aqueles que ela acreditava estarem a ajudando. Então, com um lamento muito mais profundo, informo a toda Almakia que a partir

de hoje os Dragões de Água, de Raio, de Vento e de Metal são considerados inimigos, dentro e fora dos nossos territórios, por todos os povos e Domínios. Seus títulos estão revogados de forma permanente e eles estão sendo procurados pelas autoridades como conspiradores. Nu'lian Gillion, Vinshu Zawhart, Benar Sfairul e Sumerin Gran'Otto são almakins extremamente perigosos por conhecerem os Segredos das suas Famílias. Peço a colaboração de todos em Almakia para que a captura deles possa ser efetivada o mais rápido possível. Felizmente, meu filho, Krission, abriu seus olhos a tempo e voltou para casa quando percebeu o quão hediondo era o pensamento dos supostos amigos. Ele se arrepende profundamente por ter sofrido essa fraqueza e por ter acreditado nas palavras doces e venenosas da irmã. Humildemente, ele pretende compensar por todos os erros cometidos pelos Dragões, e reparar a sua falta sendo um Dragão forte em que toda a Almakia possa confiar sem receio."

Junto com a fala tocante de uma mãe que ainda está em luto pela perda da filha, mesmo que essa tenha se revelado uma vergonha para todos os almakins, a Senhora da Capital de Fogo também trouxe uma grande novidade.

Em uma celebração formal para convidados realizada em seu palácio na noite anterior, ela anunciou o noivado entre o Dragão de Fogo e a Princesa de Kodo, uma união que promete transformar às relações de Almakia com os outros Domínios.

Como todos sabem Kidari Chanboni, a Princesa de Kodo, revelou ter poderes almakins e conseguiu uma licença especial para estudar no Instituto Dul'Maojin e ser disciplinada conforme os

costumes de Almakia. Nunca houve registro semelhante em toda a nossa louvável História...

E o texto continuava contando sobre os prováveis avanços que a união dos dois Domínios mais fortes poderia trazer.

Porém, Garo-lin não conseguia mais ler, e as informações daquele pedaço de papel pareciam estar sendo jogadas de um lado para o outro dentro da sua cabeça como se estivesse em uma Tormenta Nanfan:

Kandara Dul'Maojin estava morta, e era oficial.

Os Dragões haviam perdido seus títulos e eram procurados como inimigos de Almakia.

Kidari havia caído nas mãos da Senhora da Capital de Fogo e estava à mercê de seus planos.

O Dragão de Fogo iria se casar com ela.

— O que vamos fazer?! – a pergunta em tom de alarme de Sumerin a fez acordar e perceber que a reação dos outros eram um misto de preocupação e assombro.

— Temos que falar com Kris! – disse Benar, de forma urgente, e então pediu para ela. — Pode fazer isso, Garo-lin?

Automaticamente colocou a mão sobre a esfera de vidro que estava guardada em seu bolso. Durante todo aquele tempo não ousara a pegar. Embora agora soubesse que era apenas querer que poderia se comunicar com o Dragão de Fogo, não tinha coragem o suficiente para tentar chamá-lo.

— Precisamos saber sobre ele. – explicou melhor Sumerin, diante do visível hesitar dela. – Já sabemos que a Senhora da

Capital de Fogo conseguiu colocar Almakia contra nós. Precisamos saber o que ele está fazendo para tomarmos uma posição.

Garo-lin tirou a esfera do bolso e apenas a encarou, oscilando.

Com tudo o que acontecera desde que partira de Godan, se agarrara em Kandara com uma certeza absoluta de que ela poderia ajudá-la. Agora, que essa esperança havia se perdido, não conseguia avaliar o que deveria ser feito.

— Eu... Eu preciso pensar em minha vila. — ela declarou. — Como eles ficarão agora? Kandara estava tentando me ajudar. Vocês têm seus problemas que são proporcionalmente incomparáveis com os nossos. Se-

— Se você for atrás do Dragão de Fogo, quem irá ajudá-los? — Nu'lian completou a sua frase, mostrando que entendia perfeitamente o dilema dela, e então disse para os outros. — Não podemos prendê-la conosco se não podemos apoiá-la.

— Agora que sei o que realmente está por trás do cerco dos piratas, não tenho medo de usar meu poder almaki para defender Godan. Preciso voltar logo.

Eles se entreolharam como decidissem o que deveriam fazer. Benar, tendo a capacidade de avaliar a situação à sua volta captou o que todos pensavam ser o melhor a se fazer e anunciou para ela:

— Escoltá-la até os limites do Vale Interior é tudo o que nós podemos fazer no momento. Depois nós iremos tentar falar com Kris e de alguma forma voltaremos para ajudá-la, Garo-lin. Já não será tão fácil passarmos despercebidos pela Senhora da Capital de Fogo, mas daremos um jeito. Afinal, podem ter nos tirado nossos títulos, mas não sabemos não ser Dragões.

— Eu vou com ela. — anunciou Kinaito. — Não tenho mais a proteção de Kandara e com certeza os piratas estarão atrás de mim em qualquer cidade. Vou ser mais útil na vila de Garo-lin.

Era fato e todos avaliaram de forma positiva a decisão dele.

— Obrigada, Kinaito. — Garo-lin agradeceu, meio sem jeito, com uma pequena chama de ânimo se acendendo dentro dela.

— Então vamos esperar anoitecer e partiremos com as mimbélulas! — Benar começou a formular um plano. — So-ren pode ficar aqui cuidando para que esse lugar não levante suspeitas. É bom mantermos uma pessoa nessa base da Capital Real, caso alguém do grupo de Kandara venha nos procurar.

— Foi bom termos trocado a mombélula com aqueles mercadores do porto assim que chegamos. — a Dragão de Metal comentou com Garo-lin. — Mimbélulas são mais fáceis de manejar em caso de fuga. Você não terá problemas, Garo. Podemos montar um plano de voo e-

— Krission está aqui. — contou So-ren, como se durante todo aquele tempo estivesse avaliando o melhor momento para falar e não o encontrava.

— O quê?! — todos olharam para ela.

— Esse jornal é de ontem. — a senhora explicou, apontando para a data impressa no cabeçalho do informativo, fato para o qual ninguém havia se atentado antes, e continuou. — Não consegui um exemplar do de hoje. Mas, toda a Capital Real está comentando e reuni todas as informações apenas ouvindo na rua. Hoje, no fim da tarde uma embarcação irá partir para Além-mar, levando o Dragão de Fogo e a Princesa para Kodo.

— Vão partir daqui do Porto? – perguntou, chocada, a Dragão. – Por que não nos disse antes, So-ren?

— Porque, como vocês leram aqui, os Dragões não são mais bem vindos. O porto está repleto de aproveitadores que sabem que iriam lucrar muito caso os encontrassem e os levassem até a Capital de Fogo. Conhecendo Kronar ela com certeza ofereceu um bom prêmio pela captura de todos vocês... Mesmo aqueles que não foram mencionados. – ela frisou essa última frase, encarando Garo-lin.

Um silêncio desanimador se instaurou entre eles. Por mais que quisessem falar com o Dragão de Fogo, e ele estivesse tão perto, era como se houvesse uma barreira enorme entre eles.

— Posso ser uma velha inútil quando se é preciso usar almaki para combater, mas ninguém pode dizer que So-ren Dul'Maojin sobreviveu a todos esses anos sendo ignorada pela Família de Fogo sem aprender alguns truques. – ela foi até a sacola que deixara no chão e despejou todo o conteúdo dela, lhes mostrando uma série de roupas estrangeiras ao invés das supostas provisões que ela deveria trazer. – Não posso simplesmente ficar parada quando os jovens Dragões estão sendo esmagados pelas circunstâncias!... Sabe costurar, vilashi?

O sol quente do meio-dia no porto fazia com que a cabeça de Garo-lin cozinhasse debaixo da peruca e ainda sofresse com as pinicadas incomodadas do seu disfarce. Mesmo que nem ela e nem ninguém do grupo que estava escondido no pequeno sobrado no subúrbio da Capital Real fossem bons em costurar, eles haviam feito

um trabalho razoavelmente aceitável. Juntamente com as perucas feitas de algo que Garo-lin nem queria imaginar, mas que lembravam muito pelos de animais, eles conseguiram se passar por viajantes esgotados que faziam uma pequena parada antes de retomar seu trabalho no mar.

Mesmo parecendo não terem dificuldades em andar pelas ruas de forma despercebida com aqueles disfarces, havia uma coisa que ainda zunia dentro da cabeça de Garo-lin, a incomodando: o Dragão de Raio se recusara a vir com eles.

Ele fora o único que permanecera calado durante todo o tempo. Diante de todos aqueles problemas, ela não percebera que quem estava moldando todo o plano de como estariam no porto era o Dragão de Vento e não o inteligente Vinshu Zawhart – que aos seus olhos sempre pareceu ser o líder na falta do Dragão de Fogo – e agora estava muito longe de demonstrar algum ato de liderança. Quando todos começaram a se movimentar em conjunto para arrumarem os disfarces a tempo, ele apenas declarou:

— Não vou.

Os outros o encararam, como se não encontrassem motivo para que o amigo agisse daquela forma e esperassem por uma explicação.

Então, ele questionou:

— Por que vamos nos arriscar assim? Olha o que aconteceu com Kandara! Acho que devemos simplesmente parar com isso e voltarmos para casa. Não será difícil sermos perdoados se simplesmente nos retificarmos pelo que fizemos.

O silêncio pesado que se instaurara na sala fazia Garo-lin se sentir como se estivesse na borda de um precipício. O Dragão de

Vento foi quem quebrou aquela atmosfera ao fazer a pergunta que parecia ser a mesma de todos:

— Desistir, Vin?!

Diante da indignação dos amigos, ele simplesmente começou a despejar todas as suas razões:

— Se a Senhora da Capital de Fogo está fazendo essas coisas com certeza é para o bem de todos os almakins! O que devemos fazer é sermos fiéis ao nosso título e voltarmos imediatamente para nossas Famílias!

Somos Guardiões de Segredos e é nossa obrigação voltarmos, por todas as pessoas que confiam em nós! Não é da nossa conta os assuntos dos vilashis, kodorins ou que droga for!

Se levantando do chão em um impulso decidido, Garo-lin chegou até a frente do Dragão de Raio e lhe deu um imenso tapa no rosto, que o fez cambalear para o lado.

— **E quanto a Kidari?!** – ela esbravejou. – Pode não se importar com os vilashis e com os kodorins, mas existe uma kodorin especial! Ela veio para cá para ser ela mesma e ela escolheu gostar de você! Vai deixá-la cair assim nas garras da Senhora da Capital de Fogo como se fosse simplesmente um objeto que se usa para conseguir alcançar seus objetivos?! Que droga de Dragão de Raio inteligente é você, se não é capaz de notar que existe algo importante assim bem debaixo do seu nariz?!

Vinshu Zawhart ouviu tudo aquilo com uma expressão de fúria, segurando a parte atingida do rosto e não acreditando que aquela vilashi teve tamanha ousadia.

Diante dos olhares dos amigos, que não sabiam que reação esperar dele naquela situação rara, ele sibilou:

— Façam o que quiserem. — e deu as costas para eles, indo para o quarto e fechando a porta com um estrondo.

— Vamos fazer! — Garo-lin replicou no mesmo estado de fúria, demonstrando que nela já não havia mais vestígio algum de medo dos Dragões, e voltou para sua tarefa de costurar.

Apesar de todos estarem incomodados com aquela situação, tentaram não desanimar e continuaram com o que estavam fazendo antes, agindo como se aquilo não tivesse acontecido. Tinham pouco tempo e as decisões deveriam ser tomadas de forma imediata. Felizmente, o Dragão de Raio parecia ser o único que pensava daquela maneira.

Então, no final da tarde, lá estavam os Dragões e Garo-lin, tentando andar afastados para não chamarem a atenção enquanto se locomoviam pelos arredores do Porto Real — uma região muito mais limpa e agradável do que os portos comerciais de carga e descarga pelo qual passaram. Ali já havia uma grande multidão, que aguardava em uma inquietação geral por aquela partida que prometia ser o início de um momento histórico em Almakia.

Como todos a tomavam por uma criança, Garo-lin não foi impedida de esgueirar-se até a frente das pessoas, para poder ver melhor. Disfarçadamente, para que seus olhos não fossem percebidos mesmo estando parcialmente escondidos debaixo de uma espessa franja, ela procurou em volta e localizou os Dragões, um pouco mais afastados e misturados com vários rostos. Quando Nu'lian encontrou o seu olhar fez um sinal positivo com a cabeça, indicando que até então estava tudo bem.

Então a multidão irrompeu em gritos e saudações, e ao procurar pelo que eles haviam visto, Garo-lin avistou uma carruagem

com o símbolo do Governo Real se aproximando.

A multidão era contida por uma corda disposta de forma a criar um corredor, com pelo menos três metros de largura, por onde a comitiva poderia passar sem problemas. Apesar de não haver nada mais que separasse as pessoas dos almakins importantes que desfilariam ali, ultrapassar aquela barreira era algo impensável para qualquer um, almakin ou não: a vontade de estar tão próximos de uma celebridade não valia o preço da punição que teria que suportar depois. Assim que a carruagem parou e a porta foi aberta por criados, a Senhora da Capital de Fogo surgiu, majestosa lá de dentro, resplandecendo em vestes a altura do seu nível dentro da Sociedade Almaki, não parecendo exatamente a mãe em luto que ela vira no jornal.

Logo atrás dela, o Dragão de Fogo saiu, e recebeu uma onda gigantesca de aplausos e gritos de aprovação, como se todas aquelas pessoas quisessem lhe passar a mensagem de que não importava o que ele havia feito, ainda eram fiéis ao título que ele carregava.

Não era preciso estar perto dele para que Garo-lin notasse o seu estado de abatimento: com olheiras profundas, como se não tivesse dormido por um único momento desde aquela noite, e com a visível incapacidade de sorrir de forma diplomática como a mãe estava fazendo. Ele apenas seguiu obedientemente os passos dela. Depois dele, Kidari saiu de dentro da carruagem, com a mão sobre a cabeça de Shion, que caminhava ao seu lado como um guarda fiel. Ainda, atrás dela, desceram mais dois almakins com as vestes pretas como a dos que tentaram colocar Garo-lin para fora do Edifício Dul'Maojin quando ela fora enfrentar a Senhora da Capital de Fogo.

E a eles se juntaram os criados e mais um grupo que estavam ali no porto mesmo antes da carruagem chegar, formando uma escolta ao redor dos três. Então, seguiram pelo corredor ladeado pelas cordas de proteção até a embarcação que os aguardava.

Quando o grupo passou por eles, Garo-lin segurou forte a esfera de vidro em suas mãos, esperando que o Dragão de Fogo a percebesse e olhasse naquela direção. Porém, ele não fez movimento algum que indicasse que sentira o seu chamado. Não havia uma ressonância. Ele poderia simplesmente não estar com a esfera como poderia ter...

— Fechado dentro dele mesmo. — ela murmurou, e a ideia parecia óbvia de estar acontecendo.

Da mesma forma que acontecera quando ela foi expulsa, ele podia ter criado uma casca de proteção nele e não enxergava claramente o que estava acontecendo à sua volta, e apenas seguia o que lhe diziam. Mas, ao mesmo tempo, sabia que era algo muito pior do que o que ela passara.

Perder a irmã daquela forma, pelas mãos da própria mãe, deveria ter causado um estrago gigantesco dentro dele. Então, de uma maneira como jamais havia desejado na vida, quis que ele olhasse para ela. Sabia que não poderia resolver tudo se ele simplesmente a visse ali no meio daquelas pessoas, mas queria poder passar para ele aquela mesma sensação de alívio que sentira quando o encontrara na Capital de Fogo.

Apesar de toda aquela vontade, o Dragão passou sem notá-la. Quando ela fez um movimento desesperado na intenção de chamar a atenção dele — e se retraiu a tempo de não se denunciar — Garo-lin percebeu que alguém havia percebido. Os grandes olhos

verdes e redondos de Kidari estavam fixos nela, e a princesa parecia prender a respiração. Então, ela fez um gesto discreto com as mãos e pediu silêncio. Mesmo estando ali visivelmente contra a sua vontade, a kodorin parecia entender que só iria prejudicar a amiga, caso revelasse a sua presença.

Então, agindo de uma forma surpreendentemente inteligente para ela, Kidari chamou a atenção do Dragão de Fogo de maneira única:

— ***Atchiiin!*** – espirrou de forma falsa, mas escandalosa, o que atraiu a atenção de todos. – Desculpe-me. – pediu educadamente, fungando e passando o dedo pelo nariz, indicando a plateia para o Dragão.

Apesar de ser uma estratégia arriscada já que Shion poderia entender os gestos dela, o gato parecia estar mais preocupado com os almakins que os cercavam, encarando-os de forma desconfiada como se não tivesse a mínima crença neles. E a princesa acabara conseguindo.

O Dragão pareceu entender o que ela queria dizer e olhou de relance para a multidão, e foi a vez de Garo-lin prender a respiração.

Porém, sentiu como se todo o chão se abrisse para um vácuo por debaixo de seus pés, quando Krission Dul'Maojin apenas a encarou por alguns instantes, reconhecendo, e então lhe deu as costas e continuou o seu caminho.

Sem entender, Kidari não teve outra alternativa a não ser continuar seguindo a comitiva, lançando um último olhar suplicante para a amiga.

Enquanto Garo-lin permanecia anestesiada pelo impacto de ter sido ignorada friamente, o grupo subiu na embarcação pela

rampa e a algazarra da multidão se intensificou. As amarras foram soltas, a rampa retirada e lentamente o navio começou a se mover através do manejo dos almagins de baixo nível que trabalhavam nele. A multidão finalmente rompeu a barreira que os continha e todos correram para a borda do cais.

— **Nããã!** – o grito de Kidari veio de algum lugar lá de cima, enquanto a embarcação se afastava do porto, sem se importar com o que a princesa queria.

E então ela apareceu na borda do navio, chorando e sendo segurada por Shion, que tentava afastá-la dali de onde todos poderiam vê-la.

Simplesmente parada entre uma multidão de pessoas estranhas que acenavam e comemoravam a partida, pensamentos idiotas sobre se jogar no mar e ir atrás do navio passaram pela mente de Garo-lin. Por um segundo, eles pareceram completamente sensatos, e ela se movimentou com a intenção certa de fazer aquilo, porém uma visão a fez parar e esquecer completamente o seu lugar no mundo.

Em um patamar cima de Kidari, o Dragão de Fogo surgiu, observando o porto se afastar. Não podia dizer se ele estava olhando diretamente para ela, ou se de alguma forma o choro de Kidari o fizera agir daquela maneira, mas a simples visão dele fazia todo o seu peito se apertar.

— Krission... – ela murmurou, e só pronunciar o nome era como se algo a retalhasse por dentro.

Ao dar-se conta, as lágrimas já haviam molhado todo o seu rosto, e um sentimento de perda a assolava. Só agora, o vendo se afastar se perguntava como havia deixado aquilo acontecer. Por que

simplesmente não se jogara daquela mombélula naquela noite e ficara com ele? Não tinha prometido para Kandara que zelaria por ele?

Então, respirando fundo e reunindo toda sua força e orgulho de vilashi em uma mistura que condensava dentro dela, Garo-lin abriu caminho por entre as pessoas e correu pelo porto, até chegar ao seu limite onde não havia mais alternativa a não se pular no mar, e gritou:

— **Dragão de Fogo idioooooota! Não pode ir embora!**

O navio se afastou, cortando o mar calmo daquele dia sem se importar com aquela criatura insignificante que gastava o ar de seus pulmões em algo vão.

— **Não pode ir embora assim, Dragão de Fogo!** – a sua voz saiu de forma esganiçada e machucou a sua garganta. – Não quero que vá...

Por fim, sabendo que ele não poderia ouvi-la daquela distância, se deixou cair de joelhos no chão, se sentido inútil.

— Vilashi!

Ela se virou ao ouvir o chamado, reconhecendo a voz, mas não acreditando: Vinshu Zawhart estava ao seu lado, encarando o navio.

Mesmo depois de ter dito tudo aquilo, ele ainda viera ali disfarçado. Sentindo nisso uma ponta de esperança, Garo-lin se pôs de pé e limpou o rosto com as mangas das vestes, dizendo:

— Ele me viu, mas não fez nada.

O Dragão permaneceu impassível, sem tirar os olhos do mar. Então declarou como se fizesse uma promessa:

— Não importa quanto tempo demore e que meios vamos usar, vamos trazê-los de volta! Mesmo se tivermos que atravessar o mar e sair de Almakia, mesmo que eu tenha que esquecer que sou um Dragão e que você é uma vilashi, vamos trazer Kris e Kidari de volta! – ele estendeu a mão para ela. – Estamos de acordo, manejadora de fogo que ousou se colocar no mesmo nível que os Dragões?

Ela esboçou um sorriso diante do reconhecimento e ficou de pé, se recompondo.

— Tem a minha palavra de almakin, Dragão de Raio. – declarou, apertando a mão dele com firmeza da forma que ela fora ensinada a cumprimentar o seu mentor para o início de uma Incumbência.

— Não pensem que podem fazer as coisas sem nós! – Sumerin surgiu correndo, sendo seguida pelos outros Dragões, e colocou a mão sobre a mão deles – Contem com a Dragão de Metal!

— E o Dragão de Vento! – Benar se juntou a eles.

— E o Dragão de Água. – Nu'lian completou o conjunto. – Não vamos deixar a vontade da Kandara se perder.

Naquele momento, com um sentimento de que seria capaz de qualquer coisa com a ajuda deles, tudo o que Garo-lin conseguiu fazer foi colocar sua outra mão sobre a deles e dizer:

— Obrigada, Dragões.

— É claro que tem que nos agradecer, vilashi! – Benar imitou o tom de voz absoluto que o Dragão de Fogo usava. – Afinal, somos aqueles que ditarão o rumo de Almakia.

— E você é aquela que decidiu nosso rumo. – acrescentou Vinshu.

Um movimento começou ali próximo e logo eles perceberam que as pessoas olhavam desconfiadas para aquele estranho grupo de mãos unidas.

— Vamos. – disse Garo-lin, usando um tom de ordem que ela nunca ousaria usar antes, mas que agora lhe parecia natural.

Nenhuma daquelas pessoas no porto, e na verdade nenhuma outra pessoa dentro do Domínio dos Almakins ou fora dele percebera que ali, nos limites do Domínio, os passos para uma nova História de Almakia se iniciava com a promessa entre seus Dragões e uma simples vilashi que por acaso nascera podendo manejar fogo.